Class PC 5240
Book .C5

23-27-63-61 mtl.—

Nº 42 - 2 vol.

CHRESTOMATHIA CLASSICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

CHRESTOMATHIA CLASSICA

DA

Lingua Portugueza

EPITOME

Dos principaes generos do discurso prosaico

Colligida e coordinada

PELO

Dr. Antonio Maria Chaves e Mello

Para uso especial
das classes de grammatica e rhetorica, e em geral para quem desejar conhecer os diversos estylos no idioma vernaculo.

TOMO I

RIO DE JANEIRO
Typographia de Candido Augusto de Mello
130 rua do Sabão 130
1868

PC5240
C5

Non auctores modo, sed etiam
partes operis elegeris.

QUINTILIANO — Inst. orat. L. I,

Não te contentes com as noções
elementares. Sirvam-te sómente
de guia para lêres os bons auctores.
. . , N'elles te exercita; conversa-os
de dia e de noite.

MORAES — Epit. da gramm. portug.

88727
29

PREFAÇÃO

O uso de colligir excerptos das obras dos auctores insignes veiu-nos por transmissão de remota antiguidade, como se póde ver em *Quintiliano (a)*, *Plinio (b)* e outros.

Este uso tem sido diligentemente adoptado pelas nações modernas: o que se comprova pelas innumeraveis composições d'êste genero, denominadas, por exemplo, *Selectas (c)*, *Chrestomathias (d)*, *Anthologias (e)*.

A diligencia, com que muitos philologos se têem applicado a extractar os melhores auctores, antigos

(*a*) Vej. a epigraphe d'ésta obra.

(*b*) L. 7. Ep. 9: *Tu memineris sui cujusque generis auctores diligenter eligere: aiunt enim multum legendum esse, non multa.*

(*c*) Logares escolhidos das obras dos *AA*; *Loca selecta.*

(*d*) Escriptos instructivos: collecção de excerptos escolhidos.

(*e*) Collecção de várias flores (*florilegia*): por metaphora, collecção de excerptos poeticos.

e modernos, é prova irrefragavel da utilidade das *Selectas*.

Encetei êste assumpto, não sem hesitar; e por mais persuadido que esteja de haver empregado todo o desvelo para dar á estampa uma obra util, não presumo tanto de mim, que me persuada offerecer á mocidade das escholas, e aos apreciadores de bons livros, uma obra prima em seu genero.

Ainda assim, muito fructo perceberá da lição da CHRESTOMATHIA quem a ler, não perfunctoriamente, mas com intento de formar o gôsto nos varios generos de discurso á luz de eximios escriptores, que lançaram os fundamentos e poliram as fórmas do patrio idioma.

Sendo ésta obra especialmente offerecida á mocidade, que frequenta as classes escholares, appliquei-me com todo o cuidado a dividil-a de modo, que não só se possa com facilidade e proveito adaptar ás classes especiaes, para que é destinada, mas sirva ainda de incentivo para se consultarem como seguros mestres da linguagem vernacula os auctores, que com seu cabedal contribuiram para a composição da CHRESTOMATHIA CLASSICA.

O professor erudito e zeloso achará n'ésta collecção de excerptos abundante messe, com que possa enriquecer de noções utilissimas o espirito de seus discipulos, ora analysando, ora comparando. Nos textos intrincados ou locuções obsoletas, nas expressões

cacophonicas, e até nos mesmos erros typographicos e descuidos de revisão descobrirá varios elementos e motivos de anályse e de comparação.

E' de crer, que o leitor illustrado, no meio d'essa anarchia orthographica em que as intelligencias laboram, estranhe ao primeiro aspecto o meu systema, mórmente n'o que diz respeito á accentuação das vogaes nasaes. Em logar proprio e opportuno tractarei d'êste assumpto especial com a extensão, que as minhas fôrças me permittirem. Por agora limito-me a declarar, que o accento longo (usado pelos lexicographos latinos), de que vemos sobrepujadas n'ésta obra muitas das vogaes nasaes, está supprindo o til, que faltava na typographia.

Rio de Janeiro, 28 de Abril de 1868.

Antonio Maria Chaves e Mello.

CONSPECTO

DA

CHRESTOMATHIA CLASSICA

TOMO I

INTRODUCÇÃO

		Pag.
§ I	Origem da Lingua Portugueza . .	1
» II	Edades da Lingua Portugueza. . .	2
» III	O que devemos entender por auctor classico.	3
» IV	Sôbre a auctoridade dos auctores classicos da Lingua Portugueza . . .	8
» V	Quaes sejam os auctores, que devemos escolher por guias no estudo da Lingua Portugueza	9
» VI	A verdadeira eloquencia depende essencialmente do perfeito conhecimento da lingua, em que o orador tem de fallar ou escrever. . . .	20
» VII	Remedio para curar os males causados pela introducção de gallicismos nos dominios da Lingua Portugueza .	24

LIVRO UNICO

DIVIDIDO EM CINCO SECÇÕES

PRELIMINARES

			Pag.
§	VIII (1°)	Necessidade e utilidade da sciencia .	31
»	VIII (2°)	O mesmo assumpto do § antecedente.	33
»	IX	A virtude e a sciencia	34
»	X	Só o saber é exempto da jurisdicção da fortuna	34
»	XI	Necessidade e utilidade da educação .	35
»	XII	A *justiça* é a mãe de todas as virtudes, e porisso entra na educação como principio unico e geral . .	36
»	XIII	Principios, augmento e decadencia das bellas letras em Portugal . .	37
»	XIV	A-respeito da introducção de novas palavras	41
»	XV	E' util terem as nações censores, que separem as obras más das bôas .	45
»	XVI	Sôbre o bom-gôsto	49

SECÇÃO PRIMEIRA

DISCURSO FAMILIAR

§	XVII	Parabolas ou comparações, etc. . .	53
»	XVIII	Maximas moraes	54
»	XIX	Apophtegmas	57
»	XX	Synonymos	58
»	XXI	Definições.	63

DIALOGOS

			Pag.
§	XXII	Quaes são os verdadeiros bens e quaes os falsos; e que cousa é virtude .	75
»	XXIII	Sôbre o desprêso das riquezas e inconstancia das prosperidades . .	79
»	XXIV	Hospital das Letras	81

EXEMPLOS

§	XXV	Exemplo de Caridade	87
»	XXVI	Exemplos de amor da Patria . . .	89
»	XXVII	Exemplos de amor conjugal . . .	91
»	XXVIII	Exemplos de amor filial.	92
»	XXIX	Exemplos de amor fraternal . . .	94
»	XXX	Exemplo de gratidão	96
»	XXXI	Exemplo de amizade	96
»	XXXII	Exemplo de fidelidade.	97
»	XXXIII	Exemplo de valor	99

SECÇÃO SEGUNDA

DISCURSO EPISTOLAR

I — Preâmbulo

1°	Definição de carta; tres generos das missivas	105
2°	Brevidade, clareza e propriedade do escrever nas cartas.	106
3°	Dos epithetos, e enfeites nas cartas	107

Pag.

4° Da clareza nas cartas 108
5° Da propriedade das palavras no escrever . . 109
6ª Modos de fallar errados 111
7° Nomes populares 111

II — Cartas diversas

1ª Carta de bons annos ao marquez de Gouvêa — *(Vieira)*. 112
2ª Carta de parabens a D. Rodrigo de Menezes por uma victória — *(Vieira)*. 112
3ª Carta de recommendação ao marquez mordomo-mór — *(Vieira)* 113
4ª Carta de empenho a Diogo Marchão Themudo — *(Vieira)*. 114
5ª Carta de súpplica ao mesmo Diogo Marchão Themudo — *(Vieira)*. 115
6ª Carta de agradecimento ao duque de Cadaval — *(Vieira)*. 116
7ª Carta de pezames ao marquez de Gouvêa — *(Vieira)*. 118
8ª Outra carta de pezames a certo fidalgo — *(Vieira)*. 119
9ª Carta de consolação ao marquez de Gouvêa — *(Vieira)*. 119
10ª Outra carta de consolação ao mesmo marquez de Gouvêa — *(Vieira)* 120
11ª Carta de resignação ao duque de Cadaval — *(Vieira)*. 121

Pag.

12ª Carta de desengano e escusa a D. Maria da Cunha — *(Vieira)*. 122

13ª Carta de participação ao duque de Cadaval — *(Vieira)*. 125

14ª Carta de participação e de queixa ao duque de Cadaval — *(Vieira)* 125

15ª Carta sôbre politica a D. Rodrigo de Menezes — *(Vieira)*. 128

16ª Carta para a rainha D. Catharina, mãe d'el-rei D. Sebastião — (Bispo *Ozorio)* . . . 132

17ª Carta d'el-rei D. João III para D. João de Castro. 135

18ª Carta a el-rei D. Sebastião sôbre a jornada de Africa — (Bispo *Ozorio)*. 136

19ª Carta com offerta ao governador de Diu, D. João de Castro — *(Catharina de Sousa)* . 144

20ª Carta, que o governador D. João de Castro escreveu de Diu á cidade de Gôa. . . . 145

21ª Carta da Camara de Gôa em resposta á do governador 148

22ª Carta do Infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João I, a Mafamede, imperador dos Turcos, que tomou Constantinopola 150

III — Cartas extrahidas das Epanaphoras de D. Francisco Manuel de Mello

1ª Dirigida a um amigo 152

2ª Carta, que serve de introducção ao descobrimento da ilha da Madeira 154

Pag.

3ª Carta servindo d'introducção á Epanaphora sôbre o naufragio da armada portugueza em França 158

4ª Que serve de prefação á Epanaphora sôbre a Restauração de Pernambuco 165

IV — Cartas do marquez de Pombal sôbre diversos assumptos

1ª Aviso ao eminentissimo e reverendissimo cardeal patriarcha, pedindo-lhe o seu parecer sôbre o logar para a sepultura dos mortos 176

2ª Aviso para o eminentissimo cardeal patriarcha, em que se lhe ordena, exhorte aos parochos da cidade e seus suburbios, que persuadam aos povos a necessidade urgente de dar sepultura aos mortos 168

3ª Circular a todos os prelados regulares dos conventos de Lisbôa; em que S. M. os manda louvar, agradecer-lhes o zêlo, e persuadir-lhes a urgencia da sepultura dos mortos 170

4ª Para o enviado Antonio Freire de Andrade Enserrabodes pedir ao summo pontifice, em nome de S. M., lhe nomêe para patrono e protector dos seus reinos e dominios contra os terremotos, a S. Francisco de Borja, com o rito de 1ª classe 171

5ª A Joaquim de Mello e Povoas, quando êste foi nomeado para governar o Maranhão. . . 172

6ª Escripta em Pombal aos 8 de Dezembro de 1780 pelo marquez, então gravemente molesto, a seu filho o conde de Oeiras 179

IV — (bis por descuido ; porquanto devia ser **V**) **Estylo normal de dedicatorias, memoriaes, prologos. etc.**

			Pag.
§	XXXIV	Dedicatoria a el-rei D. João III por D. João de Castro.	185
»	XXXV	Memorial dos serviços do chronista-mór Dr. Fr. Francisco Brandão, apresentado a el-rei D. João IV. . .	189
»	XXXVI	Relação, que D. Francisco Manuel de Mello faz de sua vida a el-rei D. João IV.	192
»	XXXVII	Prologo da segunda parte da *Monarchia Lusitana*	203
»	XXXVIII	Súpplica dirigida pelo marquez de Pombal á serenissima rainha D. Maria I, pelas mãos d'el-rei D. Pedro III .	210
»	XXXIX	Outra súpplica do mesmo marquez de Pombal á rainha D. Maria I. . .	215

CHRESTOMATHIA CLASSICA

TOMO II

SECÇÃO TERCEIRA

DISCURSO DISCRIPTIVO

I — Várias descripções

			Pag.
§	XL	Descripção da egreja da Batalha . .	1
»	XLI	Descripção da batalha na tomada de Seuta	6
»	XLII	Descripção de Santarêm	15
»	XLIII	Descripção da cidade de Nanquim na China	22
»	XLIV	Descripção da cidade de Pequim . .	26
»	XLV	Descripção do templo de Canari, ou, como os Inglezes escrevem, Kennery na ilha de Salsete.	46
»	XLVI	Descripção das ilhas das Canarias .	47
»	XLVII	Descripção das ilhas do Cabo-Verde .	50
»	XLVIII	Descripção da Bahia	51
»	XLIX	Descripção de Lisbôa	63
»	L	Descripção ideal da ilha Fortunata .	68
»	LI	Descripção dos triumphos romanos .	71
	» LII	Descripção de naufragio.	72

			Pag.
§	LIII	Descripção da guerra	75
»	LIV	Descripção dos effeitos da necessidade	75
»	LV	Descripção da fortuua	77

II — Parallelos, Retractos e Caracteres

§	LVI	Semelhanças entre a vida e a morte .	78
»	LVII	Nascimento e morte.	79
»	LVIII	Juizo e entendimento.	82
»	LIX	A ignorancia e a paixão	83
»	LX	O homem e o mundo	84
»	LXI	Amor e ódio — Inveja	85
»	LXII	A usura e a lepra	87
»	LXIII	Differente uso do dinheiro entre o avarento e o cubiçoso.	88
»	LXIV	Os ministros d'agora e os ministros d'outr'ora	89
»	LXV	O tempo passado comparado com o de hoje.	90
»	LXVI	Differença de ladrões a ladrões . .	90
»	LXVII	Retracto de Annibal.	91
»	LXIX	O Infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel.	94
»	LXX	João Fernandes Vieira	97
»	LXXI	Retracto e elogio do Padre Antonio Vieira	98
»	LXXII	O Hypocrita	104

SECÇÃO QUARTA

DISCURSO HISTORICO

Preâmbulo

			Pag.
		Sôbre o estylo historico.	107
§	LXXIII	Estados portuguezes na India; suas edades; seu augmento e sua decadencia	108
»	LXXIV	Descobrimento do Brazil	114
»	LXXV	Riquezas naturaes do Brazil . . .	116
»	LXXVI	Relação da terra de Sancta-Cruz, e usos e costumes de seus primeiros povoadores.	123
»	LXXVII	Relação sôbre a côr das aguas do Mar-Rôxo ou Vermelho	128
»	LXXVIII	Narração da chegada de Affonso de Albuquerque á cidade de Gôa . .	132
»	LXXIX	Narração da victória alcançada pelos Portuguezes na defesa de Mazagão.	141
»	LXXX	Narração do apertado cêrco dos Portuguezes no forte do Sirião no Pegú	150
»	LXXXI	Origem da nobreza natural e verdadeira; isto é, da nobreza adquirida pelo valor e virtudes.	154
»	LXXXII	Da nobreza dos escudeiros e cavalleiros	157
»	LXXXIII	Pendão e caldeira, insignias de nobreza	162
»	LXXXIV	Origem do titulo de *Dom*	162

SECÇÃO QUINTA

DISCURSO ORATORIO

DIVIDIDO EM DUAS CATEGORIAS

eloquencia profana e eloquencia sagrada

PRELIMINARES

			Pag.
§	LXXXIV	(bis por descuido). Definições de eloquencia e de rhetorica. Em que se differençam uma da outra . . .	165
»	LXXXV	Assumptos da eloquencia	167
»	LXXXVI	Origem da eloquencia e da rhetorica .	167
»	LXXXVII	Do estylo oratorio . , ...	168

PRIMEIRA CATEGORIA

Eloquencia profana

§	LXXXVIII	Panegyrico da sciencia	169
»	LXXXIX	Louvores do saber	172
»	XC	Elogio da musica.	174
»	XCI	Apologia dos peixes	177
»	XCII	Discurso sôbre a vida e estylo dos pastores	180
»	XCIII	Discurso exhortatorio de Coge Çofar aos Turcos.	185
»	XCIV	Discurso de D. João de Castro, enviando seu filho D. Fernando com soccorro a Diu	186

			Pag.
§	XCV	Discurso de D. João de Mascarenhas aos soldados em Diu	187
»	XCVI	Discurso de Rumecão a seus cabos e soldados	188
»	XCVII	Discurso deliberativo, ou parecer de D. Diogo de Almeida sôbre o projecto, que o governador havia formado, de ir descercar Diu, e dar batalha a Rumecão	189
»	XCVIII	Falla do grande Affonso de Albuquerque aos capitães e gente da armada, para outra vez acommetter a cidade de Malaca.	191
»	XCIX	Discurso de Camillo Porcio ao Papa Leão X em louvor da tomada de Malaca.	195
»	C	Práctica em que D. Aleixo de Menezes dá os ultimos conselhos a el-rei D. Sebastião	205

SEGUNDA CATEGORIA

Eloquencia sagrada

I — Preâmbulo

§	CI	Partes que se requerem n'um orador sagrado.	213
»	CII	Caracter do verdadeiro orador sagrado	216
»	CIII	Materia identica á do § antecedente .	220

Pag.

§ CIV Se os sermões devem levar passagens em latim 223

» CV Os sermões antigos, sem instruir nem mover, agradavam aos ouvintes. . 228

II — Excerptos e partes de sermões do P. Antonio Vieira, etc.

§ CVI Demonstração d'o que é a alma . . 232

» CVII Sôbre a vocação para o estado religioso 234

» CVIII Um trecho da confirmação do sermão, prégado na egreja de Nossa Senhora da Ajuda, pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda 237

» » A peroração d'êste mesmo sermão . 245

» CIX O exordio e a narração do sermão de Sancta Catharina, prégado á Universidade de Coimbra em 1663. . 252

» CX O exordio abrupto do sermão da primeira dominga do Advento, prégado na capella real em 1650. . . 258

» CXI Deus descendo á terra na sua ira . . 260

» CXII A peroração do sermão da quarta dominga da quaresma, prégado em Lisbôa na capella real em 1665 . 261

» CXIII Elogio funebre de Fr. Bartholomeu dos Martyres, composto em latim por Fr. Luiz de Sotto-Maior, e traduzido por Fr. Luiz de Sousa 265

			Pag.
§	CXIV	Oração para fazer deliberar os eleitores de um capitulo a fazerem uma bôa eleição.	269
»	CXV	Sermão nas quarenta horas, prégado em Santarêm por Fr. Manuel da Epiphania	276
»	CXVI	Exordio do segundo sermão da cinza, prégado por Vieira em Roma, no anno de 1673	284
»	»	Trechos da narração d'êste sermão .	286

CHRESTOMATHIA CLASSICA

INTRODUCÇÃO

§ I — Origem da Lingua Portugueza

Presume-se, que a lingua primitiva dos Lusitanos fosse a *celtica* ou *cantabrica*, por constar, que os Celtas foram os primeiros povos, que habitaram a Lusitania. Soffreu porēm com o andar do tempo várias alteraçōes. Primeiramente recebeu ella uma feição com a chegada das colonias phenicias e carthaginezas; depois com a arribada dos Hellenos ou Gregos; mais ainda com a longa dominação dos Romanos; e successivamente com as invasões dos Alanos, Suevos, Godos e Arabes. D'onde resultou uma mistura de linguas, denominada *romanense* ou *romanse*, por parecer, que n'ella sobresahia um latim corrompido: ésta era a lingua, que se fallava na Galliza, na Castella e em o nosso paiz, quando tomou o nome de Portugal. D'aqui data a lingua portugueza, que logo foi modificada com o

idioma francez pela chegada do conde Henrique de Bolonha: os trovadores lhe foram dando algum cultivo: continuando porém ainda rude e incerta nas fórmas, toma depois um caracter particular no seculo XV, e no XVI se acaba emfim de fixar e polir (1).

§ II — Edades da Lingua Portugueza

A história da civilização de um povo não é mais do que a história do seu progresso intellectual; e n'ésta história é a da linguagem uma parte integrante, ou, para melhor dizer, essencial.

Seguindo as differentes phases da cultura intellectual do povo portuguez, póde a sua lingua considerar-se como tendo já passado por tres edades bem distinctas. A 1ª comprehende desde a origem d'ella, desde a primeira combinação de seus elementos até formar um systema completo, unido e distincto de outro qualquer, aindaque derivado da mesma raiz. Extende-se desde os tempos anteriores á fundação da monarchia até aos fins do seculo XV, e póde chamar-se edade ante-classica. A 2ª comprehende o periodo, em que o systema da linguagem começou a desbastar-se e a polir-se, até se tornar elegante, flexivel e apta para todos os generos de escrever, isto é, para exprimir com propriedade e energia as mais delicadas concepções do entendimento. Corre desde os principios do seculo XVI até ao primeiro quartel do seculo XVII. É a edade classica. A 3ª abraça a épocha, em que a lingua

(1) Borg. de Figueiredo. — Bosquej.

degenerou d'aquella pureza e elegancia da edade anterior, ou por n'ella se admittirem sem discernimento vozes extranhas, ou por se applicar a exprimir pensamentos intrincados, mal definidos, e deduzidos contra as regras da recta razão.

A éstas tres edades poderão, talvez, os que depois vierem, accrescentar uma quarta, que, não sei se diga, deverão chamar *edade da restauração*, e cujos principios devem ser contados, quando muito, dos fins do seculo XVIII (2).

§ III — O que devemos entender por auctor classico

Começando pela origem e etymologia da palavra *classicos*, diremos, que vem das classes, em que os cidadãos romanos estavam distribuidos na proporção de seus cabedaes. Aulo Gellio no liv. 7 cap. 13 das suas *Noites Atticas* nos informa, que: *Classici dicebantur non omnes qui in classibus erant, sed primæ tantum classis homines, qui centum et viginti quinque millia æris amplius censi erant. Infra classem autem appellabantur secundæ classis, cæterarumque omnium classium, qui minori summa æris quam supra dixi censebantur.*

D'onde se vê, que a primitiva significação da palavra *classicos* foi para designar d'entre os cidadãos romanos os da 1ª classe, que era o mesmo que dizer, os homens de mais conta na républica por seus cabedaes, etc. D'aqui por extensão se applicou o mesmo vocabulo para significar os escriptores, que na républica das letras se avantajam

(2) J. H. da C. Rivara. — Not. ás Reflex. de Cand. Lusit.

aos outros assim no cabedal da sciencia, como no conhecimento e recto uso da lingua, em que escreviam; e já n'êste último sentido o toma o mesmo Aulo Gellio, quando no liv. 19 cap. 8, tractando de certas questões grammaticaes, diz: *Quærite an quadrigam et arenas dixerit e cohorte illa dumtaxat antiquiore, vel oratorum aliquis, vel poetarum, id est, classicus assiduusque aliquis scriptor, non proletarius.* E para cabal conhecimento d'êste logar de Aulo Gellio, lembremo-nos, que elle já no liv. 16 cap. 10 tinha explicado, quaes eram os *assiduos* e os proletarios, dizendo: *Assiduus in XII tabulis pro locuplete et facile munus faciente, dictus ab assibus, id est, ære dando, cum id ad tempora reipublicæ postularent: aut a muneris pro familiari copia faciendi assiduitate. Proletarii appellati sunt qui vero nullo aut perquam parvo ære censebantur... A munere officioque prolis edendæ appellati sunt, quod cum re familiari parva minus possent rempublicam juvare, sobolis tamen gignendæ copia civitatem frequentarent, etc.*

Lá vêem outros, que discordam d'êsta explicação; e dizem, que *classico* vem sim de *classe*, mas de *classe* tomada na accepção, a que foi levada em razão das *classes*, em que os mestres nas escholas distribuem os discipulos. Para isto têem a abonação de Quintiliano, quando no liv. 1 cap. 2 *De Oratoria Institutione*, tractando da preferencia das escholas públicas sôbre a instrucção de portas a dentro, diz: *Non inutilem scio servatum esse a præceptoribus meis morem, qui cum pueros in classes distribuerant, ordinem dicendi secundum vices ingenii da-*

bant; et ita superiore loco quisque declamabat, ut præcedere profectu videbatur. Ea nobis ingens palmæ contentio. Ducere vero classem multo pulcherrimum. E assim n'êste sentido, dizer *auctores classicos* é o mesmo que dizer, aquelles que, por deverem servir de modêlo, são porisso com preferencia escolhidos para a instrucção da mocidade nas escholas.

Mas seja d'éstas qualquerque for a opinião, que se adopte ácêrca da etymologia da palavra *classicos*, é certo, que ésta expressão vem sempre a significar a mesma cousa, isto é, os auctores mais insignes na pureza da linguagem, na propriedade da phrase, e na elegancia do estylo.

É portanto claro, que uma nação não póde dar *auctores classicos*, emquanto for a sua civilização rude e pouco polida; emquanto a vida social e o commércio dos homens forem limitados e empécidos; e não tiver chegado a um alto gráo de cultura a razão e o entendimento: porque só a par e de mistura com ésta cultura da razão e do entendimento póde florecer e prosperar a linguagem, e ir ganhando, quanto lhe for possivel, os dotes, de que depende a sua perfeição.

Estes dotes consistem (como nos diz um insigne philologo de nossos dias) (3) em ser: 1° clara; 2° copiosa; 3° breve; 4° corrente e flúida; 5° viva e versatil.

Paraque na linguagem se dê a *clareza*, cumpre: 1° que ás palavras se liguem sempre por todos noções fixas e

(3) O padre J. V. de Moura, professor de grego na Universidade de Coimbra. — Monum. da ling. lat.

bem determinadas; 2° que se fixe o número das significações de cada um d'aquelles vocabulos, que podem ter muitas; 3° que n'ella haja a maior regularidade possivel na derivação e composição dos vocabulos, na syntaxe e collocação dos mesmos, e portanto nas inflexões dos vocabulos declinaveis. É *copiosa* a linguagem, que não carece do cabedal de vocabulos necessario para os fins sobreditos; e que, quando lhe falte, possa suppril-o antes do seu proprio fundo, que recorrendo ás linguas extranhas. Será *breve*, quando exprima o maior número de idéas pelo menor número de vocabulos. *Corrente* ou *flúida*, quando for de tão facil pronúncia, que fatigue o menos possivel o órgão oral de quem falla; e os sons simplices de cada palavra possam ser distinctamente percebidos por quem ouve, depois de distinctamente proferidos por quem falla. *Viva*, quando retractar com a maior viveza as imagens dos objectos, e com a maior sensibilidade os sentimentos do espirito; *versatil*, quando tiver cabedal apto para todos os estylos.

Será pois *classico* aquelle auctor, que, ou concorrer para elevar a sua lingua ao maior gráo de perfeição em cada um d'estes dotes, ou souber servir-se rectamente d'ella já aperfeiçoada, practicando sem mancha nos seus escriptos (como dissemos) a pureza da linguagem, a propriedade da phrase e a elegancia do estylo. A *pureza* da linguagem, para não usar de palavras ou extranhas á lingua, ou reprovadas pelo uso razoavel; e evitar assim os barbarismos, archaismos e solecismos. A *propriedade* da *phrase*, paraque cada idéa seja exprimida pela palavra ou phrase, que mais propriamente a representa, afim de que

o ouvinte ou leitor possa cabalmente entender o pensamento do auctor. A *elegancia* do *estylo*, paraque as palavras, escolhidas com as condições das duas regras antecedentes, sejam dispostas por tal ordem e proporção, que indiquem na mente do auctor as idéas arranjadas segundo as suas mais convenientes e luminosas relações.

Não concordam os nossos criticos, em quaes sejam nomeadamente os auctores e obras, que devam entrar na lista dos *classicos;* nem tampouco nos limites da época, em que aquelles auctores e obras se devem procurar. É verdade, que os ultimos tres quarteis do seculo de quinhentos, e o primeiro d'o de seiscentos, foi a época, em que a lingua portugueza ostentou em gráo eminente os dotes da perfeita linguagem. É verdade, que antes d'aquella época era mais rude e menos polida; e que depois d'ella se deteriorou assim na genuidade dos vocabulos, como na lizura e graças do estylo. Mas nem porisso se segue, que os escriptores quinhentistas, porque o são, devam ser reputados como oraculos privativos da lingua portugueza. Pelo que nos toca, estamos persuadidos, que, seja lá qual for a época, em que um auctor tenha escripto, seja elle de hontem, ou seja dos seculos passados, será com justiça reputado por *classico*, isto é, por mestre práctico da lingua, todo aquelleque souber servir-se dos dotes proprios da perfeição d'ella com as condições apontadas da pureza, da propriedade e da elegancia (4).

(4) J. H. da C. Rivara. — Not. ás Reflex. de Candido Lusitano.

§ IV — Sôbre a auctoridade dos auctores classicos da Lingua Portugueza

É doutrina certa entre os antigos grammaticos e rhetoricos, assim gregos como latinos, que a principalissima qualidade, que deve ter qualquer escriptor, é a pureza da linguagem, em que escreve. Sem propriedade no fallar, perde muito qualquer obra litteraria d'aquelle solido merecimento, que depende não do juizo do povo ignorante, mas da sentença da critica judiciosa. Esta propriedade consiste em usar d'aquelles vocabulos, d'aquellas phrases e idiotismos, que constituem o distinctivo e indole legitima do idioma, em que se escreve. Para se conseguir ésta necessaria perfeição, não ha senão seguir os vestigios dos auctores classicos, que tem cada uma das linguas cultas.

Muitos ha, que, ou ignorando ou desprezando a grande auctoridade d'estes textos, não reconhecem outro mestre, senão ao uso corrente. Não se póde negar, que em poncto de propriedade e pureza de linguagem, é o uso um árbitro soberano nos idiomas vivos, porque sem elle se contaminaria o fallar puro e correcto com vozes já fastidiosas e decrepitas. Mas que uso é êste, ao qual se deve cégamente obedecer? Não é o que reina no vulgo ignorante, nem ainda o que favorecem os homens letrados pouco escrupulosos nas propriedades da sua lingua; é só o que floreceu e florece entre aquellesque mais se distinguiram na pureza do fallar proprio, genuino e natural de sua nação.

Assim-como não se deve aprender de todos os homens o verdadeiro modo de viver, porque d'elles se contrahiriam

costumes, parte vis e parte viciosos, mas só d'aquellesque são mais perfeitos e distinctos no juizo, na probidade da vida e na práctica do mundo; assim igualmente no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o d'aquellesque, á fôrça de observação e de estudo, fallaram sempre com escrupulosa propriedade e pureza.

Contrahindo ésta geral doutrina, que todas as nações polidas cultivam e fomentam, digo a-respeito da linguagem portugueza, que infallivelmente vão errados todos os que não caminham pelos vestigios d'aquelles auctores, que, pelo seu justissimo merecimento, logram o titulo de *classicos*. A experiencia assaz mostra todos os dias a verdade d'ésta proposição, ouvindo-se e lendo-se livros de portuguez tão barbaro, que são o alvo do desprezo ou da indignação dos criticos zelosos (5).

§ V — Quaes sejam os auctores, que devemos escolher por guias no estudo da Lingua Portugueza

Mostremos pois ao escriptor principiante, quaes sejam estes *classicos* pelo commum consenso d'os que mais cultivam a pura linguagem portugueza. Saibam a'os que devem escolher por guias, para não errarem o caminho, nem cahirem em despenhadeiros.

Antes do felicissimo reinado d'el-rei D. Manuel, quem chamasse inculta e barbara á lingua portugueza, não lhe erraria o nome. Contentaram-se os seus primitivos es-

(5) Candido Lusitano. — Reflexões.

criptores de fallar uma linguagem pouco soccorrida da correcção da grammatica, e de todas aquellas qualidades, que ensina a arte de *bem-fallar*. Os melhores, que escreviam em prosa, eram aquelles, de cujo estylo sêcco, cançado e confuso temos tantas provas, quantas são as chronicas dos nossos rêis antigos. Os mais distinctos no verso são os que lêmos no *Cancioneiro* de Resende, poetas todos que não conheceram o polimento da arte.

Se por aquelles tempos não apparecêra o insigne *João de Barros*, não teriamos obra, que pela linguagem merecesse ser lida com aproveitamento e gôsto. Empenhou-se êste illustre homem em dar regras seguras á lingua, e em practical-as nas suas obras, escrevendo-as com termos tão proprios e puros, que mereceu ser chamado o *fundador* da pureza e elegancia da sua lingua, com tanta justiça, quantos foram os merecimentos para tambem o appellidarem na história o *Livio Portuguez*. Na verdade, quem lêr por êste *classico* admirará n'elle uma tal abundancia de termos, cheios de propriedade e eñergia, e uma tal affluencia de expressões genuinas, nascendo tudo de um estylo claro e correcto, que jámais se animará a negar-lhe o justo ¡titulo de *primeiro mestre* da linguagem portugueza. Porisso o nosso Antonio Luiz no seu tractado *De Pudore*, que lhe dedicou, disse d'elle com justiça: *Tuoque ex ore (quod de Nestore scripsit Homerus) melle dulcior profluit oratio.* Porisso igualmente Nicoláo Antonio na sua *Biblioth. Hispan.* chamou ao puro e eloquente estylo d'êste illustre historiador *luculenta oratio, livianæ emula*, etc. Esta mesma justiça lhe fazem infinitos escriptores naturaes e extranhos, cujas auctoridades não queremos trans-

crever, porque são superfluas para provar a summa auctoridade, que tem João de Barros na lingua portugueza, onde o uso dos seculos seguintes lhe não antiquou, ou palavras ou pronunciações.

O Dr. Fr. *Bernardo de Brito*, que lançou os alicerces á grande obra da *Monarchia Lusitana*, entra igualmente na honrada classe de João de Barros, porque lhe seguia os passos, escrevendo em estylo puro e correcto. Obrigado d'ésta justiça é que o nosso famoso antiquario Manuel Severim de Faria disse nas *Noticias de Portugal*, pag. 284, que elle *na linguagem e juizo póde servir de modêlo*, etc. Do mesmo parecer é Caramuel no seu *Philip. Prud.* pag. 118, dizendo: *Est hercule de rhetorica optime meritus, cujus perenne studium ac felicem diligentiam vulgata opera testatam faciunt.* Os seus continuadores Fr. Antonio e Fr. Francisco Brandão têem penna ingenua, indagadora e verdadeira, mas falta d'aquella propriedade e pureza, que sobresahe em seu antecessor. Os outros chronistas, que continuaram ésta grande obra, ainda na linguagem têem entre os criticos menos merecimento, que os dous Brandões, especialmente Fr. Raphael de Jesus, que morreu sem saber o como devia fallar a sua lingua um correcto escriptor portuguez.

Fr. *Luiz de Souza*, grande esplendor de sua religião, a nenhum outro *classico* cede em pontos de pureza de linguagem e energia de expressões. Damos razão á crítica, que affirma que êste historiador tirou toda a esperança de ser imitado n'aquelle puro, vário e naturalissimo estylo, em que escreveu a chronica dominicana, e a vida do grande arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Marty-

res. Um d'estes criticos é Nicolão Antonio na sua *Biblioth. Hisp.*, dizendo d'elle: *Mira ac exquisita lusitani sermonis facundia*, etc. Ainda foi mais expressivo pela honrada comparação, D. F. Manuel de Mello na sua carta ao Dr. Themudo, onde diz: *Podiamos crer animava n'elle a alma do famoso João de Barros*, etc. Mas para que é transcrever mais elogios a êste insigne historiador, onde está o do grande Vieira? Confessa elle na censura da 3ª parte, que o estylo de Fr. Luiz de Souza é *claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente, facil e notavel, que, enriquecendo a memoria e affeiçoando a vontade, não cança o entendimento ..... dizendo o commum com singularidade, o semelhante sem repetição, o sabido e vulgar com novidade, e mostrando as cousas (como faz a luz) cada uma como é, e todas com lustre. A linguagem tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingua, em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos extrangeiros. A propriedade, com que falla em todas as materias, é como de quem a aprendeu na eschola dos olhos*, etc.

A D. Fr. *Marcos de Lisbôa* dão os criticos a auctoridade de classico, porque escreveu a chronica da Ordem dos Menores com aquella pureza de linguagem, que era vulgar nos sabios da sua edade. Pòstoque não chega a possuir aquelle (digamos assim) *atticismo* da lingua portugueza, que se admira nos classicos acima apontados, merece comtudo o elogio, que lhe fez D. Francisco Manuel na *Carta* 1ª da *Centuria* 4ª, chamando-lhe *muito eloquente*.

Do Padre *Antonio Vieira* diremos pouco, porque occu-

pariamos todo êste livro, se fosse necessario provar, que é o classico mais auctorizado da lingua portugueza; mas ninguem ha entre nós, que o não confesse; nem entre os extranhos, que o não saiba. Se não me cega a paixão, ou não me enganam os testemunhos de sabios infinitos, nem antes nem depois d'êste singular orador tivemos penna do mesmo aparo. Possuiu elle em gráo sublime todas as delicadezas, propriedades e energia da sua lingua; e porisso é que ainda ninguem duvidou usar de vocabulo, phrase e expressão achada em seus escriptos, ou se atreveu a censural-as, achando-as em alheios, exceptuando uma ou outra palavra, que o uso deu inteiramente por antiquada; injúria, a que estão subjeitos os classicos mais distinctos das linguas vivas. Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira, é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilezas do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos, que escrevesse tanto e sôbre tão diversas materias. Discipulos d'êste grande mestre foram grandes oradores, especialmente Antonio de Sá e D. Luiz da Ascenção, imitando-o na pureza do estylo e correcção da grammatica, porêm a cada um d'elles se póde applicar com verdade: *sequiturque patrem non passibus aequis.*

Jacintho Freire de Andrada tem por sua purissima locução um logar distincto entre os classicos da nossa lingua. Na vida que escreveu do grande D. João de Castro nos deixou um perfeito modêlo da fôrça, gravidade e energia da legitima linguagem portugueza. Deixando um ou outro defeito, como *verbi gratia* dizer: *a altura da ele-*

vação do pólo: descuidos, que se devem attribuir á indispensavel fraqueza do entendimento humano; no demais guardou exactissimo respeito ás veneraveis cans e ancianidade da nossa genuina linguagem.

A vida do conde das Galvêas, escripta por seu sobrinho *Julio de Mello e Castro*, é um arremêdo d'o que nos deixou Jacintho Freire. Tem polimento e pureza de phrase, mas commummente revestida de tanta pompa de palavras, que quem lêr a este escriptor, logo o ha de julgar por poeta; porque conceitua a cada passo, como homem arrebatado de enthusiasmo; porêm isto mais pertence ao *estylo*, do que á simples *locução*, que é todo o argumento d'ésta obra. Porisso tambem não démos o nosso juizo sôbre o merecimento dos classicos, até aqui apontados, em materia de estylo; nem o daremos n'os que se seguirem, reservando êste assumpto para occasião diversa.

Fr. *Domingos Teixeira*, na vida do nosso famoso Condestavel, melhor se soube revestir da indole e caracter da locução de Jacintho Freire. Ás-vezes é d'elle um imitador servil, mais na estudada symetria das palavras, que na elevação e energia dos pensamentos; pôstoque tem muitos nobres, e sempre dictos com pureza e propriedade de linguagem correcta. Deixou-nos o mesmo auctor escripta a vida de Gomes Freire de Andrada; mas é edificio de architectura mesquinha, e de ornatos menos graves.

Duarte Ribeiro de Macedo é auctor com distincção benemerito da sua lingua. Escreveu pouco; mas o que d'elle temos foi o que bastou para os criticos lhe darem logar entre os classicos da primeira nota. Entre todos os seus escriptos em nenhum brilha tanto a simplicidade nobre e

pura da nossa linguagem, como na vida da princeza Theodora. Bastava só êste livro para de justiça o constituir mestre: tanta é a propriedade e pureza, que n'elle admiram até os mais difficultosos de contentar!

Os juristas têem a justa vaidade de darem em *Manuel Rodrigues Leitão* mais um classico, que hombrêa com os da primeira auctoridade. O seu *Tractado Analytico* não é menos thesouro da pureza e abundancia do nosso idioma, que da jurisprudencia; mas especialmente a longa *dedicatoria* é uma d'aquellas obras, em que a crítica mais severa passa para sincera e admirada panegyrista.

A *Francisco Rodrigues Lobo* não se lhe póde negar logar n'ésta classe, porque possuiu perfeitamente a lingua, e a practicou com distincção; pôstoque na *Côrte na Aldêa* com mais especialidade, do que nas outras obras. No seu poema do *Condestabre* é onde se lhe acha menos pureza e energia de linguagem.

Estes são os principaes textos, cujas pisadas seguem os escrupulosos, para escreverem com propriedade e pureza. Muito perdeu a nossa lingua em não deixarem obras alguns sabios do seculo decimo-sexto, como um *D. Aleixo de Menezes*, um *D. Jeronimo Ozorio*, e outros, de cujas cartas e papéis politicos argumentâmos o summo gráo de perfeição, com que fallaram a sua lingua. Grande serviço faria a ésta quem d'elles fizesse e publicasse uma collecção.

Os criticos formam segunda classe de auctores benemeritos da nossa linguagem, mas de merecimento inferior aos antecedentes, já porque foram menos correctos, já porque usaram de termos, que na sua edade se tinham por archaismos.

Contam entre estes a *Manuel Severim de Faria*. Nós que d'elle temos lição, achāmos em suas obras bastante pureza no fallar, mas diversas vezes affecta sem motivo antiguidade de linguagem, usando de vocabulos de Barros, e outros, que no seu tempo já não estavam em uso.

D. *Francisco Manuel de Mello* ainda affectou mais os archaismos, e porisso tem sido censurado por muitos. Comtudo é auctor, pelo qual se deve estudar; porque é um d'aquelles, em que se acham vocabulos exquisitos, proprios da lingua; e n'êste ponto, como os outros classicos raras vezes usaram (ou talvez nunca) de semelhantes vozes, faz êste escriptor a mesma auctoridade, que fariam os primeiros mestres. Os seus dialogos, os seus versos e cartas servirão muito n'ésta materia ao leitor pouco instruido nas delicadezas da nossa linguagem familiar.

O Padre *João de Lucena* justamente merecia occupar logar na classse dos mestres da primeira nota; porque escreveu a *Vida de S. Francisco Xavier* com tal propriedade, energia e pureza de linguagem, que os muitos elogios, com que os sabios honram a sua memoria, ainda não são os que bastam para quem tanto honrou com a sua pura locução aquella linguagem portugueza, que a crítica só reconhece por genuina. Temos observado, que ésta injustamente o censura de usar de diversos termos destituidos de classica auctoridade; porque de todos os de

que o argúem, lhe achámos exemplos seguros, e de todos usou depois Vieira, como facilmente mostrariamos, se fosse o nosso assumpto fazer aqui a apologia do Padre Lucena.

O Padre *Francisco de Souza* no seu *Oriente Conquistado* é mũi benemerito do idioma portuguez. Temos lido e observado a locução d'êste escriptor, e raro é o vocabulo, ou phrase, que não sejam proprios da lingua, ou já no seu tempo naturalizados pelo uso constante. Porẽm como lhe falta aquelle atticismo, ou primor de linguagem, que se encontra nos primeiros mestres, não concordam os criticos em lhe dar na pureza da locução aquelle distincto logar, em que o põem mais pela elegancia que pela gravidade do seu estylo, que muitas vezes descahe em jocoso.

Fr. *Antonio das Chagas* foi um d'aquelles auctores, que mais souberam os mysterios da lingua portugueza. Bastará lêr qualquer das suas obras para vêr, que usára d'ella com propriedade, como quem medíra a sua vastidão. Nas *Cartas Espirituaes* acham-lhe os criticos mais cultura e pureza, do que nos outros livros, especialmente no uso de termos e phrases familiares; se bemque muitas ou inventou ou tirou do castelhano, sem as achar defendidas por escriptores de classica auctoridade. Ainda assim, se o seu estylo não fôra tão florido, inconstante, e muitas vezes poetico, crêmos, que teria facilitado aos *rigoristas* a lhe darem logar mais distincto entre os textos portuguezes.

O *Veneravel P. Bartholomeu do Quental* fallou com grande propriedade, não admittindo jámais em seus escriptos vozes ou expressões roubadas a outras linguas. Por

commum consenso dos criticos é purissimo o seu portuguez, particularmente nos *Sermões*, que até em elegancia e gravidade de estylo se devem imitar. Diz um critico moderno, que já nas suas *Meditações* lhe não acha tanta pureza de linguagem; quereria talvez dizer tanta nobreza. Mas assim convinha á gente popular, para quem escrevia.

O em que todos os cultos concordam com toda a justiça é em que êste apostolico orador fallava com escrupulosa pureza de locução, quando como prégador da capella real orava diante dos réis e primeiras personagens da côrte.

O Padre *Manuel Bernardes*, filho do instituto e do espirito do veneravel Padre Quental, injustamente não hombrêa com os classicos do seculo passado, sendo um acerrimo imitador de Vieira; mas tempo virá, em que critica mais recta lhe dê logar merecido, quando êste auctor já não passar por moderno. Para ésta distincção bastará observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não reconhece tanto a lima da purissima locução, e (digamos assim) o verniz da elegancia, que só tem por legitima a linguagem portugueza.

As suas *Meditações sôbre os Novissimos do homem* immortalizam a sua penna, ennobrecem a lingua, e honram a congregação do Oratorio, da qual foi exemplarissimo filho.

O Conde da Ericeira, *D. Luiz de Menezes*, teve clareza, gravidade de locução; mas não concordam os rigoristas em lhe conceder no seu *Portugal Restaurado* perfeita e constante pureza de lingua. Nos termos porém, que são facultativos e pertencentes á milicia, ninguem ha, que o não tenha por texto, poisque n'ésta materia já per-

deram a auctoridade os nossos antigos. No tempo, em que êste auctor escreveu, floreceram outros assás benemeritos da lingua nacional, que publicaram purissimos escriptos politicos sôbre a justa acclamação d'el-rei D. João IV: porêm não fazemos d'elles distincta memoria, porque ainda não são contados no catalogo dos classicos.

Estes são os principaes auctores, que na prosa formaram o catalogo dos textos da lingua, ou da primeira ou da segunda classe. Outros criticos ha, que extendem mais êste número, talvez guiados pela paixão, que têem ás obras de algum particular escriptor .Nós tambem o extendêmos, pondo n'elle aquelles auctores, que escreveram com linguagem correcta de diversas sciencias e artes; porque seguindo o exemplo de todas as nações cultas, devem n'ellas ser contados por classicos. Taes são:

« *Philippe Nunes* na arte da pinctura e poesia: na da musica *Antonio Fernandes*, e *Manuel Nunes da Silva:* na da grammatica *Fernão de Oliveira:* na nautica *Luiz Serrão Pimentel:* na militar *João de Medeiros Corrêa*, e *Luiz Mendes de Vasconcellos:* na da artilharia *Lazaro de la Isla:* na da caça da alta volateria *Diogo Fernandes Ferreira:* na da cavallaria *Antonio Galvão de Andrade*, e *Antonio Pereira Rego:* na architectura militar *Luiz Serrão Pimentel:* na arithmetica *Leandro de Figueira*, e *Manuel de Figueiredo:* na arte de brazão *Antonio de Villas-Bôas Sampaio*, e outros, cujas obras correm manuscriptas ». — Em cousas pertencentes ao tráfico camponez e á cultura dos campos, etc. *Leonel da Costa.* Na sciencia astronomica é texto *André de Avellar*, e *Pedro Nunes:* na geographia *Gaspar Barreiros*, e *Fr. Pedro*

de Poyares, e o *Martyrologio* em portuguez para a verdadeira pronunciação dos nomes de muitas terras: na médica *Aphonso de Miranda*, *Francisco Morato Roma*, e *Fr. Manuel de Azevedo:* na juridica *Manuel Alvares Pegas*, e outros do seculo passado, que publicaram diversas allegações. — De quasi todas éstas artes e sciencias ha outros auctores modernos; mas por isso mesmo que o são, ainda não os contam os rigoristas no número dos classicos, não o desmerecendo pela propriedade e pureza, com que escreveram. A mesma sorte estão padecendo (emquanto não vier outra edade) diversos oradores, historiadores e poetas assás benemeritos da lingua portugueza, alumnos de várias academias, e especialmente da real da história d'estes reinos (6).

§ VI — A verdadeira eloquencia depende essencialmente do perfeito conhecimento da lingua, em que o orador tem de fallar ou escrever

Quando começámos a tractar de eloquencia, já desde lá indicámos, como requisito indispensavel ao orador, o conhecimento mais perfeito que ser possa, do idioma, em que elle houver de exprimir os seus pensamentos, conhecimento tanto mais difficil, quanto mais rico em vocabulos e variado em phrases é esse mesmo idioma, como acontece com o portuguez. — Insistindo agora sôbre um tão importante assumpto, mais que tudo ávista do abandono, em que o vemos jazer vergonhosamente entre nós; sem a menor hesitação podêmos asseverar, que uma das princi-

(6) Cand. Lusit. — Reflex

paes razões, por que não temos eloquencia verdadeiramente digna d'êste nome, é por que não estudāmos, como convinha, a nossa lingua, contentando-nos com o escassissimo, e as mais das vezes imperfeito e vicioso conhecimento, que d'ella adquirimos na infancia, ouvindo-a fallar a nossos pais e domesticos; e, depois de mais crescidos, na communicação de outras pessôas, que nunca se deram ao trabalho de a estudar. — Resulta d'aqui, que, no meio de tantas e tão brilhantes riquezas, como as que a lingua portugueza em si encerra, vivēmos em extrema penuria de meios para exprimir com elegancia, com graça e com valentia as nossas idéas; e esse mesmo pouco, que d'ella sabemos, é acompanhado de tantas torpezas de barbarismos e de solecismos, que causam nojo a quem com melhor conhecimento do idioma patrio ouve o que dizemos, ou lê o que escrevēmos.

O que é mais; desprezando instruir-nos com o estudo d'o que é propriedade nossa, aliás tão abundante e formosa, e da qual a todos os instantes nos vemos precisados a fazer uso, dedicāmo-nos a aprender idiomas extrangeiros, e alguns d'elles sem dúvida muito menos perfeitos, harmoniosos, e energicos do que o portuguez; no que consumīmos o tempo precioso, que deveramos empregar na cultura d'êste: sem advertirmos, que não ha, nem houve nunca nação alguma verdadeiramente polida, que não fizesse ou faça consistir o ponto fundamental de uma educação liberal e cidadã, no apurado conhecimento da sua propria linguagem. — As consequencias, que d'aqui se derivam, são: Que nunca fallāmos ou escrevēmos com perfeição nem a nossa nem as linguas extrangeiras: Que

mesclāmos sem necessidade a locução nacional com frequentes palavras e phrases dos alheios idiomas, concorrendo assim, paraque se corrompa de dia em dia cada vez mais uma das linguas mais perfeitas, que têem sido inventadas pelos homens. E que, tendo-nos sido legada ésta lingua pura e bella pelos nossos antepassados, a transmittamos aos nossos vindouros despida da sua nativa pureza, correcção, graça e valentia; tal, em uma palavra, que nem de longe mostre o que fôra nos seus dias de ouro.

Com tão depravada maneira de fallar e de escrever o proprio idioma, como poderá jámais esperar-se, que haja verdadeira eloquencia entre nós?

O circulo das palavras e das phrases verdadeiramente portuguezas, de que fazemos uso, é por extremo limitado; de grande parte d'essas mesmas não temos noções exactas, isto é, ignorāmos quaes sejam as idéas, de que ellas são signaes ou já proprios, ou já translatos; não formāmos conceito d'as que merecem a qualificação de synonimas, e entre éstas é-nos desconhecido qual seja a face, que as identifica, e qual aquellaque as faz discrepantes, afim de as empregarmos com a devida escolha e propriedade; finalmente até ignorāmos as regras capitáes da syntaxe, seguindo-se d'aqui o cahirmos em frequentes solecismos: — Em tal estado pois seremos, como effectivamente somos, grandes falladores; mas nem por sombras poderemos aspirar á nobre graduação de homens eloquentes, e nem ainda á de exactos e bons pensadores; pois, como diz mūi judiciosamente *Voltaire*, tudo quanto deprava a lingua, deprava igualmente o bom-gôsto; visto andarem na lit-

teratura tão intimamente ligadas as idéas com o estylo, que a arte de pensar jámais existe, sem que exista junctamente com ella a arte de fallar e de escrever.

O meio unico, que se nos offerece para obstar a ésta torrente de depravação litteraria, já se deixa vêr, que não é outro senão o sahirmos do nosso estado de indifferença ácêrca de um objecto de tamanha importancia; imitando n'isto, bem como o fazemos em tantas outras cousas, as nações mais civilizadas, quero dizer, estudando com séria applicação os principios philosophicos da grammatica universal, e depois os da grammatica do nosso proprio idioma; cavando com mão nocturna e diurna nas minas dos nossos bons classicos, particularmente os do seculo de *quinhentos*, sem desprezar a'os que no seculo seguinte escreveram ainda com pureza de phrase, e com gravidade de estylo; e finalmente a'os mesmos, que, do meado do seculo passado para cá, se desvelaram por imitar os nobres modêlos dos seculos do bom-gôsto.

Pelo que pertence aos *Quinhentistas* apontaremos, como principaes exemplares dignos de judiciosa imitação, entre os que escreveram em prosa, a um *João de Barros*, a um *Lucena*, a um *Fr. Luiz de Souza*, a um *D. Fr. Amador Arraès*, a um *Heitor Pinto;* e entre os poetas, a um *Luiz de Camões*, a um *Francisco de Sá de Miranda*, a um *Antonio Ferreira*, a um *Diogo Bernardes*. — Passando a'os do seculo de *Seiscentos*, sem embargo de que n'elle começou, logo desde o principio, a fazer-se bem claramente sensivel a corrupção da linguagem, e a degeneração do bom-gôsto, podem ser lidas com proveito as obras de *Diogo do Couto*, de *Fr. Bernardo de Brito*,

de *Fr. Antonio Brandão*, de *Jacintho Freire de Andrada*, e sôbre todos do grande *Antonio Vieira;* e pelo que respeita aos poetas, os poemas de *Gabriel Pereira de Castro*, de *Vasco Mousinho de Quebêdo*, de *Francisco de Sá de Menezes*, e as poesias e prosas delicadissimas de *Francisco Rodrigues Lobo*. — Finalmente, do meado do seculo passado para cá, as composições poeticas e prosaicas dos *Arcades de Lisbôa*, as *Memorias da Academia Real das Sciencias* da mesma cidade, muitos dos escriptos do Padre *Antonio Pereira de Figueiredo*, as traducções do Capitão *Manuel de Souza;* e fallando particularmente dos poetas, *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, *Pedro Antonio Corrêa Garção*, *Domingos dos Rêis Quita*, *Nicoláo Tolentino de Almeida*, *José Maria de Barboza du Bucage*, *Francisco Manuel do Nascimento*, *Antonio Ribeiro dos Santos*, *José Agostinho de Macedo*, e outros que seria muito longo o enumerar (7).

§ VII — Remedio para curar os males causados pela introducção de gallicismos nos dominios da Lingua Portugueza

1° Aproveitâmos ésta occasião para advertir aos nossos leitores, que, álêm dos numerosos termos e expressões francezas, com que se acha desfigurada a natural formosura de nossa linguagem, se nota em quasi todas as nossas traducções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escriptas, um certo *pensar francez*, o qual, ainda mais que os vocabulos ou phrases individualmente

(7) Franc. Freire de Carvalho. — Eloquenc. Nacion.

consideradas, altera a fórma original do idioma, e lhe dá um colorido extrangeiro e alheio da sua natureza.

Este *pensar francez*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de um ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e com facilidade se póde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do francez um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, geito ou estylo de fallar e escrever, que é proprio d'aquella lingua, e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza.

Duas são as principaes causas d'êste grande e mũi geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros francezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de um bom diccionario de ambas as linguas, onde se veja com clareza e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e phrases, e o differente caminho, que cada uma segue para explicar os seus conceitos.

Para se atalharem os effeitos, já demasiadamente extensos, d'éstas duas poderosas causas, um só remedio propomos e recommendãmos aos nossos leitores, o qual consiste na assidua lição dos classicos, que melhor possuiram a nossa lingua, e n'ella escreveram. N'elles acharão um thesouro de vocabulos e phrases, com que possam exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos extranhos o que têem de superabundancia na sua propria patria.

N'elles aprenderão a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes d'elle, e de ornamental-o com aquellas graças e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles emfim chegarão a formar uma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua, a dar-lhe a estima e preferencia, que ella merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos extrangeiros, que tanto a têem desfigurado (8).

2° Enfaxado em sua infancia o idioma lusitano nas mantilhas da lingua latina, robustecido em sua mocidade pela varonil desenvoltura da lingua castelhana, e nobremente adornado, na edade madura, com as galas da lingua italiana, desdenhava elle com razão as phantasias e arrebiques da lingua franceza, que apenas conhecia por parenta muito afastada; decahido porêm de sua antiga magestade, esquecido de sua illustre prosapia, e guiado por imperitos capitães, acha-se hoje nosso formoso idioma vencido de quem d'antes desprezava, e reduzido ao triste estado de um guerreiro, que, para agradar a uma dama leviana e desdenhosa, despiu os trajos marciaes, para enfeitar-se com os atavios ridiculos de arlequim ou farçante burlesco.

Em-balde se gritará contra os gallicismos, em-vão se comporão glossarios, em que se critique e condemne êste genero de contrabando litterario; a torrente do mal conti-

(8) Dom F. de S. Luiz. — Glossario.

nuará a fazer seus estragos, emquanto se não estancar a fonte infecta, d'onde mana.

Para conseguir êste tão desejado fim, nenhum meio será tão efficaz, como ensinar aos mancebos a analysarem todas as partes da oração franceza, e a compararem cada uma d'ellas com a da nossa lingua, que lhe corresponde, habituando-os desde o principio a buscarem e acharem grammatical e logicamente os equivalentes em seu idioma; pois n'isto consiste a arte de traduzir, e não em verter materialmente as palavras, sem levar em conta a differente indole de cada uma das linguas (9).

Conclusão

Não te contentes com as noções elementares. Sirvam-te sómente de guia para leres os bons auctores, que desde os annos de 1500 fixaram e aperfeiçoaram a nossa lingua, e começaram a escrever tão cultamente, ao menos os seus dramas, como os Italianos, que primeiro o fizeram na Europa moderna, antesque os Francezes, Inglezes, e outros tivessem poetas correctos e elegantes, nem historiadores e oradores dignos de se lerem, como os nossos *Castanheda, Barros, Couto, Antonio Pinto Pereira, Lucena, Diogo de Paiva de Andrada, Gil Vicente, Francisco de Sá de Miranda, Antonio Ferreira*, e a immortal *Lusiada*, tão superior aos nossos epicos em invenção, grandeza e interêsse do assumpto, elegancia, pureza e magestade d'estylo, e tão justamente invejada do grande *Tasso*.

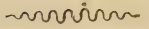
(9) J. I. Roquete. — Gra mm. Franc.

N'elles te exercita; conversa-os de dia e de noite, porque se basta o estudo de um anno para saberes meiammente um idioma extrangeiro, quando quizeres saber a lingua patria perfeita e elegantemente, deves estudar toda a vida e com muita reflexão os auctores classicos, notando principalmente as analogias peculiares ao genio do nosso idioma. E d'èste modo poderás imital-os, não repetindo sempre servilmente as suas palavras e phrases, e remendando com ellas as tuas composições, como alguns têem feito, mas dizendo cousas novas sem barbarismos, sem gallicismos, italianismos, e anglicismos, como mũi vulgarmente se lêem, e mais de ordinario nas traducções dos pouco versados nas linguas extrangeiras, e talvez menos ainda na sua.

Sigamos o exemplo dos bons engenhos, que na Arcadia Portugueza resuscitaram as elegancias do idioma patrio; aproveitemos as reflexões sôbre a lingua, que têem feito alguns membros da Real Academia das Sciencias de Lisbôa, e chegaremos a fazer-nos capazes de produzir mais copiosas advertencias sôbre o artificio, purezas e elegancias do nosso idioma, d'as que por ora temos, sendo elle muito digno de occupar os desvelos dos patriotas eruditos. Assim teremos quem suppra as faltas d'esses grammaticos, com quem *Cesar*, *Augusto* e o mesmo *Cicero* estudavam e conferiam, depois de serem já mũi distinctos oradores; porque, aindaque não tinham em muito o merecimento de fallar correctamente, haviam, que era grande torpeza não saberem fallar emendada e puramente (10).

(10) Moraes.— Epit. da Gramm. Portug.

E concluirei com pedir aos homens judiciosos e versados n'êste genero de litteratura, que relevem os meus erros e descuidos: a quem não tem discernimento, e tem a sua livraria ou cabeça bem expurgada de livros e de eruditções portuguezas, que por decoro seu se dê por suspeito na causa, se não quizer, que o reconheçam por incompetente (**11**).



(11) Idem — Prol. á 1ª Ediç. do Dicc.

CHRESTOMATHIA CLASSICA

LIVRO UNICO

DIVIDIDO EM CINCO SECÇÕES

PRELIMINARES

§ VIII — Necessidade e utilidade da sciencia

Assentado é, e já tão assentado, que vergonhoso seria adduzir argumentos para o comprovar, como do saber principalmente, ou sómente do saber nascem todas as diversas partes, de que se compõe a felicidade dos Estados. A sciencia não só é bem como meio, que leva a todos os commodos da vida, submette a natureza, combate e mette debaixo dos pés o infortunio, suaviza os costumes, aperta os laços da sociedade, e até pela philosophia nos conduz á religião; senão tambem, que por si-mesma considerada e sem respeito a tão maravilhosos resultados, é um grande e bonissimo bem, porque no seu tracto, apenas elle se começa a tornar íntimo e familiar, se encontram os mais subidos prazeres, os mais livres, os mais duradouros, os mais

baratos e mais innocentes, que n'êste pobre mundo se conhecem. Para a sciencia se trabalha desde o primeiro dia do mundo; para a sciencia se ha de trabalhar até ao derradeiro dia d'elle. Para a sciencia forcejam em honrada porfia todas as nações.

Ora deixando as sciencias, com quem aqui e por ora não temos que vêr, mas por cujo crescimento e prosperidade sinceros votos d'alma fazemos a Deus e aos homens, que elle poz em caminho de as ajudar, fallemos d'a que, sendo de todas principio, condição e sustento, não pede nem talvez acceita o nome de sciencia, que bem merece, e ésta é a do lêr (1). Assim como as universidades hão de têr em seus paços por vizinha e no primeiro andar toda a instrucção primaria, assim ésta deve têr por baixo de si a sciencia, o amor, a paixão, e, se é licito dizel-o, o bendictissimo vício da leitura. Qualquer naturalista vos dirá, como se convertem com os annos, e pela só natureza das cousas, rochas sêccas e nuas em torrões ferteis e paraísos: vêem primeiro os byssos, rudimentos vegetaes, e invisiveis: seguem-se musguinhos, para cujas raizes basta por prado um atomo de pó: murchos e desfeitos estes, já nos seus residuos acham outros, menos apoucados, onde tomar pé: accrescentado o despôjo com a morte tambem d'estes, já têem sua vez as gramas: das gramas herdam as hervas, das hervas os arbustos; dos arbustos os bosques. As plantas começando pelas minimas, formaram aquelle solo, que depois produziu todas até ás maximas, e as sustenta

(1) *Lêr* na lata accepção do termo é recitar orações e periodos, graduar as inflexões da voz, as pausas, entender emfim um discurso, um livro. — Garret. Educ. Cart. 9.

ricamente, e d'ahi avante não parará nunca o admiravel commércio de mutuos beneficios entre solo e arvores: éstas com usura restituem em pó ao pó as pompas, que vão despindo; elle lhes dilata e provê cada vez melhor as raizes, e por ahi as refaz cada vez mais copiosas, mais ricas, mais fructiferas e mais cobiçadas. Tal é, trocados os vocabulos, a história d'o que vai n'um povo, quando de safaro e baldio se vai progressivamente metamorphoseando em nação sábia, isto é, creadora e cultivadora, que produz muito, e póde vir a produzir tudo (2).

§ VIII — O mesmo assumpto do paragrapho antecedente

Se quizermos particularmente considerar as cousas, qual haverá, que sem letras se possa fazer? Como navegariamos ás terras ignotas? Que commércio, que noticia uma gente, afastada por tantos intervallos de mar e terra, teria das outras sem a sciencia da astronomia? Que communicação ou que prestança das mercadorias haveria sem navegação? Como se edificariam navios, casas, templos e fortalezas com suas máchinas, tão necessarias á vida e polícia dos homens, sem architectura? Como se governariam as cidades, reinos e républicas sem philosophia moral? Como sem a natural se exercitaria a agricultura, tão necessaria á mantença dos homens? E descendo ao particular das artes mechanicas, como nos aproveitariamos d'ellas, se não fosse pelo meio das mathematicas?..... Que remedio para as nossas enfermidades, com que os

(2) A. F. de Castilho. — *Panorama.*

corpos humanos por tão diversas vias são offendidos, se não fôra a medicina (3)?

§ IX — A virtude e a sciencia

Os bons estudos não são ornamento de todos os que nas universidades florentissimas de mestres doutissimos aprendem philosophia, e se empregam no estudo das sciencias, mas sómente d'aquellesque são dotados de bom engenho para as letras, e bôa inclinação para o exercicio das virtudes. Como as vestes preciosas carregadas de ouro e margaritas, e as joias de rico feitio e singular valor, acommodadas ao uso e culto de alguma bella donzella, aformosentam e ornam em grande maneira; e quando se applicam ao ornato de uma disforme mulher, ficam tão longe de encobrir e dar côr á sua deformidade, que a fazem mais manifesta e evidente: assim as bôas e excellentes artes cultivam os engenhos claros, ataviam o ānimo com seus ornamentos; mas quando vão dar em máos vasos, em peitos e animos impuros e depravados, havendo-os de illustrar e ornar, mostram mais claramente aos olhos de todos sua torpeza e indignidade (4).

§ X — Só o saber é exempto da jurisdicção da fortuna

Fazenda é a sabedoria exempta da jurisdicção da fortuna, a qual não toma senão o que dá: o fogo gasta o ferro;

(3) J. de Barros.

(4) Amador Arraes.

o mar alaga cidades; terremotos as derrubam; raios espantam o mundo; armas o senhorêam; só o saber do homem é livre d'estes perigos; porque nem o tempo o gasta, nem a morte o senhorêa (5).

§ XI — Necessidade e utilidade da educação

1° Façam o que quizerem: emquanto se não cuidar effectivamente na educação do povo, assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadêa das desordens, que desafiam a nossa mágoa: porque emfim é grande loucura esperar, que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa (6).

2° Todos sabem, em medicina, que padece e morre mais gente de excesso e desordem, que de falta de alimento: cuidam que não é o mesmo em moral? Julgam, que as funcções do coração e do espirito não são, a seu modo, iguaes ás do corpo do homem?

3° Tudo o que homens fizeram, podem-n'o destruir homens: não ha caracteres indeleveis, senão os que imprime a natureza; e a natureza não fez nem principes, nem ricos, nem magnatas. Que fará pois na miseria esse satrapa, a quem não educastes senão para a grandeza? Que fará na pobreza esse publicano, que não sabia viver senão de ouro? Que fará na penuria esse fastoso imbecil, que nem sabia usar de si, e que nem existia senão n'o que

(5) J. de Barros.

(6) Dom Fr. Caet. Brandão.

era extranho a seu ser? Feliz o que em taes lances sabe deixar o estado, que o deixa a elle, e permanece homem a-despeito da sorte (7).

§ XII — A *justiça* é a mãe de todas as virtudes, e porisso entra na educação como princípio unico e geral

1° Bem comprehendida do espirito, e bem arraigada no coração do educando a *justiça*, como principio unico e geral, ficará mũi simples e facil trazel-o ao conhecimento e amor de todas as outras virtudes, que não são, em rigor, mais do que especies d'ella, antes, denominações diversas, que á justiça damos em suas variadas especies, ou segundo os diversos objectos, a que applicãmos aquella virtude.

2° A *justiça* é a mãe de todas as virtudes; todas n'ella se contẽem: o homem, que não é justo, póde fazer acaso um bom feito, mas não lhe veiu do coração, cedeu a uma circumstancia, a um motivo extranho á sua alma, não obrou uma virtude; o homem justo corta por todos os motivos, não attende a circumstancia nenhuma, e obra a virtude; porque em seu coração tem a justiça, que lh'a manda obrar: nem perigos de vida, nem respeitos humanos, nem amor nem odio o impedem de fazer o que elle tem por justiça, e que é dever seu (8).

(7) Garret. — Educ. Cart. VI.

(8) Idem. — Educ.

§ XIII — Principios, augmento e decadencia das bellas letras em Portugal

Vamos buscar ao longe a épocha da eloquencia, para voltarmos á estructura, que ella teve n'êste Reino. Athenas e Roma foram as patrias da eloquencia; mas o seculo, em que ésta tomou maior ascendente em uma e outra républica, foi aquelle em que viveram Cicero e Demosthenes. No tempo d'êste orador honraram a républica de Athenas muitos oradores de uma belleza natural, e sem muito pêso de ornamentos (9). Demetrio Phalereo foi o primeiro, que principiou a corromper entre os Gregos o bom-gôsto, enchendo a sua eloquencia de mais flores e menos succo; deleitava mais, mas inflammava menos do que Demosthenes, Eschines, e outros illustres oradores gregos (10). A eloquencia dos Romanos subiu ao mais alto throno no tempo, que Cicero floreceu na sua républica; mas ella entrou a degenerar do alto ponto da sua magestade no tempo do imperador Tiberio (11). Seneca foi um, que despojou a eloquencia da grandeza, que lhe era natural, introduzindo em Roma o máo-gôsto com as suas flores e pensamentos delicados, que servem mais para fallar aos ouvidos do que ao coração (12). No tempo de Cicero, em que a eloquencia appareceu com toda a sua pompa, princi-

(9) Roll. — De l'Eloq. du barreau, tom. 2. pag. 398.

(10) Phalereus successit eis senibus. Itaque delectabat magis Athenienses, quam inflammabat. — Brut.

(11) Ce fut par-là que l'éloquence commença à dégénérer sous Tibère et ses successeurs. — Rap. sur l'Eloq. pag. 1.

(12) Roll. tom. 2. — De la manière d'enseigner, pag. 191.

piou ella em *Lusitania* (13) a vestir á sua imitação. Sertorio, general dos *Lusitanos* no anno 677 da fundação de Roma, fundou escholas de bellas letras para instruir a mocidade *lusitana:* elle se informava do aproveitamento de cada um, e lhes correspondia com premios, dando a uns roupas bordadas de purpura, e aos mais distinctos lhes lançava ao pescoço a Bulla de ouro á semelhança dos Romanos (14). Sertorio, fundador d'éstas escholas, tinha aprendido em Roma a rhetorica por ordem de sua mãe Rhea (15): n'èste tempo tinha Cicero voltado de Athenas, e com as riquezas do espirito, as quaes havia conseguido na sua peregrinação, espalhou entre os Romanos aquella torrente de luzes, que lhe estabeleceu a mais alta reputação. È por todas as faces verosimil, que os Lusitanos d'aquella edade adoptaram a mesma eloquencia dos Romanos: Sertorio, fundador d'aquellas escholas, não faria ensinar senão aquella mesma eloquencia, que elle tinha cultivado em Roma: elle vestiu os Lusitanos á moda da sua patria, pois indo sitiar a cidade de Laurona, levou todo o exercito lusitano vestido á romana (16); e não faria vestir os espiritos lusitanos com as bellezas da sua mesma eloquencia?

(13) É absurdo chamar á antiga Lusitania Portugal, e aos Lusitanos Portuguezes, comquanto não o seja o inverso, no sentido translato sómente. Não podiam existir Portuguezes, sem haver ainda Portugal. Porisso corrigímos o texto, pondo Lusitania em logar de Portugal e Lusitanos em vez de Portuguezes.

(14) Haller. — Hist. Rom. tom. 3. pag. 131.

(15) Haller. — tom. 3. pag. 73 ibi.

(16) Abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, et civilitatem linguamque latinam accepere. — Resend. de Antiq. Lus. pag. 140.

Além d'isto os Lusitanos tinham grande tracto e communicação com os Romanos: ésta communicação foi introduzindo nos Lusitanos os costumes dos Romanos, a sua politica e a lingua latina; n'ésta lingua aprenderiam as bellezas, as expressões graves e magestosas, com que os Romanos se explicavam. Aqui podêmos estabelecer a primeira edade da eloquencia de Portugal; quero dizer de uma eloquencia de bom-gôsto. O mesmo seculo, que viu acabar o Imperio Romano, viu acabar as sciencias; os Barbaros se fizeram senhores da cabeça do mundo; e com ésta invasão perderam as aguias romanas a corôa, e tambem aquelle já em parte desfallecido esplendor das bellas artes e sciencias. A Lusitania se viu tambem inundada de uma corrente de Barbaros, e veiu a padecer o mesmo naufragio. Os Godos senhorearam toda a Hespanha, e com a sua dominação entrou a decadencia das bellas letras em Lusitania. A communicação com os sabios romanos, unida á applicação das escholas, tinha feito os Lusitanos sabios, e a communicação com os Godos foi formando nos Lusitanos o espirito dos Godos. A êste estado deploravel chegaram as artes e sciencias em Lusitania desde a dominação dos Godos e dos Mouros em Hespanha até ao tempo, em que se levantaram na Europa as novas escholas de philosophia e theologia. Se houvermos de dar credito quasi a todos os mestres da eloquencia, veremos, que o máo uso dos Escholasticos, introduzindo as subtilezas e termos das escholas, acabaram de corromper a eloquencia tanto sagrada, como a do senado. Contra êste máo uso levantaram clamores os grandes homens, como são Heineccio, e o P. Rapin; e do mesmo sentimento foram Boileau, Pope, De La Bruyère, Fe-

nélon, e outros muitos, que fazem grande vulto n'ésta materia (17). Não ha dúvida, que os oradores sagrados entraram a encher as suas orações de subtilezas e termos da eschola, o que é bem contrário á solida eloquencia (18). Os oradores sagrados, que enchem de subtilezas e termos de eschola os sermões, fazem composições mal dispostas, e commummente faltas de verdade. A divisão em tres pontos foi invenção, que veiu da Escholastica; assim o testemunham os mestres da eloquencia, Fenélon, De La Bruyère, Rapin, e outros. Estes oradores são, como diz Longino, referindo-se a Sophocles, semelhantes a um homem, que abre uma grande bocca para soprar em uma pequena flauta: a inchação, como diz o mesmo Longino, não é menos viciosa no discurso, que no corpo (19). Ésta inchação foi crescendo nas orações com os dictos e passagens dos auctores profanos; o que se deve desterrar das oratorias sagradas (20). Assim appareceu a eloquencia vestida de várias côres improprias á sua gravidade em Italia, França, Allemanha, Castella e Portugal; mas no seculo, em que reinaram o illustre Osorio, e os clarissimos Barros, Diogo de Paiva, Antonio Ferreira, e outros, pegou dos trajos decentes. Aqui já Portugal poderia fixar outra época da sua eloquencia, mas a nova dominação dos Hespa-

(17) Multa ejusmodi fingit barbara scholasticorum et glossatorum turba. — Henec. Fund. styl. cult. part. 1. cap. 1. § 13.

(18) Je suis persuadé que la lecture de Saint etc.

(19) Il est certain que l'influre n'est pas moins vicieuse dans les discours, que dans les corps. — Long. na Traducção de Despréaux pag. 82.

(20) On doit bannir de la chaire ces citations d'auteurs profanes, et toutes réflexions sur leurs maximes. — Rapin. Réflex. sur l'éloq. pag. 88.

nhóes destruiu o bom-gôsto, que principiava a tomar corpo entre nós. Já novos mestres se tinham feito senhores absolutos da educação da mocidade portugueza, e por elles já tinha entrado a eloquencia de Portugal a degenerar com uma decadencia bem sensivel. Os Francezes tinham o mesmo caracter de corrupção; mas ha quasi um seculo (21), que principiaram a livrar-se d'êste captiveiro. Os seus mais illustres escriptores, como diz Rollin, são aquelles que tomaram os antigos do seculo dourado para seus exemplares (22). Este é o estado dos principios, augmento e decadencia da eloquencia de Portugal até aos nossos tempos (23).

§ XIV — A-respeito da introducção de novas palavras

Todos os brutos nascem já senhores quasi de uma lingua, com que se entendem uns aos outros, e se conduzem ao bem da sua conservação: mas o homem não traz no seu nascimento êste soccorro da natureza; todas as linguas, com que as nações se explicam, se foram formando ávista da necessidade, que os homens sentiam, para communicarem uns aos outros os seus pensamentos. Quaesquer palavras no principio de uma lingua foram de si bôas; ellas não se oppunham a lei alguma, e se encaminhavam a formar a sociedade entre os homens; fossem asperas ou doces, a necessidade da communicação, e a li-

(21) Este auctor escrevia no anno de 1762.

(22) Roll. tom. 2. pag. 402.

(23) Fr. Manuel dá Epiphania. — Verd. Meth. de prég.

berdade dos primeiros instituidores bastantemente as auctoriza. Porêm depois de formada uma lingua, deve cessar ésta liberdade. Se todos os Portuguezes ou Brazileiros no tempo presente quizessem introduzir palavras ao seu arbitrio, seja fallando ou escrevendo, que confusão não se extenderia no corpo da républica? Quem entenderia, passado um seculo, uma escriptura de doação, um testamento ou um tractado de negociação? Se ellas fossem feitas na lingua particular de um homem, seria necessario, que elle deixasse um diccionario da sua lingua, ou que elle resuscitasse para se explicar. Nós temos necessidade de formar novas palavras, que expliquem as acções; pois usâmos de muitas circumlocuções para remediar ésta falta.

Porêm eu não quero ser nunca o primeiro, que as produza, por entender que não tenho auctoridade, que me justifique. As palavras novas de uma lingua vão a ser palavras geraes de toda a républica; um homem particular, unicamente fortalecido da sua liberdade, parece, que não tem jus a ser árbitro competente da lingua geral da sua nação; porisso o homem particular, que as fórma, fica reputado por barbaro (24). Haja palavras novas para nos explicarmos com energia, brevidade e clareza; mas é necessario saber por quem, e como se devem formar. É necessario revestir um ou muitos homens com ésta auctoridade. O principe pelo direito da economia póde olhar n'ésta parte pelo bem da patria, fazendo que a lingua seja abundante, e que as escripturas se ponham em situação,

(24) O inventor de uma palavra, de que a lingua carece, não se póde chamar barbaro.

que se não desconheçam para o futuro: para chegar a êste fim póde commetter a homens intelligentes um corpo de diccionario exacto, e já com as palavras novas, que expliquem as acções, e coarctar d'ahi em diante todos os excessos. Estes homens vão fornecidos de auctoridade para êste novo descobrimento; pois representam toda a sua nação.

Sem ésta auctoridade nenhum homem particular, ainda-que seja douto e de grande caracter, quer pôr em litigio a sua reputação. Fenélon, êste grande homem, que possuia os talentos mais excellentes do espirito, aconselha na carta, que escreveu aos Academicos da França, que enriqueçam mais a lingua, julgando, que era necessario supprir a falta das palavras francezas, que se haviam acabado com o tempo: alli lhes dá as cautellas, que devem ter na introducção das novas palavras; sim, aconselha isto a um corpo de sociedade, mas elle não toma a liberdade de as produzir, pois olhava para si como um homem particular, e sem auctoridade para isto. Na républica de Roma sim se introduziram palavras gregas com diversas terminações, principalmente para disputarem sôbre as sciencias, pois n'isto havia grande falta na lingua latina; mas para se não reputarem por barbaras, pedia-se a permissão para se servirem d'ellas, e depois de permittidas na cidade de Roma, como cabeça da républica, ficavam adoptadas (25).

A nossa lingua é a lingua latina corrompida desde a invasão dos Godos e povos septentrionaes. Todas as linguas ou se perdem, ou se corrompem pelas novas dominações dos extrangeiros: entraram os Romanos a dominar em Lu-

(25) Fenélon. — Lettre sur l'éloqu. pag. 22.

sitania, e os Lusitanos, como já notei com Resende, adoptaram a lingua latina; perdeu-se o imperio romano, e com elle se perdeu a lingua dos Romanos, ficando na Italia e Lusitania uma lingua latina corrompida, e com diversas terminações. A lingua grega, diz *Mad. Dacier*, se conservou viva até ao anno de 1453, mas a perda do imperio oriental arruinou ésta lingua.

A nossa lingua, sem offender algum ponto da nossa honra, póde adoptar das outras algumas palavras, que lhe forem precisas, dar-lhe uma terminação doce, e que sejam livres de equivoco. Os nossos oradores do seculo passado até ao tempo presente tomaram toda a liberdade sôbre a sua lingua, e os poetas ainda mais excederam os oradores. Já eu não me admirára tanto, se os poetas, para exprimirem uma imagem sublime usassem de uma palavra nova por não acharem termo da sua lingua, com que a dessem á luz; mas elles o têem feito e estão fazendo para encherem a medição do verso; e isto os faz barbaros sem desculpa. Mas muita parte (26), fallo d'estes, que não passam de versejadores, ainda por outra face se me representam barbaros; querem, muitas vezes, encher o verso, e usam de palavras, ainda que portuguezas, sem energia e propriedade; e porisso apparecem no público poesias chêas de estylo frio e obscuro: a propriedade das palavras é inseparavel dos bons oradores e poetas.

O Padre Bluteau fez um diccionario da nossa lingua; mas se se houvesse de separar n'elle o bom do máo, ficaria um corpo menos volumoso, e mais util á Nação.

(26) Quer dizer muitos poetas.

Tirou sem reflexão todas as palavras dos historiadores, oradores e poetas; mas muitas d'ellas ainda se conservam no estado de barbaras; umas são antigas, e já não servem, e outras, nunca chegaram a ter uso. È sem dúvida, que um diccionario tal concorre muito para fazer uma lingua barbara, e dá um grande trabalho a'os que querem escrever com pureza; pois lhes é preciso fazer uma separação, a qual devia estar feita no diccionario (27).

§ XV — É util terem as nações censores, que separem as obras más das bôas

As républicas estabeleceram leis para manterem aos homens em certo equilibrio e proporção. Ellas são cadêas, que os prendem, afim de não obrarem com todo o seu capricho e liberdade. Pouco interessante seria para a república, se fazendo leis não fizesse juizes, que pesassem as obras do homem, dando o premio a uns, e castigando a outros. Mas ha umas obras, em que os homens podem subir a todos os caprichos, sem terem leis na república, que lhes coarctem os excessos; fallo das obras da eloquencia. Cada um move a penna, como lhe parece, e as républicas ficam pacíficas. Um discurso, não tendo cousa contra a Religião (28), nem contra o Estado, aindaque seja de tão pessimo gôsto, que faça uma desordem e corrupção no público, elle passa, e se imprime; mas elle infama a nação e o seculo, em que nasce. Eu bem sei, que a jurisdicção de julgar os escriptos alheios é dom da na-

(27) Idem Epiph. — idem.

(28) No dia de hoje um discurso contra a Religião é de immenso valor.

tureza, concedido áquelles a quem ella deu o talento de julgar. Mas eu tambem sei, que é necessario, que haja nas nações estes censores das obras, que produzem os seus patricios. Estas reflexões severas purgam o humor vaidoso em uns, e fazem entrar a outros em idéas mais justas: ellas são espadas da razão, que tiram a uns da injusta posse, que lhes tinham dado os juizes incompetentes, e restituem a outros a glória e reputação, que lhe tinha usurpado um seculo de máo gósto.

Estes foram os generosos estimulos, com que os homens se têem esforçado a escrever com perfeição. Já hoje as nações não approvam todas as obras nascidas no seu paiz: julgam, e com justiça, que éstas condescendencias são nocivas á glória e bôa reputação da patria. Já o julgou assim Diogo de Paiva e Andrade no seu *Exame de antiguidades;* impugnando algumas opiniões de Fr. Bernardo de Brito, diz no prologo: « Advirto, que se se vir, que ás-vezes contra-digo algumas opiniões ou antiguidades, que poderão honrar a nossa patria, saiba, que o faço por mais honra sua; porque álêm de ser cousa sabida, que sempre o falso desacredita, já-que ella tem grandezas tão certas, com que a podem auctorizar os naturaes ou affeiçoados, fica-lhe sendo abatimento attribuir-lhe as duvidosas, de que podem motejar os extrangeiros ». Augustinho Luzan sendo hespanhol notou os defeitos das comedias hespanholas, e diz assim no liv. 3. cap. 15. pag. 410: *Corregir nos mismos yerros es hacer en cierto modo menos sensibles y menos afrentosos los baldones de los estrangeros.* O verdadeiro amor da patria, como diz Mr. de Voltaire, consiste em mostrar a fidelidade de vassallos e

e de bons cidadãos, mas disputar só por caprichos, que os auctores da nossa nação são os melhores, isto mais é um louco amor de nós-mesmos, do que amor do nosso paiz (29).

Estes escrupulos da razão têem sido a pedra fundamental dos clarissimos escriptores, que honram o nosso seculo. Em uma perfeita républica até as obras do espirito devem ter sua conta; e porisso deve haver juizes, que as pesem na balança da razão (30). O grande Platão para credito da sua républica instituiu juizes habeis, a quem encarregou o cuidado de verem as obras dos poetas antes de sahirem ao público, e as rejeitarem, se não fossem de merecimento (31).

Mariana é de parecer, que haja inspectores publicos, e que tenham á sua incumbencia o verem, se as obras são dignas da estimação do público (32).

A vontade do homem de todas as partes está cercada das leis divina, natural e civil, afim de parar em uma proporção justa e bem regulada. E não parece uma injustiça pôr na vontade tantos grilhões, e deixar correr o entendimento sem prisão alguma, que o retenha? E' pouca

(29) Le véritable amour de la patrie consiste à se montrer fidels sujets et bons citoyens; mais que disputer seulement sur les auteurs de notre nation, ce serait plutôt sôt amour de notre pays. — Volt. Disc. sur la Poésie.

(30) Nè solo é permessa ma é necessaria la censura n'ella republica delle letre. — Muratori: tom. 1. della Perfetta Poesia, lib. 1. cap. 3.

(31) Nec liceat, quæ composuerit ulli privatorum ostendere, antequam constituti hac de re judices, legumque custodes, et viderint et approbaverint. — Plat. de leg. lib. 7.

(32) Adsint inspectores publice designati. — Mariana de Reg. et Reg. inst. cap. 16.

honra de uma nação ter homens malevolos, e fracos para a campanha, e não é descredito para ella ter auctores máos, fracos e de pouca estimação?

Se não houvesse homens de gôsto delicado, que levantassem a voz contra éstas producções imperfeitas do nosso espirito, não teriam agora muitas nações a glória dos sensiveis progressos, que teem feito ha perto de um seculo nas artes e nas sciencias. As bellas reformas, que se têem feito nas obras do espirito, devem-se a éstas almas, que levantaram clamores no meio de um tropel de auctores sem merecimento. As suas notas e reparos não foram satyras, nem offenderam a caridade christã; mas sim um zêlo de procurar a belleza unida com a verdade. O criterio regulado pelas regras da modestia não é monstro nascido no seio da malevolencia. Alguns menos intelligentes julgam, que o criterio é satyra: o criterio é uma sciencia de separar o falso do verdadeiro nas obras da eloquencia: isto não é fazer ao proximo máo christão, mas sim escriptor de máo gôsto. Mas eu quero conceder, que o criterio é satyra. Não ha satyras necessarias e innocentes? Que cousa são as declamações, senão umas satyras? O criterio sôbre as obras de eloquencia seja muito embora satyra; mas ella não respeita ás obras da vontade, só vai em direitura ás obras do entendimento; as qualidades virtuosas do auctor ficam com toda a sua estatura. Que um auctor seja docil, tenha convivencia, seja officioso e sincero, eu o concedo com Mr. Despréaux; mas que seus escriptos se mostrem como modelos da belleza, isso não soffrerá minha reflexão, se lhe faltarem as qualidades. Eu não duvido, que elles sejam espiritos grandes; mas para julgar bem dos homens

grandes, diz Quintiliano, não se deve suppor, que tudo, que elles disseram, é perfeito; porque ás-vezes cahem, e deixam levar-se do gôsto dos seus engenhos (33 e 34).

§ XVI — Sôbre o bom-gôsto

Os modernos introduziram êste termo *bom-gôsto* a-respeito das obras do espirito. E' certo, que a nossa alma depois de receber grandes reflexões sôbre a natureza d'éstas obras, tem uma idéa d'ellas, e depois de uma justa idéa, percebe em si mesma um gôsto interior. A mim se me faz mais perceptivel a idéa do bom-gôsto por ésta definição, que vou a dar: «O bom-gôsto nas obras do espirito é uma satisfação, que resulta, na nossa alma, da posse do conhecimento da verdade conforme á natureza d'essas obras». A nossa alma move-se para um legítimo e verdadeiro bem, mas só lhe resulta uma satisfação ou complacencia, depois da posse do bem-amado. Ora assim como ésta satisfação ou complacencia da alma na posse do bem-amado, é o seu gôsto, assim tambem, quando a intelligencia por via das suas paixões tem chegado ao conhecimento da natureza das obras do espirito, e a alma se vê illustrada d'ésta luz, resulta na alma uma satisfação depois de entrar na posse d'ésta verdade.

(33) Qu'il soit doux, complaisant, officieux, sincère
On le veut, j'y souscris et suis prêt de me taire;
Mais que pour un modèle on montre ses écripts,
Ma bile alors s'échauffe, et je brûle d'écrire,
DESPRÉAUX, sat. 9. vers. 215.

(34) Neque id statim persuasum sit legenti, omnia, quæ magni auctores dixerint, utique esse perfecta. Nam et labuntur aliquando, et oneri cedunt, et indulgent ingeniorum suorum voluptati. — QUINT. cap. 1. lib. 1.

Esta satisfação, complacencia, ou bom-gôsto, não se me representam como termos metaphoricos, mas como propria satisfação, e uma real complacencia; quando a intelligencia propõe á nossa alma a verdade das obras do espirito, n'isto mesmo lhe mostra um bem e perfeição da alma, como é a posse do conhecimento d'aquellas verdades. Ora a nossa alma não ha de ter bom-gôsto, ou satisfação propriamente tal, a-respeito da sua propria satisfação? Não lhe ha de ser propriamente agradavel um bem, que é dos principaes ornamentos, que formam o caracter da sua belleza? Aquella alma, que possue o conhecimento das qualidades de qualquer obra do espirito, fica satisfeita e gostosa, mas assim como na nossa alma resulta muitas vezes gôsto e satisfação na posse de um bem fingido, tambem póde resultar uma satisfação e complacencia na posse do falso como verdadeiro: mas já isto não é bom-gôsto ou satisfação; porque assim como o gôsto de uma cousa, que de si não é amavel, é gôsto desordenado, tambem o gôsto ou complacencia da posse d'aquilloque em si não é verdadeiro, é uma satisfação e gôsto corrompido. Qualquer verdade póde nutrir a nossa alma; mas só o objecto de si verdadeiro é o seu mais bello ornamento, a sua perfeição, e o seu bem capaz de a trazer a uma bôa satisfação ou complacencia.

Eu bem sei, que ha grande difficuldade para chegar á posse do verdadeiro nas obras de eloquencia, de que resulta uma bôa satisfação, e gôsto na nossa alma: o entendimento, como causa natural, procura sempre a verdade, como mais perfeita; mas como ésta potencia ficou fraca pelo peccado, não acerta muitas vezes, e lhe fica a ver-

dade occulta. As regras da arte n'éstas obras são um grande soccorro para a descobrir. Estas regras são umas experiencias de fallar, com que os homens moveram e persuadiram uns aos outros; e como a verdade é a que tem mais fôrça para mover, d'aqui inferiram, que a verdadeira natureza de qualquer obra do espirito é aquellaque se conforma com éstas regras. Possue a alma por meio da sua intelligencia as regras conformes á natureza de qualquer composição do espirito: ésta posse é um bem, que lhe traz uma perfeição; e porisso é um bem, de que lhe resulta uma bôa satisfação, bom-gôsto, ou complacencia.

Uma alma fornecida da posse das regras, vendo qualquer composição, é juiz competente, e póde decidir sôbre o caracter da obra; mas nem porisso póde entrar sem susto na composição de qualquer obra: o bom-gôsto de conhecer é distincto do bom-gôsto de produzir: muitas vezes possue a alma todas as luzes do conhecimento, e falta-lhe o talento para a práctica. Estes espiritos podem ser bons criticos; mas se escreverem, serão auctores sem merecimento. Eu sempre julguei mais estimavel aquelleque escreve bem, do que aquelleque julga bem e com justiça a-respeito das obras dos outros, e escreve mal as suas (35). Esta é a reflexão do Abbade Trublet: mas elle-mesmo me dá a sua espada para o investir: elle faz muito bôas reflexões sôbre a eloquencia sagrada; mas os seus sermões são faltos de uncção, e não movem as paixões.

(35) Le bon critique est très estimable en son genre; mais l'homme de talent est d'un ordre bien supérieur. — Essais sur divers sujets de littérature, pag. 76.

São bem poucas as almas, onde reina êste bom-gôsto. D'aqui nasce, que a maior parte de um auditorio não faz maior gôsto e estimação do melhor orador. Isto não me admira: em todos os seculos e nações o máo-gôsto sempre foi o contágio, que se extendeu á maior parte.

Nenhum auctor póde proporcionar-se ao gôsto de todos: aquilloque é estimavel aos olhos dos bons juizes, não tem a mesma belleza a-respeito das almas faltas de luzes. A maior parte dos leitores de um livro, ou ouvintes de um orador, têem gôsto natural sem o conhecimento da arte; e como o gôsto natural está cercado de muitos defeitos, porisso o bom-gôsto, ou satisfação, não é do maior número (36).

(36) Idem Ephih. — Idem.

SECÇÃO PRIMEIRA

DISCURSO FAMILIAR

§ XVII — Parabolas ou comparações e semelhanças

1. As cousas do mundo são como a lua, que nunca permanece de uma mesma maneira, antes para cada dia tem sua figura.

2. Assim como a terra, que não é lavrada, cria espinhos e cardos: assim a alma, que não é exercitada na virtude, cria malicia e máos pensamentos.

3. Assim como, no corpo humano, da temperança dos humores resulta a saude; assim, na cidade, da concordia dos homens consta o quieto estado da républica.

4. Assim como com o ferro se ha a lima; assim o entendimento com a disputa.

5. Assim como o cavallo se rege pelo freio, e a náo pelo leme: assim o homem se ha de reger pela razão e pela verdade.

6. Assim como o fogo prova o ouro, assim a adversidade o amigo.

7. Assim como não conhecêmos a fineza do alambre, senão se o esfregâmos; assim não conhecêmos a lealdade do amigo, salvo se o experimentâmos.

8. Assim como o ferro se consome com a ferrugem; assim o invejoso se está consumindo com a inveja.

9. Assim como o rio nos campos vai rompendo e cavando a terra; assim nos cubiçosos o discurso das riquezas vai roendo e cortando a consciencia por onde passa.

10. Como a nuvem ou vento, quando se não seguem chuvas, é o homem, que, promettendo muito, não cumpre suas promessas.

11. Assim como no echo, quando se bate entre os montes, o tom é n'uma parte, e n'outra a pancada; assim nas adulações do lisongeiro o tom é em vossos louvores, a pancada é em seus interêsses (1).

§ XVIII — Maximas moraes

1. O incomprehensivel é indefinivel: tal é Deus (2).

2. A lei divina é o pharol, por que nos havemos de reger no mar da vida, para chegarmos ao porto da salvação.

3. O nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes.

4. O homem entregue a seus vicios e sensualidades, re-

(1) H. Pinto. — L. de Sousa. — Freire de Andrada.

(2) M. de Maricá.

gido pelo appetite, e não pela razão, tendo figura de homem, vive como irracional.

5. Não está a perfeição em não ter affeições, senão em as ter moderadas e subjeitas á razão.

6. Mais valente é o que domina seu ânimo, que o que vence cidades.

7. A paciencia é um firme arnez, onde seguramente se recebem os duros golpes da adversidade.

8. Não ha maior êrro, que não conhecer um homem seu êrro.

9. A falsa opinião póde n'alguns intervallos ter auctoridade, mas em-fim a verdade prevalece.

10. A verdade com sua fôrça não sómente vence as cousas, que o tempo com seu discurso vai extinguindo e annullando, mas ainda triumpha do mesmo tempo.

11. A cortezia é um laço, que prende as vontades.

12. Melhor é ser reprehendido do sabio, que ser enganado com adulação do nescio.

13. Todas as bôas artes e disciplinas são grande ornamento ao homem; trazem comsigo honra, utilidade e veneração.

14. Nada são os thronos e as riquezas em comparação da sabedoria; todo o ouro em respeito d'ella é uma pouca de arêa.

15. A virtude sempre teve contradicções; e o illustre nome nunca se alcançou sem trabalho.

16. Quem quizer ser rico, não augmente na riqueza, mas diminúa na cubiça: não é pobre o que tem pouco, mas o que deseja muito.

17. Quem deseja pouco, depende de poucos.

18. Não ha corpo fraco, onde o coração é forte.

19. Os golpes, que chegam á alma, como ella é immortal fazem o effeito nas potencias.

20. Padecer por fôrça é fraqueza; não desmaiar nos trabalhos, necessidade.

21. O meio entre a prodigalidade e a avareza é a liberalidade.

22. Quem dá muito acanhadamente obriga pouco, quem dá pouco magnificamente obriga muito.

23. O que se dá pedido e rogado, já custa tanto como comprado.

24. Quem gasta menos d'o que tem, é prudente; quem gasta o que tem é christão; quem gasta o que não tem é ladrão.

25. A ousadia sem deliberação as mais das vezes gera arrependimento.

26. Primeiro se devem considerar os meios e fins das emprêsas, que accommetter nenhuma; porquanto val mais sobrestar com siso, antes de começar, que retirar depois com vergonha.

27. Se conheceres algum vício no amigo, amoesta-o em secreto; se te não quizer ouvir, amoesta-o em público; se o vires incorrigivel, deixa sua amizade.

28. O que descobre os segredos do amigo, perde o que tinha por fiel, e não achará outro, que seja segundo o seu coração.

29. Havemos de fazer conta, que os segredos são pedras lançadas no fundo do mar.

30. A ingratidão perverte o juizo, perturba a razão, cega o entendimento, e corrompe a vontade.

31. Taes somos e fomos sempre os homens, que só nos lembra quem nos faz bem, emquanto esperāmos, que nol'o torne a fazer.

32. Entre pressa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella.

33. Os passatempos hão de ser raros, e honestos e tão comedidos, que a temperada musica da honesta vida se não destempere (3).

§ XIX — Apophtegmas

1. Um philosopho, perguntando-lhe um rei, que cousa era homem? respondeu: E' escravo da morte, hospede do logar, caminhante que passa.

2. Perguntado Diogenes, que fructo recebêra da philosophia? respondeu: Que estar preparado para receber com ānimo constante e sem perturbação qualquer cousa, que lhe sobreviesse (4).

3. Perguntado Agesilão, rei dos Lacedemonios, com que um homem poderia alcançar n'ésta vida glória perpétua? respondeu: Se desprezar a morte.

4. Vendo Alexandre a prompta vontade, com que um philosopho recebia a morte, disse: Este venceu mais fortes inimigos, que eu: eu venci muita gente mortal; êste a mesma morte.

(3) Heitor Pinto. — Almeida Garret. — Osorio — Fr. Jacintho de Deus. — Francisco Manuel do Nascimento. — Fr. Caetano Brandão. — Fr. Luiz de Souza. — João de Lucena.

(4) Totam quia vitam miscet dolor et gaudium. — Phæd. Fab.

5. Não padeces cousa dura, disse Menandro; se não finges, que o é.

6. Tres cousas, dizia Socrates, que queria seus discipulos tivessem: prudencia no ānimo, vergonha no rosto, silencio na lingua.

7. Perguntado Xenocrates, por que causa se fazia mudo? respondeu: Porque muitas vezes me pezou de haver fallado, e nunca de me ter calado.

8. Disse Seneca: Muito aproveita á quiétação fallar pouco com os outros, e muito comsigo.

9. Pittaco de Mitylene disse: Do prudente é prover, que não lhe venham injúrias, e do esforçado soffrel-as, se vierem.

10. Dando o imperador Segismundo uma bofetada n'um lisongeiro, que o louvava sobejamente, e dizendo êste: Imperador, porque me feres? respondeu aquelle: Lisongeiro, porque me mordes?

11. Perguntado Solon, qual era o excellente reino? Aquelle, onde os bons são animados com prēmio, e os máos abatidos com pena (5).

§ XX — Synonymos

1 — *Familiar — Vulgar*

Convēm muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua d'o que só é *vulgar:* aquelle é quasi sempre figurado e sublime, êste rasteiro e muitas vezes vicioso.

As figuras da dicção tocam mūi de perto com os defei-

(5) Heitor Pinto.

tos; e é mister bom criterio e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e extremar os tropos dos solecismos.

2 — *Bofé e Afé*

São interjeições portuguezissimas ambas, que valem: *por certo, por vida minha*, e são abreviatura de *áfé de quem sou*. *Bofé* póde acaso ser taxado de antiquado, mas *áfé*, não.

3 — *Philantropia — Caridade*

A *philantropia*, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoismo, senão nos effeitos, no principio ao menos; deriva da regra social «Faze aos outros o que queres, que te façam». Espera retribuição, nasce do desejo e da precisão d'ella. A *caridade* nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Elle e para Elle obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas acções.

A *caridade* pois não é o mesmo que a philantropia: ou mais exactamente, a caridade é uma philantropia mais pura. Aquella é virtude de homens, ésta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesu-Christo: «Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos, que ameis os proprios inimigos».

4 — *Cru e Cruel*

Uma das mais delicadas gradações ou matizes synonimicos da bella lingua portugueza é a distincção entre *cru* e

cruel. A *crueza* é um excesso vicioso de severidade, a qual involve justiça, mas a *crueldade* é essencialmente injusta. Aquella é a demasia de uma virtude, que já o não é; ésta é um requinte de maldade, que sempre o foi.

5 — *Formosura — Fórma*

Formosura, que é palavra só portugueza (e castelhana com differente figurativa), unica e privativamente designa belleza de fórmas, belleza physica, tangivel, material. Os Latinos diziam *forma* por anthonomasia para dizer fórma bella; diziam *formosus* tambem das fórmas do corpo: nós, que d'ahi trouxemos formosura, não lhe devemos dar outro sentido.

6 — *Gentil — Gentileza*

A palavra *gentil* nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os Inglezes ainda hoje a usam para expressar attributos moraes; e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil-homem não quer dizer homem bello; gentileza de uma acção, gentileza de proceder, claro não são expressões, que tenham nada com o corpo ou suas perfeições.

7 — *Modestia — Pudor*

Em rigor *modestia* é virtude commum aos dous sexos, e *pudor* uma especie mais delicada, que é privativa da mulher.

8 — *Fortuna — Felicidade*

A fortuna não depende de nós, a felicidade sim. — Dom Manuel, ajudou-o muito a fortuna; mas sua felicidade não a deve ao acaso, sim á madureza de seus conselhos, á constancia e firmeza de sua resolução, etc.

9 — *Viageiro ou Viajor, Viajante, Viandante*

Viajor, que é abonado por Arraes, tamsómente se póde dizer da pessôa d'o que viaja; pois é da indole da nossa lingua, que os substantivos e adjectivos em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos: d'ésta sorte *amador* só se póde dizer da pessôa, que ama; quando *amante* não é tão restricto. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, idéa amante, nunca dizemos coração amador, idéa amadora, etc. Assim *viajor* é estricta e unicamente a pessôa, que viaja; *viajante* não só a pessôa, mas tambem qualidades, circumstancias d'o que viaja. Mas *viageiro*, pelo contrário, é impessoal, e só se refere a cousas, attributos. Trabalhos, incommodos viageiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que á-letra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue-se de todos aquelles, em que sómente se póde dizer d'o que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes*, mas nunca viandantes. O viajante corre terras e mares, o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas.

10 — *Affrontamento — Trabalho — Affronta*

O *affrontamento* é o effeito do nimio trabalho, e o trabalho a causa do affrontamento ou cansaço. N'isto se distinguem: advirta-se porêm, que o uso vulgar de affronta e derivados por *injúria*, insulto, ou pena e afflicção, que d'ellas resulta, é um sentido figurado e translato, que não o proprio da palavra. Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer aggravo. Mas affrontamento sempre se toma na accepção natural: affrontoso, ao contrário, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, deshonrador e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso disseram os nossos auctores.

11 — *Funeral — Entêrro — Sahimento — Enterramento*

São palavras synonimas, i. é. são termos, cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos, se aproxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha, que em sua raiz, derivação (e essencia para assim dizer), têem acaso o mesmo valor; mas que pelas regras do uso — distinguamos o uso classico do abuso de tarêlos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distinctas. *Sahimento* é a procissão, que conduz o cadaver (o que em francez se diz *convoi*); mas o restante ou antecedente da ceremonia funeral já se não póde chamar sahimento. *Entêrro* é mais lato, e comprehende, ainda álêm da procissão, as outras partes do funeral. *Enterramento* é a propria e privativa acção de dar á terra

o cadaver. *Funeral* é o termo generico, em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo ainda mais, porque *exequias*, por ex., são funeral tambem, e nada têem com o entêrro, sabimento, etc.

12 — *Vaso e Dó*

Que estofos estes fossem de vaso e dó ou lucto e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje ao certo. Conjecturo, que *vaso* seria porventura o que agora chamāmos fumo, raro e vasado tecido, emblema de tristeza e lucto, que se traz no chapéo e espada, e que tambem no chapéo antigamente se trazia, mas tão comprido e arrastado, que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos rêis etc. Não sei em que se possa fundar o auctor do Elucidario para dizer, que vaso era um capello (6).

XXI — Definições

1 — *Que é o homem?*

O homem é um sonho, que se desvanece: um phantasma, que desapparece; uma ave, que atravessa rapidamente os ares: uma náo que não deixa rasto algum; uma poeira, que o vento leva; um vapor, que se dissipa; um orvalho, que se evapora ao primeiro raio do sol.

(6) Garret. — Camões.

O homem foge como uma sombra, e não permanece nunca no mesmo estado (7).

2 — *Paixões*

As paixões são da natureza do homem, nem fôra possivel despil-o d'ellas sem lh'a alterar: mas assim como a ausencia de paixões alteraria a natureza do ente racional, tambem seu excesso e desvario a corrompe.

3 — *Fraqueza*

Quer dizer: desigualdade entre as necessidades e o desejo, que d'ellas nasce, e os meios de o satisfazer.

4 — *Lêr*

Lêr na lata accepção do termo é recitar orações e periodos, graduar as inflexões da voz, as pausas, entender emfim um discurso, um livro.

5 — *História*

A história moralmente considerada é uma collecção de observações e experiencias feitas pelo decurso de seculos sôbre a natureza do homem e o estado social, e das quaes por simples anályse se podem tirar as mais seguras regras da vida e os mais solidos preceitos de moral.

(7) Definição do homem quanto á substancia corporea.

6 — *Hespanhol*

Emquanto Castella esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos eramos por extranhos e domesticos commummente chamados *Hespanhóes*; assim como ainda hoje chamāmos Allemães indistinctamente ao Prussiano, Saxonio, Hanoveriano, Austriaco: assim como o Napolitano e o Milanez, o Venesiano e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de Italianos.

A fatal perda da nossa independencia política, depois da batalha de Alcacerquivir, deu o titulo de rèis das Hespahas aos de Castella e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640.

Mas Hespanhóes somos, de Hespanhóes nos devemos prezar.

7 — *Trovador*

O nome *trovador* não foi privativo dos Provençaes, como alguem cuida, porque portuguezes e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavalleiro andante; e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós trovista.

8 — *Pardau*

Moeda da India, que o commércio e conquista fez corrente em Portugal, e que de companhia com outros mimos indianos,

Vieram fazer-lhe os damnos,
Que Capua fez a Annibal.

9 — *Saudade*

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo de nossa lingua. A idéa, ou sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem, mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas boccas dos Sycambros.

O que particularmente se deve entender dos Francezes tão presumidos de sua lingua tão apoucada. Que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau, que, em um de seus opusculos latinos, de si proprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural d'ésta falsa idéa dos Francezes a-respeito de seu idioma, é a universalidade, que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco ou quasi nenhum estudo, que elles dos alheios fazem. Mas inexplicavel é, em verdade, o tom magistral e *tranchant*, com que dos auctores e litteraturas extrangeiras ajuizam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes.

Deixando outros de menor monta e nota, *Voltaire*, que

todavia sabîa o seu pouco de inglez, e em Inglaterra havia demorado, diz blasphemias quasi incriveis, quando se mette a traduzir as sublimidades de *Milton* ou as originaes e energicas altivezas de *Shakespeare*. Iguaes barbaridades commetteu, pretendendo revelar os mysterios de Dante. E que injustiça não fez elle ao nosso Camões, de cujo poêma tanto disse, sem de portuguez saber nem uma letra, e conhecendo sómente dos Lusiadas o poucachino, que era possivel vêr pelo infiel e baço reflexo da pessima traducção *Fanshaw*, em inglez: lingua, que elle Voltaire pouco mais sabîa.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a fallar da vaidosa injustiça de Mr. de Voltaire. De saudade quizera eu ainda dizer alguma cousa. — Saudade, palavra, cuido que vem por derivação obliqua do latino *solitudo*. Obliqua digo, porque direitamente derivaram os nossos de *solitudo*. solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que por ésta synthese (ou pela anályse, que é óbvia) se vem a entender claramente, que o verdadeiro sentido de saudade é: — os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancholico d'o que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos, por que suspira, amigos, amante, pais, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve entender êste desejo do ausente e solitario, que os Latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium*:

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam chari capitis? —

Já d'aqui mesmo se vê a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pinctar a idéa do poéta; mas para

melhor se vêr a falta absoluta, que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões, que d'ésta sublime ode de Horacio fizeram os diversos traductores.

Nenhum livro aqui tenho de meu, nem onde refrescar memorias d'o que li, nem para adquiril-as d'o que não sei: porisso, e porque não tenho a feliz reminiscencia de Manuel Maria nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallelos de Francis e Daru, os dous mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra, se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poétas conhecidos melhor entendeu e profundou Horacio, como aquelleque melhor o imitou — verteu ésta ode, e como a verteu. Parece-me, que A. R. dos Sanctos usou do termo saudadade na sua — (fôrça é dizel-o) insipida versão. Mas o certo é, que das linguas que sei, em nenhuma conheço palavra, com que se a idéa e expressão (embora insufficiente á idéa) de Horacio possa trasladar, se não for a saudade portugueza, que lhe é superior. O *regret* dos Francezes, alêm de differente cousa, mais para a angústia do remorso ou pezadume da amargura, que para a suavissima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E aindaque, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distincção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Synonymos de Girard se verá, quanto acérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem vêr como se ha de traduzir, a não ser em portuguez, aquelle tão bello e delicadissimamente voluptuoso pensamento de Catullo ao pardalzinho da sua Lesbia:

Quum desiderio meo nitenti
Carum nescio quid lubet jocari ;
Ut solatiolum sui doloris.

Quando *saudades* minhas a angustiam.
E acha não sei que gôzo no folguedo.
Pequeno allívio para a dor que a punge.

Amador Arraes traduzindo a bella e melancholica poesia do psalmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine: Verteu assim: « Alonguei-me fugindo e morei na *soedade*. » No que fez ainda outra variante de orthographia e pronúncia ; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só n'ésta traducção, mas no uso amiudado, que da palavra faz em outros muitos logares ; como : — « Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus ; » — e n'outra parte: — « Bom foi a Lot fugir para a *soedade*. E' fôro da lingua portugueza conservar todas variedades de escriptura e de sentido. Em prosa porêm, eu diria sempre, n'estes casos, *soledade* e não *saudade*, *soidade* ou *soedade*, para designar a situação d'o que está só ; assim como direi solidão em prosa, e solidão ou soidão em verso, para designar o sítio solitario, em que esse está. Salvas todavia as liberdades poeticas: as quaes liberdades não são, inda assim, a anarchia das doudices romanticas exageradas.

10 — *Gasalho.*

Gasalho, e seus derivados, parece-me significar um am-

paro amigo, intimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar*; é o latino *fovere*. — A quem só é hospedado, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede agasalhado levam-n'o para o melhor e mais interior d'ella, como o filho querido e bem-vindo.

11 — *Luz de mortos*

Dizemos de uma luz baça e que tristemente aclara, como a tocha funebre á roda da eça ou na procissão do enterramento.

12 — *Façanha*

Duarte Nunes do Lião define façanha acção notavel em cavallaria, que se póde citar como aresto e caso-julgado, do qual se argumenta para outro parecido.

13 — *Amaneirado*

Diz-se *pinctor amaneirado* o que sempre faz certas cousas do mesmo modo e como logar commum. — « Por êste methodo nunca sahirão senão tristes copistas e *amaneirados* imitadores. »

14 — *Mal* (adverbio)

O adverbio *mal*, quando anteposto a *ferido*, em legitimo portuguez augmenta, que não diminue a fôrça do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural, amiude se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons es-

criptores: batalha mal-ferida por batalha mũi travada e renhida, etc. (8).

15 — *Liberalidade*

A palavra *liberal*, entre os Latinos, não só quer dizer homem amigo de dar, senão homem livre e ingenuo, em contraposição dos escravos e libertinos. D'aqui vem, que chamavam *juizo liberal* á causa, que corria entre pessôas ingenuas; *resposta liberal* á que era digna de semelhantes pessôas; e *formosura liberal* á que se costuma achar em pessôa bem creada.

Logo, quanto o principe tem mais de livre e ingenuo, deve ter mais de liberal; e não o sendo, parecerá escravo da sua mesma avareza.

Principe e escaço tem a mesma incoherencia ou enormidade, que tem velho e imprudente; pobre e soberbo; soldado e covarde. Deus concedeu muito aos rêis, não para terem mais, senão para darem mais.

Isto symboliza aquella empreza de Saavedra: as nuvens chovendo sôbre um monte, o qual reparte logo pelos inferiores campos as aguas, que recebeu do céo, como diz a letra.

Xenophonte diz, que aos rêis de Lacedemonia era estylo pôr na mêsa pratos dobrados, não para comerem de ambos, mas paraque podessem honrar com o outro a quem quizessem.

O sabio Simónides aconselhava assim a Hierão, rei dos Syracusanos: Não duvides enriquecer os teus, porque d'êste

(8) Garret.

modo a ti mesmo te enriqueces, sendo as tuas riquezas os teus thesouros. Faze conta, que o teu reino é a tua casa, e que os teus vassallos são os teus amigos, filhos e creados: o que a estes dás, favores e honras, em tua casa fica; d'êste modo conseguirás uma cousa mũi rara e importante: que é ser feliz, sem ser odioso ou invejado.

Com êste mesmo dictame vai o famoso Lipsio dizendo aos principes: Que Deus e os homens pozeram no seu regaço a república, mas para a fomentarem de modo, que venham a duvidar os subditos, se saudam a seu senhor, se a seu pai, pelo equilibrio, em que n'elles se acham a reverencia e constancia (9).

16 — *Bens transitorios*

O que mais pesa e o que mais luz no mundo são as riquezas. E que cousa são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo, e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado, e perdem-se com dôr. Que cousa é o ouro e a prata, senão uma terra de melhor côr? E que são as perolas e os diamantes, senão uns vidros mais duros? Que cousa são as galas, senão um engano de muitas côres? cabellos de Absalão, que pareciam madeixas e eram laços. Que cousa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? tirou a morte aquelle véo, e fugis hoje d'o que hontem adoraveis. Que cousa são os gostos, senão as vesperas dos pezares? quem mais as canta,

(9). P. Manuel Bernardes.

esse as vem a chorar mais. Que cousa são as delicias, senão o mel da lança de Jonathas? juntamente vai á bocca o favo e o ferro. Que cousa são todos os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? e o melhor bem, que podem ter, é chegarem a ser arrependimentos. Que cousa são as honras e as dignidades, senão fumo? fumo, que sempre cega, e muitas vezes faz chorar. Que cousa é a privança, senão um vapor de pouca dura? um raio de sol o levanta e outro o desfaz. Que cousa são as provisões e os despachos grandes, senão umas cartas de Urias? todas parecem carta de favor, e quantas foram sentenças de morte! Que cousa é a fama, senão uma inveja comprada? uma funda de David, que derruba o gigante com a pedra e ao mesmo David com o estalo. Que cousa é a prosperidade humana, senão um vento, que corre todos os rumos? se diminue, não é bonança; se cresce, é tempestade. Finalmente, que cousa é a mesma vida, senão uma alampada accesa, vidro e fogo? Vidro, que com um assôpro se faz, fogo, que com um assôpro se apaga (10).

(10) A. Vieira.

DIALOGOS

I

§ XXII — Quaes são os verdadeiros bens e quaes os falsos; e que cousa é virtude

Muito folgarei (disse o discipulo) de ouvir ésta divisão dos bens, e folgaria de saber, quaes são os verdadeiros para os seguir, e quaes os falsos para os deixar.

Os verdadeiros bens são fé, esperança e caridade, e a divina graça, prudencia, justiça e temperança, fortaleza, humildade, mansidão, castidade, esmola, paciencia, abstinencia, e todas as mais virtudes e dons do Espirito-Sancto, e bemaventuranças evangelicas. Estes são os bens, que nos fazem bons, e de que os inimigos nos não podem despojar, se nós não quizermos. Estas são as verdadeiras riquezas, e não as terrenas, que são muitas vezes possuidas dos máos, e occasião de males; as quaes se podem perder, e nos podem perder. E porisso não são ellas bens verdadeiros, mas falsos; e mais, pois enganam seus possuidores,

e os deixam (como dizem) no melhor, e quando muito chegam com elles até á morte, mas assim os desamparam. No fio dos falsos bens andam de parçaria enfiados com riquezas os favores e privanças dos principes e honras do mundo, e as outras cousas, a que o vulgo chama bens da fortuna. E n'ésta lista entram os bens, que chamam da natureza, como são formosura da carne, fôrça, ligeireza, e outros d'ésta qualidade. Estes são os bens, que nos não fazem bons, antes são muitas vezes possuidos dos máos, e instrumentos dos seus males. E n'elles não deve ninguem confiar, como em cousa segura, porque não são fixos nem permanentes, mas inconstantes e transitorios, e podem-nol-os tirar, aindaque nós não queiramos. Qualquer tribulação os desbarata, qualquer vento os arranca. O mundo é como uma farça, aonde entram diversas figuras, umas de principes e nobres, outras de mecanicos e lavradores, e acerta-se que os mecanicos entram por figuras de nobres, e os nobres por figuras de mecanicos. Dura isto, emquanto dura o acto; elle acabado, cada um fica n'o que era. O que representava a figura de principe ia com vestidos alheios; um lhe emprestava o saio, outro a capa, outro a gorra: acabada a festa, cada um levou o seu, e elle ficou sem nada, e donde entrára por principe, fica alfaiate como d'antes era: assim o mundo transtorna as cousas, a uns derriba, a outros levanta. A'os que de baixa sorte vem a sublimar, um dia lhe tira a honra, outro os officios, outro a fazenda, até os deixar na cepa, que d'antes eram. São mudanças do mundo, é roda que anda ás voltas, são ondas, a que não é concedida nenhuma firmeza. Nas partilhas d'ésta vida os justos ficam com as virtudes, que são bens de raiz, que duram,

e os depravados não querem senão riquezas e deleitações, que são moveis, que se çafam e acabam e gastam com o tempo: assim como o raio de fogo, segundo conta Plinio no segundo tomo da Historia Natural, fere quanto acha na terra, senão o loureiro.

Eu (disse o discipulo) antes queria ter virtudes, que saber-lhe a definição; porque Aristoteles diz nas Ethicas, que não basta saber da virtude, mas que é necessario trabalhar de a ter. Bom é practicar d'ella, mas melhor possuil-a: as palavras passam, e as obras ficam. Mas nem porisso deixo de desejar saber a definição á virtude.

N'isso (diz o mestre) tendes vós muita razão, porque S. Paulo diz na Primeira aos Corinthios, que o reino de Deus não está em palavras, mas em virtudes. E assim os que ensinam, mais movem com o que fazem, que com o que dizem. Assim como primeiro ouvimos ferir o páo, e depois ouvimos o tom, assim primeiro nos move o que vemos obrar, que o que ouvimos dizer. Mais efficacia para persuadir têem as obras, que as palavras. Mas pois quereis saber a definição da virtude, eu vol-a direi.— A virtude é uma qualidade bôa d'alma, com a qual se vive rectamente, da qual ninguem usa mal, a qual Deus obra em nós. Assim a define S. Augustinho no livro do *Livre Arbitrio*. E no livro da *Quantidade da Alma* diz, que é uma igualdade de vida, que de todas as partes quadra com a razão. E no livro decimo-quinto da *Cidade de Deus* diz, que é uma ordem de amor. E porisso diz a Esposa nos Cantares: Ordenou em mim a caridade. S. Bernardo no tractado *ad Fratres de Monte Dei* diz, que a virtude é uso da livre vontade ao juizo da razão. Aristoteles, fallando, no Segundo

das Ethicas, das virtudes moraes, diz, que a virtude é um habito electivo, que consiste no meio em respeito de nós, definido e determinado pela razão do prudente. E nas Politicas diz, que a propriedade da virtude é fazer virtuoso. E por virtuoso não entende um homem tão justo, que não caia em alguma culpa; porque, como diz Eliano no livro da Varia Historia, assim como não ha peito sem espinha, assim não ha homem sem culpa. Quem é aquelle, fallando pela via ordinaria, que pelo decurso da sua vida não caia em alguma venalidade? Mas por virtuoso entende-o que está habituado em bem obrar moralmente e com concêrto, ainda que alguma vez tenha algum acto desconcertado, porque nas virtudes adquiridas o acto não é contrário ao hábito, e póde um homem de temperado hábito fazer um acto de destemperança; e fazer um acto de destemperança sem perder o hábito de temperança; porque a virtude é habito, e não qualquer, mas habito excellente. Ella muda a alfandega de máos pensamentos em riquissima camara de sanctas meditações, e a terra converte-a em céo; quero dizer, que pelas virtudes os que antes eram terrenos, se tornam espirituaes, porque tem a Sagrada Escriptura por costume aos justos chamar céo e aos impios terra. Assim como o sol, que passa pela vidraça, toma a côr da cousa em que fere, assim o homem toma a figura da cousa, a que se applica. Se se applica ás cousas celestes, toma a figura do céo, se ás cousas terrenas, da terra; e assim como o vicio converte o céo em terra, assim a virtude a terra em céo. Com ella se esmalta a natureza, e se purifica a nobreza do sangue, e se lava a nódoa da baixa geração, e se alimpa e orna a consciencia; e finalmente é um verdadeiro bem, que nos

faz bons; o que não convêm aos bens da natureza, nem a'os que commummente chamam da fortuna (11).

II (12)

§ XXIII — Sôbre o desprêzo das riquezas e inconstancia das prosperidades

Grande foi (disse o prior) o desprêzo, que muitos dos gentios mostraram das riquezas. Grande, disse o Portuguez.—

Paulo Emilio, Romano, depoisque venceu Perso, rei dos Macedonios, todos os despojos, que foram infinitos, repartiu pelos soldados, sem querer para si ouro, nem prata, nem outra cousa alguma. Quiz mais trazer para sua casa honra, que dinheiro, tendo por melhor vir mais cheio de glória, que de riqueza. Destruida e saqueada a cidade de Megara, e perguntando o philosopho Stilpão, que n'ella vivia, que perdêra? respondeu, que nada; porque todas suas cousas tinha comsigo, porque a guerra não levava despojos da virtude. Assim o conta Plutarcho no livro da criação dos filhos. O que tambem disse Bias na destruição da sua cidade Priene, como o conta Laercio na sua vida, e Cicero nos Paradoxos. Os seus patrimonios foram roubados, e as suas fazendas postas a sacco, e as suas casas entregues ao fogo: e sendo tudo isto perdido, diziam, que não perderam nada; porque

11) Heitor Pinto — Imag. da Vid. Christ.

(12) Interlocutores: — um Portuguez, e o Prior de um mosteiro.

não perderam a sciencia, nem a virtude, nem a constancia: finalmente não perderam cousa, que perdida, ficassem perdidos, pois lhe ficava a philosophia, com que se tinham por ganhados. O mundo não póde tirar a ninguem, senão o que lhe deu: e como elle a ninguem deu a virtude, nem sabedoria, nem firmeza, está claro, que lhe não póde tirar nenhuma d'éstas cousas. Na destruição d'aquellas duas cidades, os ricos avarentos perderam suas riquezas, os deliciosos suas delicias, os ambiciosos suas honras: ultimamente os que tractavam em malicia, e n'ella mettiam seu cabedal, perderam o que elles tinham por seu bem; mas os philosophos disseram, que nada perderam. As cidades podem-se tomar e destruir, mas a virtude é inexpugnavel. Os altos muros de Babylonia, edificados por Semiramis, como conta Strabo, e Solino, e Diodoro Siculo, e Amiano Marcellino, e Paulo Orosio: os quaes muros, como diz Plinio, tinham em circuito sessenta mil passos, e de altura duzentos pés, e cincoenta de largura, com o qual concorda Julio Solino: pela qual causa foram contados entre as septe maravilhas do mundo: foram derribados, e a cidade tomada por Cyro, como o conta Xenophonte, Herodoto, e Justino. A famosa Carthago, nobre por edificios, rica por commercios e despojos, e grande dominio, espantosa por fôrça d'armas, émula de Roma, inexpugnavel por bravos e animosos capitães, foi assolada e posta por terra por Scipião, como o conta Tito Livio e Eutropio. A invencivel Roma, cabeça do mundo, tida por um só temor e espanto do universo, foi vencida dos Godos, e seu alto Capitolio derribado, e grande parte de sumptuosos edificios queimados, como conta Paulo Diacono, e Pomponio Léto. E assim o foi a grande Troya

na menor Asia, de que está cheio Homero e outros poctas, e infinidades de livros: e a espantosa Numancia em Hespanha, cuja destruição conta Floro, e Eutropio, e em nossos tempos Floriano do Campo. E o mesmo fim houveram muitas outras cidades, ao parecer dos homens, inexpugnaveis; porque em-fim, quanto n'ésta vida é subjeito a corrupção, tudo acaba, tudo se consome (13).

III (14)

§ XXIV — Hospital das Letras

Auctor. Onde fôrça ha, direito se perde!

Bocalino. E ás-vezes onde não ha fôrça; porque isto de quebrantar a razão é uma das cousas, que se faz tão bem por manha, como por fôrça.

Auctor. Sahiu hoje por acórdão da Relação de Apollo, que vós, Sr. Trajano Bocalino, o Sr. Justo Lipsio, o Sr. D. Francisco de Quevedo, e eu, dessemos uma vista a êste hospital, onde tambem jazêmos como os mais peccadores; vissemos, ouvissemos, e remediassemos seus enfermos. Já não ha para quem appellar, senão fazel-o.

Lipsio. Uma vez escrevi a minha *Critica*, emendando e melhorando (mais que accusando) aos auctores; e por uma vez que fiz tal livro, cento me arrependi: oxalá o não ti-

(13) Heitor Pinto: — Dial. da tranquillidade da vida, cap. 13.

(14) Interlocutores: — Justo Lipsio, Trajano Bocalino, D. Francisco de Quevedo, e o auctor da obra.

vera feito, porque não ha cousa mais sem proposito, que curar de proposito a quem não quer saude!

Quevedo. Não direi eu outro tanto pelos meus *Sonhos*, dos quaes estou tão satisfeito, que, pois toda a vida é sonho, me peza agora muito de não haver sonhado toda a minha vida.

Auctor. Ainda não posso prezar-me, nem entristecer-me de haver escripto os meus *Dialogos* ou Apologos; porque todavia ignoro a fortuna, que os espera.

Lipsio. Finalmente, Senhor, nos quereis dizer, que, por sermos os presentes, todos quatro, escriptores de reprehensões e emendas de vicios e costumes da republica, eu com a minha *Critica*, Bocalino com os seus *Regaglios*, Quevedo com os seus *Sonhos*, e vós com os *Dialogos*, nos manda a Relação de Apollo, como rei da sabedoria, visitemos ésta bibliotheca convertida em hospital, ouçamos os doentes, nos informemos dos males, e lhes consultemos o remedio? Difficil commissão nos é dada!

Auctor. Sim, Sr. Justo Lipsio, mesmissimamente é o que dizeis.

Bocalino. Pois não fôra bom ajunctar todos, ou pelo menos os mais dos philosophos gregos e latinos, e admittir os medicos, quer fossem mouros, quer pagãos, e com ésta juncta dar cura e mésinha a tantos languentos, como ouço gemer por essas estantes?

Quevedo. Medicos e Quevedo não se podem ajunctar em um proprio caso, e menos em uma casa propria: ou eu, ou elles havemos de assistir n'èste congresso.

Lipsio. Aos principes toca a consideração e medida das pessôas, que elege, e aos eleitos só servir e obedecer; fa-

çamos como bons servos e pios. O hospital é do districto d'èste reino; seja o nosso auctor quem nos inculque e nos informe ácêrca d'os que devem ser curados, e d'os que não têem cura.

Bocalino. Se nós houvessemos de observar aquella sentença do rei egypcio, ou as regras da prudente caridade, por nós mesmos havia de começar a barrella. Porêm, já-que o Sr. Lipsio, sendo nosso mestre, assim o ordena, sua palavra vá adiante.

Auctor. Perigoso ofício me dais, porêm, a trôco de ser mais depressa advertido de minhas faltas, mostrarei as alhêas.

Bocalino. Assim dizia um galante bastardo: Nunca sei quem foi minha mãe, senão quando el-rei me faz alguma mercê.

Quevedo. Por essa conta o auctor e nós todos, se não sahîmos honrados da festa, sahiremos pelo menos advertidos.

Lipsio. Com elegancia política, disse o phenix de Africa, S. Augustinho, que mais damno recebêra Roma da victória, que alcançou de Cathargo, que de toda a guerra, que lhe havia feito; porque, tirando-a Roma de defronte dos olhos, vivendo sem inimigos, vivêra sem concêrto; d'onde não só procederam os descuidos, mas os vicios do imperio. Tão saudavel cousa é a reprehensão e emenda, ministrada, como e quando convêm!

Quevedo. Mas quem acertará com o tempo e com o modo, se são ponctos indivisiveis!

Bocalino. Senhores, paraque é agora deter n'essas pouquidades? Em tendo edade, logo é tempo de enfrear o potro;

que se for por sua vontade, jámais haverá animal, que seja doméstico.

Auctor. Excusai a disputa; porque as lástimas e queixas, que alli está dando um doente, accusam já vossa ponderação por impiedosa: oh coitado! como se mostra dolorido!

Quevedo. Vozes sòam de grande afflicção; mas se me não engana o echo, portuguezas parecem.

Bocalino. Pelo menos não são italianas, nem francezas.

Lipsio. Nem flamengas, nem latinas: e de caminho vos descubro êste segredo, como versado n'elle; sabei, que todos os idiomas do mundo têem seu tom particular, sôbre que armam sua linguagem, como Latinos, Hespanhóes e Inglezes fazem sòbre as letras O N; Francezes sóbre E A, como já foram os Gregos; e são mais frequentes, que todos, os Ethiopes na letra E: os barbaros das Indias occidentaes se affeiçoaram tanto á letra U, que em quasi todas as dicções n'ella acabam suas clausulas. D'onde, se notardes, procedem dous galantes secretos: o primeiro, que, sem comprehensão de palavras, se póde averiguar, qual seja a lingua, em que se proferem; o segundo, que pela frequencia das letras se decifra qualquer segredo escripto n'ellas.

Bocalino. Não lhe faltava mais agora a êste Flamengo presumido, senão ensinar-nos o A B C.

Auctor. A menos custa de prosa eu sei já, Senhores, quem é o doente.

Lipsio. Quem?

Auctor. E' o pobre Luiz de Camões, que está alli lançado a um canto, sem que todos os seus *cantos* tão nobremente cantados lhe negociassem melhor jazigo?

Bocalino. De que se queixa o famoso poeta portuguez?

Quevedo. De nós todos se poderá queixar, porque, sendo honra e glória de Hespanha, tão mal tornāmos por elle, que, se são poucos os que o lêem são menos os que o entendem.

Bocalino. Cuidei, que se queixava de quatro traducções e dous commentadores, que o têem posto na espinha.

Lipsio. Quaes são?

Auctor. O primeiro é o bispo Fr. Thomé de Faria, que o traduziu em latim, vindo de Targa, seu bispado; porque pela fórma da traducção mais parece romance punico, que romano: mas se um Faria o não levantou como devia, outro veiu, que sôbre-modo o engrandeceu, como foi Manuel Severim de Faria, na vida, que escreveu d'êste poeta.

Lipsio. Quem foi o segundo?

Auctor. O segundo foi Macedo, que, a verso por verso, o quiz trocar em miudos, e no fim o deixou trocado, mas não traduzido. Os mais; é um Castelhão e um Franchinote, que, pois lhe fizeram perder o nome, que tal poeta merece, não é razão, que os seus sejam sabidos (15).

(15) D. Francisco Manuel de Mello. — *Hospital das Letras.*

EXEMPLOS

I

§ XXV — Exemplo de Caridade

Fôra um domingo prégar (o arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres), como costumava, a um logar do termo, e vinha-se recolhendo para o convento: encontrou pelo caminho muitos pobres, que o esperavam em paradas. Depois que despendeu o que trazia (que, quando tinha com què, sempre sahia provido para estes assaltos), não o largava uma pobre velha, amontoando lástimas, e dizendo, que tinha concertada para casar uma filha orfã, e que á mingua de uma pobre camazinha deixava de estar amparada: que por amor de Deus lhe desse ajuda para ella, e, se lh'a dava, fizesse conta que elle a casava. Pouco bastava para mover o arcebispo a semelhantes obras: mas tomava-o em tempo, que nem era senhor de dinheiro bastante para esmola crescida como ésta, nem o esperava tão cedo. Foi cuidando,

que poderia fazer para não perder o lanço de remediar a orfã, e consolar a mãe, que não cessava de o importunar e amesquinhar-se. Em-fim mandou-lhe, que á bocca da noite se achasse ao-pé da janella da sua cella, que alguma peça lhe buscaria para ajuda do enxoval; e informou-a bem do logar, a onde havia de ir, para se não errarem. Tanto-que foram dictas vesperas e completas, recolheu-se na cella a dar ordem ao cumprimento do concêrto. Fechou-se por dentro, dobrou a cama inteira, em que dormia, e, sem deixar peça de fóra, liou-a perfeitamente. Anoiteceu, poz-se em vigia esperando (digamol-o assim) pela sua Thysbe ou Hero, por cujos amores se apercebiam septenta annos, para dormir aquella noite sôbre uma táboa nua, e, para lograr tal mimo, andava n'aquelles furtos e cautelas. Não foi descuidada a bôa velha, que de longe, e muito antes da hora aprazada, estava com olhos de lince na janella; tanto-que reconheceu o arcebispo n'ella, e viu tempo acommodado para o negócio ter o segredo encommendado, chegou-se ao-pé da janella (que ainda então não era o convento cercado), e, feito signal, recebeu a trouxa, que o arcebispo lhe lançou. Levou a pobre mais do que esperava, deu o arcebispo tudo o que possuia: ella foi rica, elle ficou sem ter com que se cobrir (16).

(16) Sousa: — *Vida do Arcebispo, liv. 4. cap. 27.*

II

§ XXVI — Exemplos de amor da Patria

O consul Attilio Régulo, estando preso em Carthago, foi enviado a Roma pelos Carthaginezes, a persuadir ao senado, que entregasse os captivos, que lá tinham: o qual, chegado a Roma, aconselhou com instancia ao senado, que nem captivos entregasse, nem a paz se consentisse; para o que soube dar taes razões, que o senado, movido d'ellas, outorgou o parecer de Régulo, por o qual, tendo-se os Carthaginezes por escarnecidos, o mataram cruelmente.

Não menos o fez o infante sancto, D. Fernando, filho d'el-rei D. João I, que no cêrco de Tanger, por salvação dos seus, se deu em refens aos Mouros, os quaes vindo em concêrto com el-rei D. Duarte, seu irmão (que n'êste tempo reinava), que se entregasse Seuta pela liberdade do infante, elle infante jámais o consentiu, antes da mesma prisão e captiveiro escrevia a el-rei seu irmão, tal não fizesse, nem consentisse, e o desviou sempre com muita instancia de semelhante tracto, dizendo, que nunca Deus quizesse, que cidade, que tanto sangue de christãos tinha custado, e tanto importava ao bem da christandade, elle fosse sôlto por ella; e assim escolheu êste sancto infante viver antes em tão vil e baixo captiveiro, e morrer miseravelmente n'elle por salvação dos seus e de Hespanha, que dar-se Seuta aos Mouros, que el-rei D. João, seu pai comprára com sangue de tantos e tão bons cavalleiros e fidalgos portuguezes, que na empresa

se acharam; e por ella ser chave e segurança de Hespanha. Pelo que escarnecidos os Mouros de suãs pretenções, lhe apertaram a prisão, em que morreu, depois de ter espantado toda Mauritania com infinitos milagres, que em sua vida, e por morte, Deus obrou por seus merecimentos.

Semelhante tinha d'antes feito Nuno Gonçalves, capitão do Castello de Faria, em tempo das guerras d'el-rei D. Fernando de Portugal com el-rei D. Henrique de Castella, conde de Trastamara. O qual, sendo em um recontro pelos Castelhanos vencido e preso, foi por elles levado em ferros, e com homens de armas, ao-pé do muro do Castello de Faria, para persuadir ao filho, que o entregasse aos Castelhanos: elle todavia, vindo á falla com o filho, com ãnimo seguro e esforçado, cheio de lealdade e honrosa ousadia, estimando mais perder a vida, que ver menoscabada sua honra, e ser desleal a seu rei e patria, (qual Attilio Régulo) aconselhou e disse ao filho, que, sob pena de sua benção, elle não entregasse o castello senão a el-rei seu senhor, e o defendesse até morrer por elle: e dictas éstas últimas palavras, havendo-se os que o levavam, por zombados dos seus intentos, em presença do filho, o mataram alli fêa e indecentemente ás punhaladas (17).

(17) Francisco Soares Toscano: — Parallelos de principes e varões illustres, cap. 34.

III

§ XXVII — Exemplos de amor conjugal

O imperador Antonino Pio, primeiro do nome, amou sua mulher Faustina com tanta fé e lealdade os dias de sua vida, que, depois de sua morte não esquecido do antigo, a quiz honrar, fazendo-lhe muitas honras na sepultura, em que jazia: e para justificar seu verdadeiro amor, levantou-lhe estátuas e imagens de sua figura, em que despendeu grande somma de dinheiro.

Em mór gráo sublimou el-rei D. Pedro o Cru os quilates de amor, fé e lealdade, que teve a D. Ignez de Castro, morta cruelmente por el-rei D. Aphonso IV, por dizerem ser amiga do infante D. Pedro, o qual a amou com tanto extremo, que por nojo de sua crua morte cuidaram perdesse o siso. E lógo-que, por morte d'el-rei D. Aphonso seu pai, tomou conta do reino, procurou vingar (como vingou) sua morte n'os que n'ella eram culpados: e a formosa D. Ignez, quatro annos depois de reinar, confessou publicamente ser sua legítima mulher, e os filhos, que d'ella tinha, legítimos, e mandou que por taes fossem tidos e havidos, e ella venerada como rainha; cujos ossos fez trasladar do mosteiro de Sancta-Clara de Coimbra ao real de Alcobaça, com o maior apparato e pompa, que em semelhante caso se viu. Os quaes mandou levar por entre muitos mil homens, que em caminho de dezesepte leguas estavam com tochas e cirios accesos, de uma e de outra parte, nas mãos, e lhes fez muitas honras,

com que foi sepultada em um grande e sumptuosissimo monumento de alabastro, com o vulto e figura de D. Ignez de Castro, da mesma pedra artificiosamente lavrada, com sua corôa na cabeça como rainha, que elle mandou fazer (qual Antonino Pio), porque todos soubessem que ella o fôra: juncto da qual foi sepultado depois el-rei D. Pedro n'outro semelhante monumento, que alli mandou fazer (18).

IV

§ XXVIII — Exemplos de amor filial

O imperador Decio, pelo muito que amava ao principe Decio, seu filho, determinou coroal-o em sua vida, e largar-lhe o imperio: mas o principe com igual amor a'o do imperador, seu pai, e como principe avisado e de singular virtude, se excusou da dignidade imperial, por mais que n'ésta parte o pai com vivas razões lhe persuadia o contrário de seu grande e leal amor e obediencia: elle por outra com outras mais urgentes e pias, desviou ao imperador de sua pretensão, dizendo publicamente, que elle seu pai regesse o imperio; que, quanto a elle, o senhorio de que se mais contentava em sua vida, era obedecer-lhe. E assim obrigou ao pai ter a corôa e o regimento do imperio, com contentamento seu não menos, do que se já começára a imperar.

Semelhante (mas antes com mais vantagem) exemplo de amor e obediencia mostrou o principe D. João com el-rei

(18) Idem.

D. Aphonso V, seu pai. Do qual sendo êste principe persuadido, e quasi constrangido (quando veiu de França, e o principe o fôra receber a Oeiras, logar juncto a Lisbôa) tomasse a corôa e hereditario sceptro, e se chamasse e fosse rei de Portugal, elle o desviou de seu proposito: e como principe tão excellente, e filho obediente, como elle era, não só não condescendeu ao gôsto d'el-rei, seu pai, mas o o titulo de rei, que por seu mandado (estando elle em França com propositos de ir a Jerusalem) tinha cá tomado, lh'o renunciou nas mãos com desgôsto não pequeno d'el-rei, que por muitas vezes o quizera de todo obrigar, se o prudente principe com outras de igual honestidade aos merecimentos se não excusára; dizendo publicamente (como fez Decio), que o não obrigasse tomar a corôa real, nem seu titulo, emquanto sua alteza fosse vivo; porque em tal caso antes havia desobedecer-lhe, que consentir em seu desejo. E, porque o não poderam demover de sua honrada e louvada constancia, ficou el-rei D. Affonso com o plenario podêr e dignidade real, e D. João, seu filho, principe como d'antes, e em vida d'el-rei nunca accrescentou seu nome. O que de todos em geral foi muito louvado e engrandecido (19).

(19) O mesmo Toscano: — Cap. 42.

V

§ XXIX — Exemplos de amor fraternal

Augusto Cesar, captivando em guerra a Adiatorix, principe da Cappadocia, com mulher e dous filhos, os trouxe a Roma (como era costume dos vencedores) em seu glorioso triumpho, onde o mandou matar em companhia do filho mais velho. Querendo os algozes executar o mandado imperial, e não sabendo, qual dos dous filhos era o mais velho, em que se havia de empregar o rigor do cutello, cada qual, por salvar o irmão, dizia ser o mais velho, e o affirmava com tanto destemor, segurança e zêlo fraternal, que, indeterminados os executores da justiça, por-fim mataram ao menor, que se offerecêra em logar do mais velho, em cujo braço consistia melhor o remedio da princeza sua mãe, que com instancia o pedira, consentindo do mal o menos, em que morresse antes o filho mais pequeno, que o primogenito. O que considerando o imperador, estimou tanto o amor de irmãos tão estranhos, que ao que ficou vivo com a mãe, teve em bôa reputação e estima, louvando tão heroico feito. Em-fórma que se deixou matar um irmão por salvar o outro mais velho, satisfazendo com sua vida a paixão do imperador.

Não menos vaidade e amor mostraram Gaspar Ximenes, e Fernão Ximenes, irmãos, homens honrados, naturaes de Lisbôa, em o naufragio, que o anno de 1585 padeceu a náo Sanct'Iago (de que era capitão-mór Fernão de Men-

donça), a qual não fazendo-se em pedaços, entre as pessôas, que se salvaram no seu batel, foram estes dous irmãos: e, por ser muita a gente e o batel ir mũi pesado, houve pareceres, que se botassem alguns ao mar: E pondo-se em execução tão cruel obra, se consultou, que um dos irmãos fosse lançado ao mar: e, pegando os executores em Gaspar Ximenes, mais velho em edade, e de menor corpo que Fernão Ximenes, seu irmão, e mais delgado de carnes; Fernão Ximenes, vendo que não havia remedio senão ir um d'elles ao mar, com amor fraternal, com que o amava, se offereceu para tão miseravel transe, dizendo, que ficasse seu irmão, que era mais velho que elle, e pai de suas irmans, e que o lançassem a elle ao mar. O que dicto, o lançaram, ficando com tal ānimo, que, sendo o golfão de mar de mais de cento e vinte leguas da primeira terra, sem esperança de remedio humano, a poz tanto em Deus e na Virgem Nossa Senhora, que, em pago de tanta caridade, de que usára com seu irmão, ordenou as cousas de maneira, que, nadando por muito tempo, com incomportaveis trabalhos chegou ao mesmo batel, onde o recolheram compadecidos de sua miseria. O que se vê poucas vezes, dar um irmão a vida por outro com tanto ānimo, zêlo e vontade, como êste fez, semelhante ao filho mais moço do principe Adiatorix (20).

(20) Idem.

VI

§ XXX — Exemplo de gratidão

Um Italiano chamado Ursino, conta Ravisio Textor na Officina, que teve um criado tão agradecido aos beneficios, que tinha recebido d'elle, e ao amor, com que o tractava, que, vindo um dia uns soldados buscal-o a sua casa, onde elle estava, para o matarem, o criado se vestiu nos vestidos do senhor, e se lançou sôbre a sua cama, paraque cuidassem os inimigos, que era elle o Ursino, e o matassem a elle, e o senhor se salvasse, cuja vida elle mais estimava, que a sua. E assim foi, que a um mesmo tempo foram ambos, elle morto, e o senhor acolhido: porque, emquanto estiveram matando o criado, teve o senhor tempo para se pôr em salvo. E em memoria d'êste feito fez o Ursino uma estátua ao morto, com umas letras, que declaravam seu grande agradecimento e singular lealdade (14).

VII

§ XXXI — Exemplo de amizade

Estando o imperador Aureliano em Asia na guerra contra a rainha Zenobia, mandou, que ninguem entrasse de noite

(14) Heitor Pinto: — Dialogo da Verdadeira Amizade, cap. 10.

na sua tenda, sob pena de morte: mas, sem embargo d'isto, dizem que entrou n'ella um soldado grego, que logo foi preso da guarda; e, levado ante o imperador, disse que era dada uma sentença, que açoitassem ao outro dia uns seus amigos; que vinha pedir a sua magestade, que lhes perdoasse, aindaque bem sabia, que n'isso aventurava sua vida. O imperador, visto que o que pedia não era para si, mas para seus amigos, dos quaes tinha recebido bôas obras; e, entendendo que havia cousas, em que, por livrar de perigo a nossos amigos, era lícito pôrmo-nos em algum, perdoou ao soldado seu atrevimento (15).

VIII

§ XXXII — Exemplo de fidelidade

Damão e Pythias, discipulos que foram do grande Pythagoras, abalizaram-se tanto na amizade e lealdade, e agradecimento, que parecia falta de memoria não a fazer aqui d'elles. Viviam ambos em uma terra, paredes meias, mas amavam-se sem meio: as paredes lhes dividiam os corpos, mas o amor lhes ajunctava os corações. E aconteceu, que, tendo Dionysio, tyranno, preso um d'elles em Sicilia, o mandou matar: e elle, ouvindo a sentença de sua morte, pediu a el-rei com muita instancia, que o deixasse ir á sua terra, que era d'ahi muito longe; porque lhe importava muito ordenar certas cousas antes de seu falleci-

(15) O mesmo Heit. Pinto: — *Ibidem*.

mento; e que elle deixaria alli em refens um seu amigo, que se alli então achára, atéque elle tornasse; que elle promettia, que tornaria certo dia prefixo, e que, se não tornasse, matassem por elle o fiador. Isto concedido, ficou o fiador preso em refens d'o que se ia; aindaque não era necessario, porque não havia mais certos refens, que sua palavra e promessa: mas basta que elle se foi, e deixou em prendas seu amigo, que folgou de ficar alli por elle. Pelo livrar do perigo, ficou no maior do mundo, sem embargo que elle tinha para si por certissimo, que seu amigo tornaria, como promettêra. Quanto mais que, se não tornasse, não lhe pezaria muito d'isso, e tinha por cousa facil trocar a vida pela morte, por um bom amigo. E como se já fosse chegando a hora, que estava destinada para o matarem, e o amigo, que se fôra, não viesse, riam-se todos do fiador, tendo-o por temerario, e sobejamente agradecido aos beneficios, que dizia ter de seu amigo recebidos. Mas elle, que confiava na lealdade de seu amigo, ria-se de quem se ria d'elle: eis que n'isto chega o amigo, que era ido negociar, á mesma hora, a que promettêra vir. Deixando negociadas e postas em ordem suas cousas, partiu de sua terra a muita pressa, porque a palavra, que tinha dado, lh'a dava. De crer é, que lhe viessem algumas tentações e rebates de pensamentos, que não tornasse; mas elle estava mais firme e forte a todos os encontros, que as duras e altas rochas aos continuos golpes do mar. E com ésta constancia vinha receber a morte, e livrar a quem se a ella offerecêra por amor d'elle.... Espantado o tyranno da lealdade dos dous amigos, os livrou a ambos, e disse-lhes, que o tivessem

por amigo, que elle se mettia na confraria de tal amizade (16).

IX

§ XXXIII — Exemplo de valor

Passado algum espaço, lógoque o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumecão entrar quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrazado, seguindo-os de tropel o restante do campo; porêm acharam cinco valorosos soldados, que lhe fizeram rosto, sustentando largo espaço o pêso de tão nova batalha: verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porêm qualificada então na confissão dos proprios inimigos, e agora nas cans de tantos annos. Acudiu lógo áquella parte D. João Mascarenhas com quinze companheiros, e viu dous espectaculos, um, que merecia lástima, outro, espanto; e, soccorrendo aos cinco soldados, fizeram todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastaram a retardar a furia de um exercito já quasi victorioso: caso, que, referido só com a verdade nua, excede tudo o que escreveram ou fabularam os Gregos e Romanos.

Correu voz pela fortaleza, que os Turcos estavam já senhores do baluarte abrazado; com o que alguns soldados, que nas outras estáncias pelejavam, correram áquella parte, como de mór perigo: e quiçá que êste falso rumor salvasse

(16) O mesmo H. P. — *Ibid.*

a fortaleza, porque formaram um grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contam nossas histórias que commetteram o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acudiram a ministrar lanças, pelouros e panellas de polvora; e aquella valorosa Isabel Fernandes, com uma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo e com as palavras, dizendo em altas vozes: Pelejai por vosso Deus, pelejai por vosso rei, cavalleiros de Christo, porque elle está comvosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victória tão larga porta, determinaram êste dia concluir a emprêsa, incitados do general e da occasião, pelejando já como favorecidos: os que combatiam no baluarte, pela ambição de primeiros em facção tão illustre, se portavam com mais ardor, que os outros; e como eram Janizaros e Turcos, queriam só para si a glória d'êste dia. Rumecão mandou nas outras estâncias reforçar o assalto, para com a diversão, em podêr tão pequeno, facilitar a entrada.

Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos e descansados; os nossos, sôbre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acudiu o vigario João Coelho com um Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deus, cuja causa defendiam, era o auctor das victórias; com cuja vista alentados aquelles fiéis e fortes companheiros, parecia que obravam com fôrças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza ou sentimento; durando na batalha com o mesmo ardor e espirito, com que a começaram.

Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos, mortal-

mente abrazados, por umas mesmas feridas vertiam sangue proprio e alheio; e, como um exercito inteiro carregava sôbre tão poucos defensores, chegaram os nossos soldados a receber muitas lançadas em uma só ferida.

Parecerá exaggeração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obraram n'êste dia, o Oriente os diga: eu cuido, que da illustre Diu lhes será cada pedra um epitaphio mudo. Porêm dos cinco cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes foram Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Corrêa, Mestre João Cirurgião de nome. Com a peleja se acabou o dia; mandou Rumecão tocar a recolher, depois de haver perdido n'êste assalto septecentos soldados, e sem conta os feridos, de que morreram muitos, mal assistidos na cura, porque pela multidão cançavam os mestres, e faltavam os remedios. Dos cinco cavalleiros, que defenderam o baluarte, morreu só Mestre João, despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retiraram, como pessôa tão importante pela arte, pelo valor não menos. Isabel Madeira, sua mulher, acudiu a atar-lhe as feridas mortaes; e, depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrymas e grande sentimento, acudiu ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor estranho ou raras vezes visto, ainda no varão mais constante.

Lógoque se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavam nas ruinas do baluarte, sendo levados de um sepulcro a outro. Foram enterrados juntos, pela estreiteza do logar e do tempo; faltando

funebres honras e piedosas lagrymas a tão honradas cinzas: porêm dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles que em urnas de alabastro deixaram de uma vida sem nome ociosa memoria. A D. Fernando de Castro depositaram em separado entêrro, por se o governador seu pai quizesse trasladar-lhe os ossos a logar differente: lavrar-lhe-hia tumulo mais soberbo, porêm não mais illustre. Depoisque o capitão-mór cubriu aos companheiros de piedosa terra, acudiu a reparar o estrago, que deixára o assalto nas paredes; a que ajudaram as mulheres, companheiras do trabalho e perigo, sem reservar tempo e logar para a dor e lagrymas dos filhos e maridos, que viram espirar com seus olhos, e ellas-mesmas haviam sepultado, encobrindo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue e do incendio, chamou o capitão-mór a conselho os poucos companheiros, que sôbreviveram ao estrago, representando-lhes o miseravel estado, em que se achavam: a maior parte dos defensores mortos; os que ficavam, enfermos e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento; as munições gastadas; a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do hinverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante e soccorrido por horas, com a noticia de todas éstas faltas: o que considerado, pedia a todos, que, não se lembrando das vidas, o aconselhassem como melhor poderiam salvar a honra de seu rei e as suas; que entendessem, que estavam como espectaculo do mundo, e tinham sôbre si os olhos do Oriente todo, expostos a merecer a maior fama ou a maior infamia; que, se não podiam alcançar a victória, podiam privar d'ella aos inimigos, pois

estava nas mãos de todos o podêr acabar gloriosamente, ganhando mais honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução, em que estava, esperando que todos a approvassem; a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento e munições, que havia, queimar a roupa, cravar a artilheria, e sahir com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, paraque não podesse chamar victória aquella, em que não acharia captivos, nem despojos. Ouvido D. João Mascarenhas, não houve soldado, a quem não parecèsse, que tardava o effeito de resolução tão valiosa. Diga Roma, se acha nos seus annaes escripta uma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipiões ou Marcellos (17).

(17) Jacintho Freire: — *Vida de D. João de Castro, liv.* 2°.

SECÇÃO SEGUNDA

DISCURSO EPISTOLAR

I — Preâmbulo

1º — Definição de carta; tres generos das missivas

Agora começando a entrar na leitura das regras, saibamos, que cousa é carta missiva ou mandadeira, e o para que foi inventada; que, pela definição de Marco Tullio, a quem todos seguem, é uma mensageira fiel, que interpreta o nosso ânimo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos, que elles saibam de nossas cousas, ou d'as que a elles lhe relevam. — Tres generos de *cartas missivas* assigna o mesmo Tullio, aos quaes alguns costumam reduzir muitas especies d'ellas. O primeiro é das *cartas de negócio, e de cousas, que tocam á vida, fazenda e estado de cada um*, que é o para que as cartas primeiro foram inventadas; que, por tractarem de cousas familiares, se chamaram assim. O segundo, de cartas d'entre amigos uns aos outros, de novas e cumprimentos, de galantarias, que

servem de recreação para o entendimento, e de allivio e consolação para a vida. O terceiro, de materias mais graves e de pêso, como são de govêrno da república, e de materias diversas, de advertencias a principes e senhores, e outras semelhantes. O primeiro genero se divide em cartas domésticas, civis, e mercantis. O segundo, em cartas de novas, de recommendação, de agradecimento, de queixumes, de desculpa, e de graça. O terceiro, que é mais grave e levantado, contêm cartas reaes em materias de Estado, cartas públicas, invectivas consolatorias, laudativas, persuasorias, e outras, que se pagam a cada uma d'as que nomeei em todos os tres generos.

As do primeiro genero me parecem cartas muito sêccas: mas, como essas foram as primeiras, e d'ellas nasceram as leis e as regras para outras, será razão, que debaixo d'êste genero tractemos das mais.

2º — Brevidade, clareza e propriedade do escrever nas cartas

E assim me parece, que, como a carta, que escrevêmos ao amigo sôbre seu negócio, ao criado sôbre as cousas da casa, e o mercador ao outro sôbre seus tractos e mercancia, é um aviso e uma relação, que lhe não podêmos fazer em presença; fazendo-o por meio de uma carta, devemos usar n'ella o que na práctica costumâmos, que é brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios, e propriedade sem metaphoras, nem translações. E quando fazemos breves em uma carta? Quando de tal maneira, e com tal artificio a escrevermos, que se entendam d'ella mais cousas, do que tem de palavras. E como póde ser? Por meio dos re-

lativos e subsequentes, que, sem nomear as palavras, as repetem; e por ordem das sentenças e adagios, que, sem entender as cousas, as declaram: e n'isto se adiantam muito as cartas de práctica familiar, que se escrevem de cuidado, e têem mais tempo de se furtarem palavras, para se subentenderem razões. E que cousa é enfeite ou affectação? É o cuidado sobejo de enfeitar as palavras com elegancia, ou por via de epithetos ou de escolha de logar, para as syllabas fazerem melhor som aos ouvidos. E em favor d'ésta opinião, dizia um homem insigne d'êste reino, e que teve n'elle os melhores logares da républica ecclesiastica e secular, que a carta e a mulher muito enfeitadas, em certo modo, eram deshonestas: e eu antes seguira êste voto, que o de alguns rhetoricos, que deram á carta missiva cinco partes de oração, convêm a saber: *saudação*, *exordio*, *narração*, *petição*, e *conclusão;* e se houvessemos de seguir o seu estylo, mudariamos de todo o das cartas. Nunca rhetoricos souberam escrever cartas, se as subjeitaram ás leis da oração. Mas parece, que com isto se dá a entender, que na carta se não devem usar epithetos ou adjectivos, por evitar o enfeite e sobeja elegancia d'ella: e eu tenho, que sem elles se não póde escrever.

3º — Dos epithetos e enfeites nas cartas

Os epithetos ou servem para descripção e declaração das cousas, ou para propriedade, ou para ornamento e enfeite d'ellas. Os primeiros são necessarios nas cartas, como em tudo; os segundos menos; os terceiros escusados. Para dizer ou escrever: *um homem douto*, *uma mulher formosa*, *um*

carallo ligeiro, uma árvore alta, um caminho comprido, um peito forte, são attributos necessarios para declarar o que queremos dizer; porque ha homem, que não é douto; mulher, que é fêa; e os mais. Os de propriedade, como: *ferro frio, relva verde, sol claro, calma ardente, arêa sêcca, pedra dura;* estes são pouco necessarios nas cartas, e sómente por comparação, ou em adagios, se devem usar n'ellas, como dizendo: *é duro, como pedra*, ou: *é dar em pedra dura*, ou: *é malhar em ferro frio*. Os de elegancia e ornamento, tenho eu, que se hão de degradar das cartas missivas para fóra do terreno d'ellas, como agora: *firme soffrimento, incansavel diligencia, solicito desejo, cuidadoso receio, importuna lembrança, desusada brandura*, e outros, que têem juiz de seu fôro. Assimque, não digo que faltem nas cartas epithetos necessarios, mas que se escusem os sobejos; nem se andem grangeando as palavras, para fazerem assento em o cabo da sentença, que será ir contra a brevidade sem enfeite ou affectação.

Parecia-me a mim, que a carta breve seria a de menos regras; e que não estava a cousa nos epithetos serem proprios ou necessarios. Mas não é assim: uma carta póde ser breve, e levar escriptas muitas paginas de papel; porque póde tractar de tantos negocios e cousas, que as occupem, mas estarão relatadas de modo, que seja a leitura comprida, e a carta breve.

4º — Da clareza nas cartas

O segundo ponto, que é clareza sem rodeio, parece que fica declarado n'essa primeira parte; pois sendo breve a carta, e não tendo enfeite nas palavras, será clara, e sem

rodeios. Não é tanto assim; que, pôstoque a clareza é parte da brevidade, a clareza é das razões, e a brevidade das palavras: e assim póde a carta ser breve, mas confusa; e clara, sendo comprida: que muitos para dizerem cousas, querem estrada coimbrã, e caminho direito; buscam rodeios e atalhos, em que se perdem, confundindo o que querem dizer. Em uma minha doença (1) me escreveu um amigo, e dizia: *Disseram-me que a saude de vossa mercê corria perigo na inconveniencia de medicos discrepantes no remedio dos males d'essa doença.* E fez éstas trocas onde podia dizer: *Soube que os medicos não se conformavam na cura dos vossos males, e que na dúvida d'elles corria risco vossa saude.* Outro me escreveu ha muitos dias: *Se vossa mercê não está ausente das lembranças, que suas promessas me asseguravam, de haver de ter muitas d'êste seu captivo....* Havendo de dizer: *Se vos não esquece, que me promettestes de ter lembranças de mim....*

5º — Da propriedade das palavras no escrever

E porque ainda temos logar de tornar aos particulares das disposições de razões, passando ao terceiro ponto, que é *propriedade sem metaphoras* ou *translações;* direi, que ésta propriedade, não pouco importante ao fallar e escrever, é a propriedade das palavras na sua propria significação, sem serem emprestadas por via de translações para outros logares, que é termo, que argúe nobreza de linguagem: e porque fique mais declarado, sabei que dizemos em por-

(1) Seria melhor: Estando eu doente. C. e M.

tuguez, fallando propriamente dos nomes: *Bando de aves, cardume de peixes, rebanho de ovelhas, fato de cabras, vara de porcos, alcatêa de lobos, tropel de cavallos, cáfila de camelos, récua de cavalgaduras, manga de arcabuzeiros, mó* ou *roda de homens;* e, se, trocando isto, disseramos: *Um cardume de aves,* ou *uma alcatêa de ovelhas,* ou *um fato de porcos,* seria impropriedade e desconcêrto. Dizemos tambem nos verbos: *chiar* de aves, *balar* de gado, *grunhir* de porcos, *ladrar* de cães, *rinchar* de cavallos, *bramir* de leões, *empolar* de mares, *encapelar* de ondas, *assoprar* de ventos, etc. E se dissessemos: *chiar* de porcos, *rinchar* de leões, e *grunhir* de cavallos, seria o mesmo êrro. E porque ha metaphoras e translações tão usadas e proprias, que parecem nascidas com a mesma lingua, que como adagios andam pegadas a ella, se devem trazer (quando forem taes) nas cartas missivas, do mesmo modo que na práctica se costumam. Dizemos dos nomes: *folha de espada, lume de espelho, vêa d'agua, braço de mar, lingua de fogo, lanço de muro, faxa de ferro,* e outras semelhantes: e nos verbos; *lançar o cavallo, fazer á capa, quebrar a palavra, cuspir o pelouro, arripiar a carreira,* e outras muitas: e além d'éstas tão usadas e naturaes, que servem de propriedade á lingua portugueza, ha outras nascidas de proverbios ou adagios, que têem o mesmo logar e antiguidade, como são: *furtar o corpo, ir vento em pôpa, nadar contra a agua, ficar em sêcco, repicar em salvo, tirar barro á parede,* etc. E quanto a carta tiver mais d'éstas, será mais breve e cortezã; pois, como primeiro disse, por êste modo se entendem da carta mais cousas, do que escripto de palavras.

6º — Modos de fallar errados

Pelo contrário, usando, em logar d'éstas, outras humildes, populares ou innovadas, será vício na propriedade da carta; como se nos nomes dissessemos: *um feixe de cuidados, um mar de encommendas, um moio de queixumes, um golpe de razões;* e nos verbos, como: *enfeitar o desejo, tropeçar em cuidados, navegar em desconfiança,* e outras muitas. Ésta é a propriedade de que tracto, e a que me parece que se deve usar no escrever das cartas missivas; porque não soffre o estylo d'ellas o que em a práctica, ou em outro genero de escriptura não sómente se permitte, mas muitas vezes se deseja.

7º — Nomes populares

As palavras da carta hão de ser vulgares, e não já populares, nem exquisitas: vulgares de modo, que todos as entendam; e ao menos, que a quem se escrevem, não sejam peregrinas: e não já populares, que sejam termos humildes, palavras baixas, que a cortezia não recebe: e que tampouco, em logar de adagios e sentenças, tenham anexins. Tambem se deve fugir ao termo exquisito de palavras alatinadas, ou acarretadas d'outras linguas estranhas, que sempre têem o sabor da sua origem (2).

(2) Rodrig. Lobo, *Côrte na Aldêa*, Dial. 1º e 3º.

II — Cartas diversas

1ª — Carta de bons annos ao marquez de Gouvêa

Exm. Sr.

Começarei ésta por onde acabam todas, desejando a V. Ex. os bons annos. Bem me lembro, que ésta usança se tinha já exterminado da nossa côrte, e permittido só nos janeireiros; mas como o senado de Lisbôa se emprega todo em resuscitar antiguidades, emquanto me não consta d'o que ordena n'ésta parte, permitta-me V. Ex., que o affecto, com que desejo a V. Ex. todas as felicidades, siga d'ésta vez o ceremonial de Portugal o velho; e verdadeiramente, Senhor, que vão os annos tão estereis de novidades, que, se o começarem uns e acabarem outros nos não der ésta tão ordinaria materia, não haverá com que encher um quarto de papel, aindaque seja tão pequeno, como êste romano.

Os embaixadores de Hespanha se não mudaram ainda, nem o nosso residente, que já começa a andar por casa, teve a primeira audiencia do Papa.

Deus guarde a V. Ex., como os criados de V. Ex. havemos mister.—Criado de V. Ex.—*Antonio Vieira*.—Roma, 3 de Janeiro de 1672.

2ª — Carta de parabens a D. Rodrigo de Menezes por uma victória

Senhor.

Se o contentamento fizera milagres, tivera-me V. S. n'ésta hora a seus pés, ajudando a celebrar a nova d'êste successo, com que o marquez, que Deus guarde, coroou todas

suas felicidades, e Deus nos tornou a dar por sua mão o reino, que tantas vezes nos tem dado por ella. Mas, pois o estado da minha enfermidade me não consente ésta pequena demonstração, contento-me com que V. S. tenha conhecido, que, entre todos os criados da casa de V. S., nenhum tanto tem festejado e estimado êste triumpho d'ella, de que dou a V. S. mil vezes o parabem.

Deus guarde a V. S. muitos annos, como desejo e hei mister.— Capellão e menor criado de V. S.— *Antonio Vieira.*— Villa-Franca, Sabbado, 22 de Junho de 1685.

3ª — Carta de recommendação ao marquez mordomo-mór

Exm. Sr.— Manuel de Barros da França, um dos principaes fidalgos d'ésta cidade, e vereador d'ella, preso, degradado e inhabilitado pelo governador, se vai queixar em nome da mesma cidade, e buscar o remedio d'éstas e outras violencias. Tambem vai com elle Gonçalo Ravasco d'Albuquerque, filho do Secretario d'Estado, o qual deixa seu pai Bernardo Vieira na enxôvia, e ao padre Antonio Vieira, seu thio, criminado de mandar matar um homem; que a tanto chega o odio e paixão do dicto governador. E pôsto-que as cousas, que os levam aos pés de Sua Alteza, são tão justificadas, que lhes não póde faltar o patrocinio e amparo de V. Ex.; o que eu com todo o encarecimento peço a V. Ex., é que, na attenção e agrado, com que V. Ex. me fará mercê de os ouvir, vejam elles, que não está esquecido na memoria de V. Ex. o antigo e particular favor, com que V. Ex., por sua benignidade e grandeza, me honrou sempre.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos, como desejo, e os criados de V. Ex. havemos mister.—Criado de V. Ex.— *Antonio Vieira.*—Bahia, 4 de Junho de 1683.

1ª Carta de empenho a Diogo Marchão Themudo

Meu Sr.

Se estas regras chegarem ás mãos de V. Mercê, o portador d'ellas é Antonio de Brito de Castro, cuja culpa será mais conhecida de V. Mercê pelas devassas, em que a parte o quiz encravar, e o juiz não quiz admittir as razões, que o escusaram. Ellas, nas leis da honra e do mundo, e ainda segundo a natureza da conservação da propria vida, foram as mais justificadas. E ésta é a confiança, com que, obedecendo ás ordens de Sua Magestade, se vai livrar a essa côrte pelo modo, com que o possa fazer, sem se expôr ao último perigo. Para o tal caso, peço a V. Mercê, que em tudo o que for conveniente, lhe não falte V. Mercê, com o secreto conselho e direcção, na qual elle e seu irmão levam postas suas esperanças.

El-rei D. João II deu occasião ao proverbio: *Mata, que el-rei perdôa:* querendo antes aquelle prudentissimo principe servir-se dos homens de valor, que perdel-os: os soldados velhos da guerra do Brasil estão acabados; os dous mestres de campo decrepitos; o presidio não chega a ter a metade da lotação, e essa de meninos e bisonhos; a cidade sem fortificações, sem armas, sem munições, e com a peste presente muito despovoada, e porisso exposta a qualquer invasão de inimigos, de que a poderão defender e ser de exemplo aos demais os vassallos honrados, poderosos, e

de auctoridade e valor, que são os d'ésta familia, assás castigada com o muito que tem padecido e despendido. Eu e os meus desejâmos, e nos alegraremos summamente com todo o seu bom successo, pela antiga amizade e bôa correspondencia, que sempre a nossa casa teve com as d'estes fidalgos; que por fim recommendo a V. Mercê, como se a causa de ambos fôra de meu irmão e sobrinho.

Deus guarde a V. Mercê muitos annos, como deseja, e a conservação do nosso reino em seus verdadeiros e zelosos conselhos cá e lá ha mister. De V. Mercê — Capellão e obrigadissimo servo. — *Antonio Vieira*. — Bahia, 1° de Julho de 1686.

5ª — Carta de súpplica ao mesmo Diogo Marchão Themudo

Meu Sr.

Visitando um dia d'estes a meu irmão no convento, onde já podêra ter professado duas vezes, me leu uma carta, que escreve a V. Mercê, em que diz tudo o que se póde fiar de um papel. E porque o capitão José Sanches, com quem contrahimos nova affinidade, é carta viva e experimentada, que largamente póde referir o demais; que me fica a mim que podêr dizer a V. Mercê? Pedir a V. Mercê justiça, é aggravar a inteireza, com que V. Mercê a faz, e fez sempre a todos. Pedir favor, ainda seria maior ingratidão e desconhecimento d'os que meu sobrinho, meu irmão e eu experimentâmos tão continuados e excessivos. Pedir finalmente piedade e compaixão? a causa é tão digna de enternecer e magoar até as pedras, que sem encarecimento posso affirmar a V. Mercê, fica em muito maior miseria a Bahia, depois das devassas do syndicante, que quando a governava N. N.

Em conclusão, senhor, que não tenho que pedir a V. Mercê, nem a minha dôr, nem o meu desejo, nem o de todos os que tanto padecem, e no voto e efficaz amparo de V. Mercê teem posto em grande parte a sua confiança. Só me resta pedir a Deus, como faço em todos meus sacrificios, nos guarde e conserve um tão singular protector com os annos de vida e felicidades, que todos a V. Mercê devemos desejar.

O mais amante e fiel criado de V. Mercê

Antonio Vieira.

Bahia, 1º de Julho de 1685.

6ª — Carta de agradecimento ao duque de Cadaval

Exm. Sr.

Bem creio, que não por desoccupado me faz V. Ex. mercê de tão larga carta, pois é fôrça, que sôbre os hombros de V. Ex. carreguem os maiores cuidados da monarchia, quando é tão grande o pêso d'elles, que pedem o concurso de toda; mas os affectos de V. Ex. medem-se pela grandeza do ânimo, e tão impossivel é em V. Ex. o deixar de honrar muito, como em mim natural o merecer pouco.

Pelo bom conceito, que V. Ex. tem de meu coração, dou a V. Ex. as graças com todo elle; mas eu, que o conheço de dentro, tenho mũi differente opinião do seu valor.

Padecer por fôrça, é fraqueza; não desmaiar nos trabalhos, necessidade. A adoração, com que amo ao nosso principe e meu senhor, nasce dos retractos, que por toda a parte espalha a fama (pôstoque são os do mais perfeito monarcha, na justiça, na prudencia, no valor, na gentileza, na magestade, e em todos os outros attributos, que póde

crear a natureza, e esmaltar a graça); mas é nascida de uma idéa muito mais antiga, que se não distingue da alma, na qual sempre tive assentado com certissima esperança tudo o que ainda creio por fé, e V. Ex. já logra por vista. Para ella guardo um caso bem particular, que me aconteceu n'ésta materia, quando eu não sabia o que passava no mundo. Mil parabens dou a V. Ex. de tudo, e da grande parte, que em tudo V. Ex. teve; e de se haver conseguido, com tanta facilidade e applauso, o que V. Ex. ha tanto tempo e com todo o desvelo procurava, depois de tão bem traçada e tão bem succedida fábrica. Com razão toma V. Ex. o nome de architecto; mas só lembro a V. Ex., que em tão baixa e tão pesada fortuna, como a minha, parece impossivel a toda a arte fazer, que dê volta a roda. O passar de Coimbra para a Cotovia, e da profissão para o noviciado, não sei, se é ir adiante, se tornar atraz. Ao Sr. D. Theodosio digo o mais. V. Ex. me perdôe tanta ignorancia; que se em outro tempo houve em mim algum juizo, n'ésta occasião se perdeu todo; e, se o não perdi, é porque o não tinha. Os golpes, que chegam á alma, como ella é immortal, fazem o effeito nas potencias; e das minhas só me ficou a memoria, para nunca a perder d'o que a V. Ex. devo. Assim-que, não escreve a V. Ex. o Antonio Vieira, que foi, senão o que é, ou o que deixou de ser, paraque V. Ex. se não admire da differença do seu estylo, e dê V. Ex. por bem empregada toda a piedade, que tem d'elle.

Guarde Deus a V. Ex. muitos annos.

Criado de V. Ex.

Antonio Vieira.

Coimbra, 16 de Janeiro de 1668.

7ª — Carta de Camões ao marquez de Gouvêa

Exm. Sr.

Não sei que diga, nem que hei de escrever a V. Ex. n'ésta occasião, porque de quinta feira a ésta parte ando fóra de mim, e não se aparta um momento a minha memoria dos pés de V. Ex.; e, pòsteque na fé e na consideração dos meios, por onde a Providencia Divina dispõe a predestinação, e na vida e virtudes do Sr. D. Diogo, meu senhor, acho grandes motivos para Deus o querer para o Céo, e para apressar tanto o prémio de seus merecimentos, nenhum se me offerece bastante a consolar a dôr de V. Ex. em tamanha perda e soledade. Só fio da grandeza do ânimo de V. Ex. haverá offerecido a Deus èste sacrificio, e supportado o rigor d'èste golpe com a mesma constancia e valor, com que V. Ex. tem vencido tantos outros desgostos, em que tinha menos parte a mão e vontade de Deus, que sempre ordena o que está melhor, pòsteque nós não alcançâmos as causas de seus decretos. O que só peço a V. Ex. no excesso de tão devido sentimento, é, que V. Ex. se lembre do damno, que elle póde causar á saude de V. Ex. no estado, em que ella se acha, e das razões, que V. Ex. tem para hoje, mais que nunca, amar e conservar a vida, de que tanto depende o bem e augmento da casa e estado de V. Ex., e todos os que somos criados d'ella, e do mesmo reino, que Deus por tantas vias castiga.

Meu senhor, guarde Deus muitos annos a V. Ex. com

os auxilios de sua graça e consolações do Céo, que a V. Ex. desejo.

Capellão e menor criado de V. Ex.
Antonio Vieira.

Coimbra, 14 de Septembro de 1665.

8ª — Outra carta de pezames a certo fidalgo

Meu Sr.

Uma das maximas, que se deviam evitar entre os politicos, é esta, que mais serve de renovar a dor, que de diminuir a pena; principalmente quando o sentimento, por grande e justo, parece não admitte allivio. Nem eu me atrevo a intimal-o a V. S., pois conheço não póde a minha persuasão ser poderosa para desvanecer a que V. S. por todas as razões deve sentir.

Deus, admiravel sempre em suas disposições, guarde a V. S. por muitos annos, e lhe dê na mais resignada conformidade o mais justificado merecimento.

Criado de V. S.
Antonio Vieira.

Bahia, 19 de Julho de 1691.

9ª — Carta de consolação ao marquez de Gouvêa

Exm. Sr.

Não posso fazer éstas regras senão por mão alhêa; tal é o estado, em que a minha convalescença me tem posto, depoisque aos meus achaques se ajunctou o sentimento do desgôsto de V. Ex.: com elle me recolhi para o collegio,

que foi o lucto e demonstração, com que meu estado me permittia confessar o fôro de criado da casa de V. Ex. n'ésta occasião. Espero que a benignidade divina haja moderado o rigor do golpe passado, com ter dado a V. Ex. a inteireza da perfeita saude, que a V. Ex. desejo, e me tem agora em maior cuidado. Assim continúo em o pedir a Deus em meus sacrificios e orações, e a V. Ex., meu senhor, me atrevo já a pedir se sirva V. Ex. de me mandar dizer, que nos tem Deus feito ésta mercê, porque na ausencia das pessôas da casa de V. Ex., que residiam n'ésta terra, não tenho quem me dê novas certas, pôstoque as procuro.

Guarde Deus a V. Ex. muitos annos, como êste reino e os criados de V. Ex. havemos mister.

Capellão e menor criado de V. Ex.

Antonio Vieira.

Coimbra, 21 de Septembro de 1665.

10ª — Outra carta de consolação ao mesmo marquez de Gouvêa

Exm. Sr.

Arriscado estive a não escrever a V. Ex. n'aquelle correio, pelas causas, que então disse, e agora as não quero renovar; mas já constará a V. Ex., que escrevi n'elle e no seguinte, e, depois que vi a firmeza de V. Ex., o faço com maior allivio, pôstoque não sem grande sentimento, por ver quanto se retarda a convalescença, e que ainda V. Ex. padece tão multiplicadas queixas. A fraqueza, a cabeça e o estomago, tudo são indicações de que as causa o desgôsto e a demasiada apprehensão d'elle, o qual não póde curar a medicina, nem a natureza, nem ainda a razão, senão

acompanhada da fé. Use V. Ex. d'aquelle aphorismo do anjo Raphael a Tobias, que é só o que n'èste sentimento me tem dado algum allivio: « *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te:* ». E espero eu na bondade do mesmo senhor, que, se tirou a V. Ex. umas esperanças, com sua providencia, tem muitos e muito avantajados caminhos, por onde restituir a felicidade. O primeiro effeito d'ella, e pelo qual eu não cesso de o importunar com meus sacrificios e orações, com a maior efficacia que posso, é a perfeita e inteira saude de V. Ex., de que espero me mande V. Ex. tão melhoradas novas, como desejo.

Guarde Deus, meu senhor, a V. Ex. muitos annos, como desejo e havemos mister.

Criado de V. Ex.

Antonio Vieira.

Coimbra, 28 de Septembro de 1665.

11ª — Carta de resignação ao duque de Cadaval

Exm. Sr.

Conheço quanto devo á grandeza e piedade de V. Ex., e quanto ella poderia valer, se os decretos da Providencia Divina se poderam impedir com diligéncias humanas.

Os homens escreveram a sentença, o Céo a dictou, e eu a acceitei com a paciencia e conformidade, que se deve ás suas ordens. Sôbre tanto desengano do mundo estava e estou resoluto a o tractar como elle me tem tractado, e não apparecer mais onde me veja. Debaixo d'ésta condição, que não póde deixar de parecer bem a V. Ex., irei para onde me mandarem, pois assim V. Ex. o manda; cuja obedien-

cia para mim foi sempre o mais seguro acêrto, ainda antes de meus erros estarem tão conhecidos e condemnados.

Eu, senhor, fico sempre aos pés de V. Ex. sem discurso nem juizo, e hoje mais rendido que nunca, porque hoje mais obrigado.

Deus guarde a V. Ex.

Criado de V. Ex.

Antonio Vieira.

Coimbra, 3 de Janeiro de 1668.

12ª — Carta de desengano e escusa a D. Maria da Cunha

Sra. D. Maria da Cunha.

Muito sinto a necessidade, que V. Mercê representa, e muito mais não estar em minha mão remedial-a. Eu não tenho podêr sôbre as acções do procurador de meu irmão, a quem já encommendei êste negócio, com o encarecimento, que V. Mercê viu, nem estou em parte, d'onde lhe possa fazer outras instancias. V. Mercê as póde fazer mais efficazmente pela via, que lhe parecer, porque a minha não tem ésta efficacia e valia. E digo isto a V. Mercê com toda ésta clareza, paraque V. Mercê não tome o trabalho inutil de me escrever a êste deserto, aonde me recolhi, para tractar só de me apparelhar para morrer, e dar conta de mim a Deus, a quem prometto de encommendar muito particularmente êste negócio de V. Mercê, e o remedio da necessidade, em que V. Mercê se acha. Por ésta razão torna o papel.

E Deus guarde a V. Mercê muitos annos, e lhe assista com sua graça, como desejo.

Antonio Vieira.

13ª — Carta de participação ao duque do Cadaval

Exm. Sr.

A ésta hora (que é uma da noite) chego de fallar toda a tarde (e ésta é a primeira vez) sôbre o negócio de V. Ex. com a Sra. duqueza, de cujo amor e affecto para com V. Ex., e do extremo, com que zéla suas conveniencias como proprias, já dei conta a V. Ex. no correio da semana passada.

Primeiramente, senhor, havendo-se examinado e discorrido tudo o que ha em Roma, Napoles, Milão, e ainda Genova, os grandes senhores por éstas partes muito difficultosamente querem casar suas filhas, por não diminuir a substancia das casas, cuja conservação e augmento é o seu principal cuidado, querendo-as antes muito grandes e opulentas, que bem aparentadas; e n'èste número entra o principe de Caserta, com se chamar filho da Sra. duqueza, e ter tres filhas de nove até quatorze annos, mas destinadas ao convento, como sua irmã. Quando se possa vencer ésta difficuldade, e a dos pais quererem apartar de si suas filhas, e ellas desterrar-se a paizes estranhos; onde ha dinheiro não ha qualidade; e, onde ha qualidade, suppõe a Sra. duqueza, que não ha dinheiro nem para a viagem. Com ésta condição, em caso que V. Ex. se conforme, ha em Napoles uma senhora de quatorze annos e bellissimas partes pessoaes, filhas dos marquezes de Pescara e Basto, duas vezes grandes em Hespanha, e, por sua mãe, da casa Carafa, por todas as vias a melhor cousa d'aquelle reino; tem ésta senhora um thio cardeal, que ha de vir necessariamente ao conclave (porque da morte do pontifice não

se duvida), e com aviso de V. Ex. fallará a Sra. duqueza ao cardeal; e tirando êste casamento, com suas incertezas, que podem ainda ser maiores do que agora se representam, de Italia não ha outra cousa que esperar.

Casamento em França de nenhum modo o approva a Sra. duqueza, pela experiencia, que tem, de alguns senhores de Italia, que de lá trouxeram mulheres, todos para destruição de suas casas, pela liberdade grande, com que as senhoras francezas são criadas, pela largueza excessiva de seus gastos e appetites, e outros inconvenientes de maior reparo, que em França não tiram credito, e em Portugal não são tão toleraveis; e querendo-se vedar, será sem paz, e em perpétuo desgôsto, e muito mais, sendo a pessôa (como se suppõe) de tão relevantes qualidades, como convêm, para satisfação da patria, a quem vai buscar mulher fóra d'ella.

O que supposto, e ser necessario que V. Ex. case quanto mais depressa, o que parece á Sra. duqueza (eu tambem o julgára, como criado de V. Ex.) é que V. Ex. pelas melhores vias devia apertar o negócio de Carnide, até averiguar o effeito, ou o desengano, e com êste, quando não haja em Portugal, como V. Ex. julgava, que não havia subjeito com quem aparentar commodamente, pedir licença para o fazer em Castella, onde não faltarão conveniencias de qualidade e dote, juntas com os da vizinhança, sem despezas, que tambem vem a ser uma bôa parte d'elle.

N'êste caso a Sra. duqueza, que é o melhor mappa das qualidades da Hespanha, se offerece a tractar por vias mui decorosas o que V. Ex. julgar mais conveniente; e como os correios são tão certos e ordinarios, se poderá fazer sem grandes dilações. O que importa é que V. Ex. depois de

o resolver, faça os avisos com brevidade; e ainda que seja differindo uma consulta do conselho de estado, não se esqueça V. Ex. de escrever á Sra. duqueza, que por todos os titulos o merece a V. Ex. muito, muito.

O marquez de Astorga, vice-rei que foi de Valença, e agora do conselho de estado, e embaixador de Hespanha, é primo da Sra. duqueza, e porconseguinte thio de V. Ex., e por algumas consequencias, que podem servir a V. Ex. e ao Sr. D. Theodosio, pareceu á Sra. duqueza, que de parecer de ambos o visitasse eu, como fiz hontem, e elle estimou muito, e me disse: « Que las obligaciones, que « debia al señor duque de Cadaval y al señor Don Theo- « dosio, las tenia muy dentro en las venas, para desearlos « servir en tudo. » V. Ex. julgará, se convêm escrever-lhe: e quando V. Ex. não approve o cumprimento, o zêlo de quem o mandou fazer, e de quem o fez, merece desculpa. As novas de Roma dou ao Sr. D. Theodosio, por não tomar mais tempo a V. Ex., que Deus guarde muitos annos, como Portugal, e seus criados havemos mister.

Criado de V. Ex.

Antonio Vieira.

Roma, 6 de Outubro de 1669.

14ª — Carta de participação e de queixa ao duque de Cadaval

Sr.

Com razão diz V. Ex., que andam os trabalhos encadeados. E quanto a'o do Sr. conde de Soure, não acho outro allivio a tão grande materia de sentimento, mais que a consideração de haver Deus trocado as sentenças, deixando-nos

a vida do conde para muitos annos, como havemos mister, e levando para o Céo aquelle penhor, cuja saudade se póde consolar com muitos outros, que Deus ainda lhe dará. Mas applicando a cadêa dos trabalhos aos meus, tem-se ella travado de maneira, que, sendo o meu maior sentimento a ausencia de V. Ex. d'essa côrte, quasi me vem a ser allivio ou remedio a mesma ausencia, pois seria nova circumstancia de pena faltar-me a communicação de V. Ex., se V. Ex. faltar de Lisbôa.

Narrarei o caso como tem passado, pôstoque já dei a V. Ex. as primeiras noticias d'elle. Tive aviso, haverá quinze dias, que me estava decretado novo destêrro; uma versão diz, que para o Brazil, outra para o Maranhão, outra para Angola; sahiu isto de um dos maiores ministros, e com termos tão effectivos, que se tomou informação dos navios, que havia para aquellas partes. Desejei saber a causa d'ésta novidade, e no correio passado me avisaram, ou notificaram, fôra por uma carta ou cartas, que eu escrevêra a V. Ex., discorrendo sôbre as pazes do Minho, a favor da negociação, e de quem a obrava, etc.; e que, communicando V. Ex. éstas cartas, chegára de mão em mão o que n'ellas se dizia a parte, onde de tudo se fizera (palavras formaes) refinadissima peçonha. Não ha heresia, que se não tirasse da Sagrada Escriptura, e comtudo as palavras são dictadas pelo Espirito Sancto; mas não está o mal nas palavras, senão na interpretação, que lhes querem dar: e, como dizem que foram de mão em mão, bem póde ser que chegassem tão differentes, que totalmente não fossem as minhas; e assim o creio. Mas, de qualquer modo que haja, ou não haja sido, eu estou pela sentença, e irei para onde

me mandarem, seja Africa ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma; e lá nos acharemos todos diante d'aquelle tribunal, onde só testemunha a verdade, sentencêa a justiça, e nunca é condemnada a innocencia.

Alêm d'êste castigo, que dizem está decretado, se me notifica outro, pôstoque me não declaram de que tribunal sahiu, em que me ordenam, que me abstenha de escrever áquella personagem, a quem escreve o sobredicto (porque não nomêam a pessôa de V. Ex.), e que só o faça por ésta vez, dando satisfação de mim e conta da occasião. Ésta é, senhor, toda a história, com que entrou o anno de 1663, e se vai declarando por crítico contra mim, pois não só desterram a V. Ex. de Lisbôa, mas a mim de V. Ex.; da qual sentença o meu coração se ri muito no meio do seu sentimento, appellando dos instrumentos da memoria para a mesma memoria, e dando graças a Deus, porque os que tem jurisdicção sôbre o papel, não a têem sôbre a alma.

São hoje os vinte, que V. Ex. tem signalado por dia decretorio da partida. O tempo está claro e concertado, aindaque o não esteja o mundo. O que importa é que V. Ex. tenha mũi bôa viagem, e que V. Ex. a procure fazer com o maior descanço e commodidade; e, se V. Ex. em Gouvêa achar menos Lisbôa, tambem será allívio achal-a menos; e nenhuma cousa faltará a V. Ex. em toda a parte, pois se leva comsigo. De mim não tenho que dizer a V. Ex., porque o mesmo que tenho dicto, serve para todos os tempos, pois sou e hei de ser o mesmo em todos. Se com effeito me mandarem embarcar, como na hora da morte não ha

reservação, aproveitar-me-hei do privilégio para dizer a V. Ex. o *adio;* no entretanto, se me não é licito procurar novas de V. Ex. em direitura, fal-o-hei por outra via, que não me hão de impedir todos os homens. E quando elles o façam, as de Deus estão fóra da sua jurisdicção, e empregar-se-ha o meu affecto todo em orações e sacrificios, rogando ao mesmo senhor, como sempre faço, pela felicidade da pessôa e casa de V. Ex., e sôbretudo pedindo a sua Divina Magestade, tenha a V. Ex. no número de seus vassallos, conservando sempre a V. Ex. em sua graça com grandes augmentos d'ella, que é o que só ha de durar, e o que só importa.

Guarde Deus a V. Ex. muitos annos, como desejo.

Convêm, que a noticia d'ésta resolução não passe de V. Ex., por respeito de quem m'a notificou, principalmente não se me dizendo d'onde manou, o que eu procurei saber.

Criado de V. Ex.

Antonio Vieira.

15ª — Carta sôbre politica a D. Rodrigo de Menezes

Sr.

Com excessivo contentamento recebi ésta última carta, de que V. S. me fez mercê, escripta em 11 de Novembro; e tendo n'ella tantos motivos de pouco gôsto, que chegam amplificados por outras vias, só os póde alliviar, saber que passa V. S. e o marquez, meu senhor, com saude; de que dou infinitas graças a Deus, confiado de sua Providencia, que, emquanto nos conservar éstas duas columnas, nos não tem deixado de todo.

Vindo ao que V. S. me manda que eu diga, não sei por onde comece, e se explicára melhor a minha dor com lagrymas e gemidos, que com palavras. Beijo mil vezes a V. S. a mão, por perdoar as furias de meu zêlo, e honrar e animar a verdade do coração, d'onde nascem. Portugal, senhor, está no mais miseravel estado, em que nunca o conheci, nem considerei; e a maior miseria é o nosso engano, e a maior guerra a nossa mal entendida paz. Já me contentára, que foramos a segunda Galliza com segurança; mas ésta não sei, nem vejo, sôbre que fundamentos nol-a possamos prometter. É necessario governarmo-nos com a espada sempre na cincta, e com a balança na mão, pesando os podêres de todos os principes, e fiando-nos só do proprio. Não estamos em tempo d'el-rei D. Manuel, ou D. João III, em que só os nossos astrolabios sabiam navegar, e só os nossos galeões tinham nome. Hollanda, Inglaterra e França se têem feito potentissimas no mar, e porisso uns podem contrastar e outros resistir á fortuna nos maiores apertos d'ella; e porque Hespanha (cujos erros nós seguímos, devendo aprender d'elles) o não fez, assim se começou a perder, e perderá de todo, se não abrir os olhos, como já parece quer fazer.

A mesma Hespanha é inimiga nossa irreconciliavel, e todos os Castelhanos em nenhuma outra cousa têem posto a mira, que em tornar a ser senhores de Portugal. Assim o ouço nas boccas de todos, e-lh'o vejo muito melhor nos corações, e cada dia sahem impressos nas gazettas de Italia e Allemanha não só indicios d'estes intentos, mas os fins e meios declarados d'elles, entre os quaes andou mui vulgar estes dias o casamento do duque de York com a casa

d'Austria, paraque Hespanha unida com Inglaterra nos conquistasse, repartindo-se entre os dous o reino e as conquistas, fallando-se na legitimidade da nossa princeza, e no direito do principe, com termos tão indecentes a nós, como assentados no juizo de muitos.

De Inglaterra não tenho que dizer de novo; e quando fallo em Inglaterra, não exceptuo a ninguem; mas Inglaterra, França e Hollanda, todos têem os olhos postos em conquistas, e não têem outras para onde olhar, senão as nossas, que só com armadas promptas no rio de Lisbôa se podem defender; e, aindaque ahi se apodreçam, ao parecer inutilmente, só ellas são os muros das conquistas. E não nos envergonhāmos de se saber no mundo, que consta a nossa armada de tres fragatas?!

A razão de as nações sobredictas se empregarem com tanto cabedal no podèr maritimo, é principalmente a utilidade dos commercios; tendo conhecido todas as corôas e républicas, por experiencia, que só commerciando se podem fazer opulentas, e que os fructos das terras proprias apenas bastam ao sustento dos naturaes. O imperador e todos os principes da Italia interior são pobrissimos; e as riquezas de Veneza, Genova e Florença todas lhes vêem de seus portos e commercios, sôbre os quaes cuidam e vigiam com tal gelosia, especulam com tal attenção, agudeza e minudencia, que poderam parecer nimiedade, e ainda vileza, se não foram as consequencias de tanta importancia.

Mas, senhor, o nosso caso é èste. Não quero, que sejamos ricos; quero sómente, que conheçamos a nossa fraqueza e o nosso evidente perigo, e que tractemos de prevenir o precisamente necessario para conservar a liberdade, o reino

e as conquistas: e, supposto que estamos conhecendo e padecendo, com tantos descreditos, a impossibilidade dos quatro palmos de terra, que Deus nos deu na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares, e dos nossos commercios, em que Deus nos melhorou e avantajou ás nações do mundo? Todas nos invejam ésta felicidade, e deixam as suas patrias, para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós não sabemos aproveitar-nos d'ella, e enriquecêmos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e criados na nossa, que a poderam fazer a mais florente e poderosa de todas.

Sôbre a liga de Inglaterra e França tenho as mesmas dúvidas, que V. S., e cada hora maiores, porquê o estado das cousas de Hollanda se vai mudando e os corsarios crescendo; e sempre tivera por mais util a paz, e alguma bôa conveniencia com elles, que uma guerra tão arriscada, como a que nos podem fazer em todas as partes do mar e do mundo. Partilhas com dous companheiros tão poderosos nunca nos podem estar bem, e assim escrevi a Duarte Ribeiro, não me podendo jámais inclinar a que partamos, com tanto risco, aquelle todo, que foi e póde ser nosso, se nos quizermos fiar mais do podêr proprio, que dos interêsses alheios. Na mesma conformidade fallo e escrevo aos demais ministros, com quem tenho communicação; mas como o meu zêlo está tão pouco auctorizado, não é muito que se despreze.

Espero com a maior brevidade, que a V. S. for possivel, a resposta da carta, que, ha muitos correios, escrevi a V. S. sôbre meus particulares, os quaes V. S. poderá communicar, se for necessario, com o padre João Juzarte, que já deve ser chegado a esse reino. N'elle está tambem agora

um meu sobrinho, a quem escrevo, se valha do patrocinio de V. S. em seus requerimentos, e a V. S. peço sôbretudo me não falte com a continuação da mercê de novas suas, e do marquez, meu senhor, que é a unica consolação, que tenho n'êste destêrro.

E Deus guarde a V. S. muitos annos, como os criados de V. S. havemos mister.

Criado de V. S.

Antonio Vieira.

Ultimo de Dezembro de 1672.

16ª — Carta para a rainha D. Catharina, mãe d'el-rei D. Sebastião

Correm por ésta terra novas bem tristes para todos em universal, e muito ainda mais tristes em particular para quem melhor póde entender quanto n'isso vai.

As novas são, que V. A. desampára estes reinos, e se vai para Castella. Isto não póde deixar de se sentir muito; porque perdêmos mãe e senhora, e perdêmos um fructo de tão grandes e excellentes virtudes, como são as de que Deus dotou a V. A.; e o peior de tudo é, que de tão real virtude, e de tão próvida constancia em grandes negocios, não se póde presumir mudança, sem justa causa; e quanto ella for mais justa, tanto o reino ficará mais infamado, de maneira que não sómente perdêmos todos muito, mas ainda cobraremos fama de gente barbara e desconhecida.

Bem vejo, que fallar eu n'ésta materia será grande atrevimento; porque convêm sómente ás pessôas de muito maior auctoridade, do que a minha póde ser; mas o amor e lealdade não têem pejo, pelo que apontarei a V. A. algumas

razões, pelas quaes me parece que não devia fazer tal abalo; e fio, que V. A., quando vir, de que princípio ésta minha ousadia tem nascimento, a levará facilmente em conta. E paraque comece por aqui, lhe lembro, que mũi poucas vezes deixou de se arrepender quem se aconselhou com a indignação, por muito justa que ella fosse; o conselho ha de tomar primeiramente com o espirito de Deus, e depois com a razão muito desapaixonada. Como está presupposto, só fallarei com V. A. conforme a razão, pois sei que d'ella nunca fugiu.

O officio de principes virtuosos e sanctos é fazer mercê a bons, e castigar a ruins. V. A., se for, fará tudo pelo contrário, porque os bons sentirão muito sua ida, e os máos farão folias estranhas, com lhes parecer, que se vingam tambem. Não parece justiça, que, por culpa de poucos, padeçam muitos inconvenientes; lembre-se V. A. de tantos pobres, e de tantas casas de religiões, como são d'ella consolados, os que ficarão orphãos com a ausencia; e dado o caso, que o mesmo se póde fazer em Castella, porventura a necessidade será lá tamanha, nem a esmola tão bem empregada?

Lembre-se V. A. tambem, que a terra de Portugal, aindaque não seja mũi grossa como a de Castella, é de ares muito benignos, e mais convenientes para se passar a vida, e de menos accidentes, e a natureza de V. A. não é Flandres nem Castella, mas Portugal, onde reinou quarenta e cinco annos, pouco mais ou menos, sendo a maior parte d'êste tempo a mais venerada e honrada princeza, que póde haver no mundo.

Sendo estudante em Pariz, ouvi dizer a um criado da rainha vossa irmã D. Leonor, que, estando em práctica a mesma rainha sôbre materia d'ésta qualidade, dissera fi-

nalmente: « Não se engane ninguem, que nenhuma imperatriz, nem outra princeza alguma, se póde chamar rainha, senão a de Portugal ».

Se isto, que disse a rainha D. Leonor, não é tão perfeitamente ao presente em V. A., como devia ser, ao menos foi já, e sel-o-ha d'aqui em diante; e a fructa, de que Deus nos fez mercê no milagroso nascimento d'el-rei nosso senhor, chegará á madureza e perfeição, que desejâmos, e terá V. A., em satisfação de alguns desgostos, muitos e mũi grandes contentamentos. Quanto mais, que o espirito de V. A. mais está posto nos negocios da vida eterna, que nas opiniões d'ésta miseravel, que tão pouco ha de durar.

E paraque ácêrca d'isto me resolva em poucas palavras, se V. A. vai buscar descanço temporal a Castella, tão pouco o ha lá, como cá; se vai buscar salvação, não é mais longe de Portugal que de Castella.

Devia V. A. tambem n'ésta materia de se lembrar muito do sancto rei D. João III, que tão verdadeiro amor lhe sempre teve, e não devia querer desamparar a terra, onde seus ossos estão sepultados. Veja quão gloriosa sepultura será a sua, se assim como foi companheira na vida de quem tanto amou, o for tambem no enterramento, e não consentir, que haja no mundo terra, que tenha depositado seu corpo, senão a mesma, que tem em si as reliquias de tão catholico principe, a quem V. A. tanto deve.

Considere V. A. todos estes inconvenientes, como são, sentimentos de bons, gôsto de máos, desamparo de pobres, ausencia da sepultura de tão virtuoso e sancto companheiro; e lembre-se, que n'ésta sua partida (o que Deus não permitta), no temporal se ganha pouco, e no espiritual se

perde muito; e quando V. A. não perder, perderá el-rei, e o reino, e podem succeder desgostos e enfadamentos, os quaes V. A., por sua grande virtude, e pela grande obrigação, que tem a éstas suas terras, é obrigada a atalhar. Se fica no reino, cumpre com a caridade, com o bem universal, que lhe ha de lembrar muito mais que o proprio, serve a Nosso Senhor, ganha uma grande corôa.

Pelo contrário, se se vai! que mais se ganha, que satisfacção da vontade, e triumphos de maliciosos? Por derradeiro, el-rei nosso senhor é neto, filho e creado, e de sua natural inclinação virtuoso; e basta não ter V. A. outra imagem na terra d'el-rei seu avô; pelo que, como qualquer homem do povo, aindaque mais não seja, peço a V. A., pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, que mude seu proposito, e não desampare terra, nem injurie ossos, e memoria de tão virtuoso principe, e queira, em paga de alguns desgostos, ter tantos e tão grandes contentamentos, como espero em Nosso Senhor, que ha de receber.

Em dizer isto, cumpro com o officio devido á lealdade, e com o desejo de servir a V. A.; e tudo o que me fica para fazer, é pedir a Nosso Senhor em todas as minhas orações e sacrificios, que inspire a V. A. o que houver de ser mais seu sancto serviço, e seu real estado conserve.

De Silves, 7 de Fevereiro de 1571.

D. Hieronimo Ozorio, bispo de Silves.

17ª — Carta d'el-rei D. João III para D. João de Castro

D. João: Eu el-rei vos envio muito saudar. Porque queria fallar comvosco algumas cousas do meu serviço, vos

encommendo muito que venhais aqui ámanhã a jantar comigo, e muito vol-o agradecerei.

Escripta em Cintra a 5 de Agosto de 1543.

Rei.

18ª — Carta a el-rei D. Sebastião sôbre a jornada de Africa

Senhor.

Se eu fosse procurador da corôa, e tivesse na mão algum feito, em que V. A. (*) sendo réo, fôra necessario dar-lhe d'elle relação; forçado seria lêr-lhe primeiro o libello, que a contrariedade: o que n'ésta carta farei com a verdade e lealdade, que devo. Confio no engenho e real espirito de V. A., que terá êste por um dos maiores serviços, que lhe posso fazer.

Os rêis da Persia tinham muitas ordens de servidores, sem os quaes entendiam que era impossivel o governar bem sua monarchia. Entre elles havia uns, a que chamavam seus olhos, outros suas orelhas, a outros seus amigos. Os muitos olhos serviam de ver muitas cousas, que dous sómente não podem ver: as muitas orelhas, de ouvir muitas querelas, que, com duas só, se não podiam ouvir: os muitos amigos, de fallar a verdade, que os falsos amigos encobrem.

Seguindo eu êste estylo de bom e leal servidor, quanto minhas fôrças alcançam, direi o que vejo e o que ouço, com amor tão verdadeiro, como sabe aquelle Senhor, a quem são manifestos os segredos dos corações. Elle nos ensina no Evangelho o que todos havemos de fazer, com ésta pergunta: *Quem dicunt homines esse filium hominis?* Bem

(*) A construcção portugueza é ésta: Em que sendo V. A. réo, fôra, etc.

sabia elle o que d'elle se diria; comtudo, por ésta pergunta, nos ensina a sermos curiosos em inquirir a fama de nossas obras e vida: e, aindaque a doutrina seja universal, aos principes convêm principalmente folgar de saber o que se commummente d'elles diz; porque, á volta de muitos desatinos populares, ouvirão muitas cousas, que, porventura nos conselhos, ou por mal sabidas se não dizem, ou por interêsses particulares se não descobrem.

Não sei, porque não folgará um principe da terra (pois d'isso tem tanta necessidade) de fazer o que o principe dos céos, sem necessidade e sómente para nossa doutrina, quiz fazer; e porque não dirá, quando fallar com homens amigos da verdade: *Que dizem lá de mim?* Se isto fizesse, quantas verdades saberia?

Em Athenas havia pragas solemnes, instituidas com públicas cerimonias, e com palavras de grande terror, contra quem, por seu particular intento, aconselhasse sua républica contra o bem commum. N'ellas se pedia á justiça divina, paraque os taes fossem destruidos, e toda a sua geração confundida. Se isto se fazia em uma républica, onde havia muitos principes, que podiam ser por qualquer outro cidadão desenganados; que se deve fazer em estado soberano de um principe, o qual se for enganado, não ha mais em que pôr os olhos?

Graves maleficios commette quem engana, ou não desengana o seu principe: um d'elles é traição; o outro, injúria atroz; porque, se é traição não quererem os atalaias avisar a seu capitão, dos mouros, que correm; como não será maior traição encobrir a V. A. os perigos, que estão armados para ruina de toda a républica, se não for soccor-

rida com tempo? Pois que diremos da injúria? Póde ella ser maior, que cuidar alguem, que estima V. A. mais o gôsto presente das orelhas, que tanto mal faz, que o perpétuo remedio de seus vassallos?

Não terá V. A. em seu conselho quem trate de o enganar; mas, se por nossos peccados houvesse quem tamanha traição, com tão grande injúria de V. A. R., commettesse, muito maiores pragas, que as de Athenas, mereceria.

Eu já, senhor, emquanto podér, fugirei d'ellas com dizer o que sinto; que terei assim de Deus o galardão primeiramente, e depois o de V. A.: aindaque, como no principio disse, não direi agora tanto o que entendo, como o que ouço; e, como procurador, darei conta do libello, para logo vir com a defeza.

Dizem primeiramente, que não será bom christão, nem bom Portuguez, quem não der muitas graças a Deus, por nos dar um rei tão virtuoso e de tão altos espiritos, que foge de mimos, busca trabalhos, e que se põe em todo o risco pelo accrescentamento da sancta fé catholica, e para destruição da infernal seita de Mafamede. Mas dizem que, como as virtudes andam sempre junctas, não se póde chamar fortaleza a que não for acompanhada de bom conselho, e que o conselho, que V. A. tomou, não se póde chamar bom, por ser fóra do tempo. O ser fóra de tempo, provam pela falta que ha de dinheiro, de munições, de mantimentos, e pela grande fome, que ao presente a maior parte do reino padece.

Dizem mais, que êste tempo é conveniente para defensão de seu reino, a qual é muito maior obrigação, que a conquista incerta de outro. Ha muita gente perdida em França,

Flandes e Inglaterra, da qual podêm as terras maritimas de Portugal e de Algarve receber mũi grandes damnos; e, segundo fama, todos estão contentes com ésta mudança de V. A., por lhe parecer, que muito mais a seu salvo usarão de seu officio. Não podêmos deixar de nos temer d'estes homens, pelo número ser grande e governado pelo espirito de *satanaz;* porque não ha cousa, que não commetta gente sem fé, se tem algumas fôrças, quando chega ao estado de desesperação. A isto se ajuncta, que o gran'Turco não dorme; peloque todo o principe christão é obrigado a estar apparelhado para defensão da christandade; pois o perigo é commum.

Dizem tambem, que grandes feitos se não podem commetter sem grandes apercebimentos, os quaes se não podem fazer em pouco tempo: e que alêm d'isto é necessario esperar uma conjuncção de discordia (que não póde muito tardar entre Mouros), e não de qualquer discordia, mas de muito ensanguentada; porque a leve com o medo commum se tira, e os inimigos, em perigos que a todos tocam, facilmente se concertam. Mas, quando a rotura d'elles chegar a tanto, que se não possam accordar, de tal maneira póde V. A. soccorrer os vencidos, que fique senhor dos vencidos e dos vencedores. Ésta é uma sorte mũi antiga de conquistar, com que se fizeram grandes os mais dos capitães e principes de grande nome: ésta occasião quizeram os homens, que V. A. esperasse.

Dizem tambem, que nunca guerra foi feita com mais esfôrço, que conselho, e que mal poderá ter bom fim. Confirmam isto com os acommettimentos sem fructo, e o triste successo dos irmãos infantes, D. Henrique e D. Fernando

o sancto, sôbre Tangere; e com a primeira passagem d'el-rei D. Aphonso; por tudo ser tractado com mais esfôrço, que conselho.

Dê-me V. A. licença, que diga tudo, pois comecei; e que não encubra nada do que convêm a seu serviço.

Dizem os prudentes, que o officio de bom rei mais consiste em defender os seus, que offender os inimigos: e que tanto é isto verdade, que nenhuma cousa ganhariam os princípes illustres nas victórias havidas contra os seus inimigos, se d'ellas não resultasse a seguridade de seus vassallos. N'este ponto se lamentam muitos, porque vêem ao presente, que toda a guerra, que se ha de fazer a Mouros, se faz antes, sem V. A. o saber, a Portuguezes: e por conclusão, não falta quem diga, que entre pressa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella: e muito maiores inconvenientes se seguem da muita, que da pouca diligencia; porque os muito accelerados choram o que perdem do seu, e os pouco diligentes o que não ganham do alheio.

Estes são os principaes artigos do libello, que se fórma contra V. A.: agora direi o que por parte de V. A. se póde dizer.

Primeiramente digo, que os grandes espiritos são acompanhados de grandes esperanças; peloque, mais cuidam nas grandes emprêsas, que na facilidade d'ellas; e pela maior parte pensam, que aos acommettimentos, quando não vão de todo fóra do caminho da natural razão, não faltam favores divinos. V. A. fundado n'ésta opinião, como se determinou, ou com vida honrada, ou com morte gloriosa, dar signal do seu espirito, não póde soffrer dilação, e crê que

a victória não está nas mãos dos homens, mas na vontade de Deus: peloque, officio de principe magnanimo é perder o medo a grandes emprêsas, por perigosas que sejam; e o successo d'ellas, deixal-o á disposição do Senhor.

Digo tambem, como se não póde sempre acertar, que são mais toleraveis os erros commettidos com sobejo esfôrço, que os em que muitos cahem por fraqueza: porque, nas cousas grandes, grandes perigos nunca carecem de louvor; e a fraqueza é acompanhada de perpétuo vituperio.

Tambem se póde que, quando V. A. se não possa purgar de algum êrro, a culpa se póde diminuir com o exemplo de grandes principes, que com o mesmo espirito cahiram em grandes trabalhos. S. Luiz, rei de França, por fazer guerra com mais ardente zêlo, que conselho, foi de uma vez captivo, e de outra morreu de peste sôbre Tunes. Imitou n'isto o sancto rei Josias, que, por entrar em batalha, que podia mũi bem escusar, morreu elle, e com elle toda a esperança de Jerusalēm.

Passo por muitos exemplos antigos, por não enfadar a V. A.: dos modernos direi alguns. O imperador Maximiliano, sendo mũi illustre principe, fez entradas em Italia, e em algumas outras partes, não sómente sem fructo, mas tambem com alguma diminuição dos principes do imperio, e do seu credito. Tenho dicto o necessario. Que diremos do imperador, vosso avô? Comtudo, não deixou de commetter cousas dignas de reprehensão, e de receber d'ellas mũi graves damnos: como foi a entrada, que fez em Provença: como foi a emprèsa de Argel, fóra do tempo: e como foi tambem o cêrco de Metz.

Dir-me-hão: De que servem estes exemplos? Respon-

ponderei: De se ver que, se n'ésta passada de V. A. houver algum êrro, êste fica desculpado com o exemplo e auctoridade de tão excellentes principes, que, com muito maior experiencia, foram enganados com os cegar o demasiado desejo de glória: e não é para espantar de V. A., com muito menos edade, e com o mesmo ardor de espirito, cahir em os mesmos inconvenientes: quanto mais que ésta passada não será de todo sem fructo; porque haverá visto com os olhos o sitio de Africa, como n'ésta prophecia de trabalhos vê, quanto se deve a homens, que padecem fomes, sêdes, frios, calmas ardentissimas, e põem a vida todas as horas em risco por serviço de Deus e de V. A.: entenderá tambem, como se a guerra d'aqui por diante ha de fazer: aprenderá tanta doutrina, que por ella se possa dizer, que foi a jornada mũi bem empregada.

Esta a defesa, com que venho por parte de V. A.: até-aqui chegam minhas letras; se d'aqui por diante V. A. insistir em contrastar o tempo, a que a lei de Deus quer obeçamos, busca-se outro melhor letrado; porque não me atrevo a defender a causa: pois, se faltar dinheiro, se faltarem mantimentos, e, não se podendo remediar a gente, que está juncta, se ajunctar outra; muito mais, se vier uma grande hinvernada; se assim pela falta de cousas necessarias, como pela contrariedade do tempo, começarem a morrer as bêstas, e depois os homens; veja V. A. quão grande será a festa dos Mouros, e quanta a tribulação dos Christãos.

Não tenho os Mouros por tão pouco guerreiros, que esperem batalha campal, vendo que sem lança e sem espada podem ser desbaratados os nossos. Os frios, as chuvas, as lamas, as serras, o hinverno defendem as terras. Marchar

ao presente não é possivel, estar encerrados nas cidades não é honra: para combater Fez ao presente, não ha tempo, nem apparelho; e, aindaque se despejasse, não era prudente tomar uma tão grande cidade, em tempo, que se não podesse logo fortificar.

Pois, senhor, de que servirá logo tanto trabalho e tanta despeza sem fructo? Não fallo dos juros, que fidalgos têem vendido, nas joias empenhadas, nas lagrymas das mulheres, na pobreza da gente nobre, na miseria d'os que pouco podem. Gaste-se tudo, e consuma-se por serviço de Deus e de V. A.; mas seja em tempo que aproveite: em tempo porêm que a perda está tão manifesta, o ganho tão duvidoso, paraque quererá V. A., que, quando o Senhor Deus offerecer uma grande occasião para seu serviço, não haja em Portugal fôrças para se lançar mão d'ellas?

Da guerra não se desista: haja os fronteiros necessarios: os exercitos vão por diante: haja menos damascos e mais cassoletes: menos perfumes e mais lanças: tenha-se muita conta com a justiça, porque não falte o favor divino; com a fazenda, porque não falte o melhor e mais necessario, e que com a grande vexação dos pobres, não haja de se offender gravemente a Deus: ajuncte-se dinheiro de vagar; o que se poderá mũi bem fazer, se a arithmetica for melhor executada, que ora é: cresçam as esperanças para quem as merecer: e sôbretudo os olhos estejam sempre firmes no Céo: esperem-se conjuncções, que não poderão muitos annos tardar. D'ésta maneira, quem poderá, quando for tempo, resistir a V. A.?

Entretanto vença-se a si-mesmo V. A., que é a mais illustre victória, que póde ser; dome seu espirito; amanse

a grandeza do seu coração. Nas fronteiras se aquente a guerra o melhor que for possivel: o metter de resto se guarde para quando o Senhor Deus offerecer melhor e mais conveniente tempo, porque quem não o espera, não sómente vai contra a regra da prudencia, mas tambem corre grande risco de, com o pretexto de fé, tentar a Deus.

D'esta maneira alcançará V. A. as victórias, que pretende, com glorioso nome seu, e com muito accrescentamento da sancta fé catholica.

Não cuidei, que ésta carta fosse tão comprida; mas o amor, lealdade e zêlo do bem commum me acudiram de maneira, que não podesse ter mão em mim.

N'o què me fica por fazer, não fallarei; que será continuadamente pedir a Nosso Senhor, em minhas orações e sacrificios, que elle seja o conselheiro, e defenda V. A.; e sua vida e real estado guarde e accrescente para seu sancto serviço. Amen!

✠ *Jeronimo Osorio.*

19ª — Carta com offerta ao governador de Diu, D. João de Castro

Sr.

Eu soube, como as mulheres de Chaul tinham offerecido a V. S. as suas joias para a guerra. Aindaque eu me achasse em Gôa, não quiz perder a parte da honra, que me d'ahi cabe. Por Catharina, minha filha, mando as minhas joias a V. S. Não julgue, em quão poucas são, as que póde haver em Chaul, porque lhe certifico, que eu sou a que menos tinha, porque as tenho repartido por minhas filhas. E crêa V. S., que só das joias de Chaul póde fazer

a guerra dez annos, sem se acabarem de gastar. E a mercê, que peço a V. S., é gastar logo éstas minhas na ida do Sr. D. Alvaro, porque eu espero em Nossa Senhora, que haja elle tamanhas victórias, que se escuse a ida e trabalhos a V. S. Isto peço em minhas orações, e assim que accrescente a vida a V. S., e o deixe ir a Portugal diante dos olhos da Sra. sua mulher e filhas.

Escripta em Gôa nas casas de D. Maria, minha filha, hoje 11 de Junho.

Minha filha Catharina empenharei, se for necessario para o serviço de V. S.

Catharina de Sousa.

(Jacintho Freire de Andrade, liv. II)

20ª — Carta, que o governador D. João de Castro escreveu de Diu á cidade de Gôa

Senhores Vereadores, Juizes e Povo da muito nobre e leal cidade de Gôa.

Os dias passados vos escrevi por Simão Alvares, cidadão d'ésta cidade, as novas da victória, que me Nosso Senhor deu contra os capitães d'el-rei de Cambaia, e calei na carta os trabalhos e grandes necessidades, em que ficava, porque lograsseis mais inteiramente o prazer e contentamento da victória; mas já agora me pareceu necessario não dissimular mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos, em que fico, e pedir-vos ajuda para podêr supprir e remediar tamanhas cousas, como tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Diu derribada até ao cimento, sem se podêr aproveitar um só palmo de parede; demaneira

que não sómente é necessario fabrical-a êste verão de novo, mas ainda de tal arte e maneira, que perca as esperanças el-rei de Cambaia de em nenhum tempo a poder tornar. E com êste trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, ao demenos para mim muito mais incomportavel de todos, que são as grandes opressões e continuos achaques, que me dão os Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque d'outra maneira se me iriam todos, e ficarei só n'esta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande perigo, e por esse respeito toda a India; como quer que os capitães d'el-rei de Cambaia com a gente, que ficou do desbarato, estão em Suna, que é duas leguas d'ésta fortaleza, e el-rei lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna em querer dar outra batalha: para as quaes cousas me é grandemente necessario certa somma de dinheiro. Peloq e vos peço muito por mercê, que, porquanto isto importa ao serviço d'el-rei nosso senhor, e porquanto cumpre a vossas honras e lealdades levardes avante vosso antigo costume e grande virtude, que é acudirdes sempre ás extremas necessidades de Sua Alteza, como bons e leaes vassallos seus, e pelo grande e entranhavel amor, que a todos vos tenho, me queiraes emprestar vinte mil pardáos, os quaes vos prometto como cavalleiro, e vos faço juramento dos Sanctos Evangelhos, de vol-os mandar pagar antes de um anno; pôstoque tenha, e me venham de novo outras oppressões e necessidades maiores, que d'as que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar D. Fernando, meu filho, que os Mouros mataram n'esta fortaleza, pelejando por serviço de Deus, e d'el-rei nosso

senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharam-se de tal maneira, que não foi licito ainda agora de o tirar da terra. Peloque me não ficou outro penhor, salve as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues de Azevedo; porque, como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de raiz, por onde possa segurar vossas fazendas, sómente uma verdade sêcca e breve, que me Nosso Senhor deu. Mas, paraque tenhais por mais certo vossos pagamentos, e não pareça a algumas pessôas, que por alguma maneira podem ficar sem elle, como outras vezes aconteceu; vos mando aqui uma provisão para o thesoureiro de Gôa, paraque dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia, que forem rendendo, até sertles pagos. E o modo, que n'êste pagamento se deve ter, o ordenarêis lá com elle. Hei por bem escusado de vos affectar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos, em que fico; porque tenho por muito certo, por todos os respeitos, que acima digo, haverdes de fazer n'ésta parte tudo, e mais do que poderdes, sem intervir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas, e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. Encommendo-me, senhores, em vossas mercês,

De Diu, a 23 de Novembro de 1546.

D. João de Castro.

(Jacintho Freire, liv. III)

21ª — Carta da Camara de Gôa em resposta á do governador

Illm. e Excellente Capitão Geral, governador da India, pelo muito alto, muito poderoso, e muito excellente principe el-rei nosso senhor.

Diogo Rodrigues de Azevedo chegou a ésta cidade segunda feira, seis dias do mez de Dezembro, e o dia seguinte deu em camara uma carta de sua Illmª. S.ª, que foi lida com muito prazer e grande contentamento, por sabermos de sua saude; a qual bôa nova sempre queriamos saber, e muito melhores lhe desejâmos; e por ella a cidade, e todo êste povo em geral e em especial damos muitas graças a Nosso Senhor, e temos certa esperança em Nossa Senhora Virgem Maria Madre de Deus, nossa advogáda, que tendo os povos da India a V. S. Illmª. por seu duque e governador, que em nossas affrontas e trabalhos nunca careceremos de ajudas divinaes, por merecimento do seu catholico e modesto viver, e auto e obras de muitas louvadas virtudes; e com ésta esperança vivêmos em novo repouso, porque a presente e gloriosa victória, que por seu prudente conselho, e grande esfôrço, e cavallaria venceu e desbaratou a fortaleza de Diu, e desbaratar e destruir o podêr d'el-rei de Cambaia, com mais outros vinte mil homens Mouros, Turcos, Rumes, Corações, e Christãos renegados da fé de Nosso Senhor, Allemães, Venezianos, Genovezes, Francezes, e assim de outras muitas e diversas nações; dos quaes gran'parte d'elles foram mortos a ferro de lança e espada, de que a cidade tem certeza de pessôas de bem, que de vista foram presentes: os quaes bons serviços nos mostram

claros signaes, que ao diante, prazendo a Nosso Senhor, e a seu amparo, não temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresentam do proprio rei de Cambaia com outro novo podêr, e outros rêis e senhores, nossos comarcãos, e os de toda a India, são de certo inimigos nossos, e de muitas inimizades, álem de serem infiéis inimigos da nossa sancta fe catholica, dos quaes uns e outros não temos segura nem firme paz, antes temos signaes de faltas e enganosas amizades. E quanto ao emprestimo, que em nome d'el-rei nosso senhor nos manda pedir, responde a cidade, que os moradores faremos de presente, e sempre que cumprir, servirmos S. A. com as fazendas e vidas, e com as almas. E porque a tenção da cidade e de todos, é servir V. Illm^a. S.^, havendo respeito, que o tal emprestimo cumpre muito ao serviço d'el-rei nosso senhor, cuja a cidade é, e todos somos, com muita diligencia e cuidado, d'aquelle dia, que Diogo Rodrigues de Azevedo deu o recado, até ao fazer d'ésta, que são 27 de Dezembro, se ajunctaram vinte mil cento e quarenta e seis pardãos, e uma tanga, de cinco tangas o pardão, os quaes emprestou ésta cidade, a saber cidadãos e povo, e assim os bramenes mercadores, gameares e ourives. E escrevêmos em certo a V. S., que ésta cidade e os honrados moradores, pelo servir, temos obrigação de pôr as vidas e as fazendas com melhor vontade, do que o fazemos por nossas proprias honras e interêsses. E quanto, Sr., aos penhores, que nos manda, a cidade e moradores nos temos por aggravados de V. S. ter tão pouca confiança em nós e em nossas lealdades, que para cousa, que tanto cumpria ao serviço d'el-rei nosso senhor, e seu Estado real, não eram necessarios tão honrados e illustres penhores, porque nossa

lealdade nos obriga ao serviço d'el-rei, e a presente necessidade, e depois d'isso as obrigações, em que somos, e a grande affeição e muito amor, que V. S. tem a ésta cidade e moradores; e por ello, e tudo o mais, que n'éste caso lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a Nosso Senhor, que lhe dê perfeita saude, e o prospere de muita honra e grandes victórias contra os inimigos de nossa sancta fé. E todavia, Sr., Diogo Rodrigues de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; e assim lhe levam elle e Bartholomeu Bispo, procurador da cidade, o dicto dinheiro, que lhe a cidade e povo d'ella emprestaram de sua bôa e livre vontade. E assim lhe levam mais a provisão, que cá mandou para o thesoureiro pagar o dicto dinheiro, e lhe pedem por mercê, que tudo acceite, como de leaes vassallos, que somos, a el-rei nosso senhor, e a V. S. mũi obrigados.

Escripta em camara a 27 de Dezembro de 1547.

(Jacintho Freire, liv. III)

22ª — Carta do Infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João I. a Mafamede, imperador dos Turcos, que tomou Constantinopla

Eu o infante Dom Henrique, regedor e governador da ordem da cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo, duque de Viseu, senhor de Covilhã, filho dos muito altos e muito excellentes e de grande memoria senhores el-rei Dom João, e a rainha Dona Philippa do reino de Portugal e do Algarve, e senhores do senhorio de Septa, que Deus haja suas almas:

A ti Mafamede, imperador dos Turcos, faço saber, que a mim foi notificado onde vivo no cabo do mundo, do mo-

vimento, que fizeste em vires tomar Constantinopla, e trabalhares de guerrear a Christandade; por a qual razão nosso senhor o Sancto Padre o fez saber ao muito alto e muito honrado, muito poderoso el-rei meu senhor e sobrinho, filho de meu irmão, enviando-lhe a cruzada contra ti, a qual elle tomou com grande devoção, e eu e outros seus servidores: e depois d'esto (a) houve noticia da sua grande maldade, por a qual Nosso Senhor Deus por muitas vezes deu as penas por sua justiça aos mercadores d'ellas, como fez aos de Sodoma e Gomorrha, a qual maldade a toda a humanidade deve ser abhorrecida, porque não é humanal, nem bestial, mas diabolica. Por onde te notifico como a dicta cruzada tenho tomada (b) contra ti, e te punirei por mim e por todos aquellesque desejam meu serviço, até fim de tua morte; porque te hei por julgado por sentença de Deus: e esto te faço assim a saber, para alguns que de ti ficarem não poderem dizer, que te trouxe morte sem t'o fazer a saber: e ésta carta e outras duas t'envio para, se uma te não for dada, que a outra te dêem, para haveres certidão de minha firme vontade.

Escripta na minha villa de Almeirim a XVI de Dezembro de 1462 annos.

O Infante Dom Henrique.

(a) Esto por isto.

(b) Tomada por tomado.

III — Cartas extrahidas das Epanaphoras de D. Francisco Manuel de Mello

1ª — Dirigida a um amigo

Certamente bem philosophou aquelle sabio, que á virtude não poz outro premio, senão seu proprio exercicio; porque ella goza de uma interior qualidade, que secretamente move os corações á sua obediencia. Mas eu que vos direi das virtudes? sendo-vos tão familiares na guerra e na paz, como capitão e como ministro; emprehendendo ou supportando, que são os dous pólos (valor e prudencia), sôbre os quaes se revolve a esphera maxima dos varões grandes. Digo-vos mais ésta sua condição, paraque a vosso ānimo seja um incentivo, que o conserve em seu appetite, e faça sequioso de sua amizade; porēm vós guardastes tão bôa companhia com todas as bôas partes, que já parece ocioso encommendar-vos vossa mesma inclinação, sendo dos homens a mais facil obediencia.

D'ésta maneira vos havemos visto todos, que do tempo da creação até êste tempo observāmos os passados de vossa vida; porque gradualmente em cada degráo d'ella parece que vos estava esperando a melhor disciplina d'aquella edade; nem os descuidos da primeira foram causa de que a passasseis descuidadamente. Antes que servisseis para servir êste reino, já vos estaveis ensaiando fóra d'elle em menino para as grandes representações, que n'elle vos esperavam já homem. Assim, lēmos de Apelles, que primeiro em pequenos rascunhos delineava pincturas, com que depois em painéis grandes havia de enriquecer o universo.

Destes logo á disciplina do paço outros annos mais advertidos. É a cortezania a grammatica das pessôas illustres; porque as linguagens da arte das côrtes, nunca as entendeu bem aquelleque tarde veiu a estudal-as: se já não é que, porque os homens não fujam de seu perigo, convêm que desde moços lhe vão perdendo o receio, como os moradores das catadupas do Nilo têem por harmonia o estrondo, que aos estranhos estremece.

Viveis como cortezão, mas entre as galantarias d'èste tracto não se vos entropeçou o espirito; porque as delicias de Capua não chegaram a destemperar o aço dos peitos fortes: uma cousa é possuir os deleites, outra ser d'elles possuido.

Assim vos acharam desembaraçado o coração do amor das cousas vulgares todos os empregos, que vos offereceu o tempo mais dignos de amor. Este vos levou tão cedo a Africa, a merecer com Deus e el-rei em guerra sancta as vantagens, de que vos fizestes digno. D'aqui procedeu, que na liberdade da patria e sua conservação seguistes estes fins por taes meios, que, pela propria razão que poucos vos igualaram no merito, era fôrça, que no premio vos excedessem muitos.

Eu que tenho que dizer-vos do que obrastes, se vós-mesmo obrastes mais do que saberei dizer-vos? salvo se felizmente vos esquecem vossas acções, não paraque deixeis sua imitação e seu progresso, mas paraque vos não moleste ésta lembrança, vendo tão desigual do custo o galardão d'ellas.

Torre de S. Sebastião, 4 de Septembro de 1649.

V. A.

D. Francisco Manuel.

2ª — Serve de introducção ao descobrimento da ilha da Madeira

Amigo.

Muitos tempos ha, que desejo alliviar o ânimo, escrevendo alguma obra de mais divertimento, que as passadas; porque elle, opprimido de cuidados grandes, acurva como o hombro ao pêso da desigual carga. Até o proprio Atlante, de cujas fôrças a fabulosa antiguidade fiou o mundo inteiro, se viu necessitado das robustas costas de Hercules, paraque sôbre ellas descançasse; ou pelo contrário, correram perigo o mundo e o Atlante, que o sustinha.

Já sabeis, e os nossos e os estranhos, como o meu genio (bem ou mal) appetece êste exercicio da penna e tincta; e que dos varios empregos, que fiz com minha escriptura, mais reprehensivel póde ser a obra, que a materia. Provei as histórias, as políticas, as moralidades: em todas achei inconveniente. E supposto que aos maiores vence a glória, ou o interêsse; eu, ignorando ambos estes affêctos, confesso-vos, que me acho medroso para chronista, rudo para poeta, confuso para philosopho, melancholico para moral; mas para tudo me acho ainda menos, que para me achar ocioso.

Comecei o anno passado a escrever algumas memorias de successos notaveis de nossa nação, que ou foram mal escriptos, ou não o foram, aquelles, cujas informações eu não pedisse ao estudo dos livros, e só de minha lembrança facilmente os recebesse; porque alêm de que faltando (como a mim me faltam) o gôsto e saude, logo o estudo é molesto: haveis de saber, amigo, que de ordinario vêem

a esquecer no mundo as cousas, que n'elle traziamos mais presentes: a razão é que, por vêl-as de contínuo circumstantes, nunca tememos, que nos faltem; á-maneira que da agua ninguem faz thesouro, por ser cousa, ainda que estimavel, ordinaria.

Alguns dos discursos, que vos digo, tenho acabado, e outros perto do fim, nenhum da perfeição. Mas havendo (já ha muitos annos) lido aquellas singulares Relações do cardeal Bentivollo, tanto ha, que fiz proposito de o imitar com outras em nossa lingua portugueza. E quando cheguei a ler a fuga do principe de Condé, e notei o vagar e galantaria, com que um tão grave juizo se deteve em retractar os affectos de amor humano, certifico-vos, que me fez inveja; entendendo eu então de mim, que para semelhantes materias era mais conveniente a minha penna, que a do cardeal, pôstoque sabio, velho e religioso.

Vendo-me agora n'ésta solidão, a cujo favor vim fugindo da justiça ou da injustiça do povoado, me puz a discorrer vagarosamente sôbre de que maneira eu poderia satisfazer áquella interior promessa, escrevendo a relação de algum successo grande, que pertencesse a êste reino, procedido ou illustrado de affectos amorosos. Mas depois de larga volta de discursos me pareceu, que nenhum era mais proporcionado ao que eu desejava, que o notavel descobrimento da nossa celebrada ilha da Madeira; em o qual (como vereis n'ésta Relação, que d'elle vos offereço), se acham todas as várias acções, que fizeram intrincadas, e porisso agradaveis, as histórias do mundo; ou com adôrno rhetorico ou singeleza historica se relatem na erudição profana dos Gregos e Latinos.

Resta acommodar-vos o presente. Porém qual dos que vos conhecem, duvidará, que nos de amor e de ousadia não ha entre nós outro mais práctico? Assim vos estimam galante as damas, como os inimigos vos confessam valeroso; porque não sem proposito o vosso Cupido lá foi ser filho de Marte: nem se ignora, que costumam ser Martes todos os filhos de Cupido. Filhos chamarei do Amor (por ésta razão Martes) aquelles cuidados tão valentes, aquellas resoluções tão deliberadas contra o maior perigo; ou senão chamar-lhes-hei Hercules, que por jôgo no berço se ensaiava espedaçando serpentes. Assim um amoroso pensamento já o primeiro dia se esforça a luctar com impossiveis, e se avéza a vencel-os.

Pois se por parte do amor vejo em vós tantas affinidades com êste meu assumpto, quantas mais poderei achar, discorrendo pelos outros acontecimentos, de que é compôsto? Porque se por viagem, por naufragios, peregrinações, perigos e tragedias o vou vendo, de todas essas acções a vossa vida é um retracto. Navegastes moço a climas inclementes. Combatestes na menoridade com varonil esfôrço. As tempestades do Oceano deixaram em vosso ânimo não receio mas disciplina. Os perigos e tragedias militares, antecipando-se em curso ao tempo e em número aos annos, só vos serviram de polir, não constrastar, a fortaleza. Pois na peregrinação quem vos igualou? Ainda os proprios companheiros, que vos imitaram na sorte, em a constancia, com que a soffrestes, vos poderam emular, mas não competir; vos poderam competir, mas não exceder. Quando os mancebos illustres vossos iguaes pisavam em Portugal os estrados do paço, ou o mimo dos jardins de Lisbôa com molle passeio, vós então

sem abrigo, quanto mais adôrno, ieis atravessando os incognitos desertos de nossa barbara America: asperos até para as feras, que antes os recebem por patria, que morada. Lá vos fizestes digno d'aquelle nome, que para não perderdes sois obrigado a conservar com obras arduas; do qual nem a inveja, nem a ingratidão, quando se vos opponham, consintais, que vos despojem. Mas se vos vímos madrugar ao trabalho, tambem vímos, que o applauso não foi preguiçoso para vós. D'ahi veiu, que os postos grandes e as emprezas estimadas corressem para vosso cuidado antes, que vós para sua pretenção. D'ésta maneira costuma o sol tocar primeiro os montes mais altos, sem que se queixem os valles de que depois lhes amanheça.

Porēm se considerando-vos tão grande, me faço devedor de uma offerta, que vos seja proporcionada, razão será advertir-vos não a desprezeis, por meu ou seu valor ser pouco. A vontade serve nas obras do ānimo, como a cifra na Arithmetica, sempre dá preço a todas as cousas, a que se ajuncta. Da minha vontade bem creio que estais seguro; mas será por ventura por si-mesmo pouco para estimar ésta materia? Não será: que já a estimaram muitos engenhos grandes, de quem foi tractada, e a quem offerecida. O nosso Livio Portuguez (bem se sabe, que digo João de Barros) começou a escrever d'ella em a sua primeira década de Asia.

O doutor Manuel Clemente, que foi prégador de tres pontifices em Roma, compoz d'ésta história um livro em latim, que dedicou á Sanctidade de Clemente VII. Poucos annos ha, que Manuel Thomaz, nosso amigo, publicou da propria acção o seu poema chamado *Insulana*. Antes, e melhor que

todos, Francisco Alcanforado, escudeiro do infante D. Henrique, fez de todo o successo uma relação, que offereceu ao mesmo infante, tão chêa de singeleza como de verdade, por ser um dos companheiros n'êste descobrimento: a qual relação original eu guardo como joia preciosa, vindo á minha mão por extraordinario caminho.

Refiro-vos o avcengo d'éstas memorias, porque a antiguidade as tem justificado e ennobrecido. E tambem porque conheço não é meu credito bastante, que por si sómente inculque ao mundo como verdadeira uma história tão exquisita.

Bellas, 9 de Septembro de 1654.

V. A.

D. F. M.

3ª — Carta servindo de introducção á Epanaphora sôbre o naufragio da armada portugueza em França

Devem os homens amantes da razão, amigo N., guardar em suas acções uma tal ordem, que a propria harmonia d'ellas mostre serem guiadas pela luz racional, não só escolhendo as obras dignas, mas as competentes.

Toda ésta proposição parece que ignoro ou quebranto, convidando-vos agora e de tão longe a ler uma relação, que, nem pela materia, nem pelo estado, nem pelo tempo, se julga em alguma parte conforme á precisa observação, que vos tenho proposto.

Porque quanto á materia: eu, Sr., vos convido a ouvirdes a história de um successo lamentavel, cuja lembraça tão longe está de ser grata aos ouvidos dos homens, que antes lhe poderia ser molesta, segundo as tragedias que refere.

Quanto ao estado: quasi de outro mundo vos escrevo, posta entre mim e vós não Africa inteira, e os immensos mares, que dividem America da Europa; mas interpostos silencios, annos e successos, que por larguissimo intervallo nos apartaram.

Pois pelo tempo: ainda parece, que n'essa parte incorro em maior desproporção, referindo um caso já não lembrado no mundo: porque hoje em o dia, que dou principio a escrevel-o, se prefazem trinta annos, que elle teve seu fim.

Porēm, paraque possa dar alguma desculpa á minha inadvertencia, ou porventura reputação à advertencia, com que agora ponho a mão n'ésta obra, direi: que pela melancolica qualidade d'ella não deve certo ser desprezada.

Convēm vos lembreis, que o seu preço é semelhante ao que costumāmos dar a uma lamina, que pinctou algum famoso artifice, sem embargo que contenha tristes histórias. Quem diria ser mais deleitavel, como ver copiados de uma rude mão os triumphos de Baccho, ou delicias de Venus, sendo alegres, que as tragedias de Adonis, ou o naufragio de Leandro, do pincel de Apelles, Zeuzis, ou Thimantes? Porque ou seja na pinctura ou na escriptura (entre as quaes ha tanta semelhança, que já disseram, que era a pinctura muda história, e a história elegante pinctura), não se preza olhar tanto as figuras, mortas ou vivas, que alli se nos offerecem, quanto o nobre primor, com que a natureza se vê imitada, ou quasi cumprida da mão dos eminentes varões que, ou debuxando ou escrevendo, a retractaram.

Quanto mais, amigo, que aquelles prazeres da tenra mocidade troca e engeita por outros exercicios, senão tão *contentes*, mais opportunos, á edade madura, julgando por des-

iguaes ou indignos os empregos, em que a puericia faz seu lanço. Já lá vão aquelles annos, em que nas côrtes de Portugal e Castella (onde fomos companheiros) idolatrámos a suavidade dos enganos deleitaveis; aquella assistencia dos theatros, aquella porfia dos passeios, os dias, que se gastavam em delicadas conversações, as noites, em musicas primorosas; nossas disputas futilissimas, nossas Academias elegantes. Tudo, senhor, olhado agora cá do longe da vida, é sem falta occupação inutil, e não sei se escandalosa, comparada com a importancia das verdades, que agora nos competem. D'onde infiro, que, não por demasiadamente severo o caso, sôbre que vou armando êste discurso, elle deixaria de ser a vosso estudo conveniente: nem á doutrina d'aquellesque n'elle quizerem aproveitar-se para outros negocios semelhantes.

Ora que direi por escusar-me da disparidade do logar e tempo? Direi a verdade d'o que me succede, paraque vejais, se vos satisfaz essa desculpa. Escrevo um successo maritimo; porque ha dias que vivo entre dous mares, que com seu obstinado movimento, me estão sempre offerecendo especies produzidoras de semelhantes lembranças. Uma relação de tempestades: porque as que de presente padeço em minha sorte, não me deixam admittir imaginação mais serena; sendo sem dúvida de maior perigo as injúrias do ānimo, que as da vida. Que quereis que escreva, ou que quereis que cuide um affligido, senão afflicções? Os medicos, que bem philosopham pelos sonhos do enfermo, indicam a qualidade do morbo predominante: vistoque em males e bens cada cousa engendra outra cousa, que se lhe parece.

Ajuncta-se aqui a memoria não ociosa em seus effeitos; porque, como já disse, cumprindo-se hoje trinta annos, que passei êste naufragio (não sei, se para consolar ou aggravar os presentes) me está a memoria com tanta viveza representando aquelles trabalhos passados, como se realmente agora me vira entre elles: d'onde Themistocles respondeu avisadamente contra a presumpção de Simónides por bocca do nosso poeta:

« Se me desses uma arte, que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
O' quanto melhor obra me farias? »

É verdade, que de muitos annos a ésta parte me dispuz a escrever alguns successos notaveis de nossa republica; entre os quaes logo elegi o presente; tanto por ser nosso, e meu, e se achar em esquecimento ou desprêzo de nossos auctores, quanto porque as circumstancias, que n'elle concorrem, podem ser de grande utilidade á observação de materias, já militares, já politicas.

Ainda mal, porque para acreditar o que disser n'ésta relação, tenho já tão curto número de testemunhas, que eu serei só o auctor d'ella. Pois dos poucos, que d'êste naufragio escaparam vivos, são hoje mortos quasi todos. Grande confusão por certo para o descuido, com que vivêmos! Perdôam-lhes aos homens a furia das ondas, a braveza dos ventos, o rigor dos perigos, com mais facilidade, que a brandura das horas, que surda e suavemente os vai consumindo. Comtudo, assim pelo que eu tenho na imaginação aponctado (que até áquelle tempo estava em limpo, por se não haverem n'elle escripto outros trabalhos) como pelas memorias, que guardei desde aquelles tempos de minha mocidade, em al-

guns papéis mais verdadeiros que elegantes, espero, que por defeito da verdade não deixe minha história de merecer tão alto nome. D'ella fez a primeira menção D. Manuel de Menezes, heróe junctamente e chronista d'èste successo; não pela nobre occupação de ser chronista-mór do reino; mas porque com mais commodo podesse referil-o aos ministros, diante de quem se justificava. Ésta se estampou em Lisbôa o anno de 1627, sendo escripta em Madrid a 15 de Maio do mesmo anno. Logo D. Gonçalo de Cespedes, na sua história de Philippe IV, escreveu tambem nosso naufragio; mas tão brevemente, que não temos que lhe agradecer a noticia, ou condemnar o silencio; supposto lhe não faltaram bôas informações, que muitos lhe communicaram, e eu lhe dei particularmente, por ser o Cespedes pessôa de minha amizade e vizinhança, escriptor de nossos tempos e cousas; menos desaffeiçoado aos Portuguezes, que outros de sua nação castelhana: justo agradecimento á bôa hospedagem, que achou em Lisbôa, onde muitos annos viveu, depois de perseguido e desterrado da patria, que, com semelhantes provas de desprèzo, parece que faz a legitimação dos filhos benemeritos: como já Roma e Grecia fizeram aos mesmos, que lhes deram maior nome. Por cuja acção D. Gonçalo justificou melhor a limpeza de seu sangue e costumes, que Geronimo Franqui Conastagio, Genovez, que se intitula gentil-homem d'aquella república: o qual ingratissimamente, havendo achado na nossa maior amparo, e sendo de nação por nenhum interêsse opposta aos Portuguezes, com a qual sempre gúardaram bôa correspondencia, procurou quanto pôde infamar antes que escrever as acções, qúe com atrevida penna furtou a nossos historiadores, molhando-a, mais vezes que na verdade, na

adulação ou interêsse, cou que destruiu a glória e credito, que por seu engenho merecia ; em tal maneira, que podêmos dizer, que elle se roubou a si-mesmo, mais que a nós. Pois apezar das imposturas, com que quiz escrever nossa fama, os Portuguezes ficaram reputados por gente valerosa no mundo, e elle por auctor fabuloso do tempo.

Luiz de Torres de Lima, em o livro, a que deu nome «*Avisos do Céo*» cifrou nas poucas palavras de um breve capitulo ésta tragedia ; porque lhe serviu de maior assumpto a suas exclamações, que á sua história. Mas em logar dos nossos, Gabriel *Bertholameu* Gramondo, presidente do parlamento tolosano, em os seus elegantissimos « Annaes de Luiz XIII, rei de França » trocando a inteireza pela efficacia, descreve de tal modo êste acontecimento, que lhe devêra Portugal para sempre, senão a fidelidade de sua escriptura, a benevolencia, com que aventurou o seu credito pelo nosso.

Porêm, havendo já dicto tanto, ainda vos não disse a razão, por que cá de tão longe vos vou buscar lá entre os arvoredos de vossa quinta com tão desigual presente. Serìa porventura, por entender que os erros, que aqui se acharem, ninguem melhor que vós os poderia emendar ; pois ao largo estudo da poetica, história e polícia, ao alto juizo, que em vós ha, tão bem logrado e conhecido entre nós, digna occupação podia ser a correcção dos desconcertos de um amigo, que tanta estimação e provas tem feito de vossa amizade. Serìa, porque tractando ésta relação de algumas materias militares, a ninguem melhor que vós se podia offerecer! Tudo foi, porque a experiencia e valor, que em tudo tendes mostrado (já passando á Africa contra os Pagãos nos primeiros annos, já defendendo em outros mais adultos a patria de

seus inimigos), sempre deu glorioso exercicio a essas tantas linguas da Fama; que para vós eram mais que as cento, assignadas dos antigos: porque eram todas as linguas de quantes com justo louvor apregoavam vosso merecimento. Bem se viu, quando contra a sentença do philosopho, que affirmou «Era mais devido perder pelos principes a vida, que a saude» vivendo vós d'essa riqueza tão falto, não só mil vezes offerecestes a vida ao cutello da morte, mas outras tantas entregastes a saude aos fios da enfermidade. Poderemos assim dizer «Que não levou só Homero depois de morto a glória da contenda das septe cidades, que procuravam a posse de suas cinzas» porque já agora vímos, que sòbre vossos achaques contendiam muitos postos, a qual os havia de lograr, occupados em si-mesmo. Se era sómente para se apiadarem de uma tão desmerecida infelicidade, justa foi a occasião de sua discordia; se para vos affligir (como era) com novas obrigações, cuidados e molestias, não mereciam em verdade o sacrificio, que de vós-mesmo lhe fizestes: pois não consente a razão natural, nem o direito civil, affligir aos affligidos: cousa que hoje entre nós só vemos (ó Deus, e que tantas vezes!) perdòe o direito, e a natureza.

Agora que entendo descançais de tão honrosas fadigas n'esse vosso retiro (porque justo o melhor) resolvi fazer-vos êste presente, por duas razões. A primeira, porque possais lograr com maior agradecimento a mercê, que Deus vos fez, livrando-vos da perigosa vida do mar, cuja deslealdade já conhecestes em as navegações, que haveis feito a Inglaterra e Barbaria. A segunda, porque pondo-vos Deus no logar, em que vos poz, espero avalieis com certas notí-

cias os meritos d'aquellesque servem aos rêis, não já tanto expostos ao furor da guerra dos homens, quanto á dos elementos.

Monserrate Antarctico, 5 de Fevereiro de 1657.

V. Amigo

D. F. M.

4ª — Que serve de Prefação á Epanaphora sôbre a Restauração de Pernambuco

Emquanto, Sr. N., vos preparais para mostrardes em Africa aquelle valor, que em Europa e America tendes mostrado, igual a'o que na Asia vos propozeram vossos antecessores, não esperdiçarêis o tempo, que derdes á lição d'ésta minha breve história, por ser dicto dos sabios: « Que as histórias do mundo são uns espelhos clarissimos, donde, vendo nós retractadas as famosas acções, que não vímos, nos accendêmos utilmente no amor d'ellas ». Como succedeu muitas vezes, que os retractos de formosuras excellentes captivaram as vontades dos homens.

Entre as modernas acções de nossos Lusitanos não é ésta a quem deixa sem competencia a dos antigos; e é aquellaque por ventura não achará imitação entre os extranhos, moderna nem antigamente: porque, se considerarmos uma guerra distante, desajudada dos respeitos, estorvada do tempo, executada por desfavorecidos, armas tumultuarias em mãos de homens vinte e quatro annos subjeitos ao jugo de aspero dominio, contra nação famosa, capitães dextros, ministros prudentes e effeitos ricos: não sei eu, que nos archivos da lembrança humana haja outra

com semelhante felicidade conseguida, por mais que Albania se nos opponha pel'a de seu semelhante Castrióto.

E já-que não seja grande êste presente, nada vos tem de improprio: pois o fim d'ésta propria guerra vos custou as jornadas, que fizestes uma e outra vez á America em serviço da patria.

Parece, que vos não contentastes de vos offerecer a todas as occasiões de nobre perigo, esperando-os a pé quedo dentro de Portugal; fostes a buscal-as não só pelo mundo, mas fóra d'elle, passando a outro mundo novo, que ainda nos é mais extranho que distante. Vosso serviço uma vez, vosso govêrno outra, quem duvida, contribuiu muitas vezes ao alto effeito de nossa victória! Eu que tambem vi e ouvi de mais perto a causa d'éstas considerações, bem conheço o mesmo que inculco, e sei por quanta razão o inculco e o conheço.

Quantas ha, para que eu busque agora vosso patrocinio? são de sorte, que não é facil escolher as que podem ser primeiras. Uma bôa amizade de tantos annos acha laços porventura mais fortes que os da natureza: d'onde os philosophos assim chamaram ao costume « O garfo que enxirimos na árvore, e com ella se ajuncta por largo tempo, ou a converte em si, ou a si n'ella ».

Mais quizera eu fazer, pelas provas d'o que vos amo, que manifestal-o ao tempo; e farei mais, quando, referindo o que obrastes, e o que haveis de obrar, traga todos os que me ouvirem á minha propria affeição, e ao louvor, que se vos deve.

Alcantara, 23 de Dezembro de 1659.

V. Amigo

D. F. M.

IV — Cartas do marquez de Pombal sôbre diversos assumptos

1ª — Aviso ao eminentissimo e reverendissimo cardeal patriarcha, pedindo-se-lhe o seu parecer sôbre o logar para a sepultura dos mortos

Em. e Rev. Sr. S. M. manda remetter a V. Eminencia as cópias das ordens, que acabo de expedir ao duque regedor. N'ellas verá V. E., que falta a eleição das sepulturas, que se não podem retardar sem outro gravissimo perigo. Lembra mandarem-se abrir fossos de grande altura, onde se lancem os cadaveres, como se practicou em differentes paizes, quando foram castigados com o flagello da peste: ao mesmo tempo occorre porêm, que considerando-se uma grande parte do povo de Lisbôa entre as actuaes ruinas, e sendo tão numeroso o referido povo, é muito para temer, que em toda a circumferencia da capital do reino exhale mũi nocivos vapores. N'ésta consternação lembra tambem destinar batelões ou barcos grandes, os quaes, fazendo-se primeiro os necessarios assentos dos obitos, e cumprindo-se com o mais, que a piedade christã practica em semelhantes casos, levem os corpos a algumas leguas fóra da barra, e os lancem no mar, com pesos, que os conservem no fundo até se consumirem, como se practica com os que fallecem a bordo dos navios, em outro caso de necessidade menos grave, e de remedio menos difficultoso. Sôbre o que tudo espera S. M. o parecer de V. E., para se expedirem as reaes ordens.

Deus guarde a V. E. — Paço de Belêm, a 2 de Novembro de 1755.

Sebastião José de Carvalho e Mello.

2ª — Aviso para o eminentissimo cardeal patriarcha, em que se lhe ordena, exhorte aos parochos da cidade e seus suburbios, que persuadam aos povos a necessidade urgente de dar sepultura aos mortos

Em. e Rev. Sr.

Sendo S. M. informado da inteira deserção, que tem abandonado a cidade de Lisbôa aos effeitos da presente calamidade; e considerando, que prudentemente se póde recear, que não bastem todas as providências, que o mesmo senhor tem dado pelos seus ministros e officiaes de guerra, para vencerem o terror, de que se acham penetrados os habitantes da mesma cidade, para voltarem a ella com as mais pessôas, que aliás seriam conduzidas pela piedade christã a cooperarem, para se vencer o maior perigo, que nos está ameaçando, a falta de sepultura dos cadaveres, principalmente n'aquelles edificios, que não foram abrazados por incendios: me manda o mesmo senhor participar a V. E., que será muito do serviço de Deus e de S. M., e mũi util e efficaz, ou póde ser que o unico remedio para nos preservarmos de outra igual consternação, mandar V. E. ordenar a todos os porochos da côrte, suburbios e vizinhanças d'ella, que, sahindo logo com procissões públicas, tomem n'ellas por motivo para as suas práticas, persuadirem aos povos, que, parecendo que Deus Nosso Senhor tem suspenso o castigo, com que nos avisou, é necessario, que procuremos conservar estes effeitos da sua Divina Misericordia, fazendo as obras d'ella, que forem mais agradaveis ao mesmo Senhor. E que entre todos os actos de piedade christã, com que podêmos aplacar a Divina Justiça,

não póde haver outro, que seja tão meritorio, como o de se recolherem á cidade todos os seus moradores, que Deus conservou vivos, para ajudarem a nobreza, os ministros mais graduados, e os officiaes de guerra mais distinctos, no trabalho sancto, e pio, de concorrerem, para se dar promptissima sepultura aos mortos, e se preservarem assim os que ficaram vivos; sendo éstas obras tão christãs e heroicas, que, ainda no caso de haver n'ellas o perigo de algumas pessôas, que já se não póde recear prudentemente, deveria cada um de nós não só expôr, mas sacrificar voluntariamente a vida, para aplacar a Deus, contribuindo para salvar a patria. O mesmo considera S. M., e que será conveniente, que V. E. o faça persuadir pelos ministros mais graduados da Sancta Egreja Patriarchal, incluindo os principaes d'ella; e que V. E. mande exhortar na mesma conformidade os prelados regulares de todas as religiões, para cada um d'elles acudir aos seus respectivos bairros. Ultimamente me manda S. M. participar a V. E., que tambem considera, que para a efficacia d'êste remedio contribuirá muito prohibir V. E. as exhortações, que livremente e sem licença andam fazendo muitos clerigos seculares, e alguns regulares, por termos que augmentam a consternação, sem persuadirem os povos ao remedio d'ella, antes lhe rendem os animos de sorte, que os impossibilitam para o trabalho, e os afugentam para os logares desertos.

Deus guarde a V. E. — Paço de Belêm, a 3 de Novembro de 1755.

Sebastião José de Carvalho e Mello.

3ª — Circular a todos os prelados regulares dos conventos de Lisbôa; em que S. M. lhes manda louvar, agradecer o zêlo, e persuadir a urgencia da sepultura dos mortos

Sendo presente a S. M. o zêlo do serviço de Deus, e o do mesmo senhor, com que os religiosos da obediencia de V. P. R. têem edificado a cidade de Lisbôa nas obras de misericordia; exercitadas na pública e indispensavel necessidade, em que nos achâmos, de dar sepultura aos cadaveres humanos, e aos corpos de irracionaes, que se acham entre as lastimosas ruinas da mesma cidade, antesque a corrupção d'êlles, inficionando o ar, diffunda por êlle um contágio, que constitua outra maior consternação; e sabendo o mesmo senhor, que, com estes sanctos fins, se têem visto os religiosos mais authorizados com enxadas ás costas, e nas mãos, trabalhando com devotissimo fervor; me manda S. M. louvar e agradecer a V. P. R. o muito, que éstas religiosas e utilissimas diligéncias têem edificado aos seus vassallos dos outros estados, encarregados pelo mesmo senhor de se applicarem á imitação precisa de tão religiosos exemplos: esperando das virtudes e observancia da communidade, a que V. P. R. preside, que não só não afrouxará no fervor, de que S. M. foi informado, mas que êste crescerá mais e mais, atéque de todo cessem as duas urgentes calamidades da falta de sepultura dos mortos, e do progresso, que ainda estão fazendo os incendios; dirigindo-se a mesma communidade dentro dos limites da parochia, em que é situada, a soccorrer as necessidades, que requerem mais prompto remedio; cooperando para isso de accôrdo com os minis-

tros, officiaes da guerra, e fidalgos, que em causa commum se exercitam louvavelmente nos mesmos religiosos exercicios.

Deus guarde a V. P. R. — Paço de Belêm, a 5 de Novembro de 1755.

Sebastião José de Carvalho e Mello.

4ª — Para o enviado Antonio Freire de Andrade Enserrabodes pedir ao summo pontifice, em nome de S. M., lhe nomêe para patrono e protector dos seus reinos e dominios, contra os terremotos, a S. Francisco de Borja, com o rito de 1ª classe

S. M. tendo consideração aos funestos effeitos, que o terremoto do primeiro de Novembro proximo passado causou nos seus reinos, e maiormente na sua côrte de Lisbôa: e lembrando-se do especial patrocinio de S. Francisco de Borja, para preservar de semelhantes e maiores estragos com milagrosos prodigios, assim na Europa como na America, aos reinos, cidades e logares, que o elegeram para seu patrono e protector contra os terremotos: é servido, que em seu real nome supplique V. S. ao summo pontifice, que lhe conceda, e nomêe para patrono e protector dos seus reinos e dominios contra os terremotos ao mesmo sancto: e que, como n'elles tem o rito de segunda classe, lhe determine o de primeira, para todo o clero secular e regular dos dictos seus reinos e dominios, com obrigação de se cantar no dia da sua festa em todas as egrejas, em que houver obrigação de côro, a sua missa com a devida solemnidade, para o fim de livral-os das ruinas, que os terremotos costumam causar: e o mesmo senhor mandará offerecer por si e pelos seus successores, e pelo seu povo, donativo na fórma costumada.

E os senados das cidades e villas, em que se representam os povos, hão de assistir á dicta festa nas egrejas das casas da Companhia de Jesus, onde as houver, e não as havendo, nas egrejas cathedraes ou principaes. E por ser da singular devoção de S. M. ésta eleição de S. Francisco de Borja para patrono e protector contra os terremotos, não se fez nem se podia fazer com as formalidades prescriptas no decreto de Urbano VIII para as eleições de patronos, que se fazem pelo povo e clero. Mas sendo necessaria alguma dispensa n'ésta materia, V. S. a pedirá em nome do mesmo senhor.

Deus guarde a V. S.— Belém, a 8 de Março de 1756.

Sebastião José de Carvalho e Mello.

5.º — A Joaquim de Mello e Povoas, quando êste foi nomeado para governar o Maranhão

Justo me pareceu, depois de querer V. Ex. entrar instruido no seu generalato, sabendo do clima, dos fructos, dos viveres, da jornada e do preciso commodo d'ella para o seu transporte, que tambem se instruisse no genio dos povos, por um breve methodo de governar, e dirigir suas acções com menos embaraços d'os que acontecem a quem primeiro ha de practicar para os conhecer, e que, quando se chega a fazer senhor das cousas, é quando tem involuntariamente errado com ânimo de acertar.

O povo, que V. Ex. vai governar, é obediente, fiel a el-rei, aos seus generaes e ministros: com éstas circumstâncias, é certo, que ha de amar a um general prudente, affavel, modesto e civil. A justiça e a paz, com que V. Ex. o governar, o fará igualmente bemquisto e respeitado;

porque com uma e outra cousa se sustenta a saude pública.

Engana-se quem entende, que o temor, com que se faz obedecer, é mais conveniente, do que a benignidade, com que se faz amar; pois a razão natural ensina, que a obediencia forçada é violenta, e a voluntaria segura.

Nos generaes substitue el-rei o seu alto podêr, fazendo duas imagens suas; ésta lembrança fará a V. Ex. exemplar de predicados virtuosos, paraque não vejam os seus subditos a sombra da cópia desmentir as luzes do original, que é puro e perfeito.

Conheçam todos em V. Ex., que el-rei é pio, e que o manda para ser pai, e não tyranno, porque isto é o mesmo, que V. Ex. vê practicar pelo seu regio ministerio: casos ha, em que se deve usar de rigor, apezar da propria vontade: assim-como vemos, pelo professor, ou cauterizar uma chaga, ou cortar um braço, para restaurar a saude de uma vida, da mesma sorte quem governa, se não póde conservar a saude do corpo mystico da républica por causa de um membro podre, justo é cortal-o para não contaminar a saude dos mais: pese V. Ex. na balança do entendimento a sua benevolencia de sorte, que não diminua a auctoridade do respeito, nem a justa severidade das leis obrigado do amor; porque n'êste equilibrio está o acêrto de um feliz govêrno: a jurisdicção, que el-rei confere a V. Ex., jamais sirva para vingar as suas paixões; porque é injúria do podêr usar da espada da justiça fóra dos casos d'ella. Duvido, se ha quem saiba executar éstas virtudes; comtudo seja V. Ex. o exemplar, para conseguir a palma de uma victória tão heroica, como invencivel:

defenda V. Ex. o respeito do logar pela auctoridade d'el-rei, castigando a quem pretender manchal-o; porêm os seus aggravos pessoaes saiba dissimular e esquecer-se d'elles: os aduiadores não se conhecem pelas roupas, que vestem, nem pelas palavras, que proferem; quasi todos os que os ouvem, são do genio do rei Achab, que só estimava os prophetas, que lhe prediziam cousas, que o lisongeavam; e porque Michéas em certa occasião lhe disse o que lhe não convinha, logo o apartou de si com ódio.

Quasi todos os que governam, querem, que os lisongêem, e sempre ouvem com agrado os elogios, que selhes fazem: d'ésta especie de homens, ou de inimigos, em toda a parte se encontram, e V. Ex. os achará tambem no seu govêrno; aparte-os pois de si, como veneno mortal. O Espirito Sanoto diz, que os que governam devem ter os ouvidos cercados de espinhos, só paraque, quando os aduladores se cheguem a elles, os lastimem e os façam afugentar. Um crime ha em direito, que os Jurisconsultos chamam crime *stelionatus:* crime de engano, derivando a sua etymologia d'aquelle animal *stelião*, que não mata com o veneno, e só entorpece a quem vê, introduzindo diversas qualidades e effeitos no ânimo; castigue V. Ex. a estes *steliões* e negue-lhes attenção, paraque o deixem obrar livre, e lhe não paralizem os sentidos, nem o ânimo. V. Ex. vai para um govêrno tão moderno, que é o quarto general, que o continúa a crear: imite ao primeiro em tudo aquillo, que achar ter sido grato ao povo, e util ao serviço do rei e da républica: não altere cousa alguma com fôrça, nem violencia; porque é preciso muito tempo e muito geito, para mudar os cos-

tumes inveterados, ainda que sejam escandalosos: os mesmos Principes encontram difficuldades n'êste empenho: Tiberio não conseguiu tirar os jogos illicitos e publicos, introduzidos por Augusto; Galba pouco tempo reinou, por querer emendar as desenvolturas de Nero; e Pertinax pouco menos de um anno empunhou o sceptro, por intentar reformar as tropas relaxadas por seu antecessor Commodo: comtudo, quando a razão o permitte, e é preciso desterrar abusos, e destruir costumes perniciosos em benefício d'el-rei, da justiça e do bem commum, seja com muita prudencia e moderação, pois o modo vence mais, do que o podêr. Ésta doutrina é de Aristoteles; e todos aquelles, que a practicaram, não se arrependeram: em qualquer resolução, que V. Ex. intentar, observe éstas tres cousas, prudencia para deliberar, dextreza para dispôr, e perseverança para acabar. Não resolva V. Ex. com acceleração as dependencias arduas do seu govêrno, paraque lhe não aconteça logo emendal-as: menos mal é dilatar, para acertar com maduro conselho, que deferir com ligeireza, para se arrepender com pezar sem remedio: quando duvidar, informe-se, pergunte; e para não dar a entender o que quer obrar, figure o caso, como questão a pessôas que o possam saber, para o informarem em termos. Tambem não quero dizer, que por isso se subjeite V. Ex. a tudo e a todos; mas sim, que ouça e practique, para resolver por si o que entender; porque de V. Ex. confiou el-rei o govêrno, e não de outro.

A familia de V. Ex. seja a cousa mais importante e escolhida, que comsigo leve; pois por ella ha de V. Ex. ser amado, ou aborrecido, e por ella ha de ser applau-

dido, ou murmurado. São os criados inimigos domesticos, quando são desleaes; e companheiros estimaveis, quando são fiéis: se não são, como devem ser, participam para fóra o que sabem dentro, e depois passam a dizer dentro o que se não sonha fóra; e o mais é, que, como são tidos por leaes e verdadeiros, acham grata attenção n'o que contam, prejudicando muitas vezes com mentira a innocencia do accusado por vingança dos seus particulares interêsses. É muito precisa a bòa eleição da familia, que um general ha de levar comsigo, principalmente para a America . . . . . .

Por mão de criados não aceite V. Ex. petição, nem requerimento, aindaque seja d'aquelle, de que V. Ex. formar mais solido conceito, paraque não aconteça, que á sombra da súpplica, que vai despida de favor, se introduza a que se acompanha de empenho e de interèsse: a mentira veste galas, a verdade não: ésta por innocente préza-se de andar nua; aquella por maliciosa procura enfeites, para parecer formosa: e como os olhos se namoram d'o que vêem, e os ouvidos d'o que ouvem: em taes casos a confidencia, que V. Ex. fizer do criado, e a informação, que elle der do requerimento, que apadrinha, quando não obrigue, que V. Exc. pela sua rectidão offenda a pureza da justiça, póde facilmente inclinal-o a favorecer o despacho: mas paraque assim não succeda (uma vez que a experiencia é a melhor mestra, e o primeiro documento para o acêrto), disséra a V. Ex., que mandasse fazer uma pequena caixa com abertura, para as partes metterem dentro os papéis, posta em alguma casa exterior, cuja chave só V. Ex. confiará de si, para a mandar abrir, e despa-

char de noite, afim de de manhan se entregarem ás partes; e não receber requerimento algum por mão de pessôa, que não seja a propria, ou procurador das partes: tiradas as horas do seu precioso e natural descanso, dê V. Ex. audiencia todos dias, e a todos, em qualquer occasião, em que lhe queiram fallar. Das primeiras informações nunca V. Ex. se capacite, aindaque éstas venham acompanhadas de lagrymas, e a causa justificada com o sangue do proprio queixoso, porque n'ésta mesma figura podem enganar a V. Ex.; pois se a natureza deu com providencia dous ouvidos, seja um para ouvir o ausente, e o outro para o accusador: attenda V. Ex., e escute o afflicto, que se queixa lastimado e offendido, console-o: comtudo não lhe defira sem plena informação, sendo ésta feita pelo ministro, ou pessôa muito confidente, paraque assim defira V. Ex. com madureza e rectidão, sem que lhe fique logar de se arrepender d'o que tiver obrado: com êste methodo livrar-se-ha V. Ex. tambem de muitas queixas vans e falsas de muitos, que sem verdade as fazem, confiados na promptidão, com que alguns superiores castigam, levados da primeira accusação, que se lhes faz. Quando assim succeda, que enganem a V. Ex., mande castigar o informante, e o queixoso, aindaque tenha mediado tempo; isto tanto para satisfacção da justiça, e do seu respeito, como para exemplo d'os que quizerem intentar o mesmo.

Não consinta V. Ex. violencia dos ricos contra os pobres, seja defensor das pessôas miseraveis, porque de ordinario os poderosos são soberbos, e pretendem destruir e desestimar os humildes; ésta recommendação é das leis

divinas e humanas; e sendo V. Ex. fiel executor de ambas, como bom catholico e bom vassallo, fará n'isso serviço a Deus e a el-rei. Toda a republica se compõe de pobres e humildes mais, que de ricos e opulentos: n'estes termos conheça antes a maior parte do povo a V. Ex. por pai, para o acclamarem defensor da piedade, do que a menor como protector das suas temeridades, para se gloriarem do seu rigor.

Pouco importará, que se estimulem de V. Ex. não concorrer para as suas violencias; porque estes mesmos, que agora se queixarem, conhecendo a justiça, com que V. Ex. procede, logo confessam a verdade; porque a virtude tem comsigo a preeminencia de ser exaltada pelos mesmos, que a perseguem e aborrecem. Ha muitos casos, que merecendo castigo, primeiro ha de haver uma prudente admoestação reprehensivel, ou pela qualidade da pessôa, ou pela natureza da culpa: ésta é a occasião, em que V. Ex. ha de mandar chamar o culpado, e com elle sómente sem outras testemunhas reprehendel-o, e encarregar-lhe a emenda e o segredo da correcção com tanto empenho, que, se revelar, ou abusar do conselho, lhe será preciso castigal-o pública e asperamente para exemplo dos mais. Ésta reprehensão deve ser cheia de gravidade e de palavras moderadas; porque éstas infundem no réo um certo espirito de pejo para a emenda, e respeito para com V. Ex., a cuja auctoridade em muitas occasiões é mais efficaz a moderação, com que se reprehende, do que a severidade, com que se castiga: o concêrto do modo nas occasiões faz uma suave harmonia entre o mando e a obediencia. Nunca V. Ex. tracte mal de palavras, nem de acções pessôa algu-

ma dos seus subditos, e d'aquelles que lhe forem requerer; porque deve mandar castigar, por ter para isso cadeias, ferros e officiaes que lhe obedeçam: mas não deve injuriar com palavras e affrontas; porque os homens, se são honrados, sentem menos o pêso dos grilhões e a privação da liberdade, que a descompostura de palavras ignominiosas; e, se o não são, fructo nenhum se tira em proferir improperios. Quem se preoccupa das suas paixões, faz-se escravo d'ellas, e descompõe a sua propria auctoridade. Mostre-se V. Ex., em todos os momentos de paixão e de perigo, superior e inalteravel; porque com os dous attributos de prudencia e valor o temerão os seus subditos.

Tenha por descredito, como superior, provar o seu podêr na fraqueza dos miseraveis pretendentes.

Só tres divindades sei que pinctaram os antigos com os olhos vendados, signaes de que não eram cegas; mas que elles as faziam e adoravam: a um Pluto, deus das riquezas, um Cupido, deus do amor, uma Astréa, deusa da justiça.

Negue V. Ex. culto a semelhantes deidades, e nunca consinta, que se erijam templos e se lhes consagrem votos pelos officiaes d'el-rei; porque é prejudicial em quem governa, riqueza cega, amor cego, justiça cega.

Marquez de Pombal.

6ª — Escripta em Pombal aos 8 de Dezembro de 1780 pelo marquez, então gravemente molesto, a seu filho o conde de Oeiras

Meu filho do meu coração, tem-me parecido, que prudentemente devia suspender toda a correspondencia epis-

tolar, desde que chegou a ésta villa o deputado da meza da consciencia e ordens José Luiz França com a commissão régia, que logo se faria pública n'essa côrte, e em todo êste reino. Porisso não terás visto carta alguma minha desde aquelle tempo.

Agora porêm me acho em uma crise, que faz com que eu, sem ser cruel, te não possa deixar na ignorancia do estado em que fico. Na manhã de domingo, que se contaram 5 do corrente, me sôbreveiu um despenho de ventre tal e tão excessivo, que, enchendo quasi uma das grandes bacias de louça, de que costumâmos servir-nos na cadeira furada, causou espanto a todos os que viram aquelle inesperado phenomeno. Na tarde do mesmo dia sôbrevindo-me dores e áncias internas, lancei de mim, pela via posterior, uma muito copiosa hemorragia de sangue escuro e grumoso, e na manhã de segunda feira se repetiu outra hemorragia de sangue da mesma qualidade.

Sahindo extraordinarias irrupções de um corpo, que ha mezes padece um fastio, que o tem posto em uma quasi absoluta inedia, sem que comtudo a natureza deixasse nunca de cumprir todas as vinte e quatro horas com as operações naturaes e proprias da sôbredicta cadeira furada, á-proporção da escassez do alimento; e não se podendo porisso attribuir as dictas irrupções a'o que ordinariamente se chama enchimento e indigestão de estomago, foi preciso, que o discurso procurasse descobrir, qual era a outra causa occulta d'aquelles extraordinarios effeitos.

O juizo, que pareceu mais conforme ás circumstáncias do meu presente estado, e ás indagações e combinações, que podem caber na comprehensão humana, foi, que, ha-

vendo mais de dous annos e meio que padeço tantos insultos e vexações n'aquella honra, de que sempre fiz idolo, sem outro desafôgo mais que o de estar perdoando caritativamente, não bastou aquella resignação christã, paraque a sensibilidade da natureza (sempre difficil de se conformar com trabalhos d'aquella penetrante agudeza) deixasse de formar a congestão, ou apostema, que ha tantos mezes me tem causado tantas e tão penosas molestias, que agora se manifestam exteriormente pelas sôbredictas irrupções.

Não obstante que aquellas morbosas e excessivas descargas, achando-me já debilitado pelas minhas habituaes molestias, e por cincoenta e tantos dias de perguntas, ás quaes tenho sido obrigado a assistir, com sessões de quatro horas e meia, cinco, seis, septe, e até oito horas e meia, de que sahi extenuado pelos quarenta minutos depois da meia noite de sabbado para o domingo proximo precedente, me deixaram tão abatido e prostrado, como é muito facil crer; não-obstante, digo, tudo o referido, me fiz transportar da cama, e levar nos braços de dous de meus criados em um coiro á casa das perguntas, lógo-que soube, que a ella chegavam os ministros. Immediatamente signifiquei ao severo juiz José Luiz França, que eu lhe havia protestado em outras sessões, que a profunda obediencia ás ordens da rainha nossa senhora me faria transportar ao logar, em que elle me via, emquanto podesse abrir os olhos, por maior que fosse a minha debilidade e prostração: que, se na sua presença exhalasse o último suspiro, por uma parte morreria na obediencia das ordens da mesma senhora, com a mesma, que sempre havia tido na execução d'as de seus augustos paes e avô; e que pela outra parte tinha ha muitos

tempos offerecido com resignação a minha vida a Deus Nosso Senhor, em pequeno sacrificio e satisfação do muito que era devedor á Divina Bondade e á Divina Justiça; mas que seria inseparavel de mim o sentimento de morrer torpemente mascarado pelos meus inimigos, e desconhecido pelos meus legitimos soberanos, e pela minha patria, que sempre professei servir com summo zêlo e igual fidelidade. Havendo os dictos ministros visto manifestamente, que a minha summa debilidade e prostração não podiam sustentar o constante espirito d'aquella minha profunda obediencia, me ordenaram, me recolhesse á minha cama; e a ella me transportaram consequentemente os sôbredictos criados na mesma infeliz carruagem, em que me tinham conduzido.

Depois de haver assim cumprido (do modo que a minha possibilidade o podia permittir) com as obrigações da profunda obediencia ás ordens da rainha, na pureza das suas reaes intenções sempre justissima, purissima, clementissima e legitima soberana, e natural senhora, passei a cumprir com o que devia á propria caridade, e á conservação do meu insignificante individuo, expedindo com toda a diligencia um criado, com carta da cópia inclusa, ao doutor Antonio José Pereira, lente de prima na universidade de Coimbra, e o mais famoso médico práctico d'ella, na commum opinião de todos, paraque tivesse a bondade de me vir visitar com toda a brevidade, que o meu caso requeria nas circumstancias, que deixo indicadas.

Chegou o doutor Antonio José Pereira, o qual, quanto ás causas antecedentes, se conformou inteiramente com ellas, porque eram notorias; mas não conveiu porém em-

quanto a ter-se formado um depósito fixo, ou a apostema adherente a algum dos dous lados da parte interior do corpo. Depois de bem examinado o caso, se assentou em que as irrupções de humores corrompidos, e as hemorragias de sangue adusto eram provenientes das materias dos volumosos tumores, que se concentraram no meu lado esquerdo, e de grande quantidade de pustulas, que se tinham espalhado por todo o corpo; as quaes com a causa das vexações do ānimo, se tinham separado dos seus vasos naturaes e precipitado sòbre todos os intestinos; e que d'elles sahia a causa das dores do ventre e dos lados, que eu estava padecendo: e n'isto se firmaram. Pedi-lhe, que, como philosopho christão e sem a lisonja, que a meu respeito não podia hoje ter o menor logar, me desenganasse, dizendo-me o estado do perigo, em que me considerava; porque aindaque não temia a morte, tremia da conta, que havia de dar a Deus, e queria acabar-me de preparar para ella no pouco tempo, que ainda me restasse.

Respondeu-me, que não podia deixar de me dizer, que me julgava gravemente enfermo; que êlle não podia curar as causas das vexações e das paixões da alma, e das agitações do ānimo, que excediam ás forças naturaes; que porēm, se as dictas irrupções e hemorragias cessassem com alguma tranquillidade do corpo e do espirito, e com alguns remedios, que passava a applicar-me para temperar e fortificar os intestinos, em ordem a não receberem mais, e o todo, para não mandar para êlles, poderia eu esperar, que me soccorresse a arte; que, se pelo contrário continuassem as agitações, e consequentemente as dictas irrupções, humores, e as hemorragias de sangue, natural

era, que no meio de alguma d'ellas cahisse em uma syncope, que repentinamente me fizesse passar á vida eterna. Sendo èste o meu presente estado, te ordeno positivamente com auctoridade de pai, e com o affecto de amigo, que de nenhum modo consintas no pensamento de pedir licença, para me vir (1) assistir; porque primeiro do que a triste assistencia, que me podias aqui fazer, agora deve estar a das tuas honrosas obrigações no serviço de nossos augustissimos amos e clementissimos senhores; porque não deves abandonar e deixar ao desamparo essa atormentada e perseguida casa, em uma occasião tão critica como a presente; e porque, pelo que pertence ao cuidado da minha doença tenho dous medicos, cujo número tu sabes que nunca quiz exceder nas minhas mais graves enfermidades; e tenho por desveladas enfermeiras tua mãe e duas filhas, que são inseparaveis do meu leito. Sómente será preciso, que as venhas buscar, quando eu chegue a fallecer. E adeus, meu filho, até quando Deus Nosso Senhor for servido; e o mesmo Senhor te guarde e felicite, como cordialissimamente deseja teu pai

Sebastião José de Carvalho e Mello.

(1) Seria melhor portuguez: « para vires assistir-me ».

IV — Estylo normal de dedicatorias, memoriaes, prologos, etc.

§ XXXIV — Dedicatoria a el-rei D. João III por D. João de Castro (1)

Por me parecer, que Vossa Alteza receberia em serviço dar-lhe eu conta miudamente da navegação, que fez ésta sua grande e poderosa armada, me quiz dispôr a escrever estes *Commentarios*, ou, para fallar mais proprio, êste *Roteiro*, o qual, pôstoque o estylo d'elle seja barbaro e grosseiro, e a materia, de que tracta, mais que todas esteril e sêcca, dado-que proveitosa, posso affirmar a Vossa Alteza, que me custou grande trabalho, e que o tempo, que n'elle gastei, não foi outro, salvo furtado d'aquelleque é obrigatorio ao somno e repouso da carne; porque d'outra maneira não ousára eu de consumir n'isto, nem em outra cousa alguma, o tempo d'êste cargo em capitania, de que me Vossa Alteza fez mercê: mas sem embargo, que o interêsse d'ésta escriptura foi alumiar ésta carreira aos simplices, e dar-lhe aviso e regras, paraque mais seguramente a possam passar.

Verdadeiramente, senhor, que muitas vezes m'envergonho comigo, quando cuido na grandeza de seu estado, e no baixo serviço, que lhe apresento com ésta obra, a qual não digo eu ser capaz de se pôr em suas altas e reaes mãos, mas em outras algumas de marinheiros rusticos, como não sómente carece de feitos heroicos, e é falta de materias nobres e illustres, mas ainda de vocabulos conhecidos e termos usa-

(1) Roteiro de Lisbôa a Gôa em 1538.

dos entre cortezãos e gente polida, porque jámais se faz festa d'outra cousa, que de nomes de ventos, e de fortunas e mudanças do mar, d'alterações do ar, d'apparencias do céo, de caminhos e rodeios, que faz a náo, de aves marinhas e pouco nobres; e isto ainda com ordem assaz comprida e embaraçada. E pois os que escreveram da imagem do mundo, e história de cosmographia, tractando de gentes, terras, mares, montes, rios, promontorios e cidades, espantados de se verem entrar em materia tão ardua e difficultosa, chamam muitas vezes as Musas em seu favor, e não acabam de se desculpar, dizendo não haver n'ésta materia eloquencia nem graça alguma: com quanta mais razão posso eu tomar todas éstas salvas, maiormente sendo notorio, que não escrevo êste livro, para se ler ás damas e a galantes, e se aproveitarem d'elle nas côrtes e paços reaes, mas os de Leça e Mattosinhos (2).

Ora considerando eu como Vossa Alteza seja tão grande, que nenhum serviço se lhe póde fazer, que seja proporcionado á sua grandeza; tomei atrevimento, para lhe queimar êste alecrim e defumadouros de villa, por ser bem certo, que os não receberá em menos valia e preço, que o muito estimado incenso d'Arabia: e tambem não sei, como se me foi mettendo em cabeça, que Vossa Alteza no tempo passado favoreceu algumas obras pequenas, que sahiram de minha mão, pelo qual (sc. *favor*) não sómente se contentaram os homens de lhe comerem a carne, e roerem os ossos, mas ainda de lhe tirarem os tutanos.

E portanto ser-me-ha necessario, ó bem-aventurado rei,

(2) Duas villas de Portugal, que teem dado insignes marinheiros.

que, ou Vossa Alteza não queira ouvir juizos, contra ésta obra, de pessôas, que sem nenhum respeito reprehendem o que não entendem, e condemnam o que em verdade não sabem, o que sem nenhuma dúvida em presença das partes não fariam; ou me dê licença para lh'a dedicar; porque então quem haverá no mundo tão ousado, que, sabendo ser Vossa Alteza o defensor, não fique espantado. E que freio póde haver, se êste não, contra os maldizentes e roedores, os quaes haverão por prémio incorrerem na infamia d'aquellesque combatem com os mortos, com-tanto que com seus sophismas e malicias possam aniquilar meu trabalho e escurecer minha empreza. Porque, como n'êste *Roteiro* vão escriptas muitas cousas, que parecem extranhas e impossiveis, as quaes escrevi medrosamente, não porque d'ellas não fosse mũi certificado, mas por receio que tive de sahir da opinião commum, vendo de uma parte, que escrevendo-as poria espanto n'os que as lessem, e d'outra parte, que dissimulando-as cahiria em culpa e negligencia, terão ousadia para me responderem, e mais sabendo quão mal se guarda justiça aos absentes.

Já me contentaria de ser julgado por juizes suspeitos, com tanto que fossem officiaes d'ésta arte e officio do mar; mas receio, que aconteça n'isto o que ordinariamente vemos por experiencia, que na sciencia de que os homens menos sabem, e na arte em que são menos exercitados, n'aquellas querem practicar mais soltos, e mostrarem, que são sufficientes mestres.

Apelles não sómente soffreu, que um sapateiro lhe taxasse um não-sei-quê, que faltava a um sapato, que logo emendou; mas tornando o sapateiro a ver a pinctura, soberbo do juizo,

que tinha feito, querendo reprehender falta na perna da imagem, sahiu Apelles a elle, dizendo: « Não convêm a sapateiro julgar de outra cousa, que não são sapatos. » Este mesmo Apelles teve ousadia de dizer ao grande Alexandre, que vinha muitas vezes folgar á sua officina, onde trabalhava (querendo aporfiar com elle em cousas de pinctura) « Que se calasse, que os meninos, que estavam moendo as tinctas, se ririam d'elle ». E porque n'èste tempo mais azinha se acharão muitos Apelles, no primor e artificio da arte, que um só na liberdade e franqueza de fallar e responder, que devo eu fazer, senão pedir soccorro a Vossa Alteza; e Vossa Alteza que menos póde fazer, que tocar-me com uma sombra e mostra de seu favor.

Quem ha no mundo, que possa fazer uma sobeja benevolencia, senão elle? Pedil-a eu é muito, mas dal-a Vossa Alteza é pouco, mórmente todas as vezes que lhe lembrar, como tem conquistado as duas Mauritanias; como os seus estandartes despregados, e por caminhos publicos, se foram assentar no cume do monte atlantico; como os ardentes mares das duas Ethiopias são lavrados e subjugados das suas armadas; como as praias do Oriente estão submettidas e subjeitas a seu imperio; como os moradores dos famosos rios Euphrates, Indo e Ganges lhe são obedientes e tributarios; como Taprobana, que os antigos criam ser outro mundo novo, reconheceu seu alto nome, e lhe paga pareas. Quem n'ésta máchina e redondeza, onde o immenso Deus deu o imperio aos mortaes, gozou de tão gloriosos triumphos? Logo razão será, que derribado a seus pés me atreva a lhe offerecer ésta obra, da maneira que um lavrador apresentou ao grande rei Artaxerxes um vaso d'agua clara, por não ter outra

cousa, com que o servir e lhe mostrar gasalhado. Porque na verdade parece cousa formosa e justa, e sómente digna de grandes e poderosos principes, que aos dons e serviços, que lhe fazem, seja pôsto o preço, segundo a possibilidade e ânimo d'aquelleque os apresenta, e não pela valia e reputação em que são tidos no mundo.

§ XXXV — Memorial dos serviços do chronista-mór, Dr. Fr. Francisco Brandão, apresentado a el-rei D. João IV

O Dr. Fr. Francisco Brandão, chronista-mór do reino, representa a Sua Magestade as razões, que tem para ser provido no offício de guarda-mór da Torre do Tombo.

Primeiramente, crearam o tal offício os senhores rêis de Portugal annexo ao de chronista, e n'ésta o tiveram Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, o Dr. Vasco Fernandes, Rui de Pina, Fernão de Pina seu filho, e Damião de Goes. (3) Por ésta causa disse João de Barros, decada 2ª liv. 2º cap. 2º, fallando d'o que obrou o chronista Gomes Eannes *ibi: por ser guarda-mór da Torre do Tombo, officio mais proprio dos chronistas, etc.* A causa de se prover em pessôa distincta do chronista-mór foi, porque aquelle logar não póde estar vago, pelo contínuo curso de papéis, que deve despachar, e assim acudiam a provel-o logo; e depoisque se achava pessôa habil para chronista, como o logar de guarda-mór estava occupado, não havia occasião para se-lhe encorporar. Isto continuou até vagar por morte de

(3) Vid. as notícias e juizos criticos ácêrca d'estes chronistas a pag. 196, 250, 346, do vol. 3º, e 15 do 4º vol. do *Panorama;* e especialmente sôbre-Damião de Goes a pag. 110 do 1.º

Diogo Castilho; na qual occasião o Dr. Fr. Antonio Brandão, que então era chronista, pretendeu logo o logar; e aindaque lhe acharam razão, não foi ouvido, por certo respeito, que não convêm declarar-se n'êste papel.

Proveram então o Dr. Manuel Jacome Bravo, e lhe succederam Gregorio Mascarenhas Homem, Christovam Cogominho, Christovam de Mattos Lucena, e o Dr. João Pinto Ribeiro (4); servindo Manuel Jacome, morreu o Dr. Fr. Antonio Brandão; e eu fui provido no officio de chronista por Vossa Magestade, servindo de guarda-mór o Dr. João Pinto; por sua morte me oppuz ao lugar de guarda-mór, mas já a Vossa Magestade pareceu conveniente, que se provesse no prior de Bucellas, hoje defuncto.

Repetindo a mesma pretenção, accrescento, que êste logar pede sufficiencia e noticia dos papéis do archivo da Torre, e não haverá pessôa, que tenha vinte annos de assistencia n'elle, como eu, que o revolvi várias vezes, e tenho copiado d'elle a maior parte, e d'isto dará testemunho o escrivão da Torre. Necessita mais êste logar de confidencia, e aindaque em todos os subjeitos a haja capaz de maiores logares, a nenhuma pessôa convêm mais que a mim a guarda de tudo; porque escrevo citando os papéis d'aquelle archivo, e, se faltarem n'elle, julgar-me-hão por impostor e falsario. E que seja necessaria confidencia e vigilancia, se mostra da propria damnificação do mesmo archivo, além das passadas.

Accresce, que o meu officio de chronista pede continua assistencia na Torre; e tendo eu assistencia por ésta via,

(4) Que foi um dos principaes agentes da gloriosa restauração de 1640.

desnecessaria é outra pessôa, que assista como guarda-mór, podendo eu fazer tudo, e tendo a maior intelligencia.

Além d'isto, tenho impressa (sem custo da fazenda de Sua Magestade) a quinta parte da *Monarchia* (5), e tenho revista a sexta parte para se dar á impressão, sem se me darem papéis alguns dos chronistas passados, isto alêm de outros papéis, que tenho impressos, como o foram o gratulatorio a Sua Magestade, o conselho da Sra. D. Philippa, e o do assassinio, que se intentou contra Sua Magestade, e outros mais. Este serviço, que me parece de razão tenha recompensa, quando Vossa Magestade o queira remunerar com o cargo de guarda-mór, que é o instrumento para melhor servir n'o de chronista, não parecerá cousa dissonante, maiormente que todos os subjeitos, que se propõem a Vossa Magestade, ou sejam de capa e espada, ou togados, ou de barrete, póde Vossa Magestade accrescentar com governos, commendas, officios, logares de tribunaes, egrejas do padroado, e por outros caminhos, que a mim não competem; e na jerarchia de chronista tenho ascenso só a'o de guarda-mór, que lhe é tão conjuncto.

É razão, que tambem seja presente a Vossa Magestade, que, nas controversias da restituição de Vossa Magestade, o mais furioso, que se allega contra a intrusão de Castella, é fundado n'o que se averiguou na 3ª, 4ª, e 5ª partes (6)

(5) A *Monarchia Lusitana*, que é um corpo de história nacional, devido inteiramente á Congregação dos Monges de S. Bernardo, de Alcobaça.

(6) Conformando-me com a syntaxe e indole da lingua portugueza, diria: « na 3ª, 4ª e 5ª parte; ou por outra: « nas partes 3ª, 4ª e 5ª » — C. e M.

da *Monarchia;* e n'as que estão para se imprimir, se vai cobrando com urgentes fundamentos, deduzidos da certeza do facto todos os casos, de que Castella quer valer-se, sem a qual certificação não podem os juristas fundar razões firmes. Assim-que não deve extranhar-se pretender o logar de guarda-mór da Torre do Tombo, pois mais que todos tenho servido n'ella, e d'o que n'êste archivo e em outros tenho alcançado, resulta a confirmação da justiça de Sua Magestade com tanto acêrto investigada e averiguada. Mas do acêrto da resolução de Sua Magestade penderá o que mais convier ao seu real serviço.

§ XXXVI — Relação, que D. Francisco Manuel de Mello faz de sua vida a el-rei D. João IV

Quiz-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos d'ella em serviço de Vossa Magestade, a quem não tardei em offerecel-a mais que o que se tardou em me darem liberdade.

Soltaram-me, e não sem premio e honra, como constou a Vossa Magestade pelos despachos, que puz em suas reaes mãos.

Acaso cuidei, ou duvidei, se havia de vir logo entregar essa liberdade, que gozava, ao imperio de Vossa Magestade? Não por certo. O primeiro fui, que, rompendo difficuldades, e deixando commodos, vim a êste reino, dando assim exemplo a que viessem outros.

Antes de chegar a elle comecei a servir a Vossa Magestade; pois, entrando nos estados de Hollanda, fui alli encarregado em nome de Vossa Magestade, pelo embaixador

Tristão de Mendonça, do govêrno d'aquella armada, que elle lá previnira para soccorro d'êste reino.

Governei-a, e a conduzi a Lisbôa, sendo aquelle um dos maiores soccorros que em seu porto entraram, á custa de immenso trabalho meu, pela contrariedade dos tempos, e faltas de todos os meios necessarios.

Justifiquei, e assigno o ânimo com que vinha, só por alcançar a honra de vassallo de Vossa Magestade, fazendo particular estudo de não pedir mercê alguma; porque desejava primeiro merecel-as.

Os postos, para que Vossa Magestade foi servido destinar-me, por sua real grandeza se movia a fazer-me mercê d'elles; não por algum genero de diligencia minha.

Aquelles, em que todos cuidam poderia ser empregado, se desviaram; eu, observando como devia o sembrante (7) de minha fortuna, em nenhum posto fallei jámais, e de alguns procurei humildemente excusar-me; por convir assi n'aquelle tempo, tanto ao serviço de Vossa Magestade como á minha conservação, atéque o mesmo tempo qualificasse meus procedimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros logares.

Fui depois, em fôro de soldado, servir a Vossa Magestade a Alem-Tejo. O como servi e obrei em um anno de assistencia dirão os cabos, debaixo de cuja mão servia. Vivos são; honrados são; estou pelo que disserem.

No mesmo dia, em que eu estava diante de um esquadrão, governando-o contra os inimigos de Vossa Magestade, estava alguma pessôa (que já d'ésta práctica haverá

(7) Hoje dizemos: semblante.

dado a Deus conta) n'esse paço persuadindo a Vossa Magestade me mandasse prender; porque eu sem dúvida (a juizo de sua bondade) ia com ânimo de me passar a Castella.

Fundava bem ésta sua suspeita em me haver eu excusado de testemunhar contra Francisco de Lucena (8) aquillo que eu não sabia, e èste tal queria por fôrça que eu soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse Vossa Magestade e o mundo n'aquella conta, em que elle tinha aquelle ministro.

Fui d'ésta acção avisado, porque a práctica não parou nos ouvidos de Vossa Magestade. Então, por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade, escrevi a Vossa Magestade uma carta, a que Vossa Magestade, com singular clemencia foi servido de me mandar responder com outra, firmada da real mão, em 4 de Janeiro de 1642, servindo-se Vossa Magestade de honrar-me tanto, que se acham n'ella escriptas éstas palavras: « Me pareceu dizer-vos, que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação, e fico certo que em tudo o mais, que se offerecer do meu serviço, procederêis sempre muito como deveis ás obrigações de quem sois, e á confiança, que eu faço de vossa pessôa ».

Não houve occasião, conselho, negócio, ou confiança n'aquelle exército, em que os cabos d'elle a não fizessem de mim mũi particular. Será Vossa Magestade lembrado, fui bôa parte para se resolver a campanha d'aquelle anno, tão bem lograda, como todos viram.

(8) Ministro de D. João IV, que foi degolado como traidor, e, segundo todas as probabilidades, innocentemente.

Sabem todos, se não deu fórma áquelle primeiro exército sem meus papéis, parecer e indústria. Examine-se bem, quaes d'éstas minhas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a pessôa, com o juizo, e com a fazenda; e se para estes empregos se achou outro mais diligente, ou mais offerecido.

Serviu-se Vossa Magestade, depois, de me mandar encarregar a conducção de todas as tropas rendidas por suas armas em Castella, tirando-me para êste effeito do exército, em virtude de uma sua real carta, em que Vossa Magestade, depois de considerar a importancia d'êste serviço, houve por bem, que continuasse, n'ésta maneira: « Confiando de vós, e do amor com que me servis, procederêis n'ésta occasião, como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou (e mais abaixo) sendo certo, que êste serviço, que ora me ides fazer, se ha de *contar* em vossas pretenções, como se fôra feito no exército, em que com tanta satisfação minha o estaveis fazendo. » Foi ésta carta escripta em Evora a 17 de Septembro de 1643.

Representei eu então a Vossa Magestade as razões, que havia, paraque Vossa Magestade me excussasse de me misturar com aquella gente; porque, sem falta, isto seria dar novas azas, com que voasse o ódio de meus inimigos.

Vossa Magestade o não houve assim por bem, mandando-me responder por bocca de seus ministros: podia estar seguro, que a confiança, que Vossa Magestade de mim fazia, se não embaraçava com semelhantes calúmnias.

Concluido aquelle negócio, que então era não de pequeno cuidado, se deu Vossa Magestade por tão servido do modo, por que n'elle me houvera, que me fez mercê de me man-

dar escrever por carta de 5 de Outubro de 1643 o seguinte:

« Agradeço-vos muito o trabalho e acêrto, com que tendes concluido êste negócio ».

Várias vezes me honrou Vossa Magestade, mandando-me assistir em algumas junctas com os maiores ministros, sôbre materias de guerra, politica e conveniencia, como se vê dos bilhetes, por que fui chamado, que em meu podèr tenho. Vivos são, e ao lado de Vossa Magestade assistem alguns dos subjeitos, que alli concorreram, e ouviram meus pareceres; testifiquem do zêlo e amor do real serviço, com que sempre tractei aquellas materias.

Pareceu a Vossa Magestade, podia bem empregar-me a servil-o na conducção e commodos dos soldados reformados de Flandes e Catalunha, que andavam na côrte. Mandou-m'o assim Vossa Magestade por seu real decreto de 5 de Novembro de 1642, e em muitos breves dias, por minha indústria, despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.

O expediente, que depois se tomou sôbre seus soldos, conservando-se-lhe algum á parte, eu fui o primeiro, que o arbitrei a Vossa Magestade, por um papel, que para isso offereci muito tempo antes que se resolvesse, e emfim se practicou na mesma fórma, que eu havia proposto.

Mandou-me Vossa Magestade, por decreto de 16 de Novembro de 643, recebesse em seu serviço os soldados, que andavam vagos na côrte, d'aquellas tropas dos rendidos de Castella, das quaes por minhas diligencias desfiz mais de septecentos homens, que para o podèr do inimigo não voltaram, e d'estes, em menos de tres dias, reconduzi uma

leva a Vossa Magestade de quinhentos homens, soldados velhos, que fui remettendo aos almazens, segundo Vossa Magestade me ordenava.

Não é para esquécer, nem creio que a Vossa Magestade esquécerá, que, achando-se quasi toda a nobreza d'èste reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos generaes para vir dar conta a Vossa Magestade, de bocca, dos designios e potencia de suas armas, e receber de Vossa Magestade as ordens de como se servia, ellas se empregassem em seus progressos.

Estes foram, senhor, passos meus e progressos em dous annos e meio, que assisti sôlto na côrte e no exército de Vossa Magestade. Mande-me Vossa Magestade agora a meus emulos, que declarem, quaes foram meus designios, vistos por minhas obras, ou indicados por ellas n'estes seis annos de minha prisão.

Senhor, se éstas são minhas acções exteriores, examinem-se as interiores, pelas quaes logo o ānimo dos homens é conhecido.

Quaes são os meus tractos? Qual o ānimo? Que soffrimento? Que pezar ou alegria com os bons ou máos successos publicos? Que pessôas são as de minha amizade? Que taes as razões, que me são ouvidas?

Constará, que minhas correspondencias são com os subjeitos mais graves d'êste reino, e de maior religião e virtude: — que aquelles, com que tenho mais estreita amizade, e me fazem graça de a quererem ter comigo, são os minis-

tros : creados de Vossa Magestade mais confidentes, e mais para o serem.

Fóra de Portugal aquellesque de mim têem alguma lembrança, e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretarios, e outras pessôas, de que Vossa Magestade faz toda a conta e estimação.

Meus commercios são as letras e os livros, em que maior piedade e honra se acha, como é notorio.

Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella, que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prosperos e adversos acontecimentos da sua patria.

E' constante, que, succedendo n'êste reino, depoisque eu a elle vim, quasi todos os casos de infidelidade, sem os quaes Deus não quiz conceder a glória de vermos a Vossa Magestade em seu throno, foi tambem elle servido, por sua infinita bondade, que havendo-se enredado n'aquellas materias muitas pessôas, com culpa ou sem ella, não fui eu nenhuma d'essas.

Não é menos certo, que em nove annos de Portugal, seis de prisão, e em quasi todos de perseguição, foi sempre tão claro e tão singelo o meu procedimento, que, apezar do artificio dos emulos, não houve nunca logar de me occasionarem ésta última ruina.

Onde se achará, senhor, no mundo um máo, que assim saiba e assim possa reprimir a sua malicia, e porque se não acabará de crer, que é bom quem por tantas obras e por tantos annos o tem mostrado?

Que maldade não commette quem contra um proceder tão justificado pretende oppôr sombras de maliciosos pensamentos?

Dou todos por testemunhas da moderação, com que levo meus trabalhos.

Acaso o ver-me enterrado vivo no melhor de minha edade, quando podéra esperar de possuir o que vejo esperdiçar aos outros, tirou alguma vez de mim uma só regra, uma só palavra impaciente?

Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessôas, que julgariam de m'a não achar, e chegando a tanto que m'a não acharam, foi porventura tamanha causa bastante, paraque eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos, que voluntariamente havia lançado em minha propria bocca?

Cancei a Vossa Magestade alguma hora com petições de melhoras, ou de allívio de prisão? e senão que padecendo meus males e trabalhos, me acommodei sempre de tal sorte com a prisão, que Vossa Magestade me assignou, que já póde ser, que, pela conformidade com que a levava, houvesse quem d'essa temperança quizesse fazer artificio.

Ouviu alguem o meu nome antes de agora pelos tribunaes, accusado de algum delicto?

Esta observação é um dos incentivos, que mais estimulam a meus contrarios a fazerem hoje contra mim todo o esfôrço de sua malicia. Sabem, que, livrando-me Deus d'ésta accusação, não achavam, nem acharão cousa, em que podèr empécer-me. Fui tão attentado ao grande decoro, que devia á justiça de Vossa Magestade, que, havendo recebido uma carta d'el-rei christianissimo para Vossa Magestade, desviei que ella se apresentasse a Vossa Magestade pelas mãos do secretario do expediente, só afim de não obrigar a Vossa Ma-

gestade contra seu dictame a alguma correspondencia com aquella corôa, ainda a trôco de minha utilidade.

Presentemente deixei de valer-me da intercessão dos principes palatinos, com quem tinha algum conhecimento de Inglaterra e da rainha sua mãe, e irmãos, quando me achei em Hollanda, sendo de alguma maneira invitado com sua auctoridade para esse effeito; só por me não parecer justo opprimir as resoluções de Vossa Magestade com extraordinarias diligencias.

Desejava e desejo de alcançar o beneficio, de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de Vossa Magestade, ou da virtude de minha justiça.

Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter logar as communs, por singular favor peço a Vossa Magestade, se sirva de mandar ouvir o que ácêrca de minha causa, procedimento e pessôa diz o povo, de quem se affirma por sua bocca falla Deus.

Mande-me Vossa Magestade ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos das letras: ouça Vossa Magestade os bons e os melhores, que são os mais dignos de ser ouvidos, e de ser cridos dos principes: ouçam-se aquelles, em cujo podêr estou ha seis annos: mande-me Vossa Magestade de todos elles informar ácêrca de minha vida, dictos e feitos.

Que artificio será aquelle, que tanto saiba fingir? Que indústria a que de tantos se recate e a todos engane?

Não é, senhor, mais proprio, mais prudente, e mais christão discurso entender, que erra um ou dous primeiro que tantos? Que se enganam os poucos antes que os muitos; e que podem fingir os inimigos aquilloque se não póde fingir para todos?

Conclusão

Eu deixei premios, por vir buscar a Vossa Magestade, e entregar-lhe por eleição e por amor a liberdade, que possuia. Nada d'isto se mudou, nem mudará em toda a vida ; porquanto nas pessôas de juizo e christandade o castigo não induz desaffeição da parte de quem o dá, nem de quem o recebe. Castiga o bom pai e o bom senhor, e o que o não é, deixa viver sem castigo ao filho e ao subdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.

Se eu o merecesse, e Vossa Magestade me castigasse, ānimo e juizo me deu Deus para o saber agradecer. Se o não merecesse, e Vossa Magestade me castigasse, ānimo e juizo me daria Deus para saber discernir as acções de Vossa Magestade d'as de meus inimigos, e conhecer que sua malicia d'elles inexcusavelmente obrigaria, em vez de justiça, a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.

Tenho inimigos encobertos, e descobertos. Sabe-o, conhece-o, e conhece-os Vossa Magestade. Tomo a Deus por testemunha, de que não mereço eu ódio de nenhum, nem de ninguem. Todavia não descançam de fulminar meu damno. Não me vale para com elles o calar e o soffrer: mas para com Deus, e para com Vossa Magestade muito espero que me valha.

Conheceram, que já aqui não tinham outra cousa, com que criminar meu procedimento: inventaram ésta, por ser a cousa, que mais levemente se póde crer de um preso, o desejo da liberdade, sem saberem medir, que ella para mim, por êste meio, era mais dura, que a prisão e o des-

terra, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo a graça de Vossa Magestade, e o suave repouso da patria, que, sôbre todas as felicidades, é desejado dos homens.

Senhor! castigando-me Vossa Magestade, perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me n'elles, eu sou e serei dos mais fiéis vassallos d'os que a Vossa Magestade mam e obedecem.

Aquelleque nunca faltou aos homens com a verdade, nunca enganou aos amigos, aos conhecidos, nem a ninguem do mundo, êste tal, senhor, é certo que tem feito largas provas, para não haver de faltar a seu senhor e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais se espera e depende.

Mostrará o tempo o que prometto. Verá Vossa Magestade, saberão estes reinos, se Deus me der vida, se Vossa Magestade m'a deixar empregar em seu serviço, que, castigado, desprezado e cheio de trabalhos, procedo tão alerte e tão constante em minha obrigação, como aquelleque mais possue favores e premios.

Espero, já-que no estado igual não pude obrar de sorte, que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miseria obre de maneira, que a todos pareça digno de lástima e perdão.

Occasiões passadas houve, em que muitas vezes offereci a Vossa Magestade o sangue e a vida, que é sua. E assim como aquelleque deve lhe não é licito excusar-se de pagar sua divida a quem e aonde manda seu acrédor, assim tambem ao bom vassallo não é licito excusar-se de dar sua vida na parte e como lhe manda seu senhor.

Isto conheço: isto promulgo: isto protesto fazer.

No destêrro, na parte, onde Vossa Magestade for servido que eu viva, alli, senhor, estarei mais satisfeito e mais honrado, que no favor e na companhia de outro algum principe do mundo.

Este é costume antigo de Portuguezes, que alguns desprezaram reinos para ser vassallos de seus rêis.

Confio na bondade de Deus me dará graça, paraque não seja eu quem quebrante os louvaveis exemplos.

§ XXXVII — Prologo da segunda parte da *Monarchia Lusitana*, em que o auctor dá relação do intento da obra, e das cousas, que se tractam n'ella, etc.

Entre as cousas, que com mais certa demonstração aclaram o muito ou pouco, a que se extende o entendimento, e sabedoria de seu auctor, dizia o antigo Sophocles serem as obras, que depois de muita experiencia e emenda, tornam segunda vez a juizo do povo; porque trazendo as primeiras a desculpa comsigo só em o serem, e dando-lhe pela maior parte tregoas a seus defeitos com as esperanças de melhoria (que é um refugio ordinario, em que se salvam os principiantes de alguma arte), quando já em outra instancia se-lhe-vê a última perfeição, em que se remata a doutrina de muitas advertencias, é com se pôr limite ás esperanças do mundo, e se quebrárem os privilegios concedidos a quem começa: transe tanto para temer, que d'ahi nasceu a Socrates não deixar sua doutrina em escripto, dizendo, que bastava para eternizar seu nome deixal-a impressa no entendimento de seus discipulos, onde o não obrigavam emendas a mostrar o último ponto, a

que seu juizo chegava. — E como o imperador Nero concedesse tempo ao poeta Lucano (estando já condemnado á morte) para limar os livros, que compozera, das guerras de Pharsalia, elle recusou o beneficio, dizendo, que antes queria morrer, com ficar o mundo crendo, que, se elle os apurára, foram em tudo perfeitos, que a trôco de viver mais alguns dias conhecerem os que depois viessem, o termo, que seu entendimento não excedia. — E o imperador Justiniano, compilador do direito civil, louvou ao grande jurisconsulto Dorotheu, porque mostrando-lhe umas leis, que encorporára no Codigo, e mandando-lhe o imperador, que as pozesse em sua última perfeição, se ausentára escondidamente de Constantinopola; e como lhe alguns culpassem o termo da partida em presença do imperador, elle o desculpou, dizendo, que, se andára como pouco cortezão, fizera aquilloque convinha a grande sabio, a quem era mais facil perder todo genero de esperanças, que chegar a estado, onde o saber alheio podesse notar defeitos na obra, que o seu já dera por livre d'elles.

Esta verdade tão notoria e os inconvenientes d'ella, passados tantas vezes pela imaginação, me fizeram sobr'estar algum tempo na continuação d'ésta obra, e lançar mão de outras, que andam impressas, vendo, que se me acabavam na segunda parte os privilegios de principiante, em que me salvei na primeira, e mostrava nos defeitos d'ella não ser meu entendimento capaz de se melhorar em nada, pois sôbre tantas advertencias e pareceres tão varios, como tenho ouvido n'ésta materia, não pude levar o estylo por termo mais levantado. Mas como nasça de uma inclinação natural êste desejo de mostrar ao mundo as obras dos Por-

tuguezes, elle me fez atropellar inconvenientes e difficuldades tão forçosas, e sahir outra vez a público, senão com muita melhoria, ao menos tão zeloso de servir minha patria, que a trôco de procurar sua grandeza, aventuro novamente o credito e opinião de meu entendimento.

Tres cousas (entre outras menos principaes) notaram alguns escrupulosos na primeira parte d'ésta obra, a que porventura esperarão emenda n'ésta segunda. A primeira foi o nome de Monarchia, que estranharam, dizendo ser roubo, que se fazia ás quatro famosas de Chaldeus, Persas, Gregos e Romanos, cuja era propriamente a grandeza d'êste titulo; não alcançando porventura a significação da palavra grega *Monarchichon*, que tanto vale como govêrno de uma só pessôa, e o de Monarchia, que é estado regido por uma só cabeça independente de outra, por onde não só Portugal, que, álêm de sua grandeza, senhorêa tantos reinos e provincias em diversas partes do mundo; mas qualquer pequeno estado governado por um só principe se chama propriamente *Monarchia*, e seu regimento *Monarchico*. E se os quatro reinos famosos do Mundo tiveram êste appellido, não foi (como alguns inadvertidamente imaginam) por sua grandeza, senão pelo senhorio de cada um d'elles pender de uma só pessôa, que não reconhecia superioridade a nênhuma outra da terra. A segunda, que notaram, foi o estylo algum tanto florido, que segui na primeira parte, causado ou da pouca edade, a que é natural a cópia, e compostura de palavras; ou porque a criação, e uso de linguas extranhas, me fez crer, que serìa lícito usar na portugueza alguns termos de fallar affectados, que na facilidade das outras são elegantes, e se não permittem na gravidade da nossa. Mas assim como não

é possivel enriquecerem-se as arvores do fructo, sem primeiro se coparem de folhas e flores: muitas das quaes produz a natureza mais para ornato e formosura, que para se lograrem; assim convinha, que para dar fructo mais sazonado n'ésta edade de trinta e septe annos, se permittisse alguma demasia de flores aos vinte e septe, paraque, diminuidas as menos necessarias, ficasse n'ésta lhaneza de estylo, accommodada ao subjeito da obra. A terceira foram as sentenças, em que se concluem os capitulos da história, que alguns acharam demasiadas e pouco necessarias n'ella. Mas com toda ésta demasia me não movi sem fundamento a usar d'ella; porque vendo a interrupção, que ha entre titulos e capitulos, onde se deixa de fallar em uma cousa, por começar outra differente, me pareceu, que convinha dar um remate a cada qual, que pozesse limite ao proposito, que acabava, antes de começar outro de novo. O que se excusára, quando a história fôra successivamente continuada na propria materia: mas como a difficuldade é de tão pouca substáncia, quero excusar trabalho e fazer a vontade a quem achava ésta diligência pouco necessaria.

A outras duvidas podéra dar satisfação, se não foram de tão pouca importancia, que ellas-mesmas trazem a resolução comsigo: e assim as deixarei, por acudir á que Platão tem por mais urgente, quando diz ser obrigação precisa dos homens, que uma vez cusam sahir a juizo público, dar razão das obras, em que consumem o tempo: dando-a da grande dilação, que tive em sahir com ésta segunda parte, havendo quasi dez annos, que publiquei a primeira: quatro dos quaes me levaram enfermidades perigosas, que me impossibilitaram todo o modo de estudo: dous gastei em fazer

authos *(sic)*, e tomar grão de doutor na Universidade de Coimbra; e os restantes, na composição da Chronica de São Bernardo, dos Elogios dos Rêis de Portugal, e de um volume de privilegios d'ésta Congregação de Alcobaça, que me custou alguns tempos de peregrinação, e muitos dias de estudo: e não accrescento no meio d'estes impedimentos outras razões, que podéra allegar; porque, como o premio de meus trabalhos consiste só em Deus, de quem o espero, nada é bastante para interromper o fio a meus intentos, quando elles estão tão bem fundados. E aindaque desagradecimento de gente vulgar podéra comigo tanto, que servíra de perturbar ésta empreza; bastante era o favor e benevolencia, com que Sua Magestade recebeu a primeira parte d'ésta obra, e as palavras, com que me mandou a proseguisse até ao remate d'ella, paraque, esquecido de tudo mais, rompesse por outras difficuldades maiores. E porque o termo de suas cartas mostra melhor a obrigação, em que vivo, de dar fim ao que elle acceitou por seu, as trasladarei ao-pé da letra, pondo primeiro a que escreveu ao Geral d'ésta Ordem, e depois a minha, paraque vejam os leitores a precisa obrigação, que me guia n'ésta empreza. Diz pois a que se escreveu ao Geral, d'êste modo:

Padre Geral da Ordem de São Bernardo da Congregação de Portugal.

Eu El-rei vos envio muito saudar.

Recebi a vossa carta, e outra de Frei Bernardo de Brito, como o livro, que elle compoz, chamado Monarchia Lusitana, *e folguei muito de o ver. Encommendo-vos, que deis a Frei Bernardo da minha parte os agradecimentos devidos pelo trabalho, que tomou n'ésta obra, e por m'a*

dirigir, e que lhe encarregueis, que acabe o que d'ella falta, porque d'isto me haverei por servido.

Escripta em Madrid, a 17 de Março de 1597.

Rei.

A minha carta, ainda que escripta alguns dias depois d'a do Geral, vinha quasi na mesma fórma, e com pouca mudança de palavras continha a mesma substáncia da primeira, no modo seguinte:

Padre Frei Bernardo de Brito.

Eu El-rei vos envio muito saudar.

Recebi a vossa carta com o livro, que vós compozestes, chamado Monarchia Lusitana: *e folguei muito de o ver, e vos agradeço o trabalho de o compôr, e o serviço, que me fizestes em m'o dirigir. Encommendo-vos, que acabeis o mais, que d'ésta obra falta, porque de assim o fazerdes me haverei por servido.*

Escripta em Madrid, a 3 de Abril de 1597.

Rei.

A obrigação de obedecer a tão justo preceito, me fez pôr mão n'ésta segunda parte, em que a sequidão das materias me fez a composição mũi difficil, porque desde o tempo, em que Octaviano acabou de senhorear a Hespanha, até os Alanos e Suevos entrarem n'ella, não deu a larga paz motivo, para os escriptores contarem cousa particular da Lusitania, se não são algumas, que á pura fôrça de trabalho se vão descobrindo em pedras e marmores antigos, de que fui tecendo a história, mais para mostrar quem senhoreava os Portuguezes (9), que por achar

(9) N'aquelle tempo havia Lusitanos e não Portuguezes. V. nota 13, p. 38.

prezas ordinarias em seu valor. E pôstoque em tempos de Suevos, Alanos e Godos, houvesse guerras, em que de fôrça se havia de apurar o antigo esfôrço dos nossos, foi tão esteril de bons engenhos aquella edade, e tão envolta nos costumes barbaros das nações septentrionaes, que tudo ficou sepultado em commum esquecimento: e muito mais quando pelos peccados de Hespanha permittiu Deus senhorearem-se os Mouros d'ella. Porque d'aquelle miseravel tempo em diante mudou a Lusitania seu primeiro nome, e com elle os limites antigos, o sitio de muitas cidades, a policia e termo de fallar latino, ficando tão barbaro como seus possuidores: de modo, que não é ésta segunda parte mais que um painel, em que se debuxam miserias dos Lusitanos, nem Lusitania foi outra cousa, senão um theatro, em que se representaram desaventuras e conquistas de barbaros, que lhes deslustraram sua perfeição antiga. E com ser a materia de tão pouco gôsto é o trabalho de a descobrir e pôr em ordem tão excessivo, pelos poucos auctores que a escrevem, que se não foram os respeitos referidos acima, tivera por algumas vezes desistido d'ella. Mas estes, e o gôsto de contar as vidas de alguns sanctos, que á custa de seu sangue e vida plantaram á Fé de Christo na Lusitania, me guiou pelo meio de tamanhas difficuldades, todas as quaes darei por bem empregadas, se d'ellas redundar o fructo, porque as padeço, que é glória de Jesu Christo, e proveito commum d'êste reino: etc.

---

§ XXXVIII — Súpplica dirigida pelo marquez de Pombal á serenissima rainha D. Maria I, pelas mãos d'el-rei D. Pedro III

Senhora!

Em diversas occasiões representei a el-rei meu senhor, humildemente prostrado aos seus reaes pés, que, ainda-que julgava, que os meus curtos talentos nenhuma falta faziam no seu regio serviço, comtudo intentava, que achando-me já muito perto de cumprir oitenta annos, e em uma successiva e apressada decadencia de fôrças, julgava incompativel com a minha honra, com o meu desvelo, e com as minhas obrigações, emquanto vassallo, e emquanto ministro, omittir os rogos, com que supplicava a Sua Magestade, que desse a providência necessaria, paraque se não sepultassem comigo (talvez quando menos cuidasse) os importantes reconhecimentos, que do largo espaço de quasi quarenta annos de ministerios publicos, que n'elles occorreram, me tinham resultado.

Achou o dicto senhor, que era digna de sua real attenção aquella minha representação; quando porêm se tractava de effectuar, sôbrevieram os intempestivos accidentes, que accrescendo á minha referida decadencia, ao meu referido receio, e á grande impressão, que os hinvernos desabridos, como o presente, costumam sempre fazer na velhice, fizeram, que, com todas as sôbredictas causas, de tres mezes a ésta parte, me tenham visto tanto mais rendido e quebrantado nas fôrças naturaes, e na actividade ministral, que não só não posso já hoje fazer em mais de um dia muito trabalho, para o qual bastava antes uma hora, mas em cada noite, que me vou recolher, em logar

de descanço encontro motivos de esperar, que na manhã seguinte me ache na Eternidade.

A consideração do perigo, que sempre estou vendo imminente, de que assim me venha a succeder, sem que na minha inopinada falta se ache prevenido quem com conhecimento de causa possa continuar o serviço de muitos e mũi importantes logares, que tenho a honra de occupar, que me estão a cada instante affligindo, e alterando mais o último fim da vida, que só poderá espirar com mais alguns alentos, que a dilatem, sendo Vossa Magestade servida nomear, sem perda de tempo, substitutos, aos quaes eu desde logo informe dos principios, progressos e ultimos estados de tudo, que toca a todas as repartições, de que me acho encarregado, porque só assim se poderão remover, emquanto eu for vivo, todas e quaesquer dúvidas, que no exercicio das minhas repartições se possam vir a apresentar a'os que de novo as servirem; sendo impossivel, que fossem aclaradas depois da minha morte, e sendo manifesto o damno irreparavel, que d'isso resultaria ao real serviço; as dictas repartições são pois as que se seguem:

A primeira d'ellas comprehende tudo o que toca ao logar de inspector geral do erario regio, que desde o anno de 1762 constitue a base fundamental do credito público, da reputação da corôa, de todas as fôrças d'êste reino e seus dominios, e conseguintemente a segurança d'elles.

A segunda é a que abraça tudo o que pertence aos arsenaes e á harmonia do exército, que Sua Magestade achou aniquilado, e que desde o anno de 1762 até agora se tem regido e conservado com regular disciplina,

com promptidão nos pagamentos das tropas, e sem algum empenho.

A terceira é a inspecção sôbre o outro arsenal da marinha, ou sôbre a harmonia das construcções e provisões da Ribeira das náos e dos arsenaes d'ella, que o mesmo senhor achou tambem, não só vasios, mas empenhados em mais de quatro milhões, e hoje nada devem.

A quarta é outra intensa inspecção sôbre o commércio geral, que em tão rapido progresso tem enriquecido Portugal e o Brazil, e tem reedificado (com a magnificencia digna do augusto espirito de Vossa Magestade) a capital do reino, antes impropriamente côrte de um tão grande monarcha, e tem levantado a praça mercantil de Lisbôa desde a sua pobreza á maior opulencia de cabedal e creditos.

A quinta é a de outra inspecção sôbre as manufacturas, estabelecimentos, adiantamentos e progressos das artes mechanicas, as quaes tão felizes e independentes têem feito os povos e vassallos, que o dito senhor achou na mais lastimosa penuria, e que hoje está engrossando tanto, como é notorio, a massa geral de cabedaes de toda a monarchia.

A sexta é a de outra inspecção sôbre as obras públicas da referida cidade de Lisbôa, paraque haja de continuar em ser o glorioso objecto da emulação de todas as outras mais célebres capitáes da Europa.

A septima é a de outra inspecção sôbre os lavradores das preciosas minas do Serro do Frio, e sôbre a extracção dos diamantes d'ellas, que Sua Magestade achou extinctas, em quebras, e sem meios de continuarem os primeiros, e de se proseguir a segunda desde o anno de

1757, entrando desde então annualmente n'êste reino de um milhão até milhão e meio de cruzados, que d'êlle devia sahir em moedas de ouro, que ficam gyrando nas mãos dos Portuguezes, e não havendo mais falta de cabedaes para a mineração desde aquelle tempo.

A última é a de outra inspecção da universidade de Coimbra novamente fundada, que constitue o mais forte baluarte, com que os Portuguezes, em seus vastos dominios, se hão sempre defendido dos tremendos ataques d'aquella pestilente ignorancia, que por mais de dous seculos accumulou n'elles as muito e mãi deploraveis e notaveis ruinas, até os reduzir a dous montões de estragos, confundindo o sacerdocio com o imperio, privilegios, isenções do clero com o respeito devido aos seus rèis e naturaes senhores, e os attentados da curia romana com o legitimo podêr do papa, e da egreja com a irreparavel e inalteravel authoridade régia.

A consideração d'aquelle grande risco, que estou em todas as horas vendo correr em todas as referidas repartições, é pois o que me affligе e atormenta, e continuará sempre em affligir-me e atormentar-me, até-que de todo me acabe a vida brevemente, se não vir, que Vossa Magestade toma a resolução de precaver, como tanto lhe supplico, tão funestos desares.

Para assim o esperar, tenho por certo, que Vossa Magestade reflectirá com as suas clarissimas luzes, que não póde estar em mim dilatar-me a propria vida, que vejo proxima ao seu último termo, nem no caso de faltar-me a minha vida antes, que se haja dado a providência dos referidos substitutos, por mais superiores que elles possam

ser aos meus limitados talentos, não poderão com tudo isso entrar no manejo práctico de tão extensos e tão intrincados negocios, senão (como vulgarmente se diz) ás-cegas, sem acharem caminho nem carreira, principalmente quando se tracta de umas fundações tão novas, que estavam em pouco mais do que nos seus principios; nem os muitos substitutos hão de nascer, nem podem deixar de sahir d'os que estão nascidos n'êste reino em edade competente, nem se devem ir buscar aos reinos extrangeiros.

Os sôbredictos caminhos e carreiras são pois os que eu facil e brevemente poderei agora mostrar a'os que me succederem, porque todos jazem como em uns terrenos, que eu por vinte e seis annos tenho pisado e trilhado com incessantes e continuos trabalhos.

Ha muito tempo supplico a Vossa Magestade, que por grande e especial mercê me desvie interpor parecer sôbre a eleição de pessôas dos sôbredictos substitutos, protestando, que nenhum d'os que Vossa Magestade houver por bem nomear, achará no meu ânimo a menor repugnancia, mas que antes irei dar a todos gostosos parabens, logo-que forem nomeados, e ficarei applicando-me em informal-os e ajudal-os com tanta cordialidade, zêlo e abertura, que nada lhe fique por desejar n'o que couber nos meus conhecimentos prácticos e antigos em experiencias, com as quaes poderei em-fim conservar-me, servindo, sem occupar logares, ou o que Vossa Magestade ordenar, que eu, de fóra d'elles, possa ser de algum tal ou qual prestimo no pouco tempo, que me restar de vida.

Aos reaes pés de Vossa Magestade

O marquez de Pombal.

§ XXXIX — Outra súpplica do mesmo marquez de Pombal á rainha D. Maria I

Senhora!

Quando puz nas reaes mãos da serenissima senhora mãe (para a fazer presente a el-rei, que Deus chamou á sua sancta glória) a humilissima súpplica, cuja cópia terá chegado por el-rei meu senhor á real presença de Vossa Magestade, não podia presumir os inesperados successos, que agora me conduzem aos reaes pés de Vossa Magestade.

O grande duque de Sully, fundador da monarchia d'el-rei Henrique IV, que achou reduzido a não ter o dicto monarcha, nem com que sustentar-se á sua mêsa, indo porisso comer fóra do seu palacio, nem com que fizesse um vestido de gala, depois da infausta morte do dicto monarcha, se achou aquelle grande homem de estado e da guerra nos funestos termos, que elle-mesmo escreve (10).

Isto fez logo ver armados contra si o numeroso partido dos descontentes do govêrno d'el-rei seu amo, outro de invejosos, que, unindo-se ambos immediatamente, tractaram de desfigurar, e fazer odiosos, e destruir todos os estabelecimentos d'aquelle glorioso govêrno; tractaram de espalhar contra elle as maiores imposturas, ou maiores refalsidades e mais negras calúmnias; tractaram por aquelles miseraveis meios de converter os relevantes serviços de um tão assignalado ministro em delictos atrozes; e tractaram de cimentar contra elle o ódio universal de todo o povo, de sorte que não podia ir para parte alguma da côrte ou da

(10) *Sully*. — Memorias, tomo 8.º

cidade, que se não achasse cercado de inimigos, em proximo perigo de ser a cada momento assassinado.

Representou com todas éstas causas á rainha regente, que a sua grande alma, e a sua grande veneração á memoria do grande rei seu esposo, não permittiriam, que ella deixasse tão desgraçado fim a um ministro, que com tanto amor e zêlo tinha servido ao rei e reino, nem que se visse reduzido aos ultrages da nobreza e da plebe um homem, que o mesmo rei tinha honrado: supplicando á dicta princeza, que lhe desse licença para sahir do paço e da côrte para as suas terras.

Não podendo, senhora, comparar-me com o duque de Sully em merecimentos, é porêm certo e público em todo o paço de Vossa Magestade, e em toda a cidade de Lisbôa, que me acho igual com elle na desgraça e nos motivos, com que recorro á real clemencia de Vossa Magestade, supplicando-lhe, que se sirva de me verificar a escusa, que tenho de todos os logares, que occupei até-agora, e de me permittir licença de ir passar em Pombal o último espaço de tempo que me resta de vida; tendo por certo, que na superioridade incomparavel, com que as reaes virtudes de Vossa Magestade se exaltam sôbre a rainha de Medicis, não poderei deixar de encontrar, pelo menos, aquelles mesmos effeitos de benignidade, que n'aquella princeza acharam os rogos do duque de Sully.

Aos pés de Vossa Magestade

O marquez de Pombal.

Fim do I° tomo.

Nº 442

CHRESTOMATHIA CLASSICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

CHRESTOMATHIA CLASSICA

DA

Lingua Portugueza

EPITOME

Dos principaes generos do discurso prosaico

Colligida e coordinada

PELO

Dr. Antonio Maria Chaves e Mello

Para uso especial
das classes de grammatica e rhetorica, e em geral para quem desejar conhecer os diversos estylos no idioma vernaculo.

TOMO II

RIO DE JANEIRO
Typographia de Candido Augusto de Mello
130 rua do Sabão 130

1868

CHRESTOMATHIA CLASSICA

SECÇÃO TERCEIRA

DISCURSO DESCRIPTIVO

I — Várias descripções

§ XL — Descripção da egreja da Batalha

O primeiro nome, que el-rei deu ao convento, quanto ao sitio, foi de *a par da Canoeira*, como parece da doação, por não haver outro logar mais vizinho; e é uma aldèa distante d'elle pouco mais de meia legua; o que lhe ficou depois de edificado, foi da causa de sua fundação chamando-se da Batalha. Os nossos velhos, mais sanctos que atilados, chamaram-lhe impropriamente na lingua latina *de Bello:* e não fôra o nome senão mũi proprio e acertado (como muitas vezes acontecem acaso grandes acertos), se o tomaramos na significação, que tem, sendo adjectivo, por cousa *bella* e *formosa*, e não pelo substantivo, que é *guerra*.

Começou a egreja com desmesurada grandeza e sumptuosidade tal, que aos mesmos edificadores fazia impossivel o fim da obra, lançando conta a'o que convinha subir pelas regras de bòa proporção, e a'o que era forçado gastar de tempo e dinheiro, pela despeza, que levava. Só o corpo d'ella, desde a porta principal, que abre onde se põe o sol, e corre contra o nascente, segundo a postura das egrejas antigas, tem trezentos palmos de comprimento até ao primeiro degrão da capella-mór; aos quaes juntos sessenta, que ha d'èste degrão até á parede, em que encosta o altar-mór, fica todo o comprimento do templo de trezentos e sessenta palmos. A largura é de cem palmos, que vem a ser ao justo a terça parte de todo o comprimento, que dissemos, até ao primeiro degrão da capella-mór; e a ésta medida responde a altura na proporção da arte, que é tal, que um valente braceiro chega mal tirando com uma pedra ao alto do tecto; porque, como é abobada, sóbe ainda grande espaço sòbre as paredes, tanto quanto requer a distancia, em que estriba. Assim tem de altura, até ao poncto mais subido da maior abobada, cento e quarenta e seis palmos.

Das tres naves, em que se divide a egreja, tem a do meio trinta e tres palmos de vão, e as dos lados a vinte e um e meio cada uma. O que falta para encher a conta de cem palmos, que démos de largura a todo o corpo, é occupado dos pilares, que fazem divisão ás naves, que são oito por banda; cujas bases assentadas em quadro, fazem doze palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares e paredes são tudo cantaria, assentada com tanto primor e cuidado, que quasi

querem enlear os olhos as juncturas, mas se se deixam enxergar, porque não podia al ser, é tão sem offensa da arte, que difficultosamente se divisa n'ellas signal de cal. A grossura das paredes é como a das bases dos pilares, de doze palmos por todo. A pedraria é lavrada toda do maior polimento, que a arte usa, salvo de brunido e lustrado. A qualidade da pedra toda uma; e não deve haver em toda Hespanha outra melhor para semelhantes edificios; porque, quanto á côr, tem um extremo de alvura, e, quanto á fortaleza, é bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavrar. Mostra-se uma e outra cousa em que, passando já de duzentos annos de edade o edificio, nem a gastam o discurso e injúrias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura, lhe tira muito da primeira graça. E acontece-lhe n'ésta parte o mesmo que ao rosto de um homem, que foi muito alvo, que por muito que se queime e curta da fórça do sol e do ar, nunca no queimado perde de todo o signal das primeiras côres. Assim ésta pedra vai tirando com a antiguidade a um tostado nada desengraçado, e não a pardo, nem escuro ou denegrido, como vemos em outros generos de pedra.

O cruzeiro tem de largo trinta palmos, que responde ao justo á quinta parte de todo o seu comprimento, que é de cento e cincoenta. As paredes do corpo do templo são todas lisas e chêas, não vasadas nem cortadas (como é ordinario em outros) com número de capellas. Sómente na entrada da porta principal se abre á mão direita um grande arco para uma formosa quadra, da qual diremos adiante. A frontaria do cruzeiro, a um e outro lado da capella-mór, está dividida em quatro capellas, duas por cada banda.

A primeira e mais vizinha á sacristia e dedicada a Sancta Barbara, e jaz n'ella em uma sepultura baixa um cardeal, de cujo nome e sangue se perdeu a memoria; tem-se por certo seria chegado á casa real. A segunda é de Nossa Senhora do Rosario. Vê-se n'ella um bem lavrado moimento alto, em que el-rei D. Aphonso V mandou trasladar a rainha D. Izabel, sua mulher, que falleceu em Evora no anno de 1455. A terceira, que é collateral á capella-mór da parte da epistola, tem a vocação de Nossa Senhora da Piedade, e n'ella está depositado o corpo d'el-rei D. João II. A quarta deu o auctor de toda a obra ao grão-mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa, que n'ella jaz sepultado, logar bem merecido de seu valor e bons serviços. O conde de Miranda, Henrique de Sousa, que hoje vive como successor e herdeiro, que é da casa d'êste mestre, recolheu em nossos dias n'ella sua mulher D. Mecia. No meio da capella-mór, logo abaixo dos degráos do altar, jazem el-rei D. Duarte e a rainha D. Leonor, sua mulher, em duas grandes caixas do mesmo marmore, de que é toda a fábrica; as quaes são lisas e sem lavor, e sem letra alguma: só têem em cima os vultos de ambos, lavrados de relêvo inteiro em todo o primor da esculptura, e dizem que estão tirados ao natural. O d'el-rei com a mão direita travada com a direita da rainha; a esquerda d'el-rei sôbre uma acha de armas, e a da rainha occupada com um livro. Dos topos do cruzeiro toma um a porta travessa da banda da epistola, o outro enche o altar de Jesus com um grande e formoso retabulo de pedraria lavrado á moderna. Estas cinco capellas, assim a maior, como as quatro collateraes, podêmos dizer que não têem retabulo algum. Porque, dado

que na maior e n'a do Rosario vejamos hoje retabulos, são ambos cousa tão pequena em corpo, e tão pobre em feitio, que claramente mostram não dizerem com a mais obra do convento, nem com a tenção do fundador, principalmente estando como as outras tres; estando em todas cinco aberto em frestas para luz o mesmo sítio, que houveram de cobrir os retabulos, se foram proporcionados com as capellas. D'onde se póde colligir, que o ānimo do fundador não foi tractar de retabulos de pedra nem madeira; porque se o fôra, ou os fizera desde princípio ou deixára o logar livre para se fazerem ao diante. E assim é meu parecer, que foi sua determinação, como de espirito em tudo grandioso, fazer retabulos de prata, e estes levadiços com tantos corpos de prata de sanctos, que para qualquer festa ficassem os altares cobertos d'elles; e fundo-me em que já, quando falleceu, tinha dado á sacristia quinze corpos, como veremos adiante. Em todas cinco capellas tomam o verdadeiro logar dos retabulos umas grandes frestas altas e rasgadas, as quaes todas estão guarnecidas e cerradas de suas vidraças illuminadas de finas côres e várias pincturas de devoção, e tão bem assentadas, que, cursando no sítio grandes ventanias, e sendo maior a bataria de tempestades, quanto mais altas são as paredes, comtudo a maior parte das vidraças está ainda hoje inteira, e com o assento da primeira mão, sem haver mister segunda do reformador d'ellas, que assiste na casa particularmente assalariado para as fabricar e manter em sua perfeição. A capella-mór tem quatorze frestas, das quaes lhe ficam no logar do retabulo dez, a saber, cinco baixas e cinco altas; e cada uma a quarenta e dous palmos de rasgado de alto a baixo;

e, porque ficam direitamente umas sôbre outras, vêem a abrir cada duas em altura oitenta e quatro palmos. E todas dez têem uma mesma largura de tres palmos e meio de vão, cerrada de suas vidraças, sem divisão nenhuma de pedra. Assim vem a dar cada uma das dez frestas cento e quarenta e septe palmos de abertura, e outros tantos de vidraça e de luz.

As outras quatro lhe ficam nos lados, e tão altas, que tomam luz sôbre as capellas collateraes, a duas por banda. Estas têem vinte palmos de alto e doze de largo com dous pilares pelo meio, de grossura de um palmo cada pilar para fortaleza da vidraça. E por bôa conta vem a dar uma d'éstas frestas duzentos palmos de luz, e outros tantos de vidro.

As quatro capellas collateraes têem cada uma suas tres portas, com alguma differença entre si. Porêm as mais são de quarenta palmos de alto, e tres de largo, com outros tantos de vidraça (1).

§ XLI — Descripção da batalha na tomada de Ceuta

Grande e não cuidado pavor cahiu sôbre toda a costa de Africa, e não menos na de Hespanha, que ainda occupavam Mouros. De uma e outra se via com espanto o mar coberto de navios, que faziam semelhança de um grande bosque, movediço em meio das aguas, que assombrava mar e terra. Quem mais temia eram as terras de Gibraltar e seu contôrno, chêas de Mouros, e subjeitas a el-rei de Gra-

(1) Fr. Luiz de Sousa. — Hist. de S. Domingos: parte 2ª, liv. 6º, cap. 14.

nada, por se verem abertas e mal fortificadas; mas com mais fundamento estavam attonitos os moradores da grande cidade de Seuta, onde os que bem entendiam, faziam juizo, que tamanho movimento, e podêr tão crescido não podia demandar senão cidade real e famosa, qual era a sua. — Todos os cosmographos antigos, assim Gregos como Latinos, concordam, que o nome de Seuta teve principio de *septem montes*, que n'aquella paragem se deixam ver do mar, tão altos e iguaes entre si, que os Gregos lhe chamaram *heptadelphos*, e os Latinos *septem fratres*, que é o mesmo que septe irmãos. Abilavés arabe, com outros auctores de sua nação, escrevendo, que foi a primeira povoação, que houve em Africa, e seu fundador um neto de Noé, a que não dá nome, diz, que êste lhe chamou *Septa;* porque na lingua chaldéa responde ao mesmo que *principio de formosura*. E na verdade quadra bem com o sítio; porque levantou aqui a natureza, como com conselho, uma montanha de terra alta e penhascosa no meio do mar, que terá bôa meia legua em roda, e ésta, como se fôra uma cabeça humana, juncteu com o corpo da terra firme por meio de uma estreita ponta, ou pescoço de terra de tal feitio, que, ficando lavado das aguas de uma e outra parte, deu bastante assento para uma grande e formosa povoação. Por maneira, que de um e outro lado chegam suas muralhas a beber quasi no mar; umas n'o de poente, e outras n'o de levante; e ficando a cidade senhora da montanha, que dissemos (chamam-lhe Almina), que lhe fica nas costas, faz rosto a toda a Berberia, com uma testa tão estreita, como é a grossura do pescoço, que dissemos. E pelo mesmo caso é praça fortissima, e que com razão já no tempo dos

Godos era havida por chave de Hespanha contra os Barbaros; e andava em mãos d'os que por melhores d'ella eram havidos. Tal devia ser o assento da cidade de Corintho em Grecia, que pelos respeitos dictos chamavam senhora de dous mares; e por sua fortaleza se temeram os Romanos tanto d'ella, que por decreto commum foi mandada assolar. Era n'êste tempo senhor da cidade Salabemsala, homem poderoso e rico, a quem obedeciam muitos outros logares da costa; persuadido pelas razões dos seus, que só a elle buscava o podêr, que viam, deu rebate na comarca, appellidou-se a terra até bem longe; gente, que pela mór parte vive no campo, ao uso pastoril, com poucas alfaias e pouco que mover. Não tardou em acudir ao mar multidão sem número.

A segunda feira, que foram doze do mez, poz el-rei as prôas das galés sôbre a cidade da banda do poente, para começar a desembarcar o exército; deixou de o fazer, porque, acalmando o vento, foi a corrente e pêso das aguas levando os navios d'alto bordo para dentro do estreito, e afastando-os demasiadamente da companhia. Entretanto quiz el-rei ver, se teria melhor desembarcação da parte de levante, onde chamam Barbacote; levou-se com as galés, e foi-se a ella, emquanto a frota tornava. Junctà toda a armada em Barbacote, deu el-rei ordem para a desembarcação; começavam alguns mais atrevidos a saltar na praia, e involver-se com os inimigos, que animosamente a defendiam; eis-que se levanta um temporal de poente, que sem remedio fez escorrer de novo as náos grossas contra Malaga; e as galés com muito trabalho poderam vencer a ponte de Almina, e emfim se tornaram a ajunctar no primeiro porto

das Algeziras; d'aqui sahiu el-rei em terra de espaço em um cabo, que fica perto, que chamam *punta del Carnero*. Teve conselho, em que houve grande differença de pareceres; affirmando muitos, que era temeridade tentar terceira vez a desembarcação, que duas vezes, como por ordem do céo, estorvára o vento; mas dado que desembarcassem muito a seu salvo, como se haviam de atrever a assentar arraiaes com gente enferma, fraca e necessitada de mézinha e descanço? quando, para levantar vallos e formar trincheiras, convinham animos e fôrças dobradas, pois juntamente se havia de trabalhar e pelejar, e isto em terra de sua natureza calidissima, que estava certo havia de accender de novo o mal, que traziam. Que o certo era recolher para o reino com bôa ordem, antesque a peste os consumisse dê todo; e se todavia por reputação queriam tingir as mãos em sangue inimigo, ahi tinham Gibraltar, que custaria menos que Seuta, e não faltaria aos valentes em que mostrar esfôrço, nem ao povo em que satisfazer a cubiça. N'êste último ponto se affirmavam muitos; mas el-rei, que soffria mal conselhos pouco animosos, ajudado dos infantes, resolveu, que em todo o caso se accommettesse a cidade, com esperança em Deus, que lhe daria victória e bom suçcesso. Era isto aos 20 do mez; mandou apregoar, que toda a armada se abalasse logo para o mesmo logar, onde primeiro surgíra, da parte do poente; e no dia seguinte todo o homem estivesse com suas armas prestes, para seguir suas bandeiras com a primeira luz. A ordem havia de levar o infante D. Henrique, com os seus á dianteira, que assim o tinha pedido e alcançado d'el-rei seu pai, ainda antes que fossem de Lisbôa. Ganhada a desem-

barcação, assentaram arraial na montanha de Almina, e a fortificaram para d'ella combaterem a cidade.

Entretanto o Mouro, ou de pouco práctico nas cousas do mar, ou porque todo o homem facilmente dá crédito a'o que deseja, se anda favorecido da fortuna, attribuia a medo as duas retiradas dos nossos, e julgava, de os ver afastados e ao parecer quietos no primeiro porto das Algeziras, que desconfiavam da empreza; e cheio de alegria e confiança tractou primeiro de se desobrigar dos hospedes amigos, que o vinham soccorrer, que já lhe pareciam mais pesados, que contrarios, ou por sobejos e desmandados (dizem, que eram cem mil Alarves), ou, o que é mais certo da avareza mourisca, por medo de fazer com elles alguma despeza, coma era justo, se mais os detivesse; mas não eram bem despedidos os Alarves, quando aos 20 do mez, sòbre tarde, se começou a mover toda a armada contra a cidade, como estava assentado. Vivia Salabemsala tão descuidado em seu pensamento do mal, que o esperava, e dava-se por tão seguro de todo perigo, que, vendo tornar os nossos, mandou encher a cidade de luminarias, com desprêzo e fanfarrice; como accendendo-lhes pharóes, paraque não errassem o porto. A cidade, grande e alumiada, fazia famosa vista no mar, respondendo no fundo e quiétação das aguas e escuridade da noite outros tantos lumes, como em terra ardiam. Mas acontece muitas vezes fazerem os homens por suas mãos, e sem o cuidar, agouro triste contra si-mesmos. Visto como é cousa natural revestir-se de nova luz a candèa, que vai acabando; assim foi signal èste fogo demasiado de haver de fenecer depressa o de Mafamede, que alli

durava havia já septecentos annos. Amanheceu o dia 21 de Agosto (era uma quarta feira) mais claro e formoso, ao parecer de todos, mais quieto d'o costumado. Mette-se el-rei em uma fusta; vestido em uma cota d'armas, rosto e cabeça descoberta, dava sua bôa sombra e alegria certos signaes de victória; correu a armada, deu suas ordens aos capitães, e advertiu cada um d'o que havia de fazer, com palavras, que em todos infundiam esfôrço e confiança. Foi o primeiro a saltar em terra, e investir nos Mouros, que a cobriam, o infante D. Henrique, e junto com elle o principe D. Duarte seu irmão; que tanto-que viu a el-rei seu pai divertido no officio de general, determinou elle de tomar o de soldado; e para ser dos primeiros, passou-se a seu irmão. Fazendo-se ambos companhia com até cento e cincoenta soldados, que pozeram em terra, fizeram tal impressão nos inimigos, que abriram larga carreira para os que seguiam. Foi grande o pêso, que sustentaram, porque encontraram com os melhores da cidade; mas maior o estrago, que fizeram; gente desarmada e atrevida: cortava o ferro por elles de sorte, que quasi não havia golpe d'aquelles braços vigorosos dos infantes, e d'os que os acompanhavam, tudo gente escolhida, que deixasse corpo com vida. Entretanto foi-se enchendo a praia da nossa soldadesca, e havia já n'ella trezentos homens dos melhores: e os barbaros, escarmentados de tão duro acommettimento, iam largando o campo e recolhendo-se para a porta da cidade. Reconheceram os infantes desconfiança nos Mouros; e fazendo conta que, se succedia fazerem-se senhores da porta, ou entrarem de mistura com os que se retiravam, podiam n'aquelle dia

dar fim á empreza, lançaram mão da occasião, que o caso offerecia, apertam as espadas, e appellidando S. Jorge e victória, dão de novo rijamente sôbre elles, e fazem-nos apinhar todos sôbre as portas. Aqui houve muitas mortes, resistindo alguns Mouros com grande valor, e procurando outros ser primeiros a entrar e salvar-se na cidade; foi grande o apêrto, grande a grita, e tal a matança, que era tudo cheio de corpos espedaçados e corriam rios de sangue: em-fim, por muito que os defensores trabalharam, nem poderam cerrar as portas, nem tolher entrarem os nossos de volta com elles.

N'êste tempo Salabemsala, arrependido tarde de ter despedido os que o vinham soccorrer, e desesperado, com a primeira nova das portas ganhadas, de podêr sustentar a cidade contra tamanho podêr, tractou de se pôr em salvo com seu thesouro e mulheres; e sem tentar outro genero de resistencia ou defensão, poz-se a cavallo, e desamparou a terra. Não o faziam assim muitos dos moradores antigos, que sem embargo de se verem entrados, animavam-se uns aos outros a morrer pelas casas, em que foram nascidos e criados; e tomando forças da desesperação, pelejavam como leões. Mas os infantes vendo-se senhores da porta, e tendo já comsigo um corpo de quinhentos homens, deixada n'ella bastante guarnição, quizeram proceder com prudencia na entrada da cidade: tomaram um teso que acharam entrando, e feitos fortes n'elle, foram dando logar a que acudissem mais companheiros; era já com elles o conde de Barcellos e seu irmão, e recrescia por momentos a soldadesca. Dividiram-se então, e o principe foi subindo aos logares mais altos e fazendo-se senhor de todos até chegar ao

mais eminente da cidade, que chamavam o *cesto;* o que não foi sem grande trabalho, e muito sangue; porque achavam tudo cheio de inimigos, e sôbre a fadiga de pelejar, ferir e matar, era insupportavel a fôrça do sol e da sêde, que uma e outra cousa abrazava os membros abafados do pêso das armas. O infante D. Henrique e o conde de Barcellos tomaram pelas ruas debaixo, fazendo conta, que o principe, como não tivesse que fazer no alto, desceria a juntar-se com elles. Mas succedeu differentemente; porque seguindo o infante pela sua direita adiante, foi dar em outro muro, que fazia divisão do resto da cidade; e parecendo-lhe, que convinha passar álêm, achou uma pequena porta junto aonde era a aduana, a qual defendiam tanto número de Mouros, e tão inteiros, que por muitas vezes fizeram retirar os nossos, sem bastar a presença do infante para os ter. Mas elle, fazendo só por seu braço mais que muitos homens juntos, era espanto o que soffria e trabalhava. Era êste infante filho terceiro d'el-rei, e em edade de vinte e um annos, robusto e membrudo; e tão parecido com elle em tudo, que, de rosto e coração, era um retracto do pai; do' que nascia ser-lhe grandemente affeiçoado. Conta a história, que foi a briga tão porfiada, largando ora os nossos a rua, ora tornando a levar diante de si os Mouros, e matando muitos, que emfim deram com elles pela porta dentro, e entraram de mistura o infante e os seus, que já a êste tempo, não eram mais que dezesepte; d'o que era causa serem as ruas tão estreitas, que não podiam pelejar senão mũi poucos em fileira, e com tal occasião davam-se uns a roubar, outros a buscar remedio contra o fogo da sêde e do sol e das armas. Mas

parece, que estava guardado todo o pèso d'èste dia para o infante D. Henrique. Franqueada a porta, que dissemos, encontrou logo outra, e não menos número e esfôrço, e fôrça de teimosos defensores. Pelejou com todos, e recebeu algumas feridas, até se fazer senhor d'ella; o que foi causa de se publicar, que era morto, assim pela braveza, com que se empenhou n'êste feito, como pela tardança, que houve em apparecer, e por serem mortos alguns homens, de grandes pedras, que os inimigos soltavam dos muros.

El-rei entretanto, tendo posto em terra todo o podèr de sua gente, sentou-se na porta da cidade, e mandou fazer alto, até saber, se estava a cidade de todo ganhada; porque, não havendo n'ella resistencia, queria entrar a combater o castello. Era já sôbre tarde, quando teve aviso, que só o castello resta por conquistar; entrou então até uma mesquita, que depois mandou sagrar, e quiz, que tivesse o nome do martyr de sua devoção, S. Jorge. Aqui o vieram demandar, e dar-lhe os parabens da victória, o principe e infante e conde de Barcellos, quanto podia ser gentis-homens, do pó e suor, que os cobria, e de muito sangue, que os tingia, em especial ao infante D. Henrique, que, de mais de sangue inimigo, vinha banhado em muito proprio de algumas feridas, que trazia, de que as mais eram nas pernas. Começava el-rei a dar ordem n'o que se havia de fazer para o dia seguinte no acommettimento do castello, quando soube, que estava sem defensa e despejado. Mandou logo arvorar sôbre a mais alta torre o estandarte real, e deu o cargo de guardar a praça ao alferes d'elle: chama-lhe o chronista a bandeira

de S. Vicente. Devia ser por trazer pinctado êste sancto, de que el-rei era muito devoto, ou por ventura por ser a bandeira da gente de Lisbôa, e querer fazer ésta honra á cidade. E com êste último feito ficou el-rei, D. João I de Portugal, senhor da mais insigne povoação de todas as provincias de Africa; depois de se contarem septecentos annos, que os Mouros a tinham ganhado ao último rei godo D. Rodrigo (2).

§ XLII — Descripção de Santarem

A quatorze leguas de Lisbôa pelo Tejo acima, em cabo de terras dobradas e montuosas, e principio de grandes mares de campinas, levantou a natureza, como marco entre montanha e campo, uma juncta de montes dependurados sôbre a margem direita do rio, e tanto mais altos que toda a outra terra, que, de qualquer parte que sejam buscados, se deixam ver muitas leguas ao longe, como se foram uma mũi empinada serra. São os montes, bem considerados, septe, todos divididos com profundos valles pelas fraldas, uns mais, outros menos, e cada um com sua differença; mas de maneira junctos nas cabeças, que fazem sôbre as corôas um plano igual e commum a todos septe, capaz de uma grande povoação, com largueza de praças e commodidade para maior povo; e tal é Santarẽm. Para dar a entender êste sitio a quem o não viu, seguiremos o costume dos geographos, que usam da comparação de alguns membros do corpo humano, para se declararem na

(2) Sousa, 2ª. p. liv. 2º cap. 20.

significação de outros do grande corpo da terra. Representar-nos-ha bem o plano, que temos dicto, com suas aberturas de valles, uma mão esquerda, apartada do braço, com a palma e dedos extendidos, e divididos um do outro, quanto naturalmente se podem alargar; se assentarmos a mão de maneira, que o dedo do meio corra direitamente contra o sul, e o collo da mão fique ao norte. Assim ficam sendo primeiros montes os dous cantos do collo da mão, e primeira parte do plano sôbre elles a palma até ao meio, que é uma formosa extendida praça diante da porta que chamam de *Leiria*, que fica ao norte da villa, cercada de mosteiros e casas nobres, e por razão do uso, em que serve muitos dias do anno, tem nome do *chão da feira*. Estes primeiros montes são divididos de um valle, que vai subindo por entre elles, e trazendo a estrada, que vem de Leiria, até dar no plano do *chão da feira*, e primeira parte da palma, e na porta que chamam de *Leiria*. No canto d'ésta grande praça está situado da parte do poente o mosteiro de S. Domingos, de que de presente havemos de tractar; e no outro do levante o mosteiro da Trindade.

Faz terceiro monte (porque não deixemos a semelhança, com que começámos) o dedo polegar; e na primeira ponta ou raiz d'elle fica assentado o convento de S. Francisco. E logo adiante, quasi no meio do dedo, tem seu assento o grande mosteiro de Sancta Clara, casa muito antiga e nobre, e de grande religião; e na cabeça d'elle a ermida dos Apostolos, que está á conta dos religiosos de S. Bento.

Da porta de *Leiria*, que assentámos no meio da palma, dá o muro da villa uma volta larga, em que comprehende

um castello antigo e casa real junctamente; e, deixando ainda livre um espaço da palma, vai entestar na raiz do dedo maior; e, extendendo-se por elle até á poncta, abraça d'ésta parte tudo o que é cercado de muro na villa, deixando na mesma raiz outra porta, que chamam de *mansos;* e tanta praça diante, que dá logar a se communicar com a praça maior do *chão da feira.*

Corre a povoação pelo resto da palma, e pelo plano dos dedos, que fazem quarto e quinto montes. A do dedo maior vai direita ao sul, e tem por remate um mosteiro de Capuchos, e um moinho de vento. Aqui teve a casa de Bragança antigamente um bom aposento, que agora está por terra, como estão outros muitos na villa, que foram de nome. O bairro, que toma o index, vai fazer na poncta uma fortaleza guerreira e formosa, e com tanta praça dentro, que a faz a uma bôa egreja e algumas casas nobres, e porisso retêm o nome antigo de *alcaçova.* Inclina êste monte para o nascente tanto, como nos representa o mesmo dedo bem afastado do companheiro, e vai beber no rio com um grande e dependurado barrocal, que por tres partes acompanha a fortaleza e a faz inaccessivel. Não é para esquécer, que dentro n'ella a um lado da entrada creou a natureza um outeiro ou tumulo de terra, redondo e como feito á mão, que, crescendo em bôa altura, sustenta no alto uma torre, d'onde em dias claros se divisa a cidade de Lisbôa: e devia servir para em tempos de guerra se darem avisos com fogo.

Os vasios entre os dedos e por fóra d'elles, são valles profundos, cómo temos dicto, com costas e quebradas mũi agras, excepto o valle, que sóbe ao collo da mão, dividindo,

segundo fica mostrado, os dous primeiros montes. Porque êste vem subindo de longe, e faz a entrada menos custosa.

O primeiro valle, que, seguindo a nossa comparação, abre entre o pollegar e index, assim como na mão se faz maior abertura entre estes dous dedos, que nos outros, assim é muito mais largo e capaz, e comprehende um grande arrabalde, que com a commodidade do rio, que o lava, e lhe deu o nome (chama-se *ribeiro*) tem crescido tanto, que faz representação de uma grande villa ornada de bôas egrejas e suas praças. N'êste valle ao-pé do monte dos Apostolos, que desce do pollegar, é o sitio, que atraz dissemos, do nosso recolhimento de *Montijiras*.

O segundo valle é entre o index e o maior. E assim como estes dedos naturalmente abrem menos, tambem o valle, que entre elles fica, é mais apertado, sendo igualmente fundo, e um arrabalde, que por elle se extende até ao rio, é de menos conta em grandeza e gente, e edificio (chama-se *alfange*).

Entre o dedo maior e o quarto (que os Latinos chamam annular, do costume, que havia, de não pejarem outro com os anneis, que eram insignia dos nobres) corre outra semelhante quebrada até á porta de *mansos*, e faz o monte sexto: pelo lombo do qual corre um espaço a estrada, que sahe d'ésta porta para Lisbôa, acompanhada de umas ermidas, e de um pequeno arrabalde, e logo faz grande quéda para baixo, ficando o septimo monte no dedo minimo, mas muito mais curto, e com menos representação entre os mais montes, d'a que elle tem entre os dedos: e n'elle pegados com a palma assentam junctamente hoje dous mosteiros, um

de frades da terceira regra de S. Francisco, sôbre o valle do annular; e outro de freiras de S. Domingos, que olha sôbre as ladeiras, que descem do dedo minimo da parte de fóra, e do canto da mão. Tal é a fórma, que hoje tem a villa de Santarêm. E quadra-lhe bem a comparação, pela semelhança que tem a cidade de Volterra na provincia de Toscana em Italia, chamada na lingua latina *vola terræ*, que é o mesmo que palma da mão da terra. E é de saber, que no tempo, em que a ella veiu a nossa ordem, não tinha mosteiro nenhum. E só se via no mesmo logar, onde hoje é o nosso convento dos frades, uma pequena ermida da invocação de Nossa Senhora da Oliveira, que com elle se extinguiu: e juncto a onde é o de freiras, outra, que ainda dura, com o titulo e nome de Magdalena.

A estes montes assim junctos, e villa assim situada vem demandar o Tejo por meio de largos campos com impetuosa corrente, e cortando pelas raizes do alto monte da *alcaçova*, faz seu curso direito contra Lisbôa. É êste logar insigne por antiguidade, e por abundancia de dons do céo e da terra. Os do céo são duas espantosas memorias, que n'elle se conservam ha muitos centenares de annos, dos mysterios de nossa sancta fé. Uma n'aquelle milagre dos milagres, que por excellencia chamâmos o Sancto Milagre, onde está Christo Senhor Nosso sacramentalmente involto em seu proprio sangue, como nos corporaes de Daroca em Aragão: da qual faremos relação mais particular ao diante, na parte onde pertence a ésta história. A outra memoria, a figura de um Christo crucificado, despegado de ambos os braços da cruz, e todo inclinado e dobrado de corpo e cabeça, e sustentado só no cravo dos pés, que se guarda com grande

veneração a cargo de religiosos de S. Bento, no oratorio do monte dos Apostolos (caso digno de larga história, succedido em favor e testemunho de uma affligida mulher). Tambem é celestial maravilha o sepulchro da gloriosa Portugueza, virgem e martyr, S. Irena (que hoje chamamos Iria), fabricado por mãos de anjos nas entranhas do rio, defronte do arrabalde da ribeira e da egreja, em que é venerada, ao longo da agua. Foi morta á espada na villa de Thomar, no anno de Christo de 653, por honra da pureza virginal, e como victima d'ella. E sendo lançada no rio Nabão, veiu milagrosamente por elle ao Zezere, e do Zezere ao Tejo, e em-fim parar e sepultar-se n'êste logar, para honrar com seu nome a villa. Com o nome de Scalabis foi ella conhecida, muito antes que a conhecessem Romanos: e tanto a traz, que não falta quem queira referir sua origem a um Abydis, rei vigesimo quarto d'os que em Hespanha floreceram, logo depois do diluvio, por successão continuada. A ambição romana, que em nome, como em posse, queria fazer tudo seu, lhe poz o de *Præsidium Julium;* e mettendo dentro moradores romanos, como quem conhecia a fôrça do sitio, honrou-a com titulo e privilegios de colonia romana. E porque o logar era capaz de tudo, assentou n'elle uma das tres relações ou casas de justiça, com que se governava a Lusitania, a que chamavam *conventos juridicos.*

Faz aqui o rio uma agradavel divisão, deixando á parte direita e occidental, onde fica a villa, tudo o que ha de montuoso, e á esquerda estendidas campinas, que fertiliza com suas enchentes, como faz ao Egypto o seu Nilo. E comtudo tal fertilidade têem os

montes, que se atrevem a competir com os campos. Porque, se estes são ricos de todo genero de grão; enriquece os montes um bosque continuo de olivaes, que os cobre até aos muros da villa. E da mesma maneira que os campos parecem cheios de formosos casaes e instrumentos de lavoura, e povoados de todo genero de criação de gado; assim pelos montes se vêem infinitas quintas de bom edificio, cercadas de vinhas e pomares e hortas, regados de fontes e arroios de aguas excellentes. E se o campo é agradavel de hinverno, pela caça e muita volateria, que n'elle ha; faz ao monte deleitoso no verão a frescura e alegria dos bosques, e grande abundancia de fructas de toda sorte. E é bem de espantar, que costumando a terra deliciosa produzir os homens semelhantes a si-mesma, quero dizer, de corpos e animos pouco varonis; ésta pelo contrário tem dado por todas as edades gente de grande valor, como podiamos mostrar com exemplos, se nos deram licença as leis da história. A villa é morada de mais familias illustres, que todos os mais logares do reino depois de Lisbôa, e quasi solar d'elles, pela magnificencia de casas, que ahi tem de tempos antigos edificadas. Pelo mesmo modo vemos n'ella muitos e grandes templos; e sustenta mosteiros de quasi todas as ordens, ricos de rendas e edificios, de dourados e pincturas nos altares, e muita prata lavrada, e reliquias sanctas nas sacristias (3).

(3) Sousa, Hist. de S. Domingos. 1ª part. liv. 2º, cap. 1º.

§ XLIII — Descripção da cidade de Nanquim na China

Sendo-nos dada ésta carta, nos partímos ao outro dia antemanhã, presos da maneira que tenho contado; e, continuando nossa viagem por jornadas incertas, por causa da impetuosa corrente e grande fôrça da agua, que n'aquelle tempo trazia o rio, fomos já quasi sol posto surgir a uma aldèa pequena, que se chamava Minhaculêm, d'onde erá natural o mesmo Chifuu, ou alcaide, que nos levava, e ahi casado, com mulher e filhos, na qual esteve tres dias aviando algumas cousas. E, embarcando elle sua mulher com toda sua casa e familia, seguímos nossa derrota em companhia d'outras muitas embarcações, que por aquelle rio iam para diversas partes dos anchacilados e senhorios d'aquelle imperio. E, aindaque iamos presos ao banco da lantea, onde remavamos, não deixavam os olhos de ver cousas muito grandiosas nas cidades, villas e logares, que ao longo d'êste grande rio estavam situadas; das quaes brevemente direi alguma cousa, d'esse pouco que vímos; e começarei logo por ésta cidade de Nanquim, d'onde partímos. Ésta está situada em altura de trinta e nove gráos e um terço debaixo do norte, lançada ao longo d'êste rio por nome Batampina, que na nossa lingua quer dizer *flor do peixe;* o qual rio, segundo então nos disseram, e eu depois vi, sahe da Tartaria, de um lago por nome Fãostir, nove leguas da cidade de Lansame, onde o Taborlão, rei dos Tartaros, reside o mais do tempo. D'êste lago, que é de vinte e oito leguas de comprido e doze de largo, e de grandissimo fundo, sahem os mais poderosos cinco rios

caudaes, que ha em todo o descoberto. O primeiro é êste, por nome Batampina, que, atravessando pelo meio d'êste imperio da China trezentas e sessenta leguas, faz sua entrada no mar pela enseada de Nanquim em trinta e seis gráos; o segundo, por nome Lechune, tem sua evasão com grandissimo impeto ao longo dos montes de Pancruum, que dividem a terra do Cauchim, e o senhorio de Catebenão, que pelo sertão confina com o reino de Champaa em dezeseis gráos. O terceiro rio, por nome Tauquidai, que quer dizer *mãe das aguas*, vem cortando oesnoroeste pelo reino de Nacataas, que é uma terra, d'onde antigamente se povoou a China, como adiante direi; êste tem sua entrada no mar pelo imperio do Sornau, a que o vulgar chama Sião, pela barra de Cuy, abaixo de Patane cento e trinta leguas. O quarto rio, por nome Batobasoy, desce pela provincia de Sansim, que é a que se alagou no anno de 1556, como adiante se dirá; êste entra no mar pela barra de Cosmim no reino de Pegú. E o quinto rio, por nome Leisacotai, corta, segundo a opinião de todos os Chins, a terra a léste até ao anchacilado de Xinxipou, que confina com os Moscovitas; e dizem, que se mette n'um mar innavegavel, por causa de estar o clima em altura de septenta gráos. E tornando a meu proposito, ésta cidade de Nanquim está, como já disse, situada ao longo d'êste rio da Batampina, em um teso de bôa altura, por onde fica a cavalleiro das campinas, que estão em tôrno d'ella; cujo clima é algum tanto frio, porêm muito sadio; tem oito leguas de cêrca por todas as partes, sc., tres leguas de largo, e uma de comprido por cada parte: a casaria commum é de um só até dous sobrados; porêm as casas dos mandarins são todas terreas,

e cercadas de muro e cava, em que ha pontes de bôa cantaria, que dão serventia para as portas, as quaes todas têem arcos de muito custo e riqueza; com muitas diversidades de invenções nos curuchéos dos telhados, o qual edificio, visto todo por junto, representa aos olhos uma grande magestade. As casas dos chães, e anchacys, e aytaus, e tutões, e chumbys, que são senhores, que governaram provincias e reinos, têem torres muito altas de seis e septe sobrados, com curuchéos cosidos com ouro, onde têem séus armazens d'armas, suas recamaras, seus thesouros, e seu movel de seda e de peças muito ricas, com infinidade de porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria; a qual porcellana d'ésta sorte não sahe fóra do reino, assim porque entre elles val muito mais que entre nós, como por ser defeso, com pena de morte, vender-se a nenhum extrangeiro, salvo aos Persas do Xatamaas, a que chamam Sofio, os quaes com licença, que têem para isso, compram algumas peças por muito grande preço. Affirmaram-nos os Chins, que tem ésta cidade oito centos mil vizinhos, e vinte e quatro mil casas de mandarins, e sessenta e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de açougues, de oitenta talhos cada uma, e oito mil ruas, de que as seiscentas, que são as mais nobres, têem todas ao comprido, de uma banda e da outra, grades de latão muito grossas, feitas ao tôrno. Affirmaram-nos mais, que tem duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa, e são edificios muito ricos, com torres de sessenta e septenta sinos de metal e de ferro coado, muito grandes, que é cousa horrenda ouvil-os tanger. Tem mais ésta cidade trinta prisões muito grandes e fortes, em cada uma das

quaes ha dous e tres mil presos, e a cada uma d'éstas prisões responde uma casa como de misericordia, que provê toda a gente pobre, com seus procuradores ordinarios em todos os tribunaes de civil e crime, e onde se fazem grandes esmolas. Todas éstas ruas nobres têem arcos nas entradas, com suas portas, que se fecham de noite, e as mais d'ellas têem chafarizes de agua muito bôa, e são em si muito ricas, e de muito grande tracto. Têem, todas as luas novas e chêas, feiras geraes, aonde concorre infinidade de gente de diversas partes, e ha n'ellas grandissima abundancia de mantimentos, quantos se podem imaginar, assim de fructas, como de carnes. O pescado d'êste rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas e linguados, que parece impossivel dizer-se; o qual se vende todo vivo, com juncos mettidos pelos narizes, por onde vêem dependurados; e afóra êste pescado fresco, o sêcco e salgado, que vem do mar, é tambem infinito. Affirmaram-nos mais os Chins, que tinha dez mil teares de seda, porque d'aqui vai para todo o reino. A cidade em si é cercada de muro muito forte e de bôa cantaria, onde tem cento e trinta portas para a serventia da gente, as quaes todas têem pontes por cima das casas. A cada porta d'éstas estava um porteiro com dous alabardeiros, para darem razão de tudo o que entra e sahe. Tem doze fortalezas roqueiras quasi ao nosso modo, com baluartes e torres muito altas; mas não tem artilheria nenhuma. Tambem nos affirmaram, que rendia ésta cidade a el-rei todos os dias dous mil taéis de prata, que são tres mil cruzados, como já disse muitas vezes. Dos paços reaes não direi nada, porque os não vímos senão de fóra, nem d'elles soubemos mais que o que os Chins nos disseram, os

quaes são tantos, que é muito para receiar contal-os; e porisso não tractarei por agora d'elles, porque tenho por d'avante contar o que vimos n'os da cidade de Pequim; dos quaes confesso que já estou agora receando haver de vir a contar ainda esse pouco, que d'elles vimos; não porque isto possa parecer extranho a quem viu as outras grandezas d'êste reino da China, senão porque temo, que os que quizerem medir o muito, que ha pelas terras, que elles não viram, com o pouco, que vêem nas terras, em que se crearam, queiram pôr dúvida, ou porventura negar de todo o credito áquellas cousas, que se não conformam com o seu entendimento, e com a sua pouca experiencia (4).

§ XLIV — Descripção da cidade de Pequim

Esta cidade de Pequim, de que prometti dar mais alguma informação d'a que tenho dada, é de tal maneira, e taes são todas as cousas d'ella, que quasi me arrependo d'o que tenho promettido, porque realmente não sei por onde comece a cumprir minha promessa; porque se não ha de imaginar que é ella uma Roma, uma Constantinopola, uma Veneza, um Pariz, um Londres, uma Sevilha, uma Lisbôa, nem nenhuma de quantas cidades insignes ha na Europa, por mais famosas e populosas que sejam; nem fóra da Europa se ha de imaginar, que é como o Cairo no Egypto, Tauris na Persia, Amadabad em Cambaia, Bisnaga em Narsinga, o Gouro em Bengala, o Avaa no Chaleu, Timplão no Calaminhan, Martavão e Bagou em

(4) Fernão Mendes Pinto: cap. 88 das Peregrinações.

Pegu, ou Guimpel e Tinlan no Siammon, Odiaa no Sornau, Passarvão e Demaa na ilha da Jaoa, Pangor no Lequio, Uzanguee no gran' Cauchim, Lansame na Tartaria, e Miocoo em Japão; as quaes cidades todas são metropolis de grandes reinos; porque ousarei affirmar, que todas éstas se não podem comparar com a mais pequena cousa d'èste grande Pequim, quanto mais com toda a grandeza e sumptuosidade, que tem em todas as suas cousas, como são: soberbos edificios, infinita riqueza, sobejissima fartura e abastança de todas as cousas necessarias; gente, tracto e embarcações sem conto; justiça, govêrno, côrte pacifica, estado de tutões, chães, anchacis, aytaus, puchancys e bracalões, porque todos estes governam reinos e provincias muito grandes, e com ordenados grossissimos; os quaes residem continuamente n'ésta cidade, ou outros em seu nome, quando por casos, que succedem, se mandam pelo reino a negocios de importancia. Mas deixando agora isto, para se tractar a seu tempo, ésta cidade, segundo o que se escreve d'ella, assim no Aquecendoo, de que já fiz menção, como em todas as chronicas dos rêis da China, tem em roda trinta leguas, afóra os edificios da outra cêrca, de que já tenho dicto um pouco, e bem pouco em comparação do muito, que me ficou por dizer; e é (como já disse outra vez) toda fechada com duas cêrcas de muros muito fortes, e de muito bôa cantaria, onde tem trezentas e sessenta portas, a cada uma das quaes está um castello roqueiro de duas torres muito altas, e todos com suas cavas, e pontes levadiças n'ellas. A cada uma d'éstas portas está um escrivão com quatro porteiros de alabardas, para darem razão d'e que

entra e sahe por cada uma d'ellas; as quaes por regimento do tutão são repartidas por todos os trezentos e sessenta dias do anno de maneira, que cada dia por seu giro se celebra com muita solemnidade a festa da invocação do idolo de cada uma das portas, de que ella tambem tem o nome; e d'isto já atraz tractei tambem largamente. Tem mais ésta grande cidade dos muros para dentro, segundo os Chins nos affirmaram, tres mil e oitocentas casas dos seus pagodes, em que continuamente se sacrifica uma muito grande quantidade de aves, e de animaes sylvestres, dando por razão, que aquelles são mais acceitos a Deus, que os outros domesticos, que a gente cria em casa; e para isto dão os sacerdotes muitas razões ao povo, com que o persuadem a ter ésta abusão por artigo de fé. D'estes pagodes, que digo, ha muitos edificios muito sumptuosos, principalmente os das religiões, em que vivem os menigrepos, e conquiais, e talagrepos, que são os sacerdotes das quatro seitas de xaca, e amida, e guizon, e canon; as quaes precedem por antiguidade ás outras trinta e duas d'èste diabolico labyrintho, em que o demonio se lhes mostra algumas vezes em diversas figuras, para os fazer dar mais credito a estes seus enganos e falsidades. As ruas ordinarias d'ésta cidade são todas muito compridas e largas, e de casaria muito nobre de um até dous sobrados, fechadas todas de uma banda e da outra com grades de ferro e de latão, com suas entradas para os becos, que n'ellas entestam; e nos cabos de cada uma d'éstas ruas estão arcos com portas muito ricas, que fecham de noite, e no mais alto d'estes arcos têem sinos de vigia. Cada rua d'éstas nobres tem seu

capitão e quadrilheiros, que rondam a quartos, e a cada dez dias são obrigados a irem dar relação á camara d'o que passa n'ellas, para os ponchacys ou chãcs do govêrno proverem n'o que succedeu, conforme á justiça. Tem mais ésta grande cidade, segundo conta êste livro, com que tenho allegado muitas vezes, que tracta só das grandezas d'ella, cento e vinte esteiros, que os rêis e povos antigamente fizeram, de tres braças d'agua de fundo e doze de largo; os quaes todos atravessam toda a largura e comprimento da cidade, com grande somma de pontes feitas sôbre arcos de pedraria muito fortes, e nos cabos columnas com suas cadèas atravessadas, e poiaes com encôsto para a gente descançar. E éstas pontes, que estão n'estes cento e vinte esteiros, se affirma que são mil e oitocentas, e todas a qual melhor e mais rica, assim no feitio, como em todo o mais, que se vê. Affirma tambem êste livro, que tem cento e vinte praças nobres, em cada uma das quaes se faz cada mez uma feira, que, feita a conta ao número d'ellas, sahe a quatro feiras por dia em todo anno; das quaes, nos dous mezes, que aqui andámos em nossa liberdade, vímos algumas dez ou doze, em que havia infinita gente, assim de pé, como de cavallo, que n'umas caixas como de bufarinheiros vendiam quantas cousas se podem nomear; afóra as tendas ordinarias dos mercadores ricos, que em suas ruas particulares estavam postos por muito bôa ordem, e com tanta quantidade de peças de sedas, brocados, telas e roupas de linho e de algodão, e de pelles de martas e arminhos, e de almiscar, aguila, porcellanas finas, peças de ouro e de prata, aljofre, perolas, ouro em pó e em barras, que nós os nove companheiros andavamos

como pasmados. Pois, se quizer fallar particularmente de todas as mais cousas de ferro, aço, chumbo, cobre, estanho, latão, coral, alaqueca, crystal, pedra de fogo, azougue, vermelhão, marfim, cravo, noz, maça, gengivre, canella, pimenta, tamarinho, cardamomo, tincal, anil, mel, cera, sandalo, assucar, conservas, mantimento de fructas, farinhas, arrozes, carnes, caças, pescados e hortaliças; d'istó tudo havia tanto, que parece que faltam palavras para o encarecer. Affirmaram-nos tambem estes Chins, que tem ésta cidade cento e sessenta casas de açougues ordinarios, em cada uma das quaes havia cem talhos de todas as carnes, quantas se criam na terra, porque de todas ésta gente come, vitella, carneiro, bode, porco, cavallo, bufara, bada, tigre, leão, cão, mulato, burro, zebra, anta, lontra, texugo, e finalmente todo o animal, a que se póde pôr nome; e em cada talho está logo limitado o preço de cada cousa d'éstas. E alêm do pêso, que tem cada marchante, por onde pesa, estão mais a cada porta outras balanças da cidade, em que se torna a repesar, para ver se levam as partes seu pêso certo, porque não fique o povo enganado. E afóra estes açougues, que são os communs, não ha rua nenhuma, em que não haja cinco, seis casas, como açougues de todas as carnes muito excellentes; e álêm d'isto ha tambem muitas tabernas, em que se dá tudo guisado com muita limpeza e perfeição. Ha tambem lojas chêas de lacões, marrãs e chasinas, e aves, porcos e vaccas de fumo; e d'isto tanta quantidade, que o bom seria não o contar; mas digo-o, porque se saiba, quão liberalmente Deus Nosso Senhor partiu com estes cegos dos bens, que elle creou na terra; pelo que o seu nome seja bemdicto para sempre.

Deixando agora de particularisar miudamente a grande multidão de edificios nobres, grandiosos e ricos, que vimos n'ésta cidade, sómente de alguns darei relação, que me pareceram mais notaveis que os outros, que ha n'ella; e d'estes se poderá inferir, quaes serão os outros muitos de que não quiz tractar, por evitar prolixidade.... O primeiro edificio d'os que disse, que vi mais notaveis e dignos de memoria, foi uma prisão a que elles chamam xinanguibaleu, que quer dizer *encerramento dos degradados;* cuja cêrca será de quasi duas leguas em quadrado, tanto de largo como de comprido, fechada com um muro muito alto, sem amêas nenhumas, senão sómente com seus espigões por cima, os quaes são todos forrados de pastas de chumbo muito largas e grossas; e por fóra tem uma cava d'agua muito funda, que a rodèa toda, com suas pontes levadiças, que de noite se levantam com cadèas de latão, e se suspendem em umas columnas de ferro coado, muito grossas. Tem um arco de pedraria muito forte, que vai fechar em duas torres, na volta do qual em todo cimo estão seis sinos de vigia muito grandes, aos quaes, quando tangem, respondem todos os outros, que estão dentro, que, segundo os Chins nos affirmaram, são mais de cento, e fazem um estrondo assás terrivel e espantoso. N'ésta prisão ha continuamente, por regimento d'el-rei, trezentos mil homens, de dezesepte annos até cincoenta, de que nós recebêmos tamanho espanto, quanto n'uma cousa tão nova e tão desacostumada se requeria. E perguntando nós aos Chins pela causa d'aquelle tamanho edificio, e da grande quantidade de presos, que em si tinha, nos responderam, que, depoisque Chrisnagol dacotay acabára de fechar com muro trezentas leguas de

distancia, que ha entre êste reino da China e o da Tartaria, como já atraz fica contado, ordenára com parecer dos povos, que para isso foram chamados a côrtes, que todos aquelles que por justiça fossem condemnados em pena de degredo, fossem degradados para a fábrica d'aquelle muro; aos quaes se daria mantimento sómente, sem el-rei lhes ficar por isso obrigado a satisfacção nenhuma, pois lhes fôra aquillo dado em pena de seus delictos. E que, servindo seis annos continuos, se poderiam ir livremente, sem as justiças os constrangerem a servirem o mais tempo, em que fossem condemnados, porque d'esse lhes fazia el-rei mercê em satisfacção d'o que em consciencia lhes podia estar devendo. E que, se, antes do tempo d'estes seis annos ser acabado, fizessem algum feito notavel, ou cousa em que se mostrassem avantajados dos outros, ou fossem feridos tres vezes nas sahidas, que fizessem, ou matassem algum inimigo; ficariam desobrigados de todo o mais tempo, que lhes ficasse por cumprir, e o chaêm lhes passaria certidão, em que declarasse o porque os desobrigára, paraque por ella se visse, que satisfizeram conforme o estatuto da guerra. Este muro era obrigação ter continuos duzentos e dez mil homens, que por regimento d'el-rei lhe eram dados, dos quaes se davam de quebra para cada anno a terça parte, nos mortos, nos aleijados, e n'os que se livravam, ou por terem cumprido seu tempo, ou pelo merecimento de suas obras; e, porque quando o chaêm, que é o superior de toda ésta gente, manda pedir ésta cópia de homens ao pitaucamay, que é a relação suprema de toda a justiça, se não podiam ajunctar tão depressa, como era necessario, estando divididos por diversos logares do imperio todo, que

é tamanho, como já tenho dicto, e se passava muito tempo, antesque se ajunctassem; ordenou outro rei, que succedeu a êste Crisnagol dacotay, por nome Goxiley aparau, que se fizesse n'ésta cidade do Pequim ésta grande cêrca, paraque, tantoque os presos fossem condemnados em degrêdo para o muro, se trouxessem logo a êste xinanguibaleu, onde estivessem todos junctos; paraque, quando do muro mandassem pedir os homens, que lhes fossem necessarios, os achassem alli, e os dessem logo sem detença nenhuma, como agora se faz. Estes presos, tantoque pela justiça são entregues n'ésta prisão, de que se passa certidão a quem os leva, os soltam logo das prisões, em que vieram, e andam todos soltos, sem terem mais que uma táboazinha pequena de quasi um palmo de comprido, e quatro dedos de largo, muito delgada, na qual está escripto: *foão de tal logar, condemnado ao degrêdo geral por tal caso, entrou em tal dia de tal mez e de tal anno.* E êste relicario traz cada um ao pescoço por testemunho de suas virtudes, paraque se saiba por que crime foi condemnado, e quando alli entrou; porque todos sahem por suas antiguidades conforme ao tempo, em que alli entraram. Os quaes presos se têem por muito bem livrados, quando os levam a trabalhar no muro, porque da prisão do xinanguibaleu não podem por nenhum caso ter remissão, nem se lhes leva nenhum tempo em conta, nem têem outra nenhuma esperança de liberdade, senão a hora, em que lhe couber sahir d'alli para o muro por sua successão; porêm como são no muro, têem logo esperança certa de serem livres conforme ao estatuto, que já tenho dicto. E já-que dei relação da causa, por que se aqui fez ésta tamanha prisão,

antesque me saia d'ella, me pareceu que vinha a proposito dar conta de uma feira, que n'ella vimos, de duas, que dentro n'ella se costumavam fazer cada anno, a que os naturaes chamam guuxinēm aparau do xinangabileu, que quer dizer *feira rica da prisão do degrêdo*. Estas feiras se fazem nos mezes de Julho e Janeiro, com festas notaveis feitas á invocação de seus idolos, onde por seu modo tēem seus jubileus plenissimos, em que lhes promettem grandes riquezas de dinheiro na outra vida. São éstas feiras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direito; pela qual causa concorre a ellas tanta gente, que se affirma, que passa de tres centos de pessôas. E porque, como disse, os trezentos mil homens, que estão em depósito n'ésta prisão, andam todos soltos, como a propria gente, que vem de fóra, tēem ésta maneira para não haver impedimentos na sahida. A cada um dos livres, que entra, se põe na táboa do braço direito uma chapa de uma certa confeição de oleos e betumes de lacre com reubarbo e pedra ume, que, depois que se sécca, não se póde por nenhum caso tirar, senão com vinagre e sal muito quente. E, paraque tanta multidão de gente se possa toda signalar, está a éstas portas de uma banda e da outra uma grande somma de chanipatões, que com uns sinetes de chumbo molhados n'aquelle betume, a cada um d'os que chegam, lhe põem logo aquelle signal, e o deixam entrar. E isto se faz aos homens sómente, e não ás mulheres, porque éstas não estão obrigadas ao degrèdo do muro. E, quando vēem ao sahir d'éstas portas, vēem todos com os braços, em que trazem os signaes, arregaçados, paraque os mesmos chanipatões, que são os porteiros e ministros d'aquelle negócio, os conheçam e os deixem

passar; e o que por algum caso foi tão mofino, que acertou de se lhe apagar o signal, bem póde ter paciencia, e ficar-se com os outros presos, porque nenhum remedio ha para o deixarem sahir de dentro, pois não traz o signal, que se lhe poz ao entrar da porta. E anda isto já por todos estes chanipatões tão corrente, e tanto sem enleio, que n'uma hora entram e sahem cem mil homens, sem haver embaraço em pessôa nenhuma; e d'ésta maneira todos os trezentos mil obrigados ao degrêdo ficam sempre dentro, sem nenhum podêr sahir na volta dos outros. Tem ésta prisão ou depósito, das cêrcas para dentro, tres povoações como grandes villas, todas de casas terreas, e ruas muito compridas sem becos nenhuns, e nas entradas d'ellas tem portas muito fortes com seus sinos de vigia em cima, e cada uma tem seu chumbim, e vinte homens de guarda; e d'éstas povoações, obra de um tiro de falcão, estão os aposentos do chaêm, que é o superior de toda ésta prisão, os quaes são uma grande quantidade de casas muito nobres, com pateos muito grandes, e jardins com muitos tanques d'agua, e salas e camaras de muitas invenções, em que um rei se póde muito bem agasalhar, por muita gente que traga comsigo. Das principaes duas povoações d'éstas atravessam duas ruas, de mais de tiro de falcão cada uma, que chegam até aos aposentos do chaêm, todas com arcos de pedraria, cobertos por cima como os do hospital de Lisbôa, senão quanto lhe fazem ainda muita vantagem; nos quaes se vendem continuamente quantas cousas se possam pedir, e assim de mantimentos, como de mercadorias muito ricas, onde ha todas as ourivezarias de ouro e de prata, e lojas de mercadores muito grossos, a quem suas riquezas não aproveitam para deixarem

de ir cumprir seus degredos, quando lhe couber por sua successão. E entre éstas ruas dos arcos, que é um descampado muito grande, se fazem éstas duas feiras cada anno, a que vem ésta grande quantidade de gentes, que tenho dicto. Tem mais ésta prisão das cêrcas para d'entro muitos bosques de arvoredo muito alto, com muitos regatos e tanques d'agua muito bòa para o serviço e lavagem de toda ésta gente presa, e muitas ermidas, e muitos hospitaes, e doze mosteiros de casas muito sumptuosas e ricas. De maneira que, tudo quanto deve ter uma cidade muito nobre e muito rica, tanto se acha d'éstas cêrcas para dentro em muita abundancia, e em muitas cousas de muita vantagem; porque os mais d'estes presos têem aqui comsigo suas mulheres e seus filhos, a que el-rei dá casa conforme á familia, que cada um tem.

A segunda cousa d'éstas, de que só determino dar relação, é outra cêrca, que vimos, quasi tamanha como ésta, cercada em roda de muros muito fortes com suas cavas, que se chama muxiparão, que quer dizer *thesouro dos mortos*, com muitas torres de cantaria lavrada, e em todas curuchéos de diversas pincturas; o qual muro em todo cimo no logar das amêas era fechado todo em roda com grades de ferro, e encostados a ellas grande quantidade de idolos de differentes figuras, de homens, de serpentes, de cavallos, de bois, de elephantes, de peixes, de cobras, e de outras muitas feições monstruosas de bichos e alimarias nunca vistas em nenhuma parte, e todos estes de bronze e de ferro coado, e alguns d'elles de estanho e de cobre; a qual máchina vista assim toda por junto, no modo e postura, em que está, era muito mais notavel e aprazivel para ver

do que ninguem póde imaginar. E, passando nós por uma ponte, que atravessa a largura da cava, chegámos a um grande terreiro, que estava no recebimento da primeira entrada, todo fechado em roda com grades de latão muito grossas, e lageado todo de lageas brancas e pretas, assentadas á maneira de enxadrez, tão lisas e tão bem lustradas, que se via uma pessôa n'ellas como n'um espelho. No meio d'êste terreiro estava uma columna de jaspe de trinta e seis palmos de alto, e toda, ao que parecia, de uma só pedra, em cima da qual estava um idolo de prata em vulto de mulher, que com ambas as mãos estava afogando uma serpente muito bem pinetada de verde e preto; e logo mais adiante á entrada da porta, que estava entre duas torres muito altas, armadas sôbre vinte e quatro columnas de pedra muito grossas, estavam duas figuras de homens, cada um com sua massa de ferro nas mãos, como que guardavam aquella entrada; cuja estatura e grandeza era de cento e quarenta palmos, com uns rostos tão feios em tanta maneira, que quasi tremiam as carnes a quem os olhava, aos quaes os Chins chamavam xixipitau xalicão, que quer dizer *assopradores da casa do fumo*. Á entrada d'ésta porta estavam doze homens com alabardas, e dous escrivães assentados a uma mesa, que escreviam todo o genero de pessôas, que entrava, aos quaes se davam duas caixas, que eram tres réis da nossa moéda. Entrando nós d'ésta porta para dentro, démos em uma rua muito larga, fechada toda de ambas as partes com arcos muito ricos, assim no feitio, como em tudo o mais, nos quaes havia infinidade de campainhas de latão, que por todas as voltas dos arcos estavam penduradas por cadêas do mesmo, que com

o movimento do ar, que dava n'ellas, faziam um tamanho ruido, e uma tamanha traquinada, que não havia quem podesse ouvir, por muito alto que se fallasse. Ésta rua teria de comprimento quasi meia legua, e d'êstes arcos a dentro, assim de uma parte como da outra, tinha feitas pela proporção dos arcos duas ordens de casas terreas como grandes egrejas, com seus curuchéos cozidos em ouro, e outras muitas invenções de pincturas. As quaes casas nos affirmaram os Chins que eram tres mil, e todas de alto a baixo estavam chêas de caveiras, de homens mortos, até aos telhados, cousa de tamanho espanto, que, ao que se julgava, nem mil náos, por grandes que fossem, as poderiam carregar. Por detraz d'éstas casas estava uma serra de ossos tão alta, que sobrepujava por cima dos telhados d'ellas, a qual era do comprimento, de um cabo e do outro, da mesma meia legua, e muito larga em grande quantidade. E, perguntando nós aos Chins, se tinha aquillo conto, responderam que sim, porque tudo estava escripto por matriculas de tres mil casas, que os telegrapos tinham em seu podêr, e que não havia casa d'aquellas, que não rendesse cada anno de dous mil taéis para cima, de propriedades, que defunctos lhe tinham deixado para descanço de suas almas; o qual rendimento chegava todo a cinco contos de ouro, dos quaes el-rei levava os quatro, e os telegrapos o outro para despeza de toda a fábrica; e os quatro, que el-rei como padroeiro levava se gastavam no mantimento, que se dava aos trezentos mil degredados do xinanguibaleu. Com êste espanto d'o que viamos, começámos a caminhar por ésta rua adiante, e chegando já quasi ao meio d'ella, fomos dar em um grande

terreiro, cercado em roda de duas ordens de grades de latão, no meio do qual estava uma cobra de bronze toda enroscada e armada por peças, que tinha em roda mais de trinta braças; cousa de tamanho espanto, que faltam palavras para o encarecer; a qual alguns dos nossos êsmaram em mais de mil quintaes, presuppôsto serôca por dentro. E, sem embargo de ser de tão demasiada grandeza, era em tudo tão bem proporcionada, que em nenhuma cousa se lhe enxergava falta. A isto correspondia tambem o feitio d'ella, porque se via n'elle todo o primor e perfeição, que se podia desejar. Esta monstruosa cobra, a que os Chins chamavam serpe tragadora da casa do fumo, tinha mettido na cabeça um pelouro de ferro coado de cincoenta e dous palmos, como que lhe tinham tirado com elle. Mais adiante obra de vinte passos estava uma figura de homem do mesmo bronze, a modo de gigante, tambem assás estranha e desacostumada, assim na grandeza do corpo, como na grossura dos membros, o qual sustentava com ambas as mãos um pelouro de ferro coado, e olhando para a serpe muito arreganhado a modo de colerico, fazia que tirava com elle. Ao redor d'ésta figura estava uma grande somma de idolos pequenos, todos dourados, postos em joelhos com as mãos levantadas para elle, como que o adoravam; e em quatro tirantes de ferro, que estavam por derredor, estavam cento e sessenta e dous candieiros de prata, com seis, septe e dez torcidas cada um. Êste idolo era o da invocação de todo êste edificio, e se chamava Muchiparom, o qual diziam os Chins que era thesoureiro de todos os ossos dos mortos, e que vindo aquella serpe, que tinhamos visto, para os roubar, elle lhe tirava com aquelle pelouro, que tinha nas mãos, por onde ella logo

com medo fugia para a concava funda da casa do fumo, onde Deus a tinha lançado, por ser muito má. E que já lhe tinha feito um arremêsso havia tres mil annos, e que d'ahi a outros tres lhe havia fazer outro, que assim de tres em tres mil annos havia de gastar cinco pelouros, com que a havia de acabar de matar; e, como fosse morta, haviam todos aquelles ossos, que alli estavam juntos, de tornar aos corpos, cujos antes foram, para morarem para sempre na casa da lua. E afóra éstas bestialidades nos contaram outras muitas a êste modo, nas quaes estes cegos miseraveis estão tão crentes, que não ha cousa, que lh'as possa tirar da cabeça; porque isso é o que os seus bonzos lhes prégam, e lhes dizem, que não está em mais ser uma alma bem-aventurada, que em lhe trazerem alli os seus ossos; pelo-quê não ha dia, que alli não venham duas mil ossadas d'estes mal-aventurados, e os que não podem trazer os ossos, por ser a distancia de muito caminho, trazem um dente e dous; porque com isso, dando sua esmola, dizem que satisfazem tanto, como se trouxeram tudo o mais. Pelo-qual ha por todas éstas casas tanta quantidade de dentes em tanta maneira, que me parece que muitas náos os não poderam carregar.

O rei da China reside o mais do tempo n'ésta cidade de Pequim, por assim o prometter e jurar no dia da sua coroação, em que lhe mettem na mão o sceptro de todo o govêrno, do qual ao diante tractarei um pouco. N'ésta cidade, em ruas separadas por si de certos bairros, ha umas casas, a que elles chamam laginampur, que quer dizer *ensino de pobres*, nas quaes por ordem da camara se ensina a todos os moços ociosos, a que se não sabe pai,

assim a doutrina, como a ler e escrever, e todos os officios mechanicos, atéque per suas mãos podem ganhar suas vidas; e d'éstas casas não ha tão poucas n'ésta cidade, que não passem de duzentas, e quiçá de quinhentas; e ha outras tantas, em que tambem por ordem da cidade estão muitas mulheres pobres, que são amas, e dão de mammar a todos os engeitados, a que de certo se não sabe pai nem mãe; porêm, antesque estes se acceitem n'éstas casas, faz a justiça sôbre isso grandes exames; e se se vem a saber qual foi o pai ou a mãe do engeitado, os castigam gravemente, e os degradam para certos logares, que elles têem por mais estereis e doentios. E, depois de serem criados estes engeitados, se repartem por est'outras casas, que digo, onde são ensinados. E se alguns por defeito da natureza não são para aprender officios, tambem se lhes dá outro remedio de vida, conforme á necessidade de cada um: se são cegos, dão a cada atafoneiro, que tem engenho de mão, tres; dous para moerem, e um para peneirar; e êste é o modo, que as républicas têem, para proverem assim os cegos, como os outros necessitados, que a cidade tem a seu cargo, porque nenhum mecanico póde assentar tenda para official, sem licença da camara; e quando algum faz petição, em que pede ésta licença, logo lh'a dão, com obrigação de sustentar ou um ou mais d'aquelles necessitados, que pertencerem para o seu officio; paraque, d'aquillo de que elle pretende sustentar-se, se remedêe tambem o pobre; porque dizem elles, que é isto obra de proximidade mandada por Deus, e muito acceita a elle; e pela qual elle dissimula comnosco o castigo de nossos peccados; e a cada um d'estes tres cegos ha o ata-

foneiro de dar de comer e vestir e calçar, e seis tostões por anno, paraque, quando morrer, tenha que deixar por sua alma, porque não pereça, por ser pobre, na concava funda da casa do fumo, conforme ao quarto preceito da deusa Amida, que foi a primeira de quem estes cegos tomaram suas superstições e suas erronias, a qual, segundo parece, foi depois do diluvio seiscentos e trinta e seis annos. Esta seita com todas as mais, que se acham n'este barbarismo da China, que, segundo eu soube d'elles, e já disse algumas vezes, são trinta e duas, vieram do reino de Pegú ter a Sião, e d'alli por sacerdotes e cabisondos se espalharam por toda a terra firme de Cambaia, Champaa, Laus, Gucos, Pafuas, Chiammay, imperio de Uzanguee e Cauchenchina, e pelo archipelago das ilhas de Ainão, Lequios e Japão, até aos confins do Miacoo e Baudou; de maneira que a peçonha d'estes herpes corrompeu tamanha parte do mundo, como a maldicta seita de Mafamede. Ha tambem outro remedio de vida para os aleijados não perecerem á fome, o qual é, que os aleijados dos pés, que não podem andar, dão-se aos esparteiros, paraque torçam tamiças, façam empreitas para ceirões, e outras cousas que as mãos podem fazer. E para os aleijados das mãos, que não podem trabalhar com ellas, dão-lhe umas ceiras, paraque ás costas acarretem das praças, por dinheiro, carne, pescado, hortaliça, e outras cousas, á gente, que nem tem quem lh'os leve, nem o póde ella levar; e a'os que são aleijados de pés e de mãos, com que totalmente carecem de remedio para ganharem por si suas vidas, põem-n'os em umas casas muito grandes como mosteiros, em que tambem ha grande quantidade de merceeiras, que rezem pelos defunctos, e

das offertas dos sahimentos de todos os mortos lhes dão ametade, e aos sacerdotes a outra ametade. E se são mudos, tambem se recolhem em outra casa como hospital, e para sua sustentação lhe applicam todas as penas das regateiras e mulheres bravas, que se deshonram em público. Para as mulheres públicas, que na velhice vieram a adoecer de algumas doenças incuraveis, ha tambem outras casas da mesma maneira, em que são curadas e provídas muito abastadamente á custa das outras mulheres públicas do mesmo officio; para a qual obra cada uma d'éstas paga de fôro um tanto cada mez, porque tambem cada uma d'éstas póde vir depois a cahir na mesma enfermidade, e então as outras, que forem sãs, pagarão para ella o que ella agora em sã paga ás outras doentes. E para a arrecadação d'éstas rendas ha homens-postos pela cidade, a que se dão por isso bons ordenados. Ha tambem outras casas como mosteiros, em que se sustentam muita somma de moças orfãs, as quaes a cidade provê, e casa á custa das fazendas, que perdem aquellasque seus maridos accusaram por adulterios; e dão a isto por razão, que, já-que aquella se quiz perder por sua deshonestidade, que se ampare com o seu uma orfã, pois é virtuosa, porque se castiguem umas, e se amparem outras. Ha tambem certos bairros, em que se agasalham homens pobres e de bom viver, que a cidade tambem sustenta á custa dos procuradores, que sustentam demandas injustas, em que as partes não têem justiça, e de julgadores, que por acceitação de pessôas, ou por peitas, não correm com os feitos conforme a justiça; de maneira, que em tudo se governa ésta gente com muita ordem.

Tambem é razão, que se saiba a grandissima ordem, e

maravilhoso govêrno, que tem êste Chim, rei gentio, em prover o seu reino de mantimentos, paraque a gente pobre não padeça necessidades; e para isso direi o que d'isto se tracta nas suas chronicas, que eu algumas vezes ouvi ler, escriptas em letra de fôrma ao seu modo, que aos reinos e republicas christãs póde ser exemplo, assim de caridade como de bom govêrno. Contam éstas chronicas, que um rei, bisavô d'êste, que agora reina, por nome Chausirão Panagor, que, por uma grande enfermidade, que tivera, perdêra a vista, era grandissimamente amado do seu povo, pela realidade e brandura da sua condição e natureza. Este, desejando de fazer a Deus um grande serviço, e que lhe fosse summamente agradavel, chamou a côrtes, e n'ellas ordenou que, para remedio de toda a gente pobre, houvesse (como ainda agora ha) em todas as cidades e villas do reino, celleiros de trigo e de arroz; porque, quando por alguma esterilidade, a terra não désse fructo, como algumas vezes se acontecia, tivesse a gente mantimento, de que se sustentasse aquelle anno, paraque os pobres não perecessem á mingua, e que para isso cava toda a décima parte dos direitos reaes. E mandando passar d'isso um padrão geral para todas as cidades, que eram cabeças dos anchacilades das comarcas, diz a chronica, que, trazendo-lh'o paraque o assignasse com um sinete de ouro, que trazia no braço, com que, por ser cego, o costumava de fazer, logo em o assignando lhe dera Deus vista perfeita, a qual sempre tivera todo o tempo, que depois viveu, que foram quatorze annos. Pelo qual exemplo (se assim foi) parece, que quiz Nosso Senhor mostrar, quanto lhe agrada a caridade, que por seu amor se usa com os pobres, ainda entre os infiéis.

e que o não conhecem. E de então para cá houve sempre em toda ésta monarchia um grande número de celleiros, que, segundo se affirma, são quatorze mil casas. E a ordem, que as camaras do govêrno têem em os proverem sempre de mantimentos novos, é ésta: — Tanto-que as novidades parece que estão já certas e seguras, se reparte o trigo velho por todos os moradores e gente dos logares, conforme á possibilidade de cada um, e lh'o dão a modo de emprestimo, por tempo de dous mezes; os quaes homens, acabado êste tempo, que pela justiça lhes foi posto, vêem logo todos entregar outro tanto trigo novo, quanto receberam velho, e dão mais de crescença a seis por cento para as quebras, porque nunca se diminua a cópia, que alli se pozer; e quando acerta o anno a ser esteril, se reparte tambem o trigo pelo povo, sem se levar por isso ganho nem interêsse algum, e o que se dá a gente pobre, que não tem com que satisfaça o que se lhe empresta, esse todo se contribue das rendas, que as terras pagam a el-rei, por sêr esmola, que elle por aquelle padrão lhe tem feita, o qual está registado em todas as camaras, paraque os anchacys da fazenda o levem em conta. E de toda a mais massa das rendas do reino, que é uma muito grande quantidade de picos de prata, se fazem tres partes, das quaes uma é para a sustentação do estado real e do govêrno do reino, outra para a defensão das terras, e provimento dos armazens e das armadas, e a outra se põe em thesouro aqui n'ésta cidade de Pequim, com o qual o rei de podêr ordinario não póde bulir, por estár depositado para a defensão do reino, e para as guerras, que muitas vezes se têem com os Tartaros, e com o rei dos Cauchins, e com

outros rèis, que confinam com elle, ao qual thesouro elles chamam chidampur, que quer dizer *muro do reino;* porque dizem elles, que, emquanto aquelle thesouro estiver alli vivo para remedio dos trabalhos, a que de necessidade se ha de acudir, não lançará o rei tributo nem finta sôbre os pobres, nem os pobres serão vexados, como se faz nas outras terras, em que se não têem éstas providencias. Assimque, em todas as cousas, ha n'êste reino um tão excellente govêrno, e uma tão prompta execução nas cousas d'elle, que, entendendo bem isto no tempo, que lá andou aquelle bem-aventurado padre mestre Francisco Xavier, lume no seu tempo de todo o Oriente, cuja virtude e sanctidade o fizeram tão conhecido no mundo, que porisso excusarei por agora tractar mais d'elle, espantado, assim d'éstas cousas, como de outras muitas excellencias, que n'ésta terra viu, dizia, que, se Deus alguma hora o trouxesse a êste reino, havia de pedir de esmola a el-rei nosso senhor, que quizesse ver as ordenações e os estatutos da guerra e da fazenda, por que ésta gente se governava; porque tinha por sem dúvida, que eram muito melhores, que os dos Romanos no tempo de sua felicidade, e que os de todas as outras nações de gentes, de que todos os escriptores antigos tractaram (5).

§ XLV — Descripção do templo de Canari, ou, como os Inglezes escrevem, Kennery na ilha de Salsete

No meio d'ésta ilha está aquelle admiravel pagode do Canari, que se presume ser obra dos Canarás, e porisso

(5) O mesmo Fernão Mendes: cap. 107. 108. 109. 113.

se chama assim, que está feito ao-pé de um arrazoado monte, todo de pedra de côr pardo-claro; á entrada d'elle se faz uma formosa sala; e no páteo de fóra da porta, de uma e de outra banda d'ella, estão duas figuras de vulto entalhadas na pedra, tamanhas como duas vezes os gigantes, que vão nas procissões da festa do Corpo de Deus de Lisbôa, tão formosas, tão primas, e tão bem lavradas, que nem em prata se podiam entalhar melhor, nem mais perfeitas. A porta da banda de fóra tem algumas cisternas feitas na mesma rocha, que recebem a agua do hinverno: que no verão está tão fria, que não ha mãos, que a soffram. Pela cerra acima até ao cume d'ella, a modo de caracol, se fazem mais de tres mil camarinhas pequenas, a modo de cubiculos, cortadas na mesma rocha; e cada uma d'ellas tem á porta uma cisterna da mesma agua: e o que é mais para admirar, é que ha um cano, feito por tal artificio, que corre por todas éstas tres mil camarinhas: êste cano recolhe todas as aguas vertentes d'aquella serra, e a reparte por todas as cisternas, que estão ás portas das camarinhas (6).

§ XLVI — Descripção das ilhas das Canarias

Chamãmos Canarias a umas ilhas postas no mar Atlantico em a altura de 26 gráos até 28 gráos: correm-se as quatro d'ellas mais chegadas a terra lesnordeste e oessudoeste, e as tres mais ao mar jazem em triangulo. A mais proxima a terra apartar-se-ha do Cabo de S. Vicen-

(6) Diogo do Couto.

te, em outro tempo chamado Sacro Promontorio, obra de 160 leguas, e ésta se chama hoje Lançarote, e a mais ao mar dista do mesmo Promontorio por espaço de 240 leguas, e por Ilha do Ferro, hoje èste dia, dos mareantes e peregrinos é conhecida. A éstas ilhas antigamente chamaram bem-aventuradas, e morada dos deuses, como parece em Ptolomeu, Plinio, Pomponio Mella, e outros gravissimos auctores, mas todos elles escreveram mũi confusamente o sitio, confrontação e altura d'ellas. Ésta foi a terra mais occidental, que chegou á noticia dos antigos, e por ella lançou Ptolomeu o meridiano, a que chama *vero;* do que me parece que nasceu o engano de alguns pilotos cuidarem, que na paragem d'éstas ilhas não variam as agulhas cousa alguma. E pòstoque seja cousa commum a todos serem éstas ilhas das Canarias as bem-aventuradas, o meu parecer é, que Ptolomeu sentiu outra cousa, e chamou bem-aventuradas ás seis ilhas do Cabo-Verde, que estão mais orientaes de todas. A razão d'isto é que por seis ilhas bem-aventuradas, que é o número d'éstas que viu, e na levação do pólo guardou muito a conformidade e semelhança; porque a mais septentrional de todas, a que chama Aprosyto, põe em altura de 16 gráos, na qual altura está a ilha do Sal, e á mais austral das bem-aventuradas põe em dez gráos, e chama-lhe Pinctuaria, que por razão da altura parece ser a ilha do Fogo, pòstoque as alturas variem tres gráos; e assim mesmo põe Ptolomeu éstas ilhas bem-aventuradas debaixo de um meridiano, como jazem parte d'éstas seis ilhas do Cabo-Verde. E se ésta não foi a tenção de Ptolomeu, as suas táboas n'ésta parte vão de todo o ponto fóra de razão.

porque as Canarias e as ilhas, que elle chama Fortunadas, se bem olharmos o sitio, altura, rota e longura de umas e outras, veremos claro não poderem as Bem-aventuradas ser as que agora chamāmos Canarias: e porēm de todas as outras escripturas dos cosmographos se póde facilmente tirar serem as Canarias as ilhas Bem-aventuradas, e sómente Ptolomeu se embaraçou no conhecimento d'ellas. Éstas ilhas das Canarias foram descobertas e conquistadas no tempo d'el-rei D. Fernando o quinto de Castella . . . . . .

É cousa muito para notar, que sendo éstas ilhas tão vizinhas, os moradores de uma não tinham conhecimento d'os que viviam na outra. Os Canareos viviam sem casas, mas em covas e choupanas passavam sua vida; adoravam ùm só Deus; tinham linguagem, que elles só entendiam; por armas usavam uns páos agudos; é gente bellicosa e soffredora de muito trabalho; correm e saltam pelas montanhas e logares asperos, como a outra gente o póde fazer por terra chã; e assim trepam por as rochas, como cabras. Éstas ilhas, pôstoque cada uma d'ellas tenha nome proprio, todas em geral são chamadas as Canarias, por razão de em uma d'ellas nascerem grandes e poderosos cães, como se parçce em Plinio, livro 6° de sua Cosmographia: a terra d'éstas ilhas é mūi abastada de toda a sorte de mantimentos e gados, os ares mūi sãos, e grandemente temperados (7).

(7) D. João de Castro: Rot. de Lisbôa a Diu, 1538.

§ XLVII — Descripção das ilhas do Cabo-Verde

O Cabo-Verde, a'o que posso comprehender, é o promontorio, a que Plinio e Pomponio chamam Hesperionceras. Èstas ilhas são as *Insulas Gorgonas*, morada das Meduseas, e o mar, que lava éstas terras, o golpham hesperio. A causa d'isto assim haver de ser são as palavras de Plinio (liv. 6°, cap. 31), que dizem d'ésta maneira: D'êste promontorio se começa a frontaria das terras a virar ao occidente e mar atlantico, e direito d'elle estão as ilhas Gorgonas, espaço de duas jornadas navegando: que quer dizer duas singraduras. E porquanto as seis ilhas do Cabo-Verde, que estão mais orientaes das outras, deitam do mesmo Cabo por 70.. 80 leguas, que são duas singraduras de vento galerno, a que Plinio chama jornadas, parece que fica claro o Cabo-Verde ser o promontorio Hesperionceras, e as ilhas, que se lhe oppõem, a saber, que se chamam do Cabo-Verde, Insulas Gorgonas, morada das Meduseas. E faz muito a êste proposito sabermos, que das Canarias, ou ilhas Bem-aventuradas, para o sul não ha outras ilhas senão éstas, paraque digamos, que possam ser as Gorgonas; nem outro promontorio mais illustre, que êste do Cabo-Verde, e que com tanta razão possa ser o Hesperionceras. Porêm, se houvermos de conjecturar éstas conferencias pelas táboas de Ptolomeu (tab. 3ª da Africa), olhando á altura e longura do promontorio Hesperionceras, parecer-nos-ha havel-o então de ser a ponta da Serra Leôa, com tanto-que as ilhas do Cabo-Verde ou Gorgonas sejam as Fortunadas,

o que não é razão, porque em tal caso as nossas alturas e longuras se conformam com as de Ptolomeu, as quaes alturas e longuras ficam mũi differentes, fazendo das Canarias as ilhas Bem-aventuradas, como é justo e opinião commum. Assim-que n'ésta parte não devemos estar por Ptolomeu, nem é honesto podêr-se cuidar, que éstas ilhas do Cabo-Verde sejam as Fortunadas, como quer que a esterilidade d'ellas, e destemperança do ar sejam de todo o ponto contrárias a'o que se escreve da fertilidade e suavissimos ventos e ares das Fortunadas, as quaes qualidades se acham nas Canarias. D'éstas ilhas do Cabo-Verde 370 leguas a loeste passa o meridiano, que determina a conquista e navegação de todo o universo entre os rêis de Portugal e Castella, a saber, 180 gráos d'êste meridiano para o oriente é dos rêis de Portugal, e outros 180 para Castella. Ésta quantia de gráos e caminho, que pertence a Portugal, até ao dia de hoje, não são acabados de navegar, porque as armas dos Portuguezes sómente são mostradas aos povos da China e Moluco, ficando-lhe ainda muitos caminhos para fazer pelo Oriente dentro até chegarem ao fim e termo dos 180 gráos, que por direito lhes pertence (8).

§ XLVIII — Descripção da Bahia

I

A formosa e espaçosa *Bahia de Todos os Sanctos* é assim chamada, ou porque parece um paraiso, onde ha-

(8) D. João de Castro: Rot. de Lisbôa a Diu, 1538.

bitam todos os sanctos, ou porque parece, que todos os sanctos do paraiso influem n'ella alguma parte de suas qualidades. E na verdade não sei eu, se haverá em todo o descoberto paragem mais accommodada para o commércio e habitação humana, que ésta Bahia e seus arredores (que tudo entra em Bahia), nem será facil eu descrevel-a aqui como é.

Quanto ao mar, é a Bahia uma capacidade de aguas de muitas leguas (dão-lhe alguns doze de diametro com seus braços mais grossos, e porconseguinte de circumferencia trinta e seis). É estância fiel para navios, abrigada dos ventos e tempestades do Oceano, dentro de uma barra real, de mais de duas leguas de largura (o que é limpo, fundo e navegavel), entrada segura de galeões e náos da India sufficiente para todas as armadas do mundo, entresachada de aprazíveis ilhas, umas grandes, outras pequenas, e tantas em número, que se affirma, que passam de cento, da barra para dentro, pela maior parte enriquecidas de grossas fazendas de moradores; formosas com graciosa variedade em brancas praias, toscos penedos, verdes arredores, boqueirões, entradas e sahidas, que fazem bahias differentes, e enganam facilmente a vista, umas com outras, d'os que não têem experiencia; cercada quasi em contorno de terra firme, de cujo sertão vêem a pagar tributo grandes rios: o da *Praia*, *Matuim*, *Pernamenim*, *Seregipe*, *Paranaguaçú*, *Jaguaripe*, e outros, que nascem d'estes, aindaque menores, não menos aprazíveis, e todos elles navegaveis. Vêem-se hoje todas éstas bahias e margens de rios cercadas das ricas lavouras da doce planta, de canaviaes, já verdes, já louros, quasi innumeraveis. Po-

rêm, o que mais admira, e faz todo êste reconcavo mais proveitoso, é a providéncia particular, com que a natureza deu portos e commércio a todas éstas lavouras e fazendas, ajunctando a qualquer d'estes rios maiores uma plebe numerosa de riachos e esteiros, que mettem pela terra, de maneira que até a partes muito distantes e situadas no coração d'ella foram buscar, como de proposito, estes riachos, todos navegaveis, para lhes darem porto e sahida, com tão alegre confusão, que se não póde facilmente julgar, se está aqui a terra no mar, se o mar na terra. Avultam entre todas as grandes fazendas dos engenhos de assucar máchinas lustrosas, porque contêem grandes officinas e grandiosas casarias de egrejas e moradas dos senhores vigarios, lavradores, officiaes, serventes e escravos. E vêem a ser estes engenhos em número, quando isto escrevêmos (9), sessenta e nove, que representam outras tantas villas, e fazem aquelles arredores sôbremaneira nobres e aprazíveis. É notavel a facilidade do tracto, commércio e serventia de todos estes moradores. São vistas aquellas bahias, rios, portos, boqueirões, entradas e sahidas, contínuamente cheios de velas, quaes grandes, quaes pequenas, todas sem conto; os arraes brancos, os marinheiros pretos, fazem todo o serviço, escusam carros e cavalgaduras, e vêem a fazer o commércio, não só mũi facil e abreviado, mas proveitoso e alegre; e a faltar ésta grande facilidade de mencio, não vejo eu, como fôra possivel desembarcarem todos os annos d'ésta Bahia para o reino de Portugal tantos milhares de caixas de assucar,

(9) O auctor escrevia isto no anno de 1662

que enchem tão grandiosas frotas, de tanta quantidade de náos, como vemos, toda a doçura e todo o riso do rei e do reino.

As aguas d'èste grande logar, ou pequeno oceano, da barra para dentro, parecem de crystal. Da náo mais alongada da praia experimentei, que, olhando para o fundo das arêas, vi n'elle os seixos e as conchas branquejando a modo de pedaços de prata. As margens e ribeiras dos rios de ordinario estão galanteadas da verdura dos mangues, mũi engraçados, não só por verdes, mas por aquellas singulares laçadas, com que a natureza vigorosa os enredou; porque do mais alto de seus braços lançam vergonteas a beber nas aguas, e n'éstas, como luxuriando, dos braços fazem pés, arreigam no fundo, criam raizes e tornam a brotár ao alto troncos diversos, e diversos ramos. Não dão éstas árvores fructo algum; recompensam porẽm a falta d'elle com varios prestimos em proveito maior dos moradores; porque aquelles braços, que dissemos, lançam do alto a prender outra vez nas aguas, formam cada um cinco e seis raizes, antesque cheguem á vasa, as quaes n'aquelle espaço, que lhe chegou a agua das marés, se cobrem com tanta quantidade de ostras, umas sôbre outras, que talvez é bastante um só pé d'estes para encher um cêsto. Debaixo d'éstas mesmas raizes se cria tanta cópia de caranguejos, que, sendo muitos milhares os moradores, principalmente serventes e escravos, a todos dão pasto quotidiano e gostoso só os que andam pelas margens dos rios. Com a folha d'éstas árvores pisada, se fazem os cortumes de toda a coirama do Brazil, muito mais brevemente que com o sumagre de Portugal; e com a casca pisada

se dá a tincta vermelha e engraçada, que têem os mesmos coiros. Dos seus troncos se fazem as melhores e mais incorruptiveis madeiras para todos os altos das casas, como são caibros, enchimentos e pilares; e vem a ser ésta árvore infructifera a de maiores prestimos.

De pescado é toda ésta paragem de mar e rios abundantissima: suas especies são innumeraveis; gostoso todo e sadio; nem é menor a cópia de generos de marisco, regalo de ricos, e fartura de gente ordinaria.

A terra é um pinctado mappa, sempre verde e sempre alegre, porque conservam todo o anno a folha seus arvoredos. Na compostura da natureza, bem assombrada, levantada em outeiros, extendida em campinas, povoada de bosques, abundante de pastos, retalhada de rios, fecunda de fontes, sempre a mesma, sempre vária: d'onde nasce, que é innumeravel o gado, e todo o genero de creação abundantissimo. O torrão de ordinario é fino, maçapé, feraz e vigoroso, não só das cousas naturaes, mas d'as do reino. Na fructa de espinho não dá vantagem á melhor da Europa; as parreiras todos os mezes sahiriam com fructo, se todos os mezes foram podadas e beneficiadas. O sítio principal d'ésta paragem é o d'aquella parte juncto á barra, onde hoje avulta a cidade, proeminente a toda a bahia, e d'onde a um volver de olhos se estão vendo junctamente aquellas aguas, ilhas, praias, penedos, verdura, boqueirões, entradas e sahidas, e embarcações innumeraveis, que acima dissemos; uma das vistas, que no mundo se gabam. Os moradores naturaes da terra por natureza são liberaes, engenhosos, magnanimos e dadivosos. Seria cousa grande descer ao particular, quer de

esmolas, quer de donativos gratuitos. Homem houve, que despendeu graciosamente quantia de fazenda, com que poderam enriquecer quatro; ainda vivem successores seus, que seguem a liberalidade do pai. Occasião vi, em que, tirando-se uma esmola para principio de uma obra pia, se ajunctaram só na cidade trinta e dous mil cruzados; outra houve, em que se ajunctaram pela cidade e reconcavo, para a fábrica de um templo, sessenta mil cruzados, dando um só morador os trinta; em agradecimento dos quaes se-lhe-fez escriptura da fundação da capella-mór.

A região do ar é conhecidamente vital, um quasi segundo paraiso, uma perpétua primavera, onde raramente se sente excesso de frio ou de calma, d'onde andam desterradas as pestes e ramos d'ellas, as doenças contagiosas, e sem ésta injúria dos climas morrem os homens por seus cabaes, cheios de dias e de annos. Está na altura de treze gráos e meio, entre a linha e trópico austral; e comtudo zombam seus naturaes da doutrina dos antigos philosophos, que tinham para si, que era inhabitavel ésta parte do mundo, que não tinha céo, que carecia de antipodas, e outros sonhos contrarios d'o que nos mostra a experiencia. Faltava só, que fosse tambem melhor o céo d'ésta parte; e não será temeridade affirmal-o, segundo a doutrina, que temos assentado no livro segundo das *Curiosidades do Brazil*. Parece, na verdade, se poz a natureza a formar ésta parte do mundo, quando estava com a mão mais folgada, como lá disse Plinio da sua Campania.

É a Bahia cabeça do Brazil, e êste, na compostura, a modo de um gigante grande. O braço esquerdo lhe vão formando as capitanias de Sergipe, Pernambuco, Itamaracá,

Paralyba, Rio-Grande, Ceará, Maranhão e Grão-Pará. O braço direito lhe formam as capitanias dos Ilhéos, Porto-Seguro, Espirito-Sancto, Rio-de-Janeiro, S.-Vicente; e d'ésta até ao grão Rio-da-Prata, de maneira que vêem a lavar-lhe as mãos (para não dizer pés) a éste grande gigante, da parte esquerda as immensas aguas do rio Grão-Pará, e da direita as do Rio-da-Prata.

O primeiro descobridor d'ésta bahia foi Christóvão Jaques, fidalgo da casa real, aquelle, de que dissemos já no livro primeiro das cousas do Brasil, que, andando descobrindo e demarcando os ponctos d'ésta costa, veiu dar com ésta bahia até então encoberta, e entrando n'ella, por sua formosura, como de paraiso, lhe poz o nome *Bahia de Todos os Sanctos*. E indo correndo seus reconcavos, n'um, a que chamam Paraguassú, achou duas náos de Francezes, fazendo resgate com os Indios, ás quaes, pondo-se ellas em resistencia, e não querendo largar o pôsto, que lhes não pertencia, por ser conquista do rei de Portugal, metteu no fundo com gente e fazenda; que assim obravam os capitães d'aquelle tempo em cousas do serviço do seu rei (10).

II

El-rei D. João III de Portugal estava tão affeiçoado ao Estado do Brasil, especialmente á Bahia de Todos os Sanctos, que, se vivêra mais alguns annos, edificára n'ella um dos mais notaveis reinos do mundo, e engrandecêra a ci-

(10) Padre Simão de Vasconcellos.

dade do Salvador, de feição que se podera contar entre as mais notaveis de seus reinos; para o que ella estava mũi capaz, e agora o está ainda mais em podèr e apparelho para isso, porque é a maior e a mais formosa, que se sabe pelo mundo, assim em grandeza como em fertilidade e riqueza.

Porquanto ésta Bahia é senhora de bons ares, mũi delgados e sadios, de mũi frescas e delgadas aguas: é muito abastada de mantimentos naturaes da terra, de muita caça, e muito saborosos pescados e fructas, a qual está arrumada pela maneira seguinte:

A Bahia se entende da ponta do Padrão ao morro de Tinhare, que demora um ao outro nove ou dez leguas, aindaque o capitão da capitania dos Ilhéos não quer consentir, que se entenda senão da ponta da ilha de Taparica á do Padrão; mas está já averiguado por sentença, que se entende a Bahia da ponta do Padrão até Tinhare, como já fica dicto, a qual sentença se deu por haver dúvida, entre os rendeiros da capitania dos Ilhéos e o da Bahia, sôbre a quem pertenciam os dizimos dos pescados, que se faziam juncto a êste morro de Tinhare, o qual dizimo se sentenceou ao rendeiro da Bahia, por se averiguar entender-se a Bahia do morro para dentro, como na verdade se deve entender (11)

(11) Gabriel Soares de Souza.

III

Fructos da Bahia

Parece razão, que ponhamos em capitulo particular os fructos de Hespanha e de outras partes, que se dão na Bahia de Todos os Sanctos.

Começando nas cannas de assucar, cuja planta levaram da capitania dos Ilhéos, da Madeira e do Cabo-Verde, as recebeu ésta terra de maneira em si, que as dá maiores e melhores, que nas Ilhas e partes d'onde vieram a ella; e em nenhuma outra parte se sabe que se criem cannas de assucar, porque na Ilha da Madeira, Cabo-Verde, S. Thomé, Trudente, Canarias, Valencia, e na India não se dão as cannas, se não regam-os canaviaes, como as hortas, e se lhe não estercam as terras; e na Bahia plantam-se pelos altos e pelos baixos, sem se estercar a terra, nem se regar; e como as cannas são de seis mezes, logo se cançam, e é necessario cortal-as, para as plantar em outra parte, porque aqui se dão tão compridas, como em outro sítio, e são como lanças, e na terra baixa não se faz assucar da primeira novidade, que preste para nada, porque acamam as cannas, e estão tão viçosas, que não coalha o sumo d'ellas, se as não misturam com cannas velhas; e como são de quinze mezes, logo dão novidade. As cannas de planta e as de soca, que são as que rebentam e brotam das primeiras cortadas, como são de anno, logo se cortam, e na Ilha da Madeira, e nas mais partes, onde se faz assucar, cortam as cannas de planta

de dous annos por diante, e a de soca de tres annos, e ainda assim são cannas muito curtas, onde a terra não dá mais que duas novidades. Na Bahia ha muitos canaviaes, que ha trinta annos dão cannas, e ordinariamente as terras baixas não cançam nunca, e as altas dão quatro e cinco novidades, e mais.

Das árvores a principal é a parreira, a qual se dá de maneira n'ésta terra, que nunca lhe cahe a folha, senão quando a podam; e tantas vezes a podam, tantas dá fructo. No anno é a poda ordinaria duas vezes, para darem duas novidades, o que se faz em qualquer tempo do anno, conforme que cada um quer. As uvas, porque em todo o anno madurecem, são muito doces e saborosas. Ha curiosos, que têem nos seus jardins pé de parreira, que tem uns braços com uvas maduras, outros com agraços, outros com fructo em flor, outros podados de novo, e assim todo o anno têem uvas maduras n'uma só parreira. Mas não ha n'aquella terra mais plantas, que de uvas ferraes, e outras uvas pretas; e se não ha n'ésta terra mais vinhas, é pelo respeito das formigas, que em uma noite, que dão n'uma parreira, lhe cortam a folha e fructo, e a lançam no chão. Assim não ha na Bahia tanto vinho como na Ilha da Madeira e na capitania de S. Vicente, porque não tem formiga, que lhe faça nojo; mas ha homens, que colhem já tres e quatro pipas de vinho cada anno, ao qual dão uma fervura no fogo, por se lhe não azedar, o que deve de nascer das plantas.

As figueiras se dão de maneira, que no primeiro anno, que se plantam, têem novidade, e d'ahi por diante dão figos todo o anno. Nunca lhe cahe a folha, e dão mui

grandes e mũi saborosos figos pretos. As árvores não são muito grandes, nem duram muito tempo, que como são de cinco a seis annos, logo se enchem de uns carrapatos, que as comem, e lhes fazem cahir a folha e ensoar o fructo; os quaes figos pretos não criam bichos, como os de Portugal. Tambem ha outras figueiras pretas, que dão figos de abêberas mũi saborosas, as quaes são maiores árvores, e duram perfeitas mais annos, que as outras, mas não dão novidade tão depressa como ellas.

As romeiras se plantam de quaesquer raminhos; os quaes pegam e dão fructo aos dous annos. As árvores não são muito grandes, mas dão romans em todo o anno, e não lhes cahe nunca a folha de todo; o fructo d'ellas é maravilhoso no gôsto, de bom tamanho, mas não dão muitas romans, por pesarem muito, e cahirem no chão ainda em flor; com as quaes árvores têem as formigas muita guerra, e não se defendem d'ellas senão com têstos de agua ao pé; e se se atravessa uma palha por cima, por ella lhe dão logo tal assalto, que lhe lançam a folha toda no chão, pelo que se sustentam com trabalho éstas árvores e as parreiras, que á figueira não faz a formiga nojo.

As laranjeiras se plantam de pevide, e faz-lhe a terra tal companhia, que em tres annos são árvores mais altas, que um homem; e n'êste terceiro anno dão fructo, que é o mais formoso e grande, que ha no mundo; e as laranjas doces têem mũi suave sabor, e seu doce mũi agradavel, e tanto, que a camisa branca, com que se vestem os gomos, é tambem mũi doce. As laranjeiras tomam muita flor, de que se faz agua mũi fina, e de mais suave cheiro, que a de Portugal. Quando as laranjeiras doces são velhas,

dão as laranjas com uma ponta de azêdo mui galante; ás quaes árvores as formigas em algumas partes fazem nojo, mas com pouco trabalho se defendem d'ellas. Tomam as taes árvores a flor em Agôsto, que é quando começa n'aquellas partes a primavera.

As limas se dão da mesma maneira; onde ha poucas, que dêem fructo azêdo, por se não usar d'elle na terra. As doces são muito grandes, formosas, muito saborosas, e fazem muita vantagem ás de Portugal, assim na grandeza, como no sabor. As árvores das limas são tamanhas como as laranjeiras, a quem a formiga faz o mesmo damno, se lhe póde chegar, e plantam-se de pevide tambem.

As cidreiras se plantam de estaca, mas de pevide se dão melhor, porque dão fructo ao primeiro anno; e as cidras são grandissimas e saborosas, as quaes fazem muita vantagem ás de Portugal, assim na grandeza como no sabor, e faz-se d'ellas muita conserva. Algumas têem a gomma doce, outras azêda, e em todo o anno as cidreiras estão de vez para dar fructo, porque têem cidras maduras ou verdes, outras pequenas, e muita flor, a quem as formigas não fazem nojo, porque têem o pé da flor mũi duro. Dão-se na Bahia limões francezes tamanhos como cidras de Portugal, e são mũi saborosos, e outros limões de perdiz, e os gallegos. Uns e outros se plantam de pevide, e todos os annos têem novidade, os quaes muito depressa se fazem muito grandes, especialmente os gallegos. Tambem se dão na Bahia outras árvores de espinho; e gambôas não ha muitas na terra, por se não aproveitarem n'ella d'êste fructo.

As palmeiras se dão na Bahia melhor, que na India;

porque, mettido um côco debaixo da terra, a palmeira, que d'elle nasce dá côcos em cinco e seis annos; e na India não dão éstas palmas fructo em vinte annos. Foram os primeiros côcos á Bahia, de Cabo-Verde, d'onde se cacheu a terra, e houvera infinidade d'elles, se não seccassem. Como são de oito e dez annos para cima, dizem, que lhes nasce um bicho no ôlho, que os faz seccar, e os côcos são maiores e melhores, que os das outras partes, mas não ha quem lhe saiba matar êste bicho, e aproveitar-se de muitos usos, que na India se faz dos palmares, pelo-que não se faz, n'ésta terra, conta d'éstas árvores.

Tamareiras se dão na Bahia muito formosas, que dão tamaras muito perfeitas; as primeiras nasceram dos caroços, que foram do reino, e depois de semeadas e nascidas, d'hi a oito annos deram fructo, e dos caroços d'êste fructo ha outras árvores, que dão já, mas ninguem faz caso d'ellas, e póde-se contar por estranheza ésta brevidade, porque se tem, que quem semêa éstas tamaras, elle nem seus filhos lhe comem o fructo, senão os netos. Estas tamareiras não dão fructo, senão houver macho entre ellas, e a árvore, que é macho, não dá fructo, e é muito ramalhuda do meio para cima, e as folhas são de côr verde-escuro. As femeas têem uma copa em cima, e a côr dos ramos de um verde-escuro (12).

§ XLIX — Descripção de Lisbôa

Para um sítio ser perfeitamente deleitoso, ha de ter tres cousas: ser agradavel á vista; de suave temperamento

(12) Fl. Gabriel Soares de Souza.

para o corpo; e ter commodidade dos exercicios deleitosos.

A respeito do sitio, isto é em geral; e em particular ha de ser apto para haver n'elle particulares recreações, como são jardins, e quintas retiradas e sumptuosas, e grandes conventos, illustres por fábrica, alegres por natureza, e perfeitos na vida, para recreação dos animos pios e devotos.

É necessario, que o sitio seja alegre á vista; porque o artesano, o official de justiça, e os ministros maiores, que se não podem apartar da communicação da cidade, possam com dar um passeio, e pôr-se em algum logar eminente, recrear o ānimo, alliviando-o, com a alegre vista, do trabalho de seus exercicios, para voltar a elles com novo alento, em beneficio commum, como o homem, que leva algum grande pêso, que, descançando um pouco, cobra fôrças para chegar com elle ao determinado fim. Os antigos entenderam bem, quão necessario era recrear os animos d'os que governam, e do povo: pois, como se vê em muitos logares de Tito Livio e Plutarco, para esse fim os Romanos faziam os seus espectaculos, a que assistia o senado, edificando para isso nobilissimas fábricas, como ainda se vê nas ruinas do Colliseu; mas quando do mesmo sitio se póde alcançar êste beneficio, tendo na vista d'elle uma dôce recreação do ānimo, muitas d'éstas cousas se podem escusar.

Isto concedeu a Divina Providencia ao sitio de Lisbôa sôbre todos os do mundo, se o de Constantinopola, pela semelhança, não é igual a elle.

Cobre Lisbôa os outeiros e valles, que já dissemos, com

as fábricas das casas e templos, dando com isto grande commodidade de alegre vista aos mais dos seus moradores; porque das mais das casas, estando edificadas nas ladeiras e cumes dos montes se vê grande parte da cidade, e do seu rio, e de outras junctamente com algumas hortas; porque está de sorte assentada ésta cidade, que, sahindo d'elle alguns braços nobremente povoados, achassem entre si amenissimos valles, plantados de hortas, que todo anno alegram a vista, variando, em diversos tempos do anno, verde hortaliça, com que os practicos agricultores cobrem a sua terra. E assim da maior parte das casas se vê uma grande máchina de unidos edificios, ou juncto com isto o mar, ou verdes hortas; e se éstas vistas são alegres, julgue-o quem as goza. E as casas, que estão chegadas ao mar, de modo que d'ellas se vêem distinctamente as grandes e pequenas embarcações, umas ancoradas, e outras navegando. Que colliseu, que circulo, e que theatro com novos espectaculos se lhe póde comparar? Pois não só tem ésta vária vista, mas extendendo-a mais sôbre as especiosas aguas do rio, estão vendo de outra parte resplandecer, entre os horizontes da manhã e raios á tarde do sol, as brancas casas das quintas, e logares n'elles edificadas. E não só gozam d'ésta alegre e formosa vista aquelles, a quem coube por sorte viver em casas, donde a tenham, mas todos os homens, que vêem a ésta cidade, podem gozar d'ella indo passear aos outeiros de Nossa Senhora da Graça, do Carmo, do Castello, de Sancta Catharina, e das Chagas, que de todas éstas partes se vêem algumas das cousas referidas, e de algumas todas, e são logares communs, a que todos livremente podem ir.

E aquellesque se recrearem de passear em grandes e espaçosas praças, têem a do Rocio, que se não sabe em outra cidade outra tamanha, cercada de nobres casas e grandes templos, o Terreiro do Paço, que tenho por maior, medindo dos Paços até aos Contos, o qual, tendo pela parte da terra êstas illustres e reaes fábricas de Paços e Contos, tem pel'a do mar ordinariamente tantos navios postos com as pròas em terra, e outros ancorados no mar, que os mastros e antennas parecem um grande bosque de espessas árvores. Pois o passeio de S. Roque até descahir á Bòa-Vista, não póde ser cousa mais agradavel, vendo, depoisque se sahe dos Moinhos-de-Vento, de uma parte o valle da Annunciada, cheio de hortas e illustres casas até Andaluzes, e da outra a Bòa-Vista, e todo o seu mar até fóra da barra e os do caminho de Bethleêm e de Inxobregas; para quem os quizer mais largos, que cidade tem outros mais alegres, nem com melhores fins? acabando um no sumptuosissimo e real convento de Bethleêm, digno dos nossos rèis, e outro na devota e sancta casa da Madre de Deus, e no religioso convento de S. Francisco.

E o passeio do mar não é inferior a nenhum dos referidos; porque olhando para a terra, se vê, não sem admiração, a grande cidade, que se levanta sôbre as ladeiras, que olham para aquella parte e para o mar, innumeravel quantidade de navios e barcos, fazendo outra grandissima cidade naval. E paraque tudo seja sempre alegre, depoisque o sol apparece sòbre o nosso horisonte, atéque (como fingem os poetas) mette o seu carro nas aguas do Oceano, não deixa de espalhar os seus raios por cima de toda a cidade, com o que a faz muito mais alegre e deleitosa á vista.

Do temperamento, que é (como dissemos) uma das cousas, que fazem os sitios deleitosos, está dicto já o que basta, para se ver, que tem Lisbôa o mais suave do mundo, não havendo nenhum tempo, em que o muito frio, ou muita calma, impidam gozarem-se as honestas recreações d'ella.

Dissemos tambem, que o sitio geralmente deleitoso havia de ter commodidade para deleitosos exercicios: estes, a respeito do sitio, são só dous: o de caça, e pescarias, e o de exercitar a destreza dos bem-doutrinados cavallos; porque ha terras, que não têem caça, ou se a têem, é de modo, que se não póde gozar d'ella, ou não é deleitosa e nobre; e outras, havendo, com difficuldade se póde andar á cavallo, como Genova, e outras, que de nenhum modo o consentem, como Veneza, sendo uma gentil recreação da nobreza o generoso exercicio de adextrar e exercitar os cavallos; de que Lisbôa tem grande commodidade, assim nas praças, que dissemos, do Rocio e do Paço, como na praia de Bethleem, e nos bellissimos campos de Alvalade, que são outras grandissimas praças, estando cercadas de nobres casas, hortas e jardins, e assim não falta ésta commodidade em Lisbôa. De caça e pescado é abundantissima, porque a linda caça, que tem d'ésta parte do rio, é de perdizes, lebres, coelhos e adens; da outra parte está a Charneca offerecendo larguissimamente todas éstas caças; e se a das lebres não é n'ella tão geral, por respeito do mato, a dos coelhos e perdizes se póde exercitar em toda, e ha muitos logares tambem fóra das coutadas, onde não faltam veados e porcos; e em algumas paragens d'ella são tantas as adens, que dizem os que continuam ésta

caça, que não têem logar, pela brevidade, com que os tiros se lhes offerecem, de carregar a escopeta. Pois da pescaria? quem não vê a grande commodidade, que nos offerece êste rio, e o mar d'ésta costa, onde, me dizem, que é cousa de grande recreação ir pescar com linhas nos dias de bom tempo; porque pondo os barcos em paragem, que os pescadores têem marcado pela terra, ficando sôbre penedos, que estão no fundo do mar, é mũi grande a quantidade de peixe, que tomam, e a pressa, com que picam, e não tiram pardelhas ou saramugos, senão salmonetes, pescadas, pargos, e outros pescados semelhantes (13).

§ L — Descripção ideal da ilha Fortunata

Visto-que a formosura do céo se não póde descrever na realidade, ide-a rastejando, como poderdes pelas seguintes visões e semelhanças. Luciano, querendo especular os nossos mysterios, fórma na sua idéa, á imitação do Evangelista prophetico, os divertimentos dos cidadãos da Ilha Fortunata, onde se empenha, quanto póde, por nos representar polícias inaudictas.

« Em se avistando (diz elle) sítio tão feliz, se descobrem as suas largas muralhas, lavradas de esmeraldas finissimas, cujo resplendor é vistoso sôbre toda a ponderação. As portas são de madeira preciosa e odorifera, que ao chegar a ellas despedem suaves exhalações. Quando se entra dentro, vêem-se as ruas empedradas de marfim e ouro, e as casas adornadas com riquissimos lavores. Os

(13) Luiz Mendes de Vasconcellos. *Sitio de Lisbôa.*

templos estão esmaltados com grandes berillos, pedras preciosas côr do mar, e os altares feitos de ametistas, cujo preço nada é inferior. A toda a cidade cérca um formoso rio, que passa por balsamo, e tem de largura trezentos covados e a profundidade sufficiente para se banharem os cidadãos. Em outra parte ha estufas, que são umas grandes casas de crystal, onde tambem se tomam deliciosos banhos. Nunca aqui se gasta outra madeira senão canella, e em logar de agua usam de certo rócio, que é summamente saudavel para a bôa disposição do corpo. Causa notavel complacencia ver aos moradores d'êste sitio, porque têem corpo, que o não parecem, mas puros espiritos que se divisam pela transparencia de algum véo. Ainda assim estão em pé e sentados, caminham, ouvem, fallam e respondem; mas não trazem sôbre si cousa alguma basta ou terrestre como nós; os seus vestidos são da côr de purpura e cortados de seda tão delgada, que igualam as têas de aranha na tenuidade dos seus fios.

Alli ninguem se queixa, nem da pobreza, nem dos achaques, nem das paixões da alma, nem das miserias do mundo. Ninguem envelhece, e quando logram a dita da entrada, se tornam incorruptiveis. Nunca experimentam hinverno, ou noite, senão um tempo mũi sereno, e dias, que parecem da mais florida primavera. Escusado é perguntar, se ha aqui pomares, jardins, florestas e fructos, porque em nenhuma parte se podem achar amenidades semelhantes. As suas vinhas fructificam no anno doze vezes, e treze algumas árvores mais fecundas. Os seus trigos são mũi grados e formosissimos, e têem no remate das espigas uns pãesinhos formados de mũi saboroso gôsto.

Contam-se na cidade até trezentas fontes de agua crystallina; outras tantas de mel; quinhentas de agua de cheiro, septe rios caudalosos de leite, e outro de precisissimo vinho. Ordinariamente fazem os seus banquetes fóra da cidade em um prado muito ameno, que chamam elysio, e está todo cheio das mais raras formosuras da natureza, cercado todo de um bosque, que lhe fórma verdes pavilhões de frescas sombras. Os assentos são alcatifados de flores sempre viçosas, e quando estão á mesa, os ventos lhes servem de ministros, para lhes trazerem todos os regalos excepto o vinho, de que não têem necessidade, porque se criam alli tambem árvores de crystal, cujos fructos são á maneira das copas, que usámos, e tanto, que os colhem cheios de um suavissimo liquor. Os rouxinhóes e semelhantes orpheus do campo, vôam-lhes brandamente sôbre as cabeças, e depois de lhes lançarem por cima as flores, que com os bicos colhem dos vizinhos prados, lhes dão alegres musicas em concertada melodia. Logo-que as nuvens se engrossam com os vapores, que attrahem d'aquellas fontes odoriferas, os orvalham com subtil rócio, que os lava, consola e recrèa. Finalmente, o que alli ha de maior estimação, são mais duas fontes, uma de gôzo, outra de riso, d'onde chegando uma vez a tirarem agua, ficam invenciveis a todas as penalidades e tristezas. Ésta, Floriano, é a idéa, que fingiu aquelle engenho, para nos representar uma vida mũi feliz. Auctores ha, que se persuadem não estar o céo privado de semelhantes recreações; mas quando o esteja d'éstas, bem sabemos, que tem outras muitas e maiores; e que quem lograr a dita de viver n'elle, logrará alli tão formosos espectaculos, que todas as delicias ideadas n'ésta

ficção com tanto aceio, lhe parecerão vilissimas em parallelo dos gôzos celestiaes (14).

§ LI — Descripção dos triumphos romanos

A maior ostentação de grandeza e magestade, que se viu n'êste mundo; e uma das tres, que sancto Augustinho desejára ver, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, n'aquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio; precediam os soldados vencedores com acclamações: seguiam-se representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inaccessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos, e as máchinas, com que foram expugnadas; em grande número de carros os despojos e riquezas, e tudo o raro e admiravel das regiões novamente subjeitas; depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos rêis maneatados; e por fim em carroça de ouro e pedraria, tirada por elephantes, tigres ou leões domados, o famoso triumphador, ouvindo a espaços aquelle glorioso e temeroso pregão: *Memento te esse mortalem.* Emquanto ésta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, os palanques, que para êste fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a vêr. E se Diogenes então perguntasse, quaes eram os que passavam, se os do triumpho, se os que estavam vendo, não ha dúvida, que pareceria a per-

(14) P. Manuel Consciencia.

gunta digna de riso. Mas o certo é, que tanto os da procissão e do triumpho, como os que das janellas e palanques os estavam vendo, uns e outros igualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca pára; e ou indo, ou estando, ou caminhando, ou parados, todos sempre, e com igual velocidade passāmos.

Considerando êste continuo passar do homem (não fóra de si, senão onde verdadeiramente parece que está e permanece, que é dentro em si-mesmo), diziam os sabios da Grecia, como refere Eusebio Cesariense, que todo o homem, que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infancia á puericia, morre a infancia; passando da puericia á adolescencia, morre a puericia; passando da adolescencia a juventude, morre a adolescencia; passando da juventude á edade de varão, morre a juventude; passando da edade de varão á velhice, morre a edade de varão; e finalmente, acabando de viver por ésta continuação e successão de mortes, com a última, que só chamāmos morte, morre a velhice (15).

§ LII — Descripção de naufragio

Septe dias havia já, que faziamos nossa viagem pelo meio da enseada do Nanquim, para com a fórça da corrente caminharmos mais depressa, como quem só n'ella tinha sua salvação; porēm todos tão tristes e descontentes, que, como homens fóra de si, nenhum de nós fallava a proposito, quando chegámos a uma aldêa, que se

(15) P. Antonio Vieira.

chamava Susoquerim; e como ainda alli não havia novas de nós, nem d'onde vinhamos, surgímos no porto d'ella; e depois de nos provermos de algum mantimento, e nos informarmos dissimuladamente do caminho, que haviamos de levar, nos partímos d'alli a duas horas, e, o mais depressa que podémos, entrámos em um esteiro menos seguido de gente, que a enseada, por onde vinhamos vindo, que se chamava Xalingau; pelo qual corrèmos mais nove dias, nos quaes caminhámos cento e quarenta leguas; e, tornando a entrar na mesma enseada do Nanquim, que já aqui era de dez ou doze leguas de largo, velejámos por nossa derrota com ventos oestes de um bordo no outro mais treze dias; e bem enfadados do muito trabalho e medo, que passavamos, e já com pouco mantimento, e sendo ávista das minas de Conxinacau, que estão em quarenta e um gráo e dous terços, nos deu um tempo do sul, a que os Chins chamam tufão, tão forte de vento, e cerração e chuveiros, que não parecia cousa natural; e como as nossas embarcações eram de remo, e não muito grandes e baixas, e fracas, sem marinheiros, nos vímos em tanto apêrto, que quasi desconfiados de nos podêrmos salvar, nos deixámos ir assim rolando á costa, havendo por menos mal morrer entre os penedos, que afogados no mar: e seguindo nós com êste proposito nosso caminho, sem podêrmos effeituar êste miseravel intento, que então escolhiamos por menos máo e menos trabalhoso, nos saltou o vento ao noroeste já sôbre a tarde, com o que os mares ficaram tão cruzados, e tão altos na vaga do escarcéo, que era cousa medonha de ver. Com êste medo começámos a alijar quanto traziamos; e foi tamanho o desatino n'êste excessivo trabalho, que

até o mantimento e os caixões da prata se lançaram ao mar, e após isto cortámos tambem ambos os mastos, porque já a êste tempo as embarcações iam abertas, e corrêmos assim a árvore sêcca o que mais restava do dia; e sendo quasi meia-noite, ouvímos na panoura de Antonio de Faria uma grande grita de « *Senhor Deus, misericordia!* » por onde imaginámos, que se perdia; e acudindo-lhe nós da nossa com outra do mesmo modo, nos não responderam mais, como que eram já alagados; de que todos ficámos tão pasmados e fóra de nós, que uma grande hora nenhum fallou a proposito. Passada n'ésta afflicção e agonia aquella triste noite, uma hora antes-que amanhecesse nos abriu a nossa embarcação por cima da sobrequilha, com que logo de improviso nos cresceram oito palmos d'agua, de modo que sem nenhum remedio nos iamos ao fundo, por onde já então presumímos, que era Nosso Senhor servido, que tivessem alli fim nossas vidas e nossos trabalhos. Tanto-que o dia foi de todo claro, e, descobrindo já todo o mar, não vímos Antonio de Faria, e acabámos todos de pasmar, de maneira que nenhum de nós teve mais acôrdo para nada. E continuando n'êste trabalho e agonia até quasi ás dez horas, com tanto medo e desaventura, quanto me não atrevo a declarar com palavras, viemos a dar á costa; e meios alagados nos foram os mares rolando até uma ponta de pedras, que estava adiante, na qual em chegando, com o rôlo do mar nos fizemos logo em pedaços, e pegados todos uns nos outros, com grande grita de « *Senhor Deus, misericordia!* » nos salvámos, dos vinte e cinco Portuguezes, que eramos, os quatorze sómente; e os onze ficaram alli logo afogados,

com mais dezoito moços christãos e septe chins marinheiros, e ésta desaventura succedeu uma segunda feira, cinco do mez de Agosto de 1542, pelo qual Nosso Senhor seja louvado para sempre (16).

§ LIII — Descripção da guerra

É a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que ou se não padeça, ou se não tema; nem bem, que seja proprio e seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunidade, o religioso não tem segura a sua cella, e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro (17).

§ LIV — Descripção dos effeitos da necessidade

Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não subjeite, não por vontade, mas por fôrça e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade.

(16) Fernão Mendes Pinto, cap. 79.

(17) Vieira.

A necessidade é a que leva o soldado á guerra, e a escalar as muralhas, onde, vendo cahir uns a ferro, e voar outros a fogo, avança com tudo, e não desmaia. A necessidade é a que engolpha o marinheiro nas ondas do Oceano; ellas com os naufragios ávista, e elle com tal ousadia, que, mettido dentro em quatro táboas, se atreve não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é a que mette, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sôbre si, caiam e o sepultem, elle lhe vai cavando as raizes e sangrando as vêas. Finalmente, com mais ordinario e geral desprêzo da vida e da saude, quem faz, que o lavrador não tema os regelos do hinverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e do tigre, senão a necessidade? E pôstoque uns e outros tantas vezes perecem em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade, com implicação manifesta da propria conservação, é a que, para sustentar a vida, os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao-pé d'ella lhe perguntam, quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E paraque ninguem se admire d'êste grande podêr da necessidade sôbre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros podêres são subjeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei: *Necessitas caret lege* (18).

(18) Vieira.

§ LV — Descripção da fortuna

Váriamente pinctaram os antigos a que elles chamam fortuna. Uns lhe pozeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formam de ouro, outros de vidro; e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés sôbre uma roda. Em muitas cousas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de *fortuna*, que significa caso ou fado; erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insignias e podêres das mãos; porque o govêrno do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as cousas, significada na cornucopia, pertence sómente á Providencia Divina, a qual não cégamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto.

Acertaram porêm os mesmos gentios na figura, que lhe deram, de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés pela velocidade, com que se muda; e sôbretudo em lh'os pôrem sôbre uma roda; porque nem no próspero, nem no adverso, e muito menos no próspero, teve jámais firmeza. D'os que a fizeram de ouro, diremos depois; o que agora sómente me parece dizer, é, que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque, aindaque a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda (19).

(19) Vieira.

II — Parallelos, Retractos e Caracteres

§ LVI — Semelhanças entre a vida e a morte

A criança, quando nasce, larga as secundinas, quando passa d'ésta vida, larga o corpo. Com o nascimento morrem aquellas tres membranas: com a morte fenecem as tres principaes faculdades corporaes, natural, vital e animal. Nasce a criança com violencia, com dores e com gemidos: aparta-se a alma de seu querido corpo com os mesmos affectos. E assim como uma optima constituição do corpo depende dos primeiros trabalhos da geração no utero; assim tambem a condição da alma na outra vida anda em razão das obras n'ésta. Será lá miseravel e abjecta, se teve cá por companheiro um corpo manchado de vicios: feliz e gloriosa, se no corpo se habituou ás virtudes e honestas cogitações. A criança depois de nascida usa de outro modo de vida mui diverso do primeiro: vê a luz do sol, distingue as figuras dos objectos, que d'antes não conhecia. Da mesma sorte a alma separada do corpo entra em novo genero de vida: contempla a luz divina, e descobre entre os objectos admiraveis relações, que d'antes lhe não era dado ver, emquanto incluida nas prisões do corpo (20).

(20) Rodrigo de Castro.

§ LVII — Nascimento e morte

Para fundamento d'o que pretendo dizer sôbre o soberano nascimento, de que celebrāmos a memoria n'êste felicissimo dia, consideremos primeiro, que cousa é nascer, e philosophemos um pouco. Os homens (deve ser porque são mortaes) o que costumam festejar com maiores demonstrações de gôsto, parabens e applausos, assim pública como privadamente, são os nascimentos. Mas isto de nascer, pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza; antes, se bem se considera, mais digno é de tristeza, que de alegria. Não debalde, com o ser risivel a primeira propriedade de nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nascer chorando. Com lagrymas chorarām muitas nações os nascimentos, que nós solemnizāmos com festas, e não sei, se nos deverão tornar o nome de barbaros, que lhes damos. Queixāmo-nos da vida, e festejāmos os nascimentos, como se o nascer não fôra princípio da mesma vida, que nos traz queixosos. O nascimento é o princípio da vida, como a morte o fim: e uma carreira, que tem o fim tão duvidoso, uma navegação, que tem o porto tão pouco seguro, como póde ter o princípio alegre? Nascēmos sem saber, para que nascēmos, e bastava só ésta ignorancia para fazer a vida pesada, quando não tivera tantos encargos sabidos. Os ditosos e os desgraçados todos nasceram; e como são mais os que accusam a fortuna, que os que lhe dão graças, maior materia dão os nascimentos ao temor, que á esperança. A esperança promette bens, o temor ameaça males, e, entre promesssas e ameaças, tanto vem a se padecer o que se espera, como

o que se teme. A quem começa a vida tudo fica futuro, e no futuro nenhuma distincção ha de males a bens; todos são males, porque todos se padecem. Os males padecem-se, porque se temem; os bens padecem-se, porque se esperam, e para affligir o mal, basta ser possivel; para molestar o bem, basta ser duvidoso. Se alguma cousa nos podéra segurar os sobresaltos d'ésta contingencia, parece, que era o tempo, o logar e as pessôas, de que nascêmos; mas por mais que d'éstas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, o certo é, que nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos pais se herdam. Do mesmo pai nasceu Isaac e Ismael, e um foi o morgado da fé, outro da heresia. Na mesma hora nasceu Jacob e Esaú, e um foi amado de Deus, outro aborrecido. Na mesma terra nasceu Caim e Abel, e um foi o primeiro tyranno, outro o primeiro martyr. Assim-que, avaliar o nascimento pelos pais, é vaidade; medil-o pelo tempo, é superstição; estimal-o pela patria, é ignorancia; e só julgal-o pelo fim, é prudencia.

Salomão, o mais sabio de todos os que nasceram, faz uma comparação tão superior ao nosso juizo, que só podia caber no seu. Compara o dia da morte com o do nascimento; e na differença d'estes dous extremos, quem não imaginará, que se compara o dia com a morte, a luz com as trevas, a alegria com a tristeza, a felicidade com a desgraça, a cousa mais desejada com a mais temida, e com a mais terrivel a mais amavel? Sendo porêm tão prenhe de admiração a proposta, mais digna de espanto é a sentença. Resolve Salomão, que melhor é o dia da morte, que o dia do nascimento. E que tem o dia

da morte, para ser melhor que o do nascimento? O dia do nascimento não é o mais alegre, e o da morte o mais triste? O do nascimento não é o que povôa o mundo, o da morte o que abre e enche as sepulturas? O do nascimento o que veste de gala as familias e as côrtes, o da morte o que as cobre de luto? A morte não é o maior inimigo da vida, e o nascimento não é o que, sendo ella mortal, a immortaliza? Que é o nascer, senão o remedio do não ser? e que seria do mundo, se em logar dos mortos não nasceram outros, que lhe succedessem? Até em Deus necessita do nascimento a mesma Trindade, porque sendo só a possôa do Padre innascivel, Deus sem nascimento seria um, mas não seria trino. Pois se tantos são os bens e felicidades, que traz comsigo o dia do nascimento, os quaes todos funesta, consume e acaba o dia da morte, que motivo teve o juizo de Salomão para antepôr o dia da morte ao dia do nascimento? Entendeu-o melhor que todos o maior interprete das Escripturas. É melhor (diz S. Jeronimo) o dia da morte, que o dia do nascimento, porque no dia do nascimento ninguem póde saber o para que nasce, e só no dia da morte se sabe o fim para que nasceu. Se no nascimento de Judas e Dimas se levantasse figura certa a'o que cada um havia de ser em sua vida, a do primeiro diria, que havia de ser apostolo, e a do segundo, que havia de ser ladrão: e assim foram na vida; mas o verdadeiro juizo do fim, para que cada um d'elles nascêra, ainda estava incerto; veiu finalmente o dia da morte, que foi o mesmo, em que ambos acabaram, e esse dia declarou, com assombro do mundo, que Judas nascêra, para morrer enforcado como ladrão,

e Dimas, para confessar e prégar a Christo como apostolo. E como se não póde fazer verdadeiro e certo juizo do nascimento, sem se saber juntamente o para que nasce quem nasce; porisso no dia do nascimento de Maria, nos diz o Evangelho, que nasce para d'ella nascer Jesus, e quando se publica, e se sabe o felicissimo e altissimo fim, para que nasceu, então se solemniza e festeja com razão o dia do seu nascimento (21).

§ LVIII — Juizo e entendimento

Bem se póde dizer, que o juizo é o mesmo que o entendimento, porêm é um entendimento solido; porisso póde haver entendimento sem juizo, mas não juizo sem entendimento. O ter muito entendimento ás-vezes prejudica; o ter muito juizo sempre é util; o entendimento é parte, que discorre, porêm póde discorrer mal; o juizo é a mesma parte, que discorre, quando discorre bem; o entendimento pensa, o juizo tambem obra. Porisso nas acções de um homem conhecêmos o seu juizo, e no discurso lhe vemos o entendimento. O juizo duvida antes-que resolva, o entendimento resolve primeiro-que duvide; porisso êste se engana pela facilidade, com que decide, e aquelle acerta pela facilidade, com que pondera.

Ordinariamente fallâmos no juizo, e não no entendimento, de Deus, e deve ser pela impressão, que temos de que o juizo é menos subjeito ao êrro, que com Deus é impossivel.

(21) P. A. Vieira — *Serm.*

Com ésta vantagem, que achāmos no juizo, pouco nos desvanece o ter juizo, e muito nos lisongèa o ter entendimento. Considerāmos o juizo, como cousa popular, ou sómente como uma especie de prudencia, sendo aliás cousa mūi rara; e olhāmos para o entendimento como cousa mais altiva, e em que reside a qualidade da agudeza; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente, do que o discorrermos com acêrto; e ainda fazemos vaidade de voltar de tal sorte as cousas, que fiquem parecendo o que claramente se sabe, que não são. O engano vestido de eloquencia e arte attrahe, e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtileza, e temos pejo de acertar rusticamente (22).

§ LIX — A ignorancia e a paixão

O rustico, porque é ignorante, vê, que a lua é maior que as estrêllas; mas o philosopho, porque é sabio, e mede as quantidades pelas distancias, vê, que as estrêllas são maiores que a lua.

O rustico, porque é ignorante, vè, que o céo é azul; mas o philosopho, porque é sabio, e distingue o verdadeiro do apparente, vê, que aquilloque parece céo azul, nem é azul, nem é céo.

O rustico, porque é ignorante, vê muita variedade de côres n'o que elle chama *arco da velha;* mas o philosopho, por que é sabio, e conhece que até a luz engana, quando se dobra, vê, que alli não ha côres, senão enganos córados e illusões da vista.

(22) Mathias Ayres da Silva de Eça.

E se a ignorancia erra tanto, olhando para o céo, que será, se olhar para a terra?

Eu não podendo negar á ignorancia os seus erros, mas os que do céo abaixo padecem os olhos dos homens, e com que fazem padecer a muitos, digo, que não são da ignorancia, senão da paixão. A paixão é a que erra; a paixão, a que os engana; a paixão, a que lhes perturba e troca as especies, paraque vejam umas cousas por outras. E ésta é a verdadeira razão, ou semrazão, de uma tão notavel cegueira. Os olhos vêem pelo coração; e assim como quem vê por vidros de diversas côres, todas as cousas lhe parecem d'aquella côr, assim as vistas se tingem dos mesmos humores, de que estão bem ou mal affectos os corações (23).

§ LX — O homem e o mundo

Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno.... Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande; mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que, sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda ésta máchina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens; cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque n'ésta máchina do mundo, entrando tambem n'ella o céo, as estrèllas têem

(23) Padre Vieira.

seu curso ordenado, que não pervertem jámais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar, com ser um monstro indomito, em chegando ás arèas, pára: as árvores, onde as põem, não se mudam: os peixes contentam-se com o mar; as aves com o ar; os outros animaes com a terra. Pelo contrário o homem, monstro ou chimera de todos os elementos, em nenhum logar pára; com nenhuma fortuna se contenta; nenhuma ambição, nem appetite o farta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e, como é maior que o mundo, não cabe n'elle (24).

§ LXI — Amor e ódio — Inveja

1º — *Amor e ódio*

As paixões do coração humano, como as divide e numéra Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitáes, amor e ódio. E estes dous affectos são os dous polos, em que se revolve o mundo, porisso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas; elles são os que enfeitam ou descompõem, elles os que fazem ou anniquilam, elles os que pinctam ou despinctam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a còr, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substância, sem outra distincção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco, se com ódio o cisne é negro; se com amor, o demonio é formoso, se com ódio o anjo é feio;

(24) Idem Vieira.

se com amor, o pigmeu é gigante; se com ódio, o gigante é pigmeu; se com amor, o que não é tem ser; se com ódio, o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jámais. Porisso se vêem com perpétuo clamor da justiça os indignos levantados e as dignidades abatidas, os talentos ociosos e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada, e a sciencia sem honra; a fraqueza com bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sôbre os altares, e a virtude sem culto; os milagres accusados, e os milagrosos réos. Póde haver maior violencia da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perdição da républica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos; cegos quando se fecham, e cegos quando se abrem; cegos quando amam, e cegos quando aborrecem, cegos quando approvam, e cegos quando condemnam; cegos quando não vêem, e quando vêem, muito mais cegos.

2º — *Inveja*

Nos tribunaes, ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as obras ou bôas qualidades são crimes. Sabia Doeg, que era Saul grande émulo de David, que o invejava muito; e como no juizo dos invejosos os merecimentos são culpas, e as excellentes qualidades delictos, louvou e engrandeceu a David diante de Saul, paraque Saul, como fez, desse sentença de morte contra David. Disse, que era prudente, guerreiro, esforçado, gentil-homem virtuoso, e dotado de tantas outras bôas partes; e quem bem entendesse toda ésta ladainha de encomios e louvores, bem podia dizer por David: *Orate pro eo.*

Eram capitulos, que contra elle se representavam ao rei, não menos que de lesa-magestade. Pareciam louvores e eram accusações; pareciam abonos e eram calúmnias; calumniado o innocente na sua virtude, e accusado o benemerito nas suas bôas obras, sem que á innocencia se lhe desse defesa, nem ao merecimento lhe valessem embargos, porque era o juiz a inveja.

Considero eu, que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da lei de Deus. Os mandamentos da lei de Deus dizem: Não matarás; não furtarás; não levantarás falso testemunho. Os mandamentos da lei da inveja dizem: Não serás honrado; não serás rico; não serás valente; não serás sabio; não serás bem-disposto. E tambem dizem: Não serás bom prégador. E se acaso Deus vos fez mercê, que soubesseis pôr os pés por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada, que fosseis discreto, generoso, ou rico, ou honrado, no mesmo poncto tivestes culpas no tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos (25).

§ XXII — A usura e a lepra

O peccado de usura e a enfermidade da lepra parecem-se em muitas cousas. A lepra chama-se cancro universal, porque por todo o corpo se vai extendendo, e todo o vai consumindo. A ũsura tambem é cancro universal, porque consome a honra, a saude, a vida, as virtudes. Os leprosos tẽem a cara torva, carregada á semelhança de leão;

(25) Idem Vieira.

e porisso uma especie d'ella se chama *leontiasis;* e tal é a condição de um usurario, porque não attende á caridade com o proximo, senão ao interêsse proprio. Os leprosos cahe-lhes o cabello, porque o humor excrementoso lhe róe as raizes, e em logar d'elle lhe nasce outro mũi raro, subtil, á-maneira de lã podre. Sabido é, que nos cabellos são significados os pensamentos; e não póde um ambicioso ter pensamentos bons, porque a cópia dos affectos terrenos lhe tira a raiz d'elles, que é o temor e amor de Deus. O leproso tem o bafo corrupto, e porisso todos se afastam d'elle. O onzeneiro escandaliza com o seu procedimento, e ninguem o busca senão para remir sua vexação. A lepra é doença, que não póde encobrir-se: a usura é vicio, que logo se faz público. A lepra pega-se aos vestidos e ás casas, e os consome e afèa: tambem a usura destróe as casas e familias, e as empobrece, despoja e affronta; porque: *male parta, male dilabuntur* (26).

§ LXIII — Differente uso do dinheiro entre o avarento e o cubiçoso

A differença entre o cubiçoso e o avarento é que o cubiçoso quer o dinheiro para gastar, o avarento quer o dinheiro para guardar.

O cubiçoso usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins: o avarento não tem outro fim em ter dinheiro senão o ter, e faz do mesmo dinheiro o seu último fim (27).

(26) Bernardes: — *Est. Prat.*

(27) Padre Vieira.

§ LXIV — Os ministros d'agora e os ministros d'outr'ora

Antigamente na républica hebréa, e em muitas outras, os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades... Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o extrangeiro com a sua demanda, com a sua pretenção, com o seu requerimento, e, sem entrar na cidade, voltava no mesmo dia respondido para sua casa.

Não saibam os requerentes a differença d'aquella éra á nossa, paraque se não lastimem mais.

Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades; agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de a-pé não fazem conto, nem d'elles se faz conta): as portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber, se está em casa ou se o ha no mundo; sendo necessaria muita valia só para alcançar de um criado a revelação d'êste mysterio.

Uns batem; outros não se atrevem a bater: todos a esperar; e todos a desesperar. Sahe finalmente o ministro quatro horas depois do sol: apparece e desapparece de corrida: olham os requerentes para o céo, e uns para os outros: aparta-se desconsolada a cidade, que esperava juncta (28).

(28) Idem Vieira.

§ LXV — O tempo passado comparado com o tempo de hoje

Grande differença ha d'êste tempo, em que vivêmos, á singeleza e bondade dos tempos passados: porque, n'aquelles tão ditosos, empregavam-se os philosophos em engrandecer sua patria, e, n'estes nossos, gastam os dias e noites em diminuir o credito d'ella (29).

§ LXVI — Differença de ladrões a ladrões

O ladrão, que furta para comer, não vai nem leva ao inferno, os que não só vão, mas levam, de que eu tracto, são outros ladrões de maior calibre, e de mais alta esphera, os quaes, debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento, distingue muito bem S. Basilio Magno: Não são só ladrões, diz o sancto, os que cortam bolças, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões, que mais propria e dignamente merecem êste titulo, são aquelles a quem os rêis encommendam os exercitos e legiões, ou o govêrno das provincias, ou a administração das cidades, os quaes já com manha, já com fôrça, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco; estes sem temor nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu, que uma grande tropa de varas

(29) Fr. Bernardino da Silva.

e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: *Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos.* Ditosa Grecia, que tinha tal prégador! E mais ditosas as outras nações, se n'ellas não padecêra a justiça as mesmas affrontas! Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão, por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triumpho um consul ou dictador, por ter roubado uma provincia! E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triumphantes? De um chamado Seronato disse, com discreta contraposição, Sidonio Apollinario: Seronato está sempre occupado em duas cousas: em castigar furtos e em os fazer. Isto não era zêlo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar elle só (30).

§ LXVII — Retracto de Annibal (31)

É tal a grandeza do capitão, cujas façanhas começâmos a contar, e tanta a parte de Portuguez, que tem por via da mãe, que me não contento com passar brevemente por suas cousas, sem dar, com Tito Livio, mais relação das grandes perfeições, com que se fez um dos mais illustres capitães, que no mundo floresceram. E porque as do corpo são notavel indício das muitas, que tem a alma, começaremos pelas feições d'elle, dizendo, que foi de gentil disposição, alto do corpo, não mui grosso, mas tão marcado na proporção de cada membro, que não havia mais que

(30) Padre Antonio Vieira.

(31) Pelo Dr. Fr Bernardo de Brito.

pedir; o rosto teve-o comprido, o nariz afilado e assaz bem pôsto, a barba sôbreloura, e algum tanto crespa: na practica e conversação, teve tanta graça e cortezia, que foi espelho d'ella. Em cousas de subtileza de entendimento, excedeu a todos os capitães afamados; porque nas mores pressas, quando todos perdiam o ānimo, dava elle uns córtes tão acertados, como os poderam dar outros, considerando n'elles muito tempo; e tão curioso foi sempre de exercicios guerreiros, que, andando em companhia de seu cunhado Asdrubal, se levantava de noite, e pessoalmente andava visitando as guardas do real, vendo, se velavam ou se dormiam, e acontecia acharem-n'o muitas vezes entre as velas, dormindo no chão, e quando muito n'uma manta grosseira. No comer e beber foi temperadissimo, e no dormir muito mais, de modo que para pinctar um capitão perfeito, bastava dar a vida de Annibal historiada; ainda que sôbre éstas virtudes Livio o canoniza por homem de pouca fé, e tão pouco escrupuloso em cumprir sua palavra, que só a guardava, emquanto lhe não vinha melhor fazer outra cousa, não estimando para seu proveito de dar vinte juramentos falsos; na qual particularidade permitta Deus, que não haja muitos Annibaes em nossos tempos. Com éstas condições todas, começou, na edade de vinte e seis annos, a governar os exercitos de Carthago, julgando, que só lhe viera o generalato ás mãos, para com elle accender fogo contra Roma. E como ésta empreza era cousa de tanta importancia, que para chegar ao alto, que elle pretendia, era forçado a lançar grandes raizes, procurou primeiro exercitar bem a soldadesca, que tinha, e ajunctar outra novamente, com que romper de todo o véo, em que trazia mettido seu coração

desde o tempo, que Hamilcar lhe tomára juramento de perseguir a Roma, tanto-que a edade e tempo lhe mostrassem occasião de o podêr fazer.

§ LXVIII — Retracto d'el-rei D. Duarte (32)

Foi el-rei D. Duarte, na composição de sua pessôa, homem de bôa estatura, e de muitas fôrças; tinha o rosto redondo, e de pouca barba, os cabellos corredios, e os olhos algum tanto molles, mas no aspecto era mũi gracioso e amavel a todos os que o viam. De condição era mũi humano e piedoso, sem defraudar a justiça, de que era mũi amigo. Foi mũi verdadeiro, e nunca se soube d'elle, que quebrasse sua palavra, pela qual, e por outros como elle, andava então em rifão « *palavra de rei* », que já agora não anda em uso.

No exercicio das armas era tão dextro, que ninguem o excedia; mas no cavalgar á brida e á gineta, levou elle a vantagem a todos os do seu tempo. Era mũi manhoso e desenvolto; e sendo mancebo se prezou de bom luctador, e favorecia os homens, que bem luctavam. Foi grande monteiro e caçador, sem offensa dos despachos e negocios necessarios. E como a rainha D. Philippa, sua mãe, álẽm de suas grandes virtudes, era mulher de muita policia, e que com menos regalo e melhor creação, do que as senhoras de Hespanha fazem, instituia seus filhos, assim el-rei D. Duarte, como seus irmãos todos, foi bem doutrinado nas letras e costumes.

(32) Por Duarte Nunes de Leão.

E como, na clareza do juizo e engenho, elle era insigne, não sómente aprendeu para si, mas para doutrinar a outros; porque na lingua latina escreveu alguns livros de cousas moraes, e entre elles um tractado do regimento da justiça e dos officiaes d'ella, de que uma parte se vê ainda agora na casa da supplicação. Escreveu outro tractado dirigido á rainha, sua mulher, cujo titulo era *Leal Conselheiro*. Fez outro livro para os homens que andam a cavallo, em que parece daria alguns preceitos de bem cavalgar e governar os cavallos.

Honrava muito os homens doutos e os trazia em sua casa, como é natural os homens amarem os seus semelhantes. Alêm do artificio e regras de bem fallar, era naturalmente eloquente; peloque, com sua humanidade juncta á eloquencia, attrahia a si os corações dos homens No comer e beber foi mũi temperado, e em tudo mũi sisudo e prudente. Peloque, sendo el-rei, seu pai, velho, descarregava n'elle os negocios e govêrno de todo o reino. Foi mũi submettido a conselho, e por uma só cousa, que fez sem elle, pôstoque com bôa tenção, foi anojado até á morte.

§ LXIX — O infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel

O infante D. Luiz, filho segundo d'el-rei D. Manuel, e de sua segunda mulher a rainha D. Maria, principe verdadeiramente grande em dotes da natureza e ornato de virtudes, foi piissimo catholico, de limpa consciencia, alheio de ambições, perpétuo valedor dos benemeritos, amparo dos pobres, e chamado com justa razão *Delicias de Portugal*. Seus exercicios eram o estudo das artes liberaes,

singularmente das armas, e cavallaria, em que era tão forte e tão dextro, que ninguem em seu tempo lhe fez vantagem. Nas festas de cannas, touros e torneios, foi sempre o objecto das maiores admirações, e as mais vezes levou os primeiros premios. Teve por mestre nas mathematicas ao famoso Pedro Nunes, Portuguez, o maior homem, que houve n'ellas por aquelle tempo; e sahiu tão aproveitado, que compoz um livro de proporções e medidas, de muita curiosidade e erudição. Era tambem inclinado á poesia. Escreveu algumas comedias, que para aquelles tempos eram cousa grande, e para êste não indignas de serem estimadas, por serem cheias de muitos dictames politicos, de muitas sentenças moraes, e discretas galanterias. Em edade maior e desenganada, fez o soneto seguinte:

Horas breves do meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos dias de tormento.

Os meus castellos, que fundei no vento,
O vento m'os levou, que m'os sustinha.
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Pois sôbre cousas vans fiz fundamento.

Amor com falsas mostras apparece;
Tudo possivel faz, tudo assegura,
E logo no melhor desapparece.

Oh! damno grande, e grande desventura!
Por um pequeno bem, que desfallece,
Aventurar um bem, que sempre dura!

Glosou êste soneto, com admiravel propriedade e elegancia, o excellente poeta Portuguez Balthasar Estaço, na sua *Poesia Varia*. Foi duque de Beja, condestavel do

reino, dom prior do Crato, e senhor de Serpa, Moura, Covilhã, Almada, e outros logares. Vagando por morte do Sr. D. Jorge de Lencastre os méstrados de Sanct'Iago e Aviz, e sendo costume n'êste reino darem-se aos infantes, foi tal o seu desinterêsse, e amor do bem público, que persuadiu a el-rei os unisse á corôa. Na jornada e conquista de Tunes obrou as gloriosas acções, que referimos em outros logares. Voltou cheio de applausos ao reino, e proseguiu em favorecer os benemeritos com o mesmo empenho e beneficencia, que antes.

As feições do rosto, e estatura mostravam seu ânimo e condição real. Era de bôa presença e disposição; tinha no fallar muita graça, sem perder a gravidade. No amor para com seus pais e irmãos foi extremado. Para os seus creados antes foi pai, que senhor. Rendia profundas obediencias e veneraçõe a el-rei seu irmão, causa por que êste o amou sempre muito, e não resolvia cousa alguma sem seu conselho. É sentença d'êste principe, *que melhor se conheciam os homens em uma hora de jôgo, que em muitos annos de conversação.*

Nunca casou, teve um filho, que foi o Sr. D. Antonio, do qual já fallámos em outros dias. Morreu sanctamente nas casas do conde de Linhares (hoje mosteiro de Augustinhas Descalças) n'êste dia (27 de Novembro) em uma quarta feira, anno 1555, com quarenta e nove annos e nove mezes de edade. Foi sepultado com universal sentimento dos Portuguezes no real mosteiro de Belêm (33).

(33) Fr. Francisco de Sancta Maria: — *Anno Historico.*

§ LXX - João Fernandes Vieira

A Ilha da Madeira, famosa entre as do Occano, e uma das mais ricas joias da corôa portugueza, deu nobre nascimento a João Fernandes Vieira, na cidade de Funchal, cabeça da mesma ilha. Nos primeiros annos passou ao Brazil, á provincia de Pernambuco, onde a fortuna lhe correu tão favoravel, que não havia n'aquellas partes homem de mais grossos cabedaes. Sabia adquirir e despender com igual providencia e generosidade. Sôbre liberal era entendido e valoroso, prendas com que conciliou facilmente os affectos e estimações de todos os que o tractavam. Logo-que os Hollandezes invadiram aquella provincia, começou a levar com impaciente indignação os excessos, que lhes via fazer, de barbara crueldade. Cresceram estes, e cresciam ao mesmo tempo, no coração de João Fernandes Vieira, os desejos da liberdade e da vingança. Sahiu finalmente a campo, e deu principio áquella empreza nobilissima, que talvez não tem igual exemplo nas mais célebres dos Gregos e Romanos. Poucos homens, e desarmados, se animaram a contrastar com uma potencia formidavel, radicada já profundamente n'aquella terra com cidades, com fortalezas, com armadas, e com todas as prevenções de conquista e defensa. Bastavam só os intentos para fazerem gloriosos aquelles poucos Portuguezes! Mas elles levaram os intentos ao fim, porque, finalmente, quebrada, em trinta annos de guerra viva, a arrogancia, e abatido o orgulho dos inimigos, os lançaram d'aquelle Estado, sendo

n'elles João Fernandes Vieira o primeiro e principal assertor da liberdade. A sua resolução deu fausto principio a ésta grande empreza, o seu valor a proseguiu, a sua constancia lhe poz o último glorioso remate. Nas batalhas o seu braço, nas consultas o seu voto, eram a segurança das mais insignes victórias e das mais acertadas direcções. Na falta dos meios necessarios para o progresso da guerra, suppriu sempre com os seus cabedaes, e com tanta liberalidade, que passava a profusão. O summo pontifice Innocencio XI lhe deu em um Breve o titulo de « Restaurador da Egreja na America ». O senhor rei D. João IV o fez alcaide-mór de Pinhel, governador de Pernambuco, e de seu conselho de guerra. A senhora rainha D. Luiza, regendo o reino na menoridade do senhor rei D. Affonso seu filho, o fez general e governador dos reinos de Angola. O senhor rei D. Pedro II lhe chamava o heroe da nossa edade. Em todas será perduravel a sua memoria, célebre e famoso o seu nome (34).

§ LXXI — Retracto e elogio do padre Antonio Vieira

1º — *Retracto* (35)

Foi o padre Antonio Vieira de não pequena estatura, como se até no corporal quizesse formar a natureza mais que ordinaria habitação áquelle grande espirito. O rosto comprido e magestoso; nariz aquilino; bocca proporcionada; muita barba; o cabello na edade vigorosa preto, todo

(34) Fr. Francisco de S. Maria.

35) Pelo padre André de Barros.

branco na velhice; a côr morena; os olhos sôbremaneira vivos, e que parecia scintillavam.

O seu genio era humanissimo, urbano e cortez; o engenho quasi sem igual; a memoria um real archivo de erudição, tão feliz em tomar como em reter o que lia. A discrição nadava-lhe tão formosa na bocca, como é admirada na penna; na conversação não era um só homem, era muitos homens, e porisso dizemos, que era um Vieira, porque é dizer tudo. Se se fallava em sciencias maiores, era doutissimo. Se em letras humanas, historicas, poeticas, mathematicas, era sublime e exquisita a sua erudição; ainda nas artes mechanicas, na nautica, na sciencia bellica, nos systemas ou dictames politicos, era assombroso.

Se se mettia a conversação em materias mais alegres e divertidas, era tal a viveza e jucundidade, e o enleio, em que mettia os corações e os entendimentos, que arrebatava tudo. Quando esteve no collegio de Coimbra, e nos dias, em que se sahia a exercicio para desafôgo do trabalho nos estudos, logo ao sahir da porta da cêrca para o campo, se escolhia materia, sôbre que se havia de fallar. Trazia sôbre ella o padre Vieira histórias, contos e dictos tão raros e varios, e de tão exquisito sal, que os companheiros, sôbre não poderem conter a affluencia do riso, julgavam, que cousas tão proprias e nascidas para a materia, que se propoz, eram extemporaneos partos d'aquelle fecundissimo e agudissimo engenho; não casos succedidos realmente, mas de-repente inventados para allívio d'os que com elle caminhavam. Assim foi em tudo admiravel o padre Antonio Vieira, tão exemplar e serio nas virtudes theologicas e moraes, que até n'a que ensina a moderação

ou modo nas recreações, que os Gregos chamaram entrapelia, foi eminente.

Foi magnanimo, generoso e forte; de coração sublime e talhado para altas emprezas; no adverso constante, no próspero modesto. Foi liberal em grão heroico, dando logo tudo, quanto as pessôas grandes da côrte ou parentes do Brazil lhe mandavam. Foi prudente, de profundo juizo, grave, affavel, compassivo; desprezador do mundo; de altos espiritos e elevadas idéas. Em-fim, ajunctou n'elle a liberalidade divina prendas e talentos com mão tão larga, que é contado entre aquelles illustres heroes, com que de seculo em seculo costuma sahir a Omnipotencia.

2º — *Elogio do mesmo Vieira* (36)

Se Vieira não deixou aos seus compatriotas um brasão mais honrado da oratoria christã, deixou-lhes sempre, além dos primorosos exemplos de cartas e opusculos pragmaticos, um monumento admiravel da propria linguagem no corpo completo de suas obras. Se o uso da nossa linguagem se perder, e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que não os *Lusiadas* e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda vivirá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima cópia e louçania. Será talvez opinião temeraria, mas a minha é, que nenhum povo possuiu jámais nas obras de um só homem tão rico e tão escolhido thesouro da lingua propria, como nós possuimos n'as d'èste notavel Jesuita. Elle empregou

(36) Por D. Francisco Alexandre Lobo.

a linguagem culta e pública, e tambem a familiar e doméstica; fallou a dos negocios, a da cortezia, a das artes, a dos proverbios; e como tractou tantos e tão diversos assumptos, póde affirmar-se, fóra de hyperbole, que em suas composições a resumiu toda inteira com felicidade singular. Dir-se-ha: Basta logo por mestre classico de Portugal n'êste ponto importante o padre Antonio Vieira! E porque não? Muito mais, attendendo-se, que á cópia e variedade uniu todos os dotes, que podem tornar uma lingua no seu genero perfeita.

Tudo é casto nos termos, tudo o é na phrase; tudo é proprio, tudo é claro, ou antes, sem excepção de logar, a mesma clareza. Ainda quando é mais levantado, não ha tão completo idiota, que não alcance o sentido. Os auctores do Diccionario da Academia louvam a sua parcimonia na innovação de vocabulos; e com justiça, porque são poucos innovados com tão bom juizo, que chegam a não se estranhar como innovados. Porêm quizera eu, que insistissem mais no seu discreto uso de vozes e fórmulas antigas. O archaismo é tentação mais perigosa para os curiosos de linguagem, do que o seu contrário, e dobrada tentação para um amador da singularidade. Mas resoluto á perfeição n'êste ponto, soube resistir a todas as tentações; e se fugiu igualmente do alheio, conteve-se com mais valor do antiquado. A sua linguagem era a do seu tempo e a da sua nação, e como estava muito depurada, e tomou nas suas mãos os ultimos quilates, é e será a verdadeira linguagem portugueza, em todos os tempos; de tal sorte, que, quanto se afastar d'êste padrão, tanto fugirá do seu puro natural, da sua sincera formosura. O mesmo bom discurso, que o levava

a escolher os termos com pureza, o levava a construil-os segundo as regras proprias ou com correcção; apenas uma vez ou outra me parece menos correcto. E digo, me parece, porque me não atrevo a censurar um mestre tão respeitavel, sem grandes precates de desconfiança.

O portuguez terá mais brandura e quasi igual clareza na penna de Fr. Luiz de Souza; será mais ardente n'a de Fr. Thomé de Jesus; mas em ambos falta muito mais aos ápices da correcção, do que em Vieira. Ambos elles tinham mais disposições para a eloquencia, que affeiçôa e que arrebata; mas ambos possuiam muito menos a sua lingua, e a empregaram com muito menos regularidade. E se ella se recusa em Vieira á doçura de Souza, e ao impeto e fogo de Fr. Thomé de Jesus, tambem se presta a declarar o fino e delicado por modo feliz, em que nenhum de nossos escriptores o emparelha. Lèam-se, ponderem-se os dous sermões, n'ésta parte verdadeiramente admiraveis, das exequias de D. Maria de Athaide, e do Mandato prégado em 1645; e quem ler, ficará convencido de que o auctor alcançou perfeitamente, e perfeitamente transpoz para a nossa lingua a concisão aguda, e a maneira engenhosa de Seneca. Vieira prezava muito os escriptos de Seneca, e tinha com elle grande conformidade no entendimento; e se o seu gôsto era practicamente ainda mais corrupto, era todavia sempre mais claro, e sabia-o imitar bem nas suas particulares virtudes.

Algumas vezes ostenta Vieira o seu profundo, e talvez singular, conhecimento da lingua portugueza. Mas não é um mercante frauduleato, que inculque os cabedaes, que não possue, para adquirir creditos, que não merece com-

pletamente. É, em todo o rigor, aquelleque se inculca: senhor opulentissimo do thesouro mais copioso, com perfeita discrição para o empregar muito a proposito. Conhecia as palavras, o phraseado das artes, dos officios, das profissões de que parece que devia andar mais distante, e fallava acêrca d'ellas com a mesma propriedade e acêrto, e com mais elegancia, do que os proprios professores! Onde grangeou, que tempo teve, para accumular taes riquezas, um homem, que passou os primeiros trinta annos fóra do reino, que se divertiu no restante da vida para tão várias occupações? Que elle estudou a lingua, e muito, não póde haver dúvida, porque tal profundidade, noticia tão completa e tão exquisita, não se podem haver sem grande estudo. Mas quando se empenhou n'èste estudo? Os primeiros sermões já não merecem aqui muito reparo; os que prégou chegando da America, são pela maior parte perfeitos em linguagem. Não foi pois no reino, não foi no uso da côrte, não foi com leitura vagarosa em annos de muito discernimento. Resta portanto appellar para a promptidão antecipada e pasmosa, com que observava e meditava, quasi sem espaço de tempo; para a propensão insigne, que lhe facilitava o aprender rapidamente as mais subtis differenças, as mais miudas particularidades, as mais finas delicadezas, e até os mais imperceptiveis gráos de decoro da locução; e em-fim para a memoria firmissima, que conservava, com escrupulosa fidelidade, ainda o adquirido com pequeno ou quasi nenhum esfôrço.

Não será bem, que esqueça, já-que fallâmos em decoro de locução, o discreto esmêro, com que o guardava Vieira,

o cuidado, com que afastava tudo o que era malsoante ou abjecto, a repugnancia, que mostrava aos termos, que podiam offender o ouvido, e excitar ao mesmo tempo idéas menos delicadas. D'ésta repugnancia é notavel exemplo o enôjo, com que elle mesmo confessa, em um dos seus sermões, que evita o nome vulgar do iman. As cousas serão ás-vezes muito familiares, muito miudas, e até rasteiras: mas a linguagem, sem ser desproporcionada ou impropria, nunca é senão a das pessôas ingenuas. E se de uma ou de outra palavra dos seus escriptos se póde fazer hoje diverso juizo, a equivocação estará em se avaliar pelos tempos presentes a politica, ou falta d'ella, que lhe competia nos tempos do auctor. Mudam com os annos estes accidentes, mudam com os costumes; e o que em uma edade não é senão singelo, em outra parece descomposto, e póde ser que torpe. Em summa; que se a nossa lingua, como agradecida, e em certo modo desvanecida de se ver tractada por quem a sabia aperfeiçoar e honrar, se prestava com docilidade e condescendencia grata a quasi tudo, que d'ella requeria Vieira; da sua parte Vieira, pelo desvelo, pela estimação, pelo mais fino respeito, plenamente lhe merecia tão primorosa complacencia.

§ LXXII — O Hypocrita

O hypocrita é sancto pinctado, tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão, mas não lê; os olhos no chão, mas não se desestima. É hypocrita o mercador, que dá esmola em público, e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva, que sahe mûi sisuda no gesto e

hábito, e dentro em casa vive como ella quer; é hypocrita o sacerdote, que, sendo ponctual e miudo nos ritos e ceremonias é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador, que onde falta a esperança do interêsse é rigido observador do direito; é hypocrita o prelado, que diz, que faz o seu officio por zêlo da honra e glória de Deus, não sendo senão pela honra e glória propria: hypocrita é o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avarento solicitador das suas pretenções; o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miseravel (37).

(37) P. Bernardes: — *Nova Floresta.*

SECÇÃO QUARTA

DISCURSO HISTORICO

Preâmbulo

Sôbre o estylo historico (1)

Uso ordinariamente de estylo menos affectado, sem lisonjas, fóra de galas, e sem os enfeites e liberdades com que alguns pretendem, n'estes tempos, innovar palavras e vestir á culta, porque n'isto quero mostrar, que sigo o estylo da verdade, a qual os antigos pinctavam sem trajos, despojada de roupas lustrosas, e porisso, quanto menos enfeitada, tão mais bem engraçada (2); porque, como affirma S. Ambrosio, mais fôrça tem a verdade simples, que a mentira eloquente.

Paraque n'êste particular diga o que entendo, depois de larga lição, que tive de muitos historiadores Latinos, Gre-

(1) P. Balthazar Telles.

(2) Seria melhor dizer: quanto menos enfeitada, tanto mais engraçada.

gos, Italianos, Hespanhóes e Portuguezes, no fim me vim a resolver, que aquelles melhor compozeram, que, com a felicidade da bôa materia, tiveram a dita do bom estylo, escrevendo de maneira, que juntamente deleitassem e ensinassem. Pois é certo, como diz S. Ambrosio, que a peior terra é a mais esteril, e o melhor campo é o que na primavera se mostra mais enfeitado, com os mais luzidos esmaltes das mais lindas flores. E os céos, a quem o propheta chamou livros, que contam as obras mais gloriosas do Creador, não deixam de ser bons historiadores, quando se mostram aos olhos mais estrellados, e quando se ostentam á vista mais resplandecentes. Particularmente, que assim como com os annos se mudam os trajos, assim tambem (como o mestre da poesia ensina) passa a edade das palavras antigas, e vem outra de costumes novos; e não havemos de querer, que, sendo os tempos diversos, sejam os estylos os mesmos.

Isto é o que na materia dos estylos julgo.

§ LXXIII — Estados portuguezes na India; suas edades: seu augmento e sua decadencia

O Estado ou imperio lusitano indio, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades, cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo com seus extendidos limites, estupendas victórias, grossos commercios, e immensas riquezas; no presente, ou seja por culpas, ou por fatalidade de imperio grande,

está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se não póde duvidar, se foi aquelle Estado mais pequeno no princípio, do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito d'o que foi, e é agora o Estado da India, deve consideral-o nas quatro edades do homem, pueril, juvenil, varonil, velhice; consideração, de que já se valeu Lucio Floro, para com propriedade escrever o princípio, progressos, e fim do seu imperio romano, cuja puericia quer, que fosse em todo o tempo, que Roma teve rêis, por espaço de duzentos e cincoenta annos. A adolescencia, ou segunda edade, durou duzentos annos, que Roma foi governada por consules. A terceira desde os consules até Augusto Cesar, em que se contam duzentos e cincoenta annos. De Cesar Augusto até ao imperio de Trajano vão perto de duzentos, e tantos teve de velho aquelle imperio.

Todas éstas quatro edades acharemos com a mesma propriedade no Estado da India, ao qual se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira edade no feliz reinado d'el-rei D. Manuel; porque no segundo anno do seu govêrno nasceu para nós a India, sendo descoberta por D. Vasco da Gama; desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos, que teve de menino o Estado da India. Ao primeiro abrir de olhos descobriu toda a costa da India desde o Indo até ao Ganges, toda a da Ethiopia, Arabia e Persia, com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer muitos reinos tributarios; sómente brincar não soube, porque em todas as guerras, que n'aquelles principios teve, não pelejavam os Portuguezes a brincar: seus

jogos eram pôr e tirar rèis, depondo os inconfidentes, e coroando os fiéis. Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras, que dizia, eram leis, que dava. Ensinou-se a andar, não sôbre rodas por casa, mas sôbre poderosas náos, por que a fortuna tinha trocado suas rodas. Toda a terra, em que punha os pés, era sua. Com estar n'aquelle tempo o Estado na primeira puericia, não deu uma só quéda, fazendo-a elle dar a poderosos rêis, que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi sangue de milhares de Mouros e Gentios, que matou; seu primeiro sustento, muitas presas, que tomou, muitos commercios, que abriu, muita especiaria, que mandou a Portugal. Finalmente, aquelle Estado só no nome e na edade foi menino. E descendo ao particular, em tempo d'el-rei D. Manuel se tomou Gôa e Malaca aos Mouros, se fizeram as fortalezas de Ormuz, Cochim, Calecut, Maldivas, Socotorá, de Angiva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacêm, Ternate, Cranganor e Sofala; e tributarios a el-rei de Portugal os rêis de Ormuz, de Tidori, de Ceylão, das Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quilôa, de Batecalá, de Pacêm; e outros muitos pediram paz e communicação comnosco. Houve famosissimas victórias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos rêis do mundo. Não ficou nação em toda a India, que os Portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, paraque, vencidas pelos Portuguezes, fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do Estado da India!

Os annos que reinava o piissimo rei D. João III, que

foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o Estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares, nas terras, que ou rêis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão, cabeças de seu reino, que possuiu muitos annos o Estado. Na ilha de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticalôa e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Bocaim e Damão, com muitas villas e aldêas por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale no Malabar, e a de Macáo na China. As victórias foram tantas, quantas as batalhas, e éstas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencêmos por vezes ao çamorim, ao rei de Bintão, ao sultão Badur, rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao hidalcão, aos rêis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore, e Bachão, e a outros muitos, que, por menos conhecidos, deixo de nomeal-os. E paraque a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, Castelhanos e Turcos sentiram o rigor do nosso ferro, e o favor da fortuna, que nos assistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os rêis, que até então pozeram toda a sua esperança em nos lançar fóra da India com cruéis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes; como o hidalcão, o rei de Cambaya ou de Xael, o de Viantana, de Adem, de Cachem, de Dofar, da Sunda, e o çamorim.

Iguaes progressos se faziam na conversão das almas, que nas armas: receberam o sagrado baptismo os rêis do Rutuano, de Canino, de Punilarano, de Ternate, de Travancor, de Tanor, e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Ésta foi a segunda edade do Estado da India, e porisso lhe podêmos chamar adolescencia.

Chegou a edade perfeita, com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou n'ella desde o anno de 1561 até ao de 1600, por espaço de trinta e nove annos, em que Portugal conheceu tres rêis, D. Sebastião, D. Henrique, e D. Philippe. Já n'êste tempo o Estado attendia mais a se conservar, que a conquistar: comtudo fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor e Onor, a de Sirião em Pegú, os fortes de Sena e Pate nos rios de Buama, e fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente, e defendeu-se o Estado no sitio geral, que a todo o Estado pozeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O hidalcão desceu sôbre Gôa, o nisamaluco sôbre Chaul, o çamorim sôbre Chale, o achem sôbre Malaca, sem que a divisão do podêr diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor da nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de prevalecerem contra um Estado, que ao mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas. Não contente o Estado com se defender, tractou de se vingar do cunhale, que tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Gôa: nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas, que tinha commet-

tido contra o Estado; o de Ampara foi castigado com assolação de sua côrte e reino, tomou-se ao melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo, e fizeram-se pazes com quasi todos os rêis da India, acceitando outros por vassallos d'ésta corôa, como o de Pate, Pemba, Quiteve e Monomotapá. Este, de mais de render vassallagem a el-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser christão, como é já de pais e avós. N'ésta edade do Estado da India, acham os antigos, que foi a sua flor dos annos; porque opprimidos ou compostos nossos inimigos, gozava o Estado de todos os bens, que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam com grandissimos interêsses, que não nos tiravam os Mouros, como d'antes; porque já lhes tinhamos tomado os passos de sua navegação, assim como fortalezas em terra, como principalmente com as armadas no mar das Maldivas, de Meca e da Arabia. Pagavam os rêis tributarios suas páreas, procuravam todos ser amigos do Estado; os Portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como homens exemplares de valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata; da China traziam ouro, sedas e almiscar; das Malucas o cravo; da Sunda a maça e noz; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegú os estimados rubis; de Ceylão a canella; de Musulapão os diamantes; de Manar as perolas e aljofres; do Achêm o beijoim; das Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elefantes; de Cochim os angelins, teccas e couramas; de todo o Malabar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o

seu pao; de Borneo a camphora; de Maduré o salitre; de Cambaya o anil, o lacre, e roupas de contracto; as beatilhas de Chaul; o incenso de Cachêm; os cavallos da Arabia; as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre de Socotorá; ouro de Sofala; marfim. ébano, e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das náos, que por alli passavam. E emfim não havia cousa de estima por todo o Oriente, que, ou por tributo, ou por commércio, não fosse do Estado. Os vicerêis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no govêrno da paz e propagação da fé de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando (3).

§ LXXIV — Descobrimento do Brazil

Descoberta pelos Portuguezes a costa mais oriental, que fica na peninsula, e parte mais austral do mundo novo para o meio dia, o nome, que lhe deu Pedro Alvares Cabral, seu primeiro descobridor, foi Terra da Sancta Cruz, por occasião de uma formosa cruz, que elle, com grande solemnidade de missa, prégação, e alegres salvas de toda a armada, fez arvorar n'aquella praia de tão extendidas regiões; ficando, sem dúvida, a terra com tão soberano titulo mui auctorizada, se não montasse mais com o povo ignorante a inconsideração, com que se lhe mudou, por causa dos ganhos, que lhe vieram de um páo chamado brazil, que se dá nos mattos d'ésta terra, pelo qual se

(3) P. Manuel Godinho: — *Viagem da Ind.*

tem quasi perdido o nome de Terra da Sancta Cruz, chamando-lhe commummente Brazil.

Foi êste descobrimento no anno de mil e quinhentos; e porque o capitão-mór Pedro Alvares Cabral tinha que fazer sua derrota para a India, a onde navegava com a armada, antes de dar á vela, quiz dar a bôa nova a Portugal, de como a seu real sceptro se accrescentava aquella formosa cruz, e que tinha tomado posse d'ésta grande parte do mundo novo, em nome de Christo e d'el-rei D. Manuel seu senhor; despachou para Portugal a Gaspar de Lemos com as primeiras mostras da fructa d'aquella espaçosa região, que era um Indio, dos naturaes, que houve ás mãos. Mũi festejada foi em toda a côrte a alegre nova do novo descobrimento d'ésta grande parte do mundo novo. E como o felicissimo rei D. Manuel em seu grande coração, e na esphera de sua empreza, comprehendesse o mundo todo, acudiu com muita pressa a êste mundo, que de novo se lhe accrescentava. Fez aprestar a um homem mũi practico nas mathematicas e cosmographias, Florentino de nação, chamado Americo Vespucio, ao qual mandou reconhecer, sondar e demarcar aquella costa do mundo novo, a quem, por ésta razão, alguns auctores chamam America.

Inteirado el-rei pela informação, que trouxe o Florentino, de quão florente podia ser aquella região novamente descoberta, tractou logo de a povoar, repartindo as terras por alguns fidalgos, dando a cada qual certas leguas, com absoluto mando, para as povoar, reger e governar, debaixo da sua real jurisdicção. O primeiro fidalgo, que lançou mão d'ésta empreza, foi Martim Affonso

de Souza, que depois foi governador da India, e teve aquella bôa sorte de levar comsigo ao Oriente o grande apostolo do Japão, o sancto padre Francisco Xavier: foi com elle seu irmão Pedro Lopes de Souza, ambos com licença d'el-rei, para cada um tomar para si cincoenta leguas de terra. A êste effeito se partiu Martim Affonso de Souza com uma bôa armada, com a qual correu, sondou, e descobriu toda aquella costa, até ao grande e famoso rio da Prata, em cujos baixos perdeu uma das melhores náos, que levava; e assim como ia descobrindo alguma terra de novo por aquella costa, assim ia pondo os nomes, que melhor lhe pareciam, aos portos, cabos, rios, paragens, lagôas, entradas e enseadas, por que iam passando; que este é o privilégio dos primeiros descobridores de novas regiões. Na volta tornou a surgir em S. Vicente, que foi a primeira capitania, que houve no Brazil, fundada por elle Martim Affonso de Souza (4).

§ LXXV — Riquezas naturaes do Brazil

É toda a região do Brazil mũi fertil e mũi fresca; de ares sadios, benignos e temperados; de mũi formosas vistas, causadas da perenne verdura dos campos cheios de plantas, que todo o anno conservam a folha; os montes abrigados, o céo vital, puro e sereno; a terra coberta de arvoredos, povoada de bosques, abundante de pastos, levantada em graciosos e alegres outeiros, dilatada e escondida em frescos valles, em mares de formosas campinas, as quaes todo o

(4) P. Balthasar Telles.

anno conservam a verdura, mostrando sempre a graça da primavera sem destemperança dos rigores do hinverno, nem ardores das calmas do estio; de modo que escassamente sentem os moradores, nem aspereza de frio, nem excesso de quentura.

Por toda ésta região arrebentam abundantes fontes, e correm caudalosos rios de capacissimas madres, e alguns d'elles mũi poderosos em aguas: por toda ella entram muitos braços de mar, como se a mesma terra, solícita em ajudar os naturaes, cortando-se a si-mesma, admittisse estes mares, e se retalhasse em rios para com mais facilidade abrir passagem, e franquear o commercio a seus habitadores, como Plinio disse da sua Italia. Os principaes rios são tres, que nascem de um immenso lago, no interior do sertão, muito rico, segundo a fama, de ouro, prata e pedraria.

O primeiro e mais celebrado d'estes é o rio da Prata, cuja foz está em trinta e cinco gráos da banda do sul, e tem mais de quarenta leguas de bocca, pela qual entra no mar com tão grande pêso d'aguas, que cortando os mares salgados, bebem os marinheiros de suas aguas doces, muito longe da foz.

O segundo, que sahe do mesmo lago, se chama rio Real, o qual, em doze gráos vem sahir junto á Bahia de Todos os Sanctos: não tem mais que meia legua de bocca, mas sahem tambem d'elle as aguas tão valentes, que, cortando as salgadas do mar, por espaço de tres leguas, conservam sua doçura. Navega-se por elle acima, obra de septenta leguas, nem se póde passar adiante, por causa de uma quebrada de quatrocentas braças de alto, da qual todo o

rio se despenha (como contam do Nilo em Ethiopia) com tão horrendo estrondo, como se fosse um continuado e espantoso trovão; e com a fôrça d'ésta precipitada quéda, tem feito um como sumidouro debaixo da terra, pelo qual se mette, esconde, e vai sahir d'ahi uma legua, como se gostasse de tornar a nascer da maneira que os antigos fingiam, na sua Grecia, atrevida em historiar, do celebrado rio Alpheu, na região peloponense, que escondendo suas aguas por debaixo do mar, as vinha descobrir e entregar ao Mediterrâneo, juncto á fonte Arethusa em Sicilia.

O terceiro rio, que sahe d'aquelle vastissimo lago, para a parte do Norte, é o em que entra outro, que se diz das Amazonas, alguns lhe chamam o rio Grande, e hoje commummente o Grão-Pará; não está sua foz mais que meio gráo da linha, a qual dizem ser de quarenta leguas.

Além d'estes tres mal assignalados e famosos rios, que procedem da mesma fonte, ha outros muitos de estranha grandeza e formosura, um dos quaes é o rio do Maranhão, que dista do de S. Francisco cincoenta leguas. Tem êste rio dentro de si muitas e mũi grandes ilhas, e no meio uma povoada de grande número de gentios; tem septe leguas de bocca, pela qual entra no mar ao Norte; póde-se navegar por elle acima cincoenta leguas, até onde chega a maré, e n'ésta paragem entram n'elle dous rios do sertão, por um dos quaes, no descobrimento, que os Portuguezes fizeram no anno de 1535, se navegou por espaço de duzentas e cincoenta leguas, até lhes faltar altura d'agua, para nadarem as embarcações.

Ha n'ésta região grande diversidade de árvores, de notavel grandeza e formosura; ha plantas e lenhos mũi aro-

maticos e salutiferos, como de sandalos, jacarandás, aguilas, de bom cheiro, noz moscada, gengibre, canafistula, pimenta, tabaco, a que chamam hoje herva-sancta, por outro nome betum. Sôbre todos os fructos, o mais notavel, e o mais precioso é o do assucar, porque n'elle ajunctou a natureza o doce e o proveitoso. Ha muita variedade de balsamos: entre outros é mũi estimado o que de si lançam umas árvores chamadas copaíbas, que são mũi altas e copadas, as quaes sarjadas na casca (que até ás árvores é proveitosa a sangria) estillam aquelle precioso licor, que álem do bom cheiro, que experimentãmos, tem virtude para curar feridas e preservar de corrupção; ha palmas mũi formosas de várias castas, cedros de tão espantosa grandeza, que um só, que o mar lançou á praia, entre o Camamú e os Ilhéos, deu toda a madeira para a fábrica da egreja da Misericordia, que se fez na villa dos Ilhéos, sem entrar nem uma só taboa de alguma outra árvore: e passavam as raizes d'elle de trinta palmos em diametro.

É tambem muito para celebrar uma formosa árvore, que parece tem a fecundidade das árvores, que viu S. João nas ribeiras do rio do Paraiso, que davam doze fructos no anno; chama-se tenipava; todo o anno tem fructa madura, a modo dos nossos marmellos, e junctamente outra verde, e no mesmo tempo tem flor, e todos os mezes muda a folha, e se reveste de novo, de modo que sahe sempre a fructa acompanhada com folhas frescas. Mas não se contenta com folhas, senão que tambem dá flor, e junctamente offerece fructa; como se a quizesse apresentar, não sómente madura e fresca, mas tambem enramada com as folhas, e junctamente enfeitada e vistosa com as flores.

A cópia, formosura e grandeza de laranjas, cidras, limões, limas e mais árvores de espinho, levam conhecida vantagem ás melhores e celebradas do nosso Portugal. Seria nunca acabar, se quizessemos, por menor, contar a espantosa grandeza e aprazivel variedade, que ha, de árvores de plantas e de fructices, das quaes deixo de fallar, por não mostrar, que me vou já esquécendo da brevidade, que prometti n'êste capitulo.

Não é menor a variedade e novidade dos animaes, que das plantas; porque não sómente cria ésta terra muitos dos principaes, que conhecêmos, como são veados de muitas castas, antas, porcos montezes, onças, tigres, gatos bravos, porcos espinhos, mas quasi infinitos outros, uns conhecidos, outros, de que não temos noticia entre nós.

Tambem é maravilhosa a formosura e diversidade das aves e passaros, que Deus creou no Brazil, alguns de côres finissimas, de tão suaves musicas, de tão galharda vista, de instinctos tão particulares e curiosos, que é muito para louvar e engrandecer ao Supremo Auctor da natureza, que assim soube enriquecer aquella terra com plantas, povoal-a de animaes, e encher seus ares com tantas aves e com passaros tão curiosos. E pois entrei n'ésta materia das aves, ainda que vou tão apressado, não posso deixar de me deter em descrever a curiosidade da vista, ao menos n'um, e o instincto da natureza n'outro. Ha um passaro, que, alêm de constar de côres finissimas, tem um como barrete na cabeça, de pennas tão formosas, que representa toda a variedade d'as que escassamente alçançam os que melhor d'ellas entendem; se o põem de uma parte, não ha velludo carmesim, nem escarlate de mais viva côr; e logo se o

virais para a outra, não ha preto mais escuro, nem mais lindo azul celeste; e se lhe dais outra volta, não ha peça mais dourada, nem diamante mais resplandecente. O papo é de côr peregrina, a que não sabemos bem dar o proprio nome; porque, se lhe quereis chamar amarello, logo se vos representa verde; e quando cuidaveis, que era azul, de-repente se vos mostra encarnado, e n'um momento parece laranjado; e logo jurarêis, que é leonado, com uma tão notavel mistura de todas as côres junctas, qúe, pel'as furtar todas á natureza, lhe quadrava melhor o nome de furta-côres, se lhe não quizermos chamar Protheu das côres. O mais corpo é revestido de um pardo mũi gracioso, que faz realçar e sahir mais brilhantes as outras côres, mas até êste mesmo pardo sahe como sôbredourado, enriquecido com mil esmaltes e retoques de encarnado, que avultam mais sôbre a côr parda do vestido. O bico é muito comprido e todo preto, com o qual apanha o orvalho e mel, de que se mantêm a si, e sustenta a seus filhos; de modo, que a sua sustentação não é da terra, como a dos outros animaes, mas toda depende do céo, como se não tivesse a terra pasto digno de tão formosa ave. Chamam-lhe os naturaes garracicão.

O outro passaro, por nome tangará, tem tambem na cabeça um como laranjado finissimo, e sôbre os olhos certos perfis da mesma côr; êste não canta senão em certa occasião, que direi logo. É êste passaro notavel em certos accidentes, como de gôta coral, que o derrubam e deixam sem sentidos nem movimentos, por algum espaço de tempo, no qual, emquanto elle está como morto, põem-se outros passaros da sua mesma especie á roda, e com

grande pressa se mudam e trocam entre si os logares; e emquanto dura ésta dança, o andam picando e como espantando, paraque torne a si do accidente; e continuam n'éstas mudanças, atéque o doente esperta e se levanta, dando um grande assobio, a que os outros todos respondem com o mesmo viva; e começando a voar o que está amortecido, o seguem todos em bandos, com tanta festa, e enlevados tanto da musica, que vão dando ao seu convalescente, que ás-vezes os tomam á mão, sem elles desistirem do cantar, nem advertirem mais, que em festejar e applaudir a saude do seu enfermo; e só n'ésta occasião sahem com sua musica, que parece mais bem empregada em festejar a saude alhêa, que a do cysne, que tambem só a exercita em adevinhar a morte propria.

Nem faltam lá as nossas perdizes, gallinhas bravas, nas côres de fóra mais aprazíveis, que as nossas, porêm a carne de dentro não é tão branca, nem tão saborosa. Tem codornizes, rólas, pombos, melros, patos, e outras muitas aves semelhantes ás que cá temos, com quasi infinidade de outras, que entre nós se criam. Ha tambem aguias, falcões, açores, gaviões, e outras muitas aves de rapina (que éstas em nenhuma parte faltam, e igualmente se dão em Portugal e no Brazil).

Dissemos dos animaes da terra, e das aves do ar, e me delive mais do que quizera n'éstas descripções; agora faltava fallar dos peixes do mar, dos quaes ha por aquella costa tão grande variedade, que não só a enriquecem, mas tambem a fazem admiravel com a novidade; e nas feições e grandeza de corpo e sabor, leva a vantagem, em muitos, aos mais estimados e mais preciosos de Por-

tugal. E porque n'êste particular ha peixes no Brazil mũi admiraveis, basta ésta noticia geral, por nos determos tanto no particular (5).

§ LXXVI — Relação da terra de Sancta-Cruz e dos usos e costumes de seus primeiros povoadores (6)

Direi algumas particularidades da provincia de Sancta-Cruz, e dos costumes da gente, de que era habitada.

A terra é muito viçosa, muito temperada, e de muito bons ares, muito sadia, tanto que a maior parte da gente, que morre, é de velhice mais, que de doença. Tem muitas e grandes ribeiras, e muito bons portos, e muitas fontes de bòas aguas; a mais da terra é de montes e valles, chêa de bosques, em que ha árvores de desvairadas sortes, entre as quaes é a árvore de balsamo, e o páo do Brazil; ahi muitas hervas odoriferas e medicinaes ha differentes das nossas, entre as quaes é a que chamãmos do fumo, e eu chamarei herva-sancta, a que, dizem, que elles chamam betum, de cuja virtude poderia aqui pôr cousas milagrosas, de que eu vi a experiencia, principalmente em casos desesperados de aposthemas ulceradas, fistulas, caranguejos, polipos, frenesis e outros muitos casos. Esta herva trouxe primeiramente a Portugal Luiz de Goes, que depois sendo viuvo se fez na India dos da companhia do nome de Jesus. A gente d'ésta provincia é baça, de cabello preto, sem barba, de meia estatura; são

(5) Idem Balthazar Telles.

(6) Por Damião de Goes.

tão barbaros, que nenhuma cousa crêem nem adoram; nem sabem ler, nem escrever, nem têem egrejas, nem usam imagens de nenhum genero, ante as quaes possam idolatrar, nem têem lei, nem pêso, nem medida, nem moeda, nem rei, nem senhor; obedecem sómente áquellesque nas guerras, que têem uns com os outros, são mais valentes, e d'estes fazem cabeça, emquanto não commettem cobardia. Andam nús, e, se alguns se cobrem, são os nobres, com vestidos, que fazem de pennas de papagaio, e outras aves de diversas côres, tecidos com fios de algodão. Os vestidos são umas fraldas, que lhes chegam da cinctura até aos joelhos, e barretes, e umas tiras ou capellas, que põem ao redor dos braços como manilhas, tudo das mesmas pennas. As mulheres criam cabellos, e os homens os tosquiam de sua fronte até meio da cabeça; os que presumem de galantes trazem as orelhas, os beiços, narizes, e faces furadas, e nos buracos ossos de alimarias e pedras de diversas côres por pendentes, muito bem polidas, e outras, que fazem de uma gomma de árvores, que fundem, e ficam da dureza e côr de alambar muito fino, o que fazem para assim parecerem mais ferozes; e, para accrescentar ésta ferocidade, pinctam os corpos de muitas côres, assim os homens como as mulheres, as quaes não trazem pendentes de pedra nos beiços senão contas, que fazem de uns buzios grandes, que ha no mar, muito finos, que ellas estimam muito, e d'elles fazem tambem pendentes e lunas, que ellas trazem nas orelhas e ao pescoço por galantaria. São grandes frecheiros, em tanto, que em qualquer parte do corpo de um homem ou animal, por pequeno que seja, a que aponctam,

tocam sem quasi nunca errarem. No anno de 1513, estando el-rei D. Manuel em Sanctos-o-Velho, sendo o despacho n'uma casa de madeira, que alli então estava, na poncta do cáes, posta sôbre a agua, Jorge Lopes Bixorda, que n'aquelle tempo tinha o tracto do páo brazil, que trazem d'ésta terra de Sancta-Cruz, veiu a fallar a el-rei, e com elle tres homens d'ésta provincia, assim bem dispostos, que então vieram n'uma náo, que de lá chegára; os quaes vinham vestidos de pennas, com as faces, beiços, narizes e orelhas cheios de grossos pendentes, tudo do modo que arriba disse. Cada um d'elles trazia seu arco e frechas; vinha com elles um homem Portuguez, que sabia a lingua, por quem el-rei lhes fez perguntar algumas cousas; e quando fallaram na dextreza, que têem no atirar, disseram, que se sua alteza o queria vêr, que logo lh'o mostrariam, no qual comenos a maré vasava, e vinham pelo rio abaixo alguns pedaços de cortiça, tamanhos como a palma de uma mão, ou pouco mais, contra os quaes logo armaram os arcos, e a quantos d'elles atiraram indo pela agua abaixo, pregaram em cada um sua frecha, sem errarem nenhum tiro, o que eu vi, porque estava na mesma casa, quando isto se passou. Os arcos são de páo brazil, e as frechas de cannas empennadas com pennas de papagaio; as ponctas são de páo e osso de pescado, tão fortes, que passam com ella uma táboa. Mantêem-se de caça, principalmente de papagaios e bugios, que ha muitos na terra, e outras muitas aves e alimarias. Comem tambem lagartos, cobras, ratos, e outros bichos peçonhentos. Pescam em almadias feitas de côdea de árvores, em que navegam, de que algumas são tama-

nhas, que cabem n'ellas trinta e quarenta homens. O seu pescar não é com redes, senão com cabaços, que mettem por debaixo d'agua, indo uns remando as almadias, e outros com páos batendo n'agua, do qual movimento o peixe amedrontado vem buscar a face d'agua, e os que têem os cabaços mettidos n'ella, acodem por baixo ao peixe, e assim tomam quanto hão mister. Comem pão feito de umas raizes brancas, tamanhas como cenouras, a que chamam mandioca, as quaes são tão peçonhentas, que se as alguem comer cruas, morre subitamente. Estas raizes pisam-se n'umas pias de pedra, e depois de bem pisadas lhes espremem o sumo, que é por si muito mais peçonhento, que a raiz; e depois de o terem bem esprimido, põem a maça a seccar em cestos, que para isso têem, e sêcca a móem em farinha, a que chamam caistus, de que fazem um pão tão saboroso, que os nossos Portuguezes o comem de melhor vontade, que pão de muito bom trigo. Usam tambem pão de milho. Ha na terra muito bòas favas, feijões, e outros legumes de muitas côres, que comem; não têem vinhas, mas fazem vinho de milho, e da mesma farinha caistus, que é como cerveja ou cidra, de que bebem, e se embebedam a miudo, e depois de bebados são muito tredos e maliciosos. Ha tambem na terra muito algodão, que as mulheres fiam de que fazem cordas e redes, que usam por camas, penduradas no ar em páos ou árvores; mas d'elle não fazem pannos, porque não sabem tecer. São muito dados a agouros e feitiços, e d'èste officio ha entre elles homens e mulheres a que chamam pages, aos quaes crêem tudo o que dizem, e os têem em muita estima e acatamento.

Estes trazem uma cabacinha feita como cabeça de homem, com bocca, nariz, olhos e cabellos, posta sôbre uma frecha, dentro da qual fazem fumo com folhas sêccas da herva betum, e do fumo, que sahe d'ésta cabaça, tomam elles pelo nariz tanto, atéque se embebedam, e, depois de bem turvados, fazem gestos e ceremonias como endemoninhados; tudo o que lhes dizem crêem e têem por cousa certa. Estando assim n'êste desatino ameaçam muitos de morte, e em qualquer tempo, que depois morrem, dizem os outros, que viveram muito mais, se o page os não ameaçára; a qualquer logar a que vêem lhes fazem muita festa, e os recebem com danças e cantares, e lhes dão tudo o que hão mister; alêm d'isto lhes abrem e concertam os caminhos por onde passam. No casamento não têem mais grão de parentesco, que do pai, filhas, irmão e irmã; d'aqui para baixo casam todos sem differença. Os casados cada vez que querem, deixam as mulheres e tomam outras; e se emquanto as têem em casa, commettem adulterio, matam-n'as ou as vendem. O casamento d'elles não é mais, que estarem homem e mulher n'uma só casa; não usam bodas, nem ceremonias matrimoniaes, quando assim se ajunctam n'um casal. São commummente folgazões e muito alegres, porque como não têem guerra, seu officio é bailar, comer e beber. Têem um certo genero de bailar, em que andam todos ao redor, quasi como as rondas de Flandres, sem se mudarem do logar, em que começam, cantando todos por tom cantigas, em que cantam suas valentias e feitos de guerra, dando muitos assobios, e fazendo muito estrondo com os pés. Ao redor d'ésta ronda andam outros, que dão de beber a'os

dançantes, sem cessarem de noite nem de dia, nas quaes danças se embebedam todos, ou os mais d'elles.

§ LXXVII — Relação sôbre a côr das aguas do Mar-Rôxo ou Vermelho (7)

Antesque nos partamos do Sino Arabico, ou estreito de Meca, que é o mesmo, será justo dizer alguma cousa d'o que me parece e tenho visto ácêrca da razão, que moveu aos antigos chamarem a todo êste mar o Mar-Rôxo ou Vermelho, e assim mesmo se a sua côr é differente de toda a outra do grande Oceano, ou não. Plinio, no *liv.* 6° *da natural história, cap.* 23, refere muitas e diversas opiniões, por onde a gente chamou a êste estreito Mar-Vermelho: a primeira é, que tomou êste nome d'um rei que n'êlle reinou, chamado *Erithra*, porque *erithro* em grego quer dizer vermelho: outra opinião foi, que da grande reverberação dos raios do sol nasceu uma côr vermelha a êste mar. Alguns tiveram, que da arêa e terra, que vai ao longo d'elle. Tambem creram outros, que ésta agua de sua propria natureza era vermelha, pelo que cobrou o nome todo êste mar. D'éstas opiniões escolheram os escriptores a que lhes mais quadrou e pareceu mais certa. Ora os Portuguezes, que navegavam por aqui os tempos passados, affirmavam êste mar ser todo manchado de umas malhas muito vermelhas. A causa, que attribuiam a isto, é ésta: diziam, que a terra da costa do arabio era de seu natural muito vermelha, e que, como querque n'ésta terra se armassem muitas trovoadas, e erguessem grandes poeiras para o céo, depois de muito ale-

(7) Por D. João de Castro: — *Roteiro.*

vantadas, empuxadas da fôrça dos ventos, iam cahir no mar, e, sendo êste pó vermelho, tingiam a agua d'elle, pelo que foi chamado Mar-Rôxo. Eu, tanto que cheguei a Socotorá, até ensecar as praias d'êste mar, e me pôr diante de Suez, jámais dia nem noite deixei de considerar n'éstas aguas e contemplar a côr e maneira da terra, que vai ao longo da ribeira. E certamente que para nenhuma cousa tive tamanho alvorôço, como para empregar meu trabalho em alcançar a verdade d'éstas cousas e esquadrinhar a occasião d'ellas; e o que tirei de minha diligéncia, e tenho visto clarissimamente muitas vezes, é o seguinte: Primeiramente, é falso dizerem, que a côr da propria agua d'êste mar é vermelha; porque nenhuma differença tem da côr, que nos mais tem toda outra agua do mar. E quanto a dizerem, que as poeiras, que os ventos arrebatam da terra, e lançam no mar, tingem a agua onde cahem, até agora não vimos tal cousa, vendo muitas trovoadas alevantarem éstas poeiras e botarem-n'as no mar, porêm não mudarem d'elle a sua côr por ésta causa. Quanto a dizerem, que a terra e a arêa, que está sôbre a costa do mar, seja vermelha, não observaram bem as costas; porque geralmente por uma banda e outra a terra de sôbre o mar é parda, muito escura, e parece esturrada, e em alguns logares se mostra preta e n'outros branca, e a arêa tem sua propria côr; mas sómente em tres logares vão uns pedaços de serra, que levam uns vieiros vermelhos, onde não chegaram Portuguezes, excepto estes que o dia de hoje cá andâmos; os quaes logares estão todos muito ávante de Suaquêm, *scilicet*, contra Suez e cabo d'êste mar. Porêm as tres serras, que mostram ésta côr vermelha são de um rochedo muito

forte, e logo por derredor toda a terra, que vemos é da côr commum e acostumada: e quem quizer saber onde isto é, lêa êste roteiro (8). Mas a verdade d'éstas cousas é, que a agua d'êste mar, substancialmente tomada, nenhuma differença tem da outra em sua côr, porêm, em muitas partes d'elle, por accidente vêem as suas ondas parecer muito vermelhas, o que se causa por ésta maneira: — Da cidade de Suaquêm até Alcocer, que será caminho de 136 leguas, é o mar todo coalhado de restingas e parcéis, e o fundo d'éstas restingas é de uma pedra, chamada pedra coral, a qual nasce em umas árvores e pinhas, lançando para uma parte e outra umas pernas muito grandes propriamente como faz o coral; e é ésta pedra tão similhante a elle, que enganará toda a pessôa, que não for muito practica em seu nascimento e natureza. A côr d'éstas pedras é em duas maneiras, uma muito branca a-maravilha, e a outra grandemente vermelha. A logares jaz ésta pedra coberta de um musgo muito verde, e n'outros livre e desembaraçada d'ésta herva. O qual limo ou musgo em umas partes está muito verde, e n'outras faz uma côr e côdea muito alaranjada; agora havemos de presuppôr, que a agua d'êste mar, especialmente de Suaquêm para cima, é a mais clara, que jámais foi vista outra, de modo que a 20 braças se parece o fundo em muitas partes. Isto presuppôsto, havemos de saber, que onde querque nos appareciam éstas restingas e parcéis, a agua, que estava em cima, se mostrava de tres côres, *scilicet*, vermelha, verde ou branca; o que nascia do fundo, que jazia debaixo, como vi muitas

(8) *Roteiro* de D. J. de Castro, publicado pelo Dr. A. N. de Carvalho.

vezes por experiencia; porque, se o fundo d'éstas restingas era arêa, causava que o mar, que havia em cima, parecesse branco; e o fundo, em que jazia pedra coral coberta de limo verde, dava uma côr á agua, que a cobria, que parecia mais verde que as hervas: mas onde querque as restingas eram de coral vermelho, ou de pedra coral coberta de musgo vermelhaço e rôxo, fazia parecer todo o mar, que estava em cima, muito vermelho. E porquanto êsta côr vermelha comprehendia maiores espaços por êste mar, que a verde e branca, por caso que a pedra das restingas era a maior parte de coral vermelho, creio ser a razão, por que ganhou o nome de Mar-Rôxo, e não de verde, nem de branco; pôstoque todas éstas côres represente êste mar perfeitissimamente. O modo, que tive para alcançar êste segredo, foi surgir muitas vezes em cima das restingas, onde me o mar parecia vermelho, e mandar mergulhadores, que me trouxessem as pedras, que jaziam no fundo; e as mais das vezes era o fundo tão baixo, que tocava o catur, e outras andavam os marinheiros por cima das restingas meia legua, dando-lhe a agua pelos peitos; onde acontecia, que todas ou a maior parte das pedras, que arrancavam, eram de coral vermelho, e outras de coral coberto de musgo alaranjado. E a mesma practica tinha onde querque o mar parecia verde, e achava pedra coral branca, coberta de limo muito verde; e no mar branco achava arêa muito alva sem outra mistura alguma. Do que podia nascer, que, dando alguns navegantes relação da côr vermelha, que viam por êste mar, como da maior e mais compendiosa de todas, ignorando a causa, ou não a querendo offerecer, por accrescentarem admiração a suas navegações e caminhos, e

virem os homens não sómente a conhecer êste mar por nome de Mar-Vermelho, mas crerem, que as aguas d'êlle fossem de seu natural vermelhas.

Tenho muitas vezes practicado com pilotos mouros e pessôas curiosas de antiguidades, que moravam em alguns logares d'êste estreito, sôbre o nome d'êste mar, todos me disseram não lhe saberem outro, que mar de Meca, e espantavam-se muito de nós-outros lhe chamarmos Mar-Rôxo. Perguntei aos pilotos se achavam, que seria o mar manchado de vermelho das pociras, que os ventos traziam da terra? Responderam-me, que não viam tal cousa. Com tudo isto não reprovo a opinião dos Portuguezes; mas affirmo, que andando por êste mar mais tempo, do que elles andaram, e vendo todo seu comprimento, e elles sómente um pedaço, não ter visto em todo o que elles apregôam verem na parte.

§ LXVIII — Narração da chegada de Affonso d'Albuquerque á cidade de Gôa (9)

Chegado Affonso d'Albuquerque á barra de Gôa com toda a sua frota, deixou embaixo as náos grandes de carga, e levou acima ao porto de Gôa as de pequeno porte, que podiam levemente ir pelo rio. Na sahida do qual em terra, a cidade lhe tinha feito um solemne recebimento; e quando foi á entrada da porta da cidade, um mestre Affonso, homem letrado physico, que servia de juiz ordinario, lhe fez uma oração. A substancia da qual era, como elle ganhára aquella cidade aos Mouros, com que ácêrca

(9) João de Barros: — *Década 2ª, liv. 7º, cap. 1º.*

dos rêis e principes da India, por ella ser uma das mais notaveis d'aquellas partes, a nação portugueza não sómente tinha ganhado gran' nome, mas ainda, em ser sua, era um duro jugo, que cada um d'estes principes tinha sôbre seu pescoço. Porque os capitães e principes do reino Decan perdiam aquella porta, por que lhe entrava e sahia todo o essencial, que os sustentava e mantinha em seus estados; el-rei de Narsinga senhor de todo o Canará pela mesma maneira não tinha vida, por razão dos cavallos, que eram as principaes armas, com que se defendia dos Mouros. Finalmente assim estes, por razão de seus Estados, como os outros Mouros de toda a costa da India, por causa de seus commercios, estavam mũi assombrados em ver que a gente portugueza, que até alli não fizera conta de habitar na India, com ter tomada aquella cidade, começava de lançar raizes de sua vivenda. A qual cousa, depoisque o Hidalcão cahiu n'ella, assim o atormentou, álêm da perda de tamanho Estado, e de tanta injúria, como n'ella recebeu por duas vezes, que partido elle capitão-mór para Malaca mandou cercar aquella cidade, cujos lares ainda estavam quentes da habitação, que n'ella fizeram alguns d'os que alli vinham. A dor e mágoa da qual perda vinha tão viva no ãnimo de todos, que, desejando restituir-se n'ella, muitas vezes com o grande número da gente, que eram, e esterilidade do hinverno, por combates, por fome, sêde, e continuação de vigilias e trabalhos, todos aquelles fidalgos, cavalleiros e gente d'armas, padeceram grandes affrontas. E pois Nosso Senhor a todos fizera tanta mercê, que n'aquelle logar ante seus olhos vissem a elle seu capitão-mór, do qual dependia todo o seu govêrno, fôrças,

indústria e victórias; com muito prazer e esperança de tirar aquelle inimigo, que tinham ante de sua face, lhe entregavam a posse d'aquella cidade, paraque a remisse de seus trabalhos, pois por duas vezes a tinha ganhada a Mouros. E em dizendo éstas palavras, o capitão da cidade lhe entregou as chaves d'ella, e elle depois lh'as tornou a dar, e de si foi á se dar graças a Deus da mercê, que lhe tinha feito em o trazer áquella cidade onde estavam todos seus desejos, e d'ahi a seu aposento. Passados dous dias de sua chegada, começou elle intender nas cousas de sua obrigação e officio, pedindo razão a cada um d'o que tinha feito; começando primeiro n'aquelles, a que antes da sua partida tinha mandado alguma cousa, assim como a Diogo Fernandes de Beja, que mandára desfazer a fortaleza de Socotorá. O qual lhe deu razão d'isso, como ficava desfeita, e trazia as parcas de Ormuz, onde tambem o enviára; com todo o mais, que tinha sabido da ida d'el-rei á ilha de Bahárem, por estar alevantada contra elle, e assim o que tinha sabido d'aquelle reino. E com a nova d'éstas cousas lhe entregou tres mil e tantos pardáos, e algumas peças do quinto das presas, que elle Diogo Fernandes fez n'aquelle caminho (como atrás apontámos); os quaes Affonso d'Albuquerque logo distribuiu por elle Diogo Fernandes, e por outros capitães. Finalmente, depoisque perguntou e deu audiencia a outros, de tanto tempo como havia que d'alli era partido, contentando a todos, d'elles com mercê em nome d'el-rei, outros com palavras, e a muitos com esperança de seus requerimentos; começou intender em o modo, que havia de ter no commettimento d'aquella fortaleza Benestarim,

cá, segundo a informação, que teve, era cousa mũi dura de commetter. Porque ella era uma fortaleza feita assim por sitio da terra, como pelo trabalho da muita gente, que tinham, quasi até ás amêas por dentro o muro entulhado e macisso, e as torres e baluartes outro tanto; sómente um lanço do muro, ao longo do qual corria um esteiro da parte do passo sêcco, onde elles tinham mettidos alguns barcos, de que se serviam para terra firme, por razão d'êste esteiro impedir podêr-se alli dar bateria, deixaram aquelle pedaço por entulhar. E porque elles sabiam, que por mar não havia cousa, que se nos tivesse, temendo, que os poderiamos commetter por aquella parte, por a fortaleza ter um lanço grande de muro pegado no mar, e, aindaque por alli não fossem commettidos, podiam-lhe, com navios que se pozessem entre a fortaleza e a terra firme, tomar a serventia d'ella, que era toda sua vida, pois de lá lhes vinha todo o necessario; ordenaram de atravessar o rio com duas estacadas, uma da parte onde chamam o passo sêcco, e outra de Gôa a velha. Cada uma das quaes estacadas seria de comprimento de um tiro de espingarda; e porẽm a da parte de Gôa a velha era muito mais forte e dobrada, que a outra, entre as quaes ficava a fortaleza mettida um pouco afastada d'ellas, com que tinham larga e segura serventia para terra firme, sem alguem lh'a podêr impedir. Tinham mais n'ésta banda da estacada contra Gôa a velha um baluarte, onde, álẽm de outra muita artilharia miuda, estava um basilisco de ferro, assim ordenado, que com maré chêa e vasia pescava um batel, por pequeno que fosse. Porque, como d'ésta parte de Gôa a velha, até á

sua fortaleza, o rio era largo, e de fundo, que poderia ir a cima uma náo, punham n'êste logar toda sua defensão e artilharia; e assim na face da terra contra a cidade, e da outra parte contra o passo sècco, não se temiam tanto por ser tão baixo, principalmente n'êste passo, que por elle na baixa-mar se podia passar de uma a outra parte. Affonso d'Albuquerque, pôstoque logo ao presente não soube parte d'o que ia dentro do castello, nem de algumas cousas d'éstas, sómente pelo que lhe disse João Machado, d'o que deixava feito ao tempo, que de lá veiu; ordenou suas cousas, como quem havia de ir pôr cêrco a ésta fortaleza por terra e por mar, com fundamento, que não se havia de levantar de sôbre ella, atéque a não houvesse ás mãos. Porêm, antesque n'êste negócio fosse ávante, não passaram seis dias de sua chegada, que uma sexta feira, dia que os Mouros solemnizam, como nós o Domingo, vieram correr á cidade obra de duzentos de cavallo, e quatro mil de pé; com tenção, que, dando aquella mostra de si, poderia sahir gente a elles, com que descobririam o que haveria na cidade, pois n'ella estava Affonso d'Albuquerque; e ainda de indústria correram o campo desarmados, em modo que podessem mais convidar os nossos a sahir a elles. Affonso d'Albuquerque, pôsto já fóra dos muros, em um logar, onde se encorporou com toda a gente, que sahiu ao repique, assim de cavallo, como de pé, vendo o modo, em que os Mouros andavam, afastou-se um pouco do corpo da gente, chamando os capitães, e a João Machado, ao qual perguntou, qué como andava aquella gente tão mal ordenada, se vinha alli Roztomocan. Ao que João Ma-

chado respondeu, que, por aquelle dia ser o que os Mouros solemnizavam, lhe parecia virem elles mais a folgar, que a outra cousa; e, quanto alli vir Roztomocan, não via bandeira sua; porêm, porque elles costumavam incorporar-se ás duas árvores, tanto que os visse em um corpo, onde se haviam de ajunctar os de cavallo com os de pé, saberia dizer, se vinha alli. Estando Affonso d'Albuquerque n'ésta practica, foi tanta a furia da nossa gente, havendo por injúria aquella soltura dos Mouros em sua face, que com impeto de vingança começou a correr uma voz por todos: *a elles, a elles.* E foi êste alvorôço tão sôlto na bocca de todos, que, quando Affonso d'Albuquerque acudiu a os entretêr, eram já tanto na vista dos Mouros, que, por lhe não dar suspeita, que os temiam, largou a trella aos nossos, tomando por signal de victória o impeto, que n'elles via. Os Mouros, como viram a corrida, que levavam, começaram os de cavallo rodear a sua pionagem, e pôl-a ante si, recolhendo-se em bôa ordem; porêm Pero Mascarenhas, capitão da ordenança da gente de pé, da qual ordenança eram capitães João Fidalgo e Rui Gonçalves, começou de os apressar de maneira, que muitos d'elles desampararam a pionagem, e começaram de se recolher apressadamente. Porque, como com ésta gente iam muitos gentios do Malabar e dos Canarins, homens mũi leves em commetter, com o favor dos nossos, que levavam nas costas, derribavam pelo caminho muitos; até-que chegados ao sobpé de um teso, já pegado nos muros da fortaleza, onde os Mouros tinham muitas casas palhaças á maneira de arrabalde, elles-mesmos por entreter os nossos, pozeram fogo ás casas. A qual detença deu algum

folego aos Mouros para se podêr recolher; porque era tanta a pressa, e o logar, por onde entravam na fortaleza, tão estreito, e o rôlo d'elles tamanho, que, de não terem os de cavallo logar para entrar, deixavam os cavallos de fóra. E ainda chegou o temor a tanto, que, temendo que os nossos junctamente com elles entrassem, como aconteceu na tomada de Góa, fecharam a porta um pouco cedo, com que muitos ficaram de fóra. Parte dos quaes, por fugir o ferro dos nossos, que os sangrava, se lançaram a uma lagôa a nado; outros se mettiam nos barcos, que tinham no esteiro, que eram do serviço da fortaleza; e muitos subidos em um cubêllo baixo de cima do muro, que ficava sôbre elle, por toucas, que lhe lançavam, se queriam salvar. Ao qual logar (pôstoque a fortaleza toda foi logo torneada dos nossos buscando entrada), como era o de maior pressa e um pouco estreito, acudiu muita gente nobre dos nossos; e vendo alguns o trabalho, que os Mouros tinham, para se alar pelas toucas ao muro, começaram subir ao baluarte, por ser baixo, com tenção de entreter os Mouros, e ver se teriam modo de podêr subir em cima do muro, e o primeiro, que subiu a êste baluarte, foi Tristão de Athaide, um fidalgo de Loulé, dando a mão a outros, que o quizeram seguir. E porque no chão d'êste baluarte, no muro da fortaleza, estava uma porta fechada de pedra e barro, cousa feita de poucos dias, como que se fechára por não haver tantas serventias, aonde concorreria muita gente; começaram os Mouros, por o logar ser azado para os entrarem por elle, de cima lançar panellas de polvora, fogo de alcatrão, e quantas cousas achavam para o defender, no qual, por ser estreito, os nossos receberam as-

sás damno. Ao qual trabalho acudiu Pero Mascarenhas, Duarte de Mello, Ayres da Silva, Lopo Vaz de Sampaio, Manuel de Lacerda, Rui Galvão, e outros fidalgos com João Machado, que, como homem, que estivera dentro, daria algum conselho, por onde podiam entrar, que ao descer fosse a elle possivel. Porêm, como na companhia não havia escada, nem cousa mais azada, que aquella porta e o baluarte, para entrar na fortaleza, carregaram os Mouros tanto, que mataram Diogo Corrêa, que fôra capitão de Cananor, e Jorge Nunes de Leão, e feriram Lopo Vaz de Sampaio, Manuel de Lacerda, Rui Galvão, e outros. Na qual porfia de querer trepar e subir, Pero Mascarenhas se mostrou mais desejoso, que outro algum, commettendo a subida pelos piques da gente de ordenança; o qual trabalho lhe não fundiu a seu proposito. Affonso d'Albuquerque, vendo que na parte, em que elle estava, e assim n'ésta, em que morreu a mais gente, todo o damno era seu, pois estavam por barreira de quantas fréchadas e artilharia tiravam os Mouros; mandou recado a Pero Mascarenhas, que se recolhesse, o que elle fez com assás perigo: porque, desabrigado do muro, nenhum tiro perderam os Mouros. Finalmente d'aquella sahida ficaram aquellas pessôas principaes; e toda a mais gente, que chegou áquelle logar do muro, o maior damno, que recebeu, foi do fogo e azeite fervente e alcatrão, que lançavam de cima. Passado êste perigo dos Mouros, veiu Affonso d'Albuquerque cahir em outro, que elle mais sentiu; porque, como a natureza do Portuguez é conceder a poucos a glória do seu braço, acertou Affonso d'Albuquerque, por mostrar quão contente ficou d'o que Pero Mascarenhas fez na sua che-

gada ao muro, de o ir beijar na face, chegando a elle com palavras de louvor d'aquelle feito, que Affonso d'Albuquerque mũi sabia dizer, como grande official que era d'isso. A qual cousa foi em tal hora, que saltou entre toda aquella fidalguia um rumor de palavras, como se todos n'aquelle louvor de Pero Mascarenhas recebiam alguma injúria. E porque o auctor d'ésta revolta fôra Francisco Pereira Pestana, que nas cousas de cavallaria era de uma condição forte, e lingua aspera pela confiança, que tinha de si: viu-se Affonso d'Albuquerque tão agastado, que usou dos seus artificios, com que elle sabía apagar êste fogo de paixão entre partes. Arremettendo contra Francisco Pereira, não por modo iroso, e chegando a elle, começou rasgar a vestidura dos peitos, dizendo: « Que quereis, Francisco Pereira? quereis ver o meu coração? vêde-lo aqui puro, limpo, todo cheio de amor; e todo aquelleque menos parte tem n'elle, é quem isso não crê. *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* » Com o qual modo e palavras, e ésta última tirada da escriptura, metteu toda a murmuração em prazer e festa da victória; em que (segundo se logo soube) dos Mouros morreram alguns cento e tantos, e perderam alguns cavallos, que com pressa não poderam recolher, que os nossos trouxeram, e assim muita bôiada, que lhe foi bom refrêsco. E por despedida pozeram fogo ao arrabalde, que os Mouros tinham feito junto da fortaleza; emquanto elle ardia, Affonso d'Albuquerque ávista d'ella se poz a fazer alguns cavalleiros; acabado o qual acto, se recolheu para a cidade.

§ LXXIX — Narração da victória alcançada pelos Portuguezes na defesa de Mazagão (10)

Teve a victória muitas particularidades, que a fizeram famosa e digna d'ésta honra. Uma d'as que mais se celebravam então pela christandade, era a fôrça de gente, que o Xarife Muley Abdalá ajunctou para a emprêsa, que João Botero, diligente escriptor Italiano, affirma que foram duzentos mil homens. Dos nossos escriptores, um, que falla de vista e com miudeza, e como homem de guerra, sóbe o número a poucos mais de cento e cincoenta mil. Discorriam os homens de bom juizo o muito, a que se obrigava um principe em tal acommettimento, a honra, que arriscava, não sahindo com a emprêsa, razões para fazer o último de potencia (como fez) pel'a não largar sem victória, que todas redundavam em glória dos cercados, e em confirmação de seu valor; os quaes contra tamanho podêr defenderam um logar pequeno pôsto em campo raso, pouco povoado de defensores, quando começou o cêrco, e esses mal providos de mantimentos, antes mortos de fome, e com a fortificação, em que se trabalhava, havia dias, ainda imperfeita. Está a villa de Mazagão situada nas praias do mar atlantico, tão vizinha á cidade real de Marrocos, que lhe fica como mettida nos olhos. Não tem mais ajudas da natureza, que ser fundada sôbre uma pedra viva, e ficar-lhe o mar livre, que bate nos muros, e de maré chêa quasi a faz ilha, deixando-lhe nas cavas tres braças de altura d'agua. Teve o xarife a victória por certa, quiz

10) Fr. Luiz de Sousa: — *Vida do Arcebispo*, tom. 1º, liv. 2º, cap. 11.

dar a glória d'ella a Muley-Hamet, seu filho, moço de vinte annos, brioso e valente; mandou-o com o campo, dando-lhe por companheiro e conselheiro a el-rei de Davá, seu thio, e grande número de Turcos e Granadinos por soldados. Alojaram a meia legua do logar, cobrindo-se os campos de gente, como de um diluvio. Donde trabalhando todo o exercito, foram levantando e levando contra a fortaleza uma montanha de terra, em que fundaram uma grande plataforma, como estiveram a tiro de canhão, e plantaram sua artilharia (eram vinte e quatro peças as que vinham no exército, dez de bater, e todas de desmesurada grandeza, em que havia uma, que jogava pelouro de cinco palmos e meio de roda). Começou a bateria furiosissima, e á sombra d'ella se entendeu em lançar uma grossa trincheira ao longo da cava, que acabaram com estranha brevidade, ficando todo o logar vallado, e cerrado mar a mar. Não estavam os cercados ociosos. Era capitão-mór Rui de Souza de Carvalho em ausencia de seu irmão Alvaro de Carvalho, proprietario do govêrno; acudiu com diligencia a remediar o que faltava da fortificação, trabalhando com toda a gente incançavelmente dia e noite, e no mesmo tempo fazia jogar toda a artilharia contra os trabalhadores do campo, que sem perder tiro executava n'elles cruelissima mortandade. E por mostrar ao inimigo os animos, que dentro havia, não havendo por então no logar mais que seis cavallos, fez sahir n'elles seis determinados cavalleiros, que, esperando conjuncção de maré vazia, accommetteram e pozeram em revolta o campo descuidado de tal ousadia, e, matando muitos Mouros, antes de carregar fôrça de gen-

le, se recolheram em salvo; e tal foi o feito, que obrigaram o inimigo a estar com cuidado, e assentar d'alli em diante corpo de guarda ao longo d'agua. Soou entre tanto no reino a nova do cêrco: e era de ver o alvorôço, com que todo o genero de gente se lançava aos navios, para irem ser companheiros de seus naturaes no perigo e no trabalho. Assim chegavam cada dia muitos fidalgos, cavalleiros e soldados; e muitos moços illustres fugidos a seus paes, e embarcados furtadamente; outros, não se contentando de servir sómente com suas pessôas, levavam á sua custa navios cheios de soldadesca e munições, e não foram poucos os que isto fizeram. (A rainha D. Catharina, que governava o reino, despachou com o primeiro aviso Alvaro de Carvalho, capitão da fôrça, acompanhado de muita e bôa gente, e trás elle alguns fidalgos de experiencia e valor na guerra). N'êste tempo, não cessando o inimigo de continuar sua bateria contra o baluarte, que havia por mais fraco, e sabia, que tinha a fortificação interior imperfeita; e, lançando dentro na fortaleza muitos pelouros de espantosa grandeza, com que fazia muito damno, vinha junctamente cegando o fosso com terra e faxina, servindo na obra, além de gastadores e gente vil, todos os melhores do campo, de pé e de çavallo. Mas, como trabalhavam em logar aberto, e era povo confuso e amontoado, não se póde crer o estrago, que faziam n'elles os arcabuzeiros, e mosqueteiros de dentro, e as infinitas mortes, que dava a nossa artilharia; que, não cessando de jogar dia e noite, levava pelos ares corpos, pernas, braços, cabeças, os quaes membros, com a mesma furia que eram arrebatados, faziam officio de

pelouros contra os vizinhos e companheiros; e foi tanto o damno e o pavor, que um dia amanheceu a obra, e até a artilharia, desamparada. Era conselho do xarife apertar apressadamente com os cercados, e procurar fazer-se senhor da praça, antes de lhe entrar fôrça de gente; porque, como homem de guerra, não ignorava, que raramente se perde logar, que póde ser soccorrido; e sabendo, que a bateria, que se dava ao baluarte, não era de tanto effeito, como imaginára, mandou voltar todo o seu podêr não só a entulhar a cava, como tinham começado, senão levantar uma serra de terra, que emparelhasse com a mór altura do baluarte; e não faltou successo ao desenho, (tanto podem muitas mãos junctas!) Era infinito o povo, acudiam os alcaides e capitães, e até os cacizes, que entre elles têem o logar de sacerdotes; e para espertarem ao trabalho, alvoroçavam a todos, promettiam, que em esquadrão haviam de entrar por cima do baluarte, e por muitos milhares, que cahiam mortos, que, ficando logo enterrados, ajudavam a crescer a obra. Em-fim a pozeram em estado, que na altura igualou o baluarte, e na praça recebia cento e vinte homens em fileira. Aqui começaram bravos e temerosos assaltos, e houve de parte a parte grandes feitos e muitas mortes, pelejando-se pé a pé, á espada, e lança varada, como em desafio ou batalha campal. Valia grandemente aos cercados a artilharia dos travézes, que varejava os acommettedores pelos lados com maravilhosa continuação; o mesmo fazia toda a soldadesca, que não tinha logar no baluarte dos combates, com arcabuzes e mosquetes; mas convinha estar cobertos, porque, em apparecendo, logo eram pescados com pelouro, setta,

ou pedra, que a gente vil, que não jogava arcabuz, por não perder occasião de offender, usava de fundas ao uso pastoril, e despediam nuvens de pedras tão espessas, que aconteceu sahir um homem ferido de duas e tres junctas na cabeça. E, porque não ficasse nada por tentar ao inimigo, como estava abarbado com a muralha, começou a abrir uma mina a grande pressa contra o baluarte dos combates. Foi sentido, que se picava o muro; acudiram os engenheiros, fizeram suas diligencias por atinar, que caminho levava; logo contraminaram, mas com immenso trabalho, por ser em rocha viva; em-fim encontraram-se com os de fóra, houve briga debaixo da terra, foram os inimigos lançados fóra com morte d'os que trabalhavam, e ficaram os cercados senhores da obra; mas pagaram logo êste bom successo com um custoso desastre. Pelejava-se com o inimigo no baluarte, que nos não dava hora de descanço; estava o baluarte cheio de fidalgos, e dos mais ardidos cavalleiros e soldados, que havia no logar, uns, que pelejavam, outros, que esperavam vagante de logar, por morte ou feridas d'os que aquelle dia acertaram ser dianteiros; senão quando se levanta d'entre os pés um subito incendio, com estrondo e labaredas, que parecia arrebentar alguma mina, e não ficou nenhum d'os que se acharam perto, que não fosse abrasado com muito perigo, e alguns ficaram signalados para toda a vida. E não coube melhor sorte aos afastados, porque, sendo vizinhos d'os que se sentiam arder, e estes carregando sôbre os que ficavam nas costas, que eram os mais afastados, foi fôrça cahirem muitos do baluarte abaixo com novo genero de perigo e feridas, não menos custosas, que as do fogo, pela

altura do salto e pêso das armas, que todos vestiam. Occasionou-se o fogo de uma cópia de alcanzias de polvora e lanças de fogo, que estavam para servirem aos defensores no combate, e pegando acaso n'ellas, fez temeroso effeito, e todavia maior na representação, que na substancia. Como duravam os assaltos, imaginaram os nossos engenheiros alliviar os cercados, abrindo uma mina pelo entulho e serra, sôbre que pelejavam os inimigos; abriram-n'a com a commodidade da contramina, com que se lhes ganhou a mina, que faziam ao baluarte, como atrás contámos. Deram-lhe fogo na mór fôrça de um combate; estava a serra coberta de Mouros; foi o trovão e o fogo espantoso; voaram infinitos Mouros. E com-tudo, como não era um corpo solido, foi a mina de menos efficacia, ficou ardendo a faxina, e abateu a terra de maneira, que fez suspender os assaltos. Aproveitaram-se os cercados do tempo, reparando o baluarte com as defesas, que a necessidade e a pressa aconselhava. Mas o inimigo prompto em toda a occasião de offender, emquanto os seus corriam com novo entulho para encherem o que o fogo abatêra, plantaram duas bombardas de travéz, com que não só desbaratavam os reparos do baluarte, mas feriam e matavam muita gente. Aqui se viu a dextreza dos artilheiros de dentro, ou a fôrça, que tem o premio; foram as promessas, que os fidalgos lhes faziam de dinheiro e vestidos, tão poderosas, que embocaram uma d'ellas, com morte d'os que governavam ambas. Mas tardou pouco a montanha em tornar a tanta e maior altura. E os alcaides, como ia correndo o tempo, e sentiam o desgôsto que o xarife tinha da dilação, tornaram apertar com os assaltos com maior braveza, que primeiro, e aindaque perdiam muita gen-

te, e da melhor, que estes são sempre os acommettedores, tambem nos tinha mortos muitos e bons soldados, e alguns soldados e cavalleiros de muita conta. Fizeram entretanto os engenheiros segunda mina contra o padrasto de terra, e acompanhando-a de mais polvora, teve melhor successo, que a primeira; deu mais mortes, e abaixou muito mais o entulho. Porêm contra tamanho número de gente, nem o allívio era de dura, nem as muitas mortes descobriam falta no serviço; e como tinham assentado não haver outro meio para ganharem a praça, senão entrando o baluarte, com estranha brevidade se tornaram a igualar comnosco, e com terrivel pertinacia acommetter o baluarte. Passava já de mez e meio, que durava o cêrco, e, ou fosse vergonha do pouco, que tinham feito, ou determinação secreta de se levantarem, se em breves dias não arrematavam a empreza, quando veiu aos 23 de Abril, deram um assalto tão apertado e aturado, e pelejado com tanta fôrça e esfôrço, que pareceu estar toda a flor do campo juncta sôbre o baluarte, e vir conjurada a não se apartar sem victória. Mas não sabia o barbaro, em que dia pelejava, dia do glorioso martyr S. Jorge, advogado nas batalhas dos antigos Portuguezes, que n'ésta conjuncção os favoreceu tambem de maneira, que depois de longa porfia, foram os inimigos rebatidos com bravo destrôço e vergonha, e seguidos de grita e apupadas de todo o muro; ás quaes succederam de noite musicas e folias, aindaque aguadas com mortes e feridas, de muitos e bons companheiros. E, porque ficasse conhecido o favor do sancto, foi cousa averiguada, que no mesmo dia em Lisbôa, se appellidou victória pelos meninos das ruas, sem se saber causa nem

razão; parece, que movia Deus áquella innocencia a celebrar o favor, que nos fazia em parte tão distante. Ficaram os Mouros por extremo quebrantados do successo d'èste dia, e deram signal em um triste e desacostumado silencio, com que passaram a noite, que nem uma só voz se ouviu em toda ella entre tanta gente. E todavia, passados poucos dias, e alguns successos de menos importancia, que deixâmos, deram último combate, primeiro dia de Maio, no qual os Turcos e Granadinos, que sempre eram os dianteiros, pelejaram tão valente e denodadamente, que foi o acommettimento violentissimo; em nenhum outro se viu a morte tão barata, nem a vida tão pouco estimada; cahiam muitos de ambas as partes; e de nenhuma se via logar vazio, porque á competencia havia muitos successores para cada praça, que a morte fazia vagar. Em todo o espaço, que a briga durou, que foram muitas horas, não houve homem, que fizesse pé atrás; o logar, que a cada um coube em sorte para defender ou offender, esse sustentou pelejando, ou cobriu morrendo. Ia o sol cahindo, e não havia braço, que cahisse, ou mostrasse cançar; cerrava-se o dia, e a briga cada vez mais quente e mais accesa, e parecia, que por momentos refrescava. Em-fim, como em último esfôrço, a noite deu fim ao combate, e juntamente ao cêrco; porque o inimigo, sem tentar mais a fortuna, sem feito de importancia, levantou o campo, e se tornou para suas terras poucos dias depois. Foi celebrado por toda a christandade, como valor dos cercados, o ânimo e alvoròço, com que os Portuguezes, por honra do rei e da patria, corriam a um logar, que tinha sôbre si cento e cincoenta mil Mouros; o qual passou tanto adian-

te, que, pelos muitos, que cada dia entravam, começavam a dar mais pejo, que soccorro; e foi necessario mandar a rainha D. Catharina, que governava o reino, publicar, que se não embarcasse ninguem, sem sua especial licença; e, porque não era bastante tal prohibição, fez dar recado nas torres, que não deixassem passar nenhum genero de embarcação sem ordem sua. Succede estarmos trasladando êste feito, entrada de Janeiro d'êste anno de 1618, em conjuncção, que temos outro diante dos olhos, igual em brio e determinação generosa, se bem menos ajudada do successo; e confesso, que me allivía o trabalho do escrever o gôsto e porfia, com que vejo no coração do hinverno encherem-se navios, e navios pouco fortes, e não menos de dezesepte, da gente melhor e mais grada do reino, e de moços nobilissimos, tantos e taes, que ha embarcação, sem ser capitania nem almiranta, em que vão junctos muitos filhos primogenitos e herdeiros das casas de seus pais, cujos avós administraram os melhores cargos do reino. E a emprêsa é buscar Turcos, e Turcos victoriosos, e tão soberbos, que, andando desgarrados e correndo tormenta, tiveram ānimo para saltarem em terra firme de Hespanha, e assolarem logares. E não é justo deixarmos em silencio, que nos mostrou ésta occasião outro exemplo dos tempos mais antigos; sendo assim, que houve fidalgo velho e de bons serviços, que com ser isento da jornada, para o rei ser melhor servido, se embarcou por soldado do filho mancebo e capitão. E isto baste assim em sombra para dar materia aos chronistas; e para abrir os olhos a quem for tão mal advertido, ou tão pouco affeiçoado á sua patria, que ávista de taes espi-

ritos não confessar, que vive ainda nos Portuguezes aquelle fogo de verdadeiro valor, que por todas as edades os illustrou. Muito quebrantam calamidades e infortunios geraes; mas o fogo coberto de cinza dissimulado está, não apagado; e o ouro sepultado na terra a côr poderá alguma vez perder, e a fineza nunca; assim o soube conhecer o rei sabio e benignissimo, e o mandou agradecer aos vassallos com palavras de muita honra e favor.

§ LXXX — Narração do apertado cêrco dos Portuguezes no forte do Sirião no Pegú (11)

Já tocámos como o maior senhor sem titulo de rei, que havia em Pegú, era o Banha Dalá, sogro do morto Banha Láo. Este, assim por vingar a morte do genro, como por tentar, se poderia sahir com a corôa do reino destruido, d'os que escaparam da barbara crueldade de seu principe, e de alguns soldados, que dos reinos vizinhos se lhes aggregaram, ajunctou mais de oito mil homens de guerra, sem outros soccorros, que cada dia lhe vinham; e, providos de petrechos e munições necessarias, sitiou a fortaleza dos Portuguezes, com grande confiança de os passar a cutello, ou pelo menos obrigal-os a desamparar a terra, e tomar por meio de dilatar a vida embarcar-se em alguns navios, que tinham no porto. Para evitar a furia dos continuos rebates, que lhe diziam costumavam dar aos inimigos, se se viam fechados, fabricou outra fortaleza juncto á nossa, mas muito differente em grandeza, aindaque não menos forte; porque, como

11. Fernão Mendes Pinto: — *Conquista do Pegú*, cap. 6.º

tinha grande número de gente, e cada dia se lhe ajunctava de novo, com mais verdade se podia chamar cidade perfeita, do que presidio de gente de guerra. Havia n'ella ruas largas, praças formosas, e casas públicas, assim do Banha Dalá, como de outros ximins ou capitães, e outros ministros da guerra e justiça. Era cercado com bastida de madeira muito grossa, e juncta de duas vigas terraplenada, no meio tão forte, que sacudiam as balas da artilharia, com que foi batida, como diremos; tinha funda cava, que por todas as partes a cingia, sôbre a qual havia firmes pontes, que davam serventia ás portas necessarias ao uso dos moradores; vigiavam-se as portas de dia, e á noite se fechavam, havendo sempre n'ellas bôa e fiel guarda. Os provimentos eram trazidos em abundancia, tanto por estarem na sua terra, quanto pel'os naturaes se contentarem com menos guisados, do que usãmos em Hespanha, ou na deliciosissima Gôa. Em resolução o inimigo proveu tudo o melhor, que o tempo e occasião soffriam, e como aquelleque vinha de vagar para não mudar casa. Não foi possivel a Salvador Ribeiro impedir aquella fábrica, não mais apartada da sua, do que um tiro de mosquete, e serem seus soldados não mais que trinta, e muitos os do inimigo; o qual, aindaque antes de alojado não deixára de inquiétar aos nossos com alguns rebates, depois de o estar, eram continuos os assaltos, que dava, escolhendo de ordinario noites escuras e de tempestades, paraque menos damno lhe fizessem as balas das escopetas e alcanzias de polvora, unico remedio dos Portuguezes no Oriente. Não leva encarecimento o trabalho, com que os cercados se defendiam da multidão d'aquelles inimigos; porque não tinham uma bateria, ou um assalto,

como em outros cercos, mas quasi todas as noites, que não fazia claro, eram porfiadamente combatidos com tanta furia, e multidão de todo o genero de armas, que muitas vezes nem sabiam a onde acudissem, nem podiam evitar ser pregados dos tiros, que de longe lhes tiravam, e feridos das lanças, espadas e crises, de mais perto; e, como os inimigos eram muitos, acommettendo por todas as partes, punham o pequeno castello em termos de se perder, se o poderoso Deus não dava ajuda aos seus, e ao capitão ânimo e extraordinaria constancia, e ainda parece mais que humana; nem lhe foi possivel resistir áquelles barbaros, sem algumas vezes ficar traspassado de perigosas feridas. Os inimigos usavam de todos os possiveis ardis, para fazerem damno aos nossos; ás-vezes arremettiam ao forte com grande estrondo de atabales, e outros instrumentos de guerra, vozes, e ruido de arcabuzadas, disparando primeiro treze peças de artilharia, que tinham na sua fortaleza, com que passavam em claro a nossa, se tomavam as balas pelo alto; e logo, amparados com fortes mantas de madeira, e uns como pavezes ou escudos largos, passando a cava não sem muitas mortes da sua parte, subiam aos nossos muros, d'onde com grande trabalho eram rechaçados. Outras vezes caminhando com silencio, não eram sentidos senão quando com as armas feriam de perto aos poucos soldados, que como generosos leões faziam carneceria n'os que os vinham saltear em suas cavas.

Entre outras noites, em que os inimigos deram o assalto, parece que injuriados do pouco, que tinham feito, e maltractados do grave damno, que em todos recebiam em uma, que esperaram fosse mũi escura e tempestuosa, acom-

metteram com tanto silencio e resolução, que não foram sentidos dos nossos, senão depois dos muros estarem tomados, e terem alguns mais ousados ganhado o forte. Acudiu o capitão ao perigoso rebate, e, topando com uma grossa quadrilha de inimigos, os começou a ferir com grande esfôrço, mas achou o que não imaginava; porque aquelles homens despidos, de corpos armados de largas cortadoras espadas, embaraçadas grandes rodelas, de que usam, o receberam tão galhardamente, que mal contentes de suas espadas não fazerem presa nas armas do capitão, investindo com elle a braços, o feriram no rosto, desde a orelha esquerda até á bocca. Sentiu o capitão em extremo a ferida, por ser em tal parte, e estimulado de honrosa furia, fez maravilhas dignas de mais levantado estylo; desenvincilhou-se d'elles, que o tinham preso, e com morte de muitos obrigou os outros a precipitarem-se na cava, onde abrazados com alcanzias de polvora, azeite e agua fervendo, fizeram companhia, aindaque menos honrosa, a'os que no muro tinham perdido as vidas. Os soldados sentindo o perigo presente, acudiram valorosamente ao muro, onde, encontrando-se com multidão dos inimigos, não lhes era a escuridade da noite impedimento para fazerem presas. Em todas as partes retumbavam vozes, os tambores do forte e o estrondo das escopetas com a luz das arremeçadas alcanzias, no meio da escuridade da noite, causavam horror, ainda nos ānimos, em que o temor não tinha entrada. Mas como os barbaros eram tantos, o logar, que os mortos perdiam, occupavam os vivos, a quem as trevas da noite impediam, que vissem o último mal dos companheiros. A fortaleza esteve a risco de se

perder, se o divino favor a não amparára; porque (conforme os inimigos contaram) um grande cavalleiro em um cavallo mais bravo, que os arminhos, os feria e matava tão cruelmente, que não podendo soffrer o resplendor, que o acompanhava, e obrigados do estrago, que fazia, desistiram do combate, ficando mortos ao redor da pequena fortaleza mais de mil soldados conhecidos, e tidos entre os inimigos por valentes e arrojados. Foram feridos alguns dos Portuguezes, os quaes, galardoando a dor das feridas com a glória, que lhes resultava de as terem recebido em tão heroica façanha, bem mostravam, que lhe servia de dar mais valor ao trabalho e perigo d'aquella noite, que de dor e sentimento, alheio de animos valorosos; confessando sôbretudo, que suas fôrças e valor, não seriam bastantes para defender a fraca praça, se o divino favor lhes não assistira; porque quando Deus guarda a cidade, póde a sentinella dormir sem cuidado.

§ LXXXI — Origem da nobreza natural e verdadeira; isto é, da nobreza adquirida pelo valor e virtudes

De baixos e humildes pais subiram muitos, por seus merecimentos, a grandes honras e dignidades. Um dos mais notaveis exemplos é o nosso lusitano e insigne capitão Viriato, terror e espanto dos Romanos, o qual de pastor ou caçador, por defender sua patria, veiu a ser um dos mais temidos capitães, que contra si teve o imperio romano; porque em espaço de quatorze annos, que lhes sustentou guerra, fez n'elles tanto estrago, que duvidavam com grandes exercitos, de puro medo que tinham de Viriato, dar batalha a mũi poucos Portuguezes.

Quinto Sertorio, nascido de baixos pais em Narsio, povo junclo a Roma, por ser de muitas virtudes e partes, veiu a ser outro-sim capitão-geral dos Portuguezes, e com sua bôa industria veiu a governar a toda a Hespanha com grande prudencia; e com seu valor alcançou muitas victórias de seus contrarios, com que afamou tanto seu nome, que é conhecido por um dos mais illustres capitães, que teve o mundo.

Servio Tullio não foi bastante ser sua mãe escrava para deixar de ser rei em Roma, e por seu bom govêrno merecer, que lhe puzessem muitas estátuas nos lugares publicos e mais honrosos, pelas muitas victórias, que alcançou.

Tullio Hostilio de pastor de gado, que apascentava no campo, veiu a sèr pessôa mũi assignalada na milicia romana, e honra de seu imperio, com tanta satisfação de todo o povo, que o escolheram para rei, mostrando em tudo tanta magestade, como se fôra nascido de pais illustres.

Vamba, nascido na nossa Lusitania, foi o mais excellente principe, que teve Hespanha. D'elle basta dizer, que sendo um pobre lavrador, foi eleito por Deus para ser rei, trocando-lhe o saial grosseiro em purpura, e a aguilhada em sceptro.

Tarquinio Prisco, sendo filho de um mercador desterrado de Corintho, lhe fizeram os Romanos muitas honras; os quaes, vendo que cada vez mais crescia nas virtudes, o aceitaram por rei (12), com ser d'outra nação, dizendo que antes queriam um extranho, que bem os governasse, que não um rei natural, que os perdesse.

(12) Hoje diriamos: *para* ou *como rei*.

Quinto Cincinnato, famosissimo capitão romano, do campo de Campania, onde era lavrador, sahiu para vir a ser dictador em Roma, e sempre se mostrou tão singular varão, e tão fóra de se ensoberbecer, que affirma d'elle Tito Livio, que, quando estava com seus capitães, fallava muitas vezes nos seus bois e campos, que largára.

Agatholes por seu valoroso ānimo e grande prudencia veiu a ser rei da Sicilia, com ser filho de um oleiro, d'o que elle tanto se lembrava vendo-se em seu throno, que mandava que nos convites e banquetes, entre os vasos de ouro e prata, o servissem com outros de barro.

Ptolomeu, com ser filho de um soldado raso d'Alexandria, veiu a ser tão excellente rei do Egypto, que todos os seus successores se chamaram Ptolomeus.

Caio Mario, com ser filho de Mario e Fulcina, pobres officiaes mechanicos, não deixou de ser o primeiro dos Romanos, que teve septe vezes o consulado, todas com grande applauso. Foi de tão singular esfôrço e generosidade de ānimo, que, sendo perguntado Scipião, qual de seu exército lhe havia de succeder no mando, respondeu: êste póde ser que me succeda (dizendo-o por Mario, que n'aquelle tempo era mūi moço); porēm conhecia n'elle, pelos bons principios, que mostrava, que mandaria a todos, e que não seria mandado de outros.

Primislau, rei de Bohemia, em sua mocidade sabia sómente guardar gado e ser vaqueiro como seu pai: mas, sendo escolhido para rei, sahiu tão excellente e sabio em seu govêrno, que deu novas ordenações para bem da república, e fez outras cousas maravilhosas.

Arsaces, rei dos Parthos, foi de tão humilde nascimento,

que nunca se lhe soube, cujo filho era; porêm seu grandioso ânimo lhe causou tão altos pensamentos, e desejos de ser rei, que constituiu o reino dos Parthos, e foi o primeiro rei, que elles tiveram; e sempre os defendeu dos Romanos, fazendo-se em tudo tão famoso, que seus descendentes, por se honrarem tanto d'elle, e perpetuarem seu nome, se chamaram sempre *Arsacides*.

São tantos os exemplos, que, se me houvera de deter n'elles, contando-os por extenso, fizera um tractado mũi largo d'ésta materia; e deixo de contar outros mũi graves, por não causar fastio a'os que os lerem. Por onde vemos, que assim como muitas vezes acontece de pais mũi sabios, nobres e bons, nascerem filhos máos, viciosos, e vis, tambem de pais humildes e desprezados sahiram filhos mũi singulares, e excellentes varões, que, mediante sua virtude, valor e esfôrço, não sómente alcançaram nobreza, e mereceram ser princípio e honra de sua descendencia; mas ainda subiram á alteza dos estados e senhorios do mundo (**13**).

§ LXXXII — Da nobreza dos escudeiros e cavalleiros

O primeiro titulo de nobreza em Portugal foi o de escudeiro nas pessôas, que não tinham jurisdicções, nem terras de que se nomeassem senhores. Porque, como em aquellas primeiras luzes do reino se estabeleceu o imperio pelas armas, e a nobreza, que então mais se estimava era a que por ellas se adquiria, e as armas, que por feitos heroicos se

13) Antonio Ferreira de Vera.

ganhavam na guerra, e se traziam nos escudos, com que pelejavam, eram a demonstração da fidalguia mais honrada em aquelle tempo, d'aqui veiu, que os que semelhantes escudos d'armas alcançavam, se chamavam escudeiros, em signal da nobreza, que por elles tinham adquirido. E ésta foi a origem do nome de escudeiro, e não outra. É prova grande d'ésta verdade a muita e grande estimação, que nos principios do reino, e ainda muito depois, faziam os nossos Portuguezes dos escudos das armas ganhadas por feitos proprios, que podendo pinctar n'elles os brazões e devisas de seus antepassados iam á guerra com os escudos brancos, tendo-se então sómente por honrados, quando chegassem a illustral-os com os brazões heroicos de suas proprias façanhas. Assim sabemos, que vindo o conde D. Henrique, progenitor illustre de nossos rêis, a servir na guerra de Hespanha contra os Mouros, podendo usar das armas da nobilissima casa de Borgonha, d'onde procedia, trouxe o escudo branco, em que ao-depois pinctou uma cruz azul, quando por seus feitos entendeu que já o podia fazer. Quando em Portugal não havia guerras, ambiciosos d'ésta honra, passavam a reinos extranhos os Portuguezes a ganhar novas armas por cavallarias proprias, como se sabe de muitos, que deixaram o brazão antigo pel'o que adquiriram por suas façanhas, tendo por alhêa a glória, que lhe grangearam seus avós, e avaliando sómente por honra propria a que adquiriam por suas obras. O mesmo fez, em tempos mais modernos, o grande Duarte Pacheco Pereira, valoroso capitão, que, passando á India Oriental a ganhar muita glória e galardão nenhum, levou o escudo branco, não querendo usar n'elle das armas dos appellidos illustres, de que se nomeava, quando

com a espada ia adquirir novos brazões em guerra tão louvavel. E assim o teve, até-que el-rei de Cochim lhe deu novas armas, pelas victorias quasi milagrosas, que alcançou contra todo o podèr d'el-rei de Calecut, imperador do Malabar, deixando em aquella terra, e por aquelles mares, sem laminas e sem bronzes, escripto pela immortalidade o nome portuguez.

D'estes escudos se nomeavam escudeiros aquelles primeiros, que os ganhavam, e seus descendentes, que no tempo dos antigos rêis de Portugal eram a principal fidalguia do reino, como consta de muitas escripturas e chronicas antigas. N'a d'el-rei D. Pedro, que escreveu Pedro de Mariz, *Dial.* 3°, *cap.* 4°, se acham as palavras seguintes: *Mandou matar dous escudeiros de sua casa, que eram os fidalgos d'aquelle tempo.* Nos registos d'el-rei D. João I se acha, que, fazendo mercê a Martim Fernandes de Freitas da honra de *Bemviver*, o nomêa escudeiro. Pelo mesmo modo tracta a Gonçalo Nunes de Faria na doação, que lhe fez da terra de Fão.

De escudeiros passavam a cavalleiros, quando depois de alguma batalha, successo ou encontro militar, eram armados cavalleiros pelos rêis, ou pelas pessôas, a quem elles para isso davam commissão, que ordinariamente eram os ricos homens. E tambem para subirem a algum titulo, ou entrarem na jurisdicção de algum senhorio, costumavam armar-se cavalleiros, velando primeiro as armas em alguma egreja, como fez D. João Affonso Tello, quando el-rei D. Pedro o nomeou no condado de Barcellos. Mas assim os escudeiros como os cavalleiros n'èste reino, sendo de nobre geração, e não feitos por privilégio, eram os fidalgos d'a-

quelle tempo, e não havia entre elles outra differença mais que ter ou não ter alcançado o gráo de cavallaria. E assim succedia muitas vezes, como consta de escripturas antigas, ser o pai cavalleiro, e o filho escudeiro. E no instrumento, que tirou el-rei D. Pedro, para provar o seu casamento com D. Ignez de Castro, se acham pessôas d'igual nobreza nomeadas com a differença de escudeiros e cavalleiros, por não terem ainda alcançado o gráo da cavallaria, que n'aquella edade era de muita estima, por ser ordinariamente adquirida em actos militares; e costumavam os rêis buscar occasiões, e escolher emprezas, para n'ellas armarem cavalleiros a seus filhos, como se acha que o fizeram os nossos em varios tempos.

E não sómente em diversos fidalgos, mas na mesma pessôa se achava muitas vezes ésta differença, como se vê nas legitimações dos filhos do Mestre de Sant'Iago D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, que fez depois de ter já alcançado o gráo de cavalleiro, onde el-rei D. João I diz, que os houve sendo ainda escudeiro. E para tirar toda a dúvida a quem ignorar todas éstas antigualhas, até os principes, n'aquelle tempo, antes de tomar o gráo de cavallaria, se chamavam escudeiros, como se vê de uma carta d'el-rei D. João III, escripta para o infante D. Luiz, seu irmão, onde respondendo á nova que o infante lhe dera do successo da empreza de Tunes, e de como não quizera depois da victória ser armado cavalleiro pelo imperador Carlos V, seu primo e cunhado, diz assim: *Folguei muito de ainda virdes escudeiro, como me dizeis, e espero que a cavallaria seja mûi cedo, em logar de que recebais tão grande prazer, que vos faça esquécer do d'agora, e*

que se vos siga tanta honra, como vos desejo. Do que tudo vimos a entender, que não tinham os escudeiros antigos êste titulo por falta alguma de nobreza, nem entre elles e os cavalleiros havia na qualidade mais differença que a referida. Mas porque havia escudeiros e cavalleiros por privilégio, ou que queriam gozar d'elle para se melhorarem do estado plebeu, tractando-se bem, e andando a cavallo, a differença d'estes chamavam aos escudeiros e cavalleiros, que eram nobres por geração, *fidalgos de vingar quinhentos soldes;* porque ésta era a pena, que pelas leis antigas de Hespanha, estava applicada á satisfacção da injúria, que se fazia a fidalgo de linhagem, como com outros o adverte o chronista Fr. Francisco Brandão na quinta parte da *Monarchia Lusitana.*

Em Thomar havia antigamente um galante modo de fazer cavalleiros, como consta de um alvará de registos d'el-rei D. João I, pelo qual manda, que aquelle costume se observe. Era elle, que o que queria casar n'aquella villa cavalgasse em um cavallo com uma lança na mão, levando um alqueire de pão cozido e um almude de vinho, e chegando ao castello dava com a lança na porta, e dizia: *Cavalleiro quero eu ser.* Sahia a ésta voz o alcaide, e cobrava a pitança, e o noivo voltava para sua casa habil para o casamento; e se o fazia sem satisfazer primeiro a ésta ceremonia; levava-lhe o alcaide o oitavo. Practicavam os antigos estes e similhantes costumes, que agora nos parecem a nós galanterias, assim como muitos dos nossos o poderiam então parecer tambem a elles (14).

(14) Sampaio.

§ LXXXIII — Pendão e caldeira, insignias de nobreza

O pendão e a caldeira eram insignias e distinctivos dos *ricos-homens* desde o tempo dos Godos até ao seculo XV, em que de todo se extinguiu êste titulo da antiga nobreza, substituido por outros, que actualmente veneramos. Pelo pendão se mostrava o podêr e auctoridade de alistarem os seus vassallos para a guerra; pela caldeira, que no mesmo pendão ou estandarte estava pinctada, queriam dizer, que tinham muitos bens, munições de bocca e dinheiros para lhes pagar e os manter. E d'aqui a phrase *guisar caldeira* por dar mantimento aos soldados. Em as histórias de Hespanha e Portugal lêmos, que os rêis instituiam os *ricos-homens* dando-lhes o *pendão* e a *caldeira;* o que parece denota não pinctura, mas realidade d'ésta mysteriosa e honrada insignia. Na célebre egreja, e antiquissima, de Sancta Maria de Saboroso, que hoje se acha na freguezia de Barcos, para onde o titulo se mudou já nos fins do seculo XIII, se encontram notaveis campas com insignias militares, e nos mostram caldeiras penduradas e suspensas de lanças, que nas dictas campas se acham esculpidas (15).

§ LXXXIV — Origem do titulo de *Dom* (16)

Depois dos sòbrenomes e appellidos nobres das familias começou o prenome *Dom*, que ainda no nosso Portugal se conserva nos homens em bem differente predicamento do mais resto da Hespanha, onde é quasi commum: tanto podem os annos, que aquella honra, que em seus prin-

(15) Viterbo: — *Elucidario.*
(16) Sampaio.

cipios se regateava tanto, que não chegavam a logral-a senão pessôas muito grandes, hoje a vulgaridade a tem reduzido a tão pouca estimação em aquelles reinos.

Deriva-se o Dom da palavra latina *Dominus*, que quer dizer senhor, e vale o mesmo que *milord* em Inglaterra, *monseigneur* em França, *misser* em Valença e *monsignor* em Italia. Fazia-se d'elle tanta estimação n'êste reino, que antigamente só era concedido pelos rêis a seus descendentes e aos *ricos-homens*, e d'elles o tomavam seus filhos, e não se extendiam a outras pessôas.

Salazar de Mendonça nas suas *dignidades seglares de Castilla* diz, que o primeiro, que em Hespanha usou de *Dom*, foi Pelaio, de sangue real godo, a quem os Hespanhóes, anno de 718, depois da perda d'el-rei D. Rodrigo, elegeram por soberano. Tomaram-n'o depois os rêis seus descendentes, os infantes e suas mulheres; logo os prelados, os ricos-homens e os cavalleiros, que tinham privilégio real por grandes serviços. Prosegue o chronista Antonio Brandão dizendo, que o Dom se foi introduzindo nas gerações particulares, ou por privilégio; mas que foi êste dado com tanta limitação até aos tempos d'el-rei D. Affonso V, que não só nos fidalgos, mas em senhoras principalissimas, não havia o uso d'elle. Em o testamento d'el-rei D. Sancho I estão nomeados quasi todos seus filhos e filhas bastardas sem Dom. O mesmo fez el-rei D. Affonso, o sabio, a uma filha, que chama Urraca Affonso. Pelo mesmo modo tracta el-rei D. Diniz a sua filha Maria Affonso, e suas noras Tareja Martins e Froila Annes. De nossas histórias consta, que o primeiro dos filhos bastardos dos rêis de Portugal, que tomaram o

prenome de Dom, foi D. João, mestre d'Aviz, filho bastardo d'el-rei D. Pedro, que depois foi o felicissimo rei D. João I, de gloriosa memoria. Os rêis com êste prenome pagavam serviços grandes, como sabemos fez el-rei D. João II, que, por accrescentar a Gonsalo Vaz de Castello-Branco, védor de sua fazenda, que foi pai de D. Martinho de Castello-Branco, primeiro conde de Villa-Nova, pelos muitos serviços, que lhe tinha feito, e merecimentos, que d'êlle havia, lhe deu o Dom para elle e seus filhos e descendentes. E ao grande Vasco da Gama fez mercê el-rei D. Manuel sómente do prenome de Dom com mil cruzados de renda pelo descobrimento da India Oriental, quando chegou da primeira navegação, parecendo-lhe em aquelle tempo, que era um Dom satisfacção bastante para quem lhe dava um novo imperio, rompendo as ondas por mares nunca d'antes navegados: — bom exemplo para estes nossos tempos, em que não só é necessario, que os rêis o dêem, nem paguem com elle algum serviço, por pequeno que seja; porque todos os que o querem o tomam, sem attentarem, que por nenhuma via lhes convêm. — Já em seu tempo se queixava d'isto Garcia de Resende nas suas *Miscellaneas*.

Os rêis, que por accrescentar
As pessôas em valia,
Por lhes serviços pagar,
Vimos a uns o *dom* dar.
E a outros fidalguia.
Já os rêis não hão mister,
Pois toma o *dom* quem quer.
E armas nobres tambem
Toma quem armas não tem.
E dá o *dom* á mulher.

SECÇÃO QUINTA

DISCURSO ORATORIO

DIVIDIDO EM DUAS CATEGORIAS

eloquencia profana e eloquencia sagrada

PRELIMINARES

§ LXXXIV — Definições de eloquencia e de rhetorica. Em que se differençam uma da outra (1)

1° — Eloquencia *é o dom ou o podêr da intelligencia dominando pela voz as intelligencias e as vontades alhêas.* — Ou mais desenvolvidamente: *é a faculdade de significar os pensamentos por meio da palavra debaixo do ponto de vista mais proprio para produzir a convicção e a persuasão, acompanhadas do deleite.*

2° — Por êste nosso modo de definir a eloquencia já se deixa vêr, que não somos da opinião d'aquelles criticos, que definem a eloquencia restrictamente *pelo dom ou podêr ou faculdade de persuadir por meio da palavra:*

1 F. J. Freire de Carvalho: — *Eloquenc. nacional.*

porquanto todo o homem sensato, quando falla, ou escreve, quer sem dúvida uma de tres cousas, ou *convencer* ou *persuadir*, ou simplesmente *deleitar:* isto é: o que pretende, é influir por algum dos tres modos indicados sôbre os seus similhantes. — É porisso que entendemos, que todo e qualquerque, fallando, ou escrevendo, chega melhor a adaptar as suas palavras ao fim, que se tem propósto, esse é o que deve ser havido por mais eloquente. — Póde por consequencia, qualquer que seja o assumpto, sôbre que se falle, ou escreva, ser tractado com eloquencia, ou seja uma oração estudada para a tribuna, para o fôro, para o pulpito; ou um tractado philosophico, ou uma história, ou uma carta, etc.

3° — Isto não obstante, não deixaremos de convir em que, de todos os assumptos do discurso, sendo de maior importancia os que têem por objecto o manejo ou direcção dos negocios publicos, sôbre estes é que se faz mais ostensivo e importante o podêr da eloquencia; isto é, quando ella tem por fim o influir sôbre o regimen dos negocios, ou, fallando em geral, o induzir alguem a alguma acção: considerada pois sómente debaixo d'êste especial ponto de vista, é que a eloquencia tem sido definida, pela generalidade dos criticos, *a faculdade de fallar de um modo adequado para persuadir*, definição todavia, que, em o nosso entender, comprehende apenas uma das especies, mas não todo o genero de eloquencia.

4° — Rhetorica, ou Arte Oratoria, *é a disciplina que dirige as disposições naturaes do homem no uso ou emprêgo da eloquencia.*

5° — Differença-se pois a rhetorica da eloquencia, em ser

ésta a faculdade de exprimir os pensamentos por meio da palavra, de sorte que consiga o fim, para que se falla, prescindindo da origem, a que é devida uma tal faculdade: e em ser a rhetorica o complexo de preceitos ordenados a dirigir e a aperfeiçoar a natureza no uso da eloquencia: a primeira póde ser effeito de um mero talento natural; a segunda é a arte, que lhe corrige os defeitos e extravios, ou que a aperfeiçôa.

§ LXXXV — Assumptos da eloquencia

É objecto, e póde servir de assumpto á eloquencia tudo aquilloque serve para preencher os seus tres fins, isto é, tudo quanto póde *deleitar*, *convencer*, e *persuadir* os ouvintes, ou os leitores; em uma palavra, tudo aquillo sôbre que póde tecer-se um discurso. Mas como nem tudo, quanto póde recrear, e servir para a convicção, e para a persuasão, é decente, que se offereça, como assumpto de um discurso, a quem escuta ou lê; porisso o orador só deverá tomar, para materia de sua eloquencia, o que fôr *justo*, ou honesto, ou *util*, ou *decorosamente deleitavel*.

§ LXXXVI — Origem da eloquencia e da rhetorica

Os homens começaram a ser eloquentes, logo-que se lhes offereceu occasião de o serem, e as repetições d'estes ensaios foram melhorando pouco a pouco os fructos da faculdade de exprimir os pensamentos por meio da palavra da maneira mais adequada, para haverem de produzir o effeito desejado. — A observação dos bons ou máos effeitos

dos ensaios da eloquencia natural fez, que se aproveitasse o que a mesma observação mostrou haver sido proveitoso; e que se indicasse como nocivo o que lhe fôra contrário, ou sequer inutil: D'aqui a razão, porque Quintiliano diz, que á eloquencia deu origem a natureza, e á rhetorica a observação, *initium ergo dicendi dedit natura, initium artis observatio* (lib. III, cap. 2.)

§ LXXXVII — Do estylo oratorio

1° — *Estylo*, na accepção mais ampla, é o modo particular, porque cada individuo significa os seus pensamentos por intervenção da linguagem fallada, ou escripta. Em uma accepção mais particularmente oratoria, *estylo* é a fórma geral da elocução, que predomina em toda uma obra, ou em parte d'ella, a qual resulta de certa especie de pensamentos, e da escolha e collocação de palavras, conveniente á materia, de que se tracta (2).

2° — Como hão de ser as palavras? Como as estrêllas. As estrêllas são muito distinctas e muito claras. E nem porisso temais, que pareça o estylo baixo: as estrêllas são muito distinctas e muito claras e altissimas. O estylo póde ser muito claro e muito alto: tão claro, que o entendam os que o não sabem; e tão alto, que tenham muito que entender n'elle (3).

(2) F. de Carvalho: — *Lic. de eloq. nac.*

(3) Vieira.

PRIMEIRA CATEGORIA

Eloquencia profana

§ LXXXVIII — Panegyrico da sciencia (4)

Fazenda é a sabedoria exempta da jurisdicção da fortuna; a qual, como diz Seneca, não toma senão o que dá. O fogo gasta o ferro, o mar alaga as cidades, terremotos as derrubam, raios espantam o mundo, armas o senhorêam... só o saber do homem é livre d'estes perigos, porque nem o tempo, que o mesmo Seneca chama sepultura de todas as cousas, o gasta, ou a morte o senhorêa; e com elle, mediante a graça divina, fazemos o caminho para a glória, que esperāmos. E assim disse Bias Prienense, fugindo da patria, que deixava tomada dos inimigos, não levando mais que sua pessôa e um bordão, *que tudo levava comsigo.*

E se quizermos particularmente considerar as cousas, qual haverá, que sem letras divinas ou humanas se possa fazer? Como navegariamos ás terras ignotas, que commercio, que notícia teria uma gente afastada por tantos intervallos de mar e terra, das outras, sem a sciencia da astronomia? Que communicação, ou que prestança das mercadorias, haveria sem navegação? Como se edificariam navios, casas, templos e fortalezas com suas máchinas, tão necessarias á vida e polícia dos homens, sem architectura? Como se governariam as cidades, reinos e républicas, sem philosophia moral? Como, sem a natural, se exercitaria o uso da agricultura, tão necessaria á mantença dos homens?

(4) João de Barros.

E descendo ao particular das artes mechanicas, como nos aproveitariamos d'ellas, se não fosse pelo meio das mathematicas? Como teriamos a musica practica sem a especulativa, com tanta diversidade de instrumentos, tão necessarios assim á religião e culto divino, como para a guerra e deleitação da vida? Que remedio para nossas enfermidades com que os corpos humanos por tão diversas vias são offendidos, se não fôra a medicina?

Pois vindo ao espiritual, que fôra de nossas almas sem a divina sciencia, que nos ensina o caminho, que havemos de seguir para a salvação d'ellas, remate de nossa bemaventurança? Emfim, porque meio os homens communicariam éstas sciencias com os presentes e futuros, sem as letras?

Certamente que, examinando bem isto, parecem indignos da potencia intellectual, que é imagem e semelhança de Deus, com que fomos creados, os que desprezaram o verdadeiro ornamento e atavio d'alma, que é a sabedoria, a qual, como diz Nazianzeno, é princeza e inventora de todas as cousas, e em si as comprehende. Do nome da qual se quiz Deus intitular, chamando-se *Sapiencia do Padre!* E quão necessaria ella seja nos principes, Salomão diz: « Por mim reinam os rêis, e os principes senhorêam ».

E para mais verificarmos isto, faremos uma parábola, imitando aquelleque para todos se fez unico exemplar. Finjāmos um rei tão zeloso da paz e da alliança de todos os brutos animaes, que mandasse ajunctar quantos ahi ha, differentes em genero e especie, paraque, mettidos em um curral junctos, os entregasse a um pastor, de que tivesse experiencia e confiança, que os trouxesse a tal concordia, que o leão não comesse o lobo, nem o lobo ao carneiro,

o galgo não filasse a lebre, nem o açor a perdiz; de tal modo, que, esquecidos de sua braveza natural, usassem de toda a brandura e mansidão. E que pastor haveria, por muito atrevido que fosse, que não dissesse o que Moysés dizia a Deus: « Senhor, manda quem as demandar, por o tal cargo requerer, não digo um grande e consummado saber humano, mas ainda a um divino inspirado por graça ». Pois o rei, que isto quiz fazer, foi Deus Eterno, que ordenou na terra o govêrno dos rêis e principes, ficando-lhe na mão o coração d'elles, como quem sabia, que tamanho officio, sem sua ajuda mũi particular, se não podia bem administrar. E os animaes, que tanto lhe encommendou, são os homens, que, deixando o caminho da razão, seguiram o dos brutos. Que segundo Paulo: *justis non est lex posita.* D'onde nascem, a meu juizo, fingirem alguns philosophos, entre os quaes foi Platão, que as almas dos homens se traspassavam em corpos de diversas bêstas, similhaveis aos costumes, que tiveram; os dos tyrannos e principes em lobos, falcões e milhanos, e os dados ao vício da gula e preguiça em asnos, introduzindo aquelle Herpumphilio, que disse ter visto a alma de Orpheu mettida em um cysne, a de Ajace em um leão, a de Agamemnon em aguia, e em um bugio a de Thersites Homerico; querendo significar, que nenhuma differença têem de brutos os que vivem como brutos, e que a semelhança dos costumes lhes faz igual a natureza. E dizerem as fabulas, que Actéon foi convertido em corço, não é outra cousa senão, que pelo muito exercicio e continuação da caça se fez agreste e similhavel aos animaes, com que tractava; e tornando ao proposito, assim como entre estes ha tanta differença, quanta vemos, assim nos homens se acham ainda mais dif-

ferentes condições da vida e costumes, que na diversidade dos brutos.

§ LXXXIX — Louvores do saber (5)

Sendo a liberdade um tão grande bem, como todos sabem, quem com maior felicidade póde lograr êste bem, que o sabio? Elle, quando preso e encarcerado, póde fazer da sua prisão domicilio transparente e diaphano, pelo qual transpire o seu espirito, e com engenhosas lucubrações saia a illustrar o mundo. Por qualquer parte que a fortuna ou a desgraça leve o sabio, no seu saber vai o que propriamente é seu, e n'êste bem leva os maiores bens do mundo, saude e liberdade (como já temos visto), e junctamente riquezas e honras (como logo veremos).

Expugnada a cidade de Pirene, os proprios moradores lhe deram sacco. Sahiram todos como homens de ganhar, carregados com o que poderam levar ás costas. Entre todos elles sahiu Bias, senão mais rico, mais nobre, porque mais ligeiro: e tambem mais rico, porque sem se fazer, como elles, bêsta de carga, levava elle só mais que todos. Saber o mundo (diz o poeta Manilio), é possuil-o, porque é comprehender com o entendimento, e conservar no thesouro da memoria tudo o que n'elle dispõe e obra a natureza. Essa é a maior das riquezas, porque não ha comparação do senhorio de uma terra, nem do dominio de uma provincia ou reino, com o conhecimento da terra toda pela geographia, de todos os mares pela hydrographia, de todos os astros pela astronomia, e geralmente do

(5) Por D. Raphael Bluteau.

universo todo pela cosmographia. E senão, digam-n'o aquelles grandes principes e monarchas, que, n'uma das declamações de Quintiliano, vendo-se pobres e despidos das faculdades e erudita opulencia dos sabios, confessam, que na maior abundancia dos bens, que possuem, lhes falta o melhor. No areopago de Athenas foi Democrito condemnado como perdulario e estragador do seu patrimonio; mas contando que gastára a sua fazenda em aprender sciencias e conhecer a economia do mundo, foi absolvido e louvado, por haver adquirido a pouco custo tão precioso erario. Finalmente, com a sabedoria possue o sabio um bem, que merece todo o genero de honras. Se a interpretação de um sonho lhe valeu a José o vice-reinado do Egypto, que honras não merecerão tantos sabios, que com suas obras illustraram a patria, e ensinaram o mundo? No templo de Jupiter Olympio collocaram os Athenienses a estátua de Isocrates, um dos maiores oradores da Grecia; de Phidias, Policleto, Praxiteles, esculptores insignes, que foram adorados com os simulacros dos deuses, que de suas mãos sahiram. De Cicero, aindaque seu adversario, dizia Cesar, que elle merecia maiores glórias, que as do triumpho, por ser muito maior obra o haver dilatado a esphera do engenho humano, que ampliar os confins do romano imperio. Por ésta razão dizia S. Augustinho, que fôra mais justo levantar a Platão um templo, do que aos deuses da gentilidade. Os Egypcios, que aos inventores de algumas artes attribuiram titulos divinos, chegaram a adorar animaes, que com seu instincto natural lhes ensinaram algumas artes. Não ha ainda muitos annos, que a Francisco Petrarca foi dada no capitolio uma

corôa de ouro. Esta estimação da sabedoria, a propria natureza a ensinou, pondo a cabeça, que é de todas as sciencias o throno, na parte mais alta do corpo, porque as mitras, corôas, tiaras, e outros semelhantes ornatos, se determinam para a cabeça, eschola viva, e mestra perpétua de tudo o que se sabe no mundo.

§ XC — Elogio da musica (6)

Tanto fructo tem Vossa Alteza (a infanta D. Maria) colhido das letras, que achando n'ellas quão espiritual cousa é a musica, e quanto levanta os corações para o céo, n'ella se exercita, como fizeram mũi graves philosophos, que, vendo a ordem dos céos, disseram, que em suas continuas voltas, com que rodêam o mundo, fazem uma suave musica, de que os nossos sentidos são incapazes, por exceder sua potencia, attribuindo a cada um suas vozes agudas e graves.

E os platonicos disseram, que nossa alma era composta de proporções de musica, por onde se deleitava tanto com ella. E assim parece, que, sentindo os anjos a conveniencia, que nossa alma tem com a ordem da musica, com ella nos deram as novas do nascimento do filho de Deus, de quem o mundo estava tão desejoso, cantando com suave melodia. Nem sem causa o Espirito Sancto ordenou, que cantando se celebrassem os officios divinos, para nossa alma os poder melhor comprehender. Ordenando assim mesmo instrumentos, cuja harmonia inflamasse nossos sen-

(6) João de Barros.

tidos, como são orgãos, que ainda na ordem de suas frautas, imitam a dos anjos, que no céo empireo têem suas precedencias ordenadas por Deus.

E por a musica ser cousa tão divina como é, nunca, se lê, que a egreja de Deus estivesse sem ella, assim no tempo da Escriptura passada, como n'o da Graça presente. Testemunha é aquella trombeta, que no dar da lei retumbava pelas faldas do monte Sinai; testemunhas são os timpanos e pandeiros de Maria, irmã de Moysés, com que tanto festejou o naufragio dos Egypcios e vencimento dos Judeus; e assim as trombetas de Jerichó, com a musica das quaes os seus muros, como adormecidos, se deixavam cahir na terra.

Pois vindo ao tabernaculo e ao templo de Salomão, sempre n'elles houve instrumentos de musica, com que os sacrificios se celebravam, que David tanto encommendava nos seus psalmos; o qual, levando a arca do Testamento para Jerusalêm, diz a Escriptura, que elle e o povo de Israel dançavam diante d'ella, cantando e tangendo violas, psalterios, trombetas, e outros instrumentos. E o mesmo rei David, quando repartiu os officios dos Levitas, lêmos, que ordenou quatro mil d'elles, cujo officio fosse tanger orgãos.

Chêa está a Escriptura de muitos exemplos, porque claramente consta deleitar-se Deus com a musica, a qual por experiencia se vê tem muito grande fôrça nos corações dos homens; por onde os que d'ella tiveram conhecimento, vendo, quanto podia em todas as cousas, a levaram á guerra, ordenando trombetas e outros instrumentos, com que os homens, e ainda os cavallos, cobras-

sem esfôrço no rompimento das batalhas, e no andar e proceder dos esquadrões guardassem a ordem, que ella em si tem.

E os que no exercicio da caça se deleitam, tambem entenderam, que até aos brutos animaes chega a doçura e conhecimento da musica, como diz Strabo dos elephantes, e Plinio dos cervos, que uns com cantigas e timpanos, e outros com flautas pastoris, se amansam. Cousa notoria é, e muito sabida, o que conta Herodoto e outros auctores, dos golphinos, que são tão dados a ésta deleitação, que o grande musico Arião foi livre do naufragio do mar por um golphino, que o salvou, conhecendo ser aquelle, cuja voz ouvira em o navio, que seguia.

E não se acha gente, por barbara que seja, que não tenha sua musica, má ou bôa, segundo o que cada um d'ella alcança, como vemos em toda a terra de Ethiopia, cujos naturaes, entre nós, são testemunhas d'ésta verdade, levando ordem e compasso em seu tanger, aindaque seja barbaro, e os rusticos do campo, a que não faltam suas gaitas.

Que posso dizer dos passarinhos, cuja melodia tanto deleita as orelhas dos homens, que os têem encarcerados e presos para êste fim! Entre os quaes, se bem olhāmos a differença das vozes e harmonia, que o rouxinol faz com a sua garganta, que Plinio por outra tanta diversidade de palavras explicou, acharemos, que todas as proporções da musica estão encerradas no papo de um tão pequeno animal, como é êste passarinho.

Nem as aguas parece que carecem d'êste sentido nos rumores e roucos estropidos, que por entre os seixos e

pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação e saudade. E assim mesmo nos ventos temperados do verão com os zunidos, que fazem, movendo as folhas das arvores, tambem se acha uma certa semelhança de musica, d'onde nasceu (a meu juizo) fingirem os poetas, que Orpheu levava comsigo os homens e brutos animaes, com arvores e rios, dando a entender, quão geral é a fôrça da musica, que em todas éstas cousas tem jurisdicção.

§ XCI — Apologia dos peixes (7)

1° Fallando dos peixes Aristoteles diz, que só elles entre todos os animaes se não domam, nem domesticam. Dos animaes terrestres o cão é tão domestico, o cavallo tão subjeito, o bôi tão serviçal, o bugio tão amigo, ou tão lisongeiro, e até os leões e os tigres com arte e beneficios se amansam. Dos animaes do ar, afóra aquellas aves que se criam e vivem comnosco; o papagaio nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrário lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grùtas, e não ha nenhum tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja d'elle. Os auctores commummente condemnam ésta condição dos peixes, e a deitam a pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mũi differente opinião. Não condemno, antes louvo muito aos peixes êste seu retiro,

(7) Pelo padre Antonio Vieira.

e me parece, que se não fôra natureza, era grande prudencia. Peixes quanto mais longe dos homens, tanto melhor: tracto e familiaridade com elles, Deus vos livre. Se os animaes da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-n'o muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola: diga-lhe dictos o papagaio, mas na sua cadêa: vá com elle á caça o açor, mas nas suas prisões: faça-lhe bufonerias o bugio, mas no seu cepo: contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trella: preze-se o bôi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sôbre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro: glorie-se o cavallo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora: e se os tigres e os leões lhe comem a ração de carne, que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro.

E entretanto, vós peixes, longe dos homens e fóra d'essas cortesanias, viverêis só comvosco, sim, mas como peixes na agua.... Mas ainda que o céo e o inferno se não fez para vós, dou fim a vossos louvores com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao céo, e não ao inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Bussacos, e todas as sanctas familias, que professam mais rigorosa austeridade: vós os que a todos os verdadeiros christãos ajudais a levar a penitencia das quaresmas: vós aquelles com que o mesmo Christo festejou a sua paschoa as duas vezes, que comeu com seus discipulos depois de resuscitado. Prezem-se as aves e os animaes terrestres de fazer esplendidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriai-vos de ser companheiros do jejum e da absti-

nencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e sympathia com a verdade, que, prohibindo Deus no jejum a peor e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E pôstoque na semana só dous se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só logar vos deram os astrologos entre os signos celestes; mas os que só de vós se mantêem na terra, são os que têem mais seguros os logares do céo.

2° Antes porêm que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as vossas reprehensões. Servir-vos-hão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. — Grande escandalo é êste, mas a circumstancia o faz ainda maior. — Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fôra pelo contrário era menos mal: se os pequenos comeram os grandes, bastára um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande..... Tão álheia cousa é não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos creados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma patria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. — Sancto Augustinho, que prégava aos homens, para encarecer a fealdade d'êste escandalo, mostrou-lh'o nos peixes, e eu que prégo aos peixes, paraque vejais quão feio e abominavel é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não, não é isso o que vos digo: vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar.... Vêdes vós todo aquelle bulir: vêdes vós todo

aquelle andar; vêdes aquelle concorrer ás praças, e cruzar as ruas; vêdes aquelle subir e descer as calçadas; vêdes aquelle entrar e sahir sem quiétação nem socêgo? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão comer.

Morreu algum d'elles: verêis logo tantos sôbre o miseravel a despedaçal-o e comel-o. — Comem-n'o os herdeiros, comem-n'o os testamenteiros, comem-n'o os legatarios, comem-n'o os acrédores; come-o o medico, que o curou, ou ajudou a morrer, come-o o sangrador, que lhe tirou o sangue, come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho de casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar; emfim, ainda ao pobre defuncto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.

§ XCII — Discuso sôbre a vida e estylo dos pastores

Escondeu a natureza no fundo do mar em asperas conchas as perolas finas, a que deu tanto preço a cobiça dos homens. Sepultou nas entranhas da terra, entre barbaras nações e remotos climas, o ouro, que havia de penhorar tanto a nossa vontade. Murou o mar de serras, semeou-o de perigos, que nos pozessem modo ao desejo, só afim de dilatar mais tempo a nossa vida. Porêm a malicia, cujo intento foi tirar-lhe a ella o socêgo, descobriu para nosso damno estes segredos, e escondeu a verdade de outros, em que consistia o descanço de um ânimo seguro: cobriu de burel aos pastores, disfarçou seu contentamento com um trabalho vil e desprezado: e d'ésta maneira encau-

tou um thesouro, que só na terra havia para fazer os animos contentes.

Porêm se postos em nossa liberdade desviarmos os olhos d'êste engano, quanto seriam para elles mais formosas as côres differentes, de que se vestem os campos e arvoredos com a vista do sol, e as que na sua partida mostram os horizontes, que as dos enganosos trajes da vaidade! Quanto sería mais suave para os ouvidos a musica das aves innocentes, que a harmonia das linguas lisonjeiras, que são serêas enganosas contra a razão! Quanto pareceria melhor e mais segura a rocha pendurada sôbre a corrente, que no alto offerece morada ás aves do céo, e pelo rigor do sol sombra aos peixes do rio, que o soberbo edificio mais sumptuoso, porêm menos fundado contra o podêr dos ventos e da antiguidade! Quanto fôra a vida mais saborosa e mais quieta entre as ovelhas! E quanto mais seguro o fructo d'ella, que o das esperanças da côrte e dos enganosos tractos da cidade! E se suspirâmos ha tanto tempo pela ditosa edade de ouro, é por ésta melhoria que teve de todas as outras: viviam os homens como pastores, guardavam gado, e tractavam com a terra.

E claramente se prova ésta verdade: pois o primeiro, que Deus n'ella creou, êste offício teve; o titulo, que lhe deu, foi *senhor dos animaes*. Abel, o primeiro justo, em que começou a egreja e os mais, que de Adão nasceram, guardaram gado; Abrahão, Isaac, e Jacob com sua esposa Rachel; Ezaú, José e seus irmãos foram pastores, como confessaram a Pharaó; Moysés e Sephora, Saul, e David, rêis de Israel, Mesa, rei de Moab, êste officio tiveram primeiro, e êste tinham os antigos Persas, como teve

el-rei Cyro; Romulo e Remo, fundadores de Roma, com Faustulo, que os creou, guardaram gado; os valorosos Romanos, de que lêmos, d'entre os rebanhos sahiram a fazer no mundo formosas empresas, cujos nomes e appellidos ainda testemunham seu nascimento, como os Vitulos, Vitellios, Porcios, Annios, Capros, Tauros, Bubulcos, e outros infinitos.

E na verdade, que outra cousa é a vida de um pastor, senão uma semelhança de imperio, um ensaio de reinar com moderação e brandura? Que cousa mais semelhante ao govêrno de um reino, que o vigiar o gado, pelejar por elle, defendel-o das feras, segural-o dos ladrões, trazel-o ao pasto fertil, ás sombras frias, ás fontes claras, ameaçar com a voz, castigar com o cajado o que se derrama, deleital-o com a frauta e com o canto, quando se ajuncta, cural-o com as hervas, quando adoece, vestir de sua lã, e viver do seu leite, tosquiando-o a tempo, e não mongindo a deshora?

Das deidades, que os homens enganados endèosaram, pastores foram Apollo, Mercurio, Daphnis, Pan, Protheu, Paris, e Polyphemo; e o verdadeiro senhor, a quem servimos, se nomèa muitas vezes por pastor na escriptura sagrada.

Esta é a antiguidade, e nobreza da arte dos pastores, a que tirou o preço a cubiça dos homens; a ésta como mais douta pertence o conhecimento dos pastos, a natureza das terras, a virtude das hervas, as mudanças do tempo, o movimento dos céos, os effeitos do sol, a qualidade dos animaes. Esta vida como mais quiéta tem em seu trabalho todas as cousas, com que póde sustentar-se, a lã, o leite, as pelles, a carne dos animaes, as hervas, legumes, e o

fructo das plantas; tractam com a terra e com as ovelhas, que nunca recusam o senhorio dos homens, antes com uma humilde subjeição entregam seus fructos, agradecidas a todo o trabalho: e qual mais agradecido, que o de um pastor? E que maior engano, que o de quem desconhece ésta verdade? Que estylo mais conforme ao uso da razão, e menos inficionado da malicia, que a singeleza práctica dos pastores?

D'ésta razão nasceu aos escriptores antigos disfarçarem a doutrina de suas obras no modo pastoril, como mais puro estylo e verdadeiro. N'êste escondeu Salomão os mysterios de nossa fé, que estão nos cantares da esposa, escolhendo para uma empresa tão alta, e para uma poesia tão divina uma semelhança tão humilde, cujo exemplo era assaz bastante para acreditar éstas artes com os homens de nossa edade. N'êste estylo escreveram os Gregos, Latinos, Italianos, e Hespanhóes, e os nossos Portuguezes, raros em número, e em qualidade, obras maravilhosas, que contal-as sería outra nova empresa.

Aqui, curioso leitor, vos offereço práctica e estylo de pastores, doutrina verdadeira de avisados: não pirulas douradas, viboras entre flores, nem veneno em vaso rico; antes pelo contrário diamantes por lavrar, pérolas com a sua concha, e, em logar de mentiras enfeitadas, verdades honestas. Não estranheis logo ouvir rusticos philosophos, e avisados aldeãos; que o que representa na comedia a figura do rei não o póde parecer em tudo, nem o cortezão representar em tudo a natureza do lavrador. E assim como na arte de pinctar representam as côres differentes o natural de uma figura, e a fórma d'ella, a substancia e a tenção para com que foi figurada, que é a parte principal da obra;

assim o que n'ésta minha não parecer, que representa o modo dos pastores, com a viveza e termo, que convêm, attribui ao intento, que é mostrar, debaixo de seu burel e com suas palavras, a condição dos vicios, e o socêgo das virtudes. Seja êste meu trabalho de vós favorecido, e eu o haverei por bem empregado. Vença a humildade dos meus pastores o costume dos nossos naturaes, e o queixume de todos os escriptores portuguezes; que não parece razão, que os famosos engenhos d'êste reino façam entre si guerra civil para destruir, em logar da fama, que podiam grangear n'outras conquistas e empresas de maior honra sua.

Reprehender obras alhêas é cousa facil, pois Zoilo se atreveu a calumniar as de Homéro; fazel-as, sempre custa mais, ainda-que ellas em si pareçam menos. Ensinar e aconselhar é de sabios; roêr é condição de animos baixos, e officio de invejosos, que sempre espreitam defeitos, paraque possam pôr os olhos no seu logar, como aconteceu a Momo, vendo a famosa Venus, que Praxiteles pinctou; o qual, esquécido do rosto e da figura, em que todos se admiravam, foi buscar os pés para reprehender as alparcas, que tinha n'elles, mostrando, que só até alli subia seu pensamento.

Perdoar erros, e engrandecer bons intentos é de espiritos generosos. Estimai o fructo dos engenhos, e darão fructo; que o desprêzo dos homens acanha até os pensamentos de um bom subjeito; e pois o tempo nega ás bôas artes galardão, dai-lhe ao menos o louvor, e ás minhas faltas perdão, emquanto d'ellas não ouvirdes a desculpa (8).

(8) Francisco Rodrigues Lobo: — *Eglogas*, tom. IV, pag. 239, ediç. de 1774. Lisbôa.

§ XCIII — Discurso exhortatorio de Coge Çofar aos Turcos

" Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer, nem a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque não chegam a ser mais que homens, aindaque são soldados. Em todo o Oriente até-agora os acompanhou ou serviu a fortuna, e a fama das primeiras victórias lhes facilitou as outras. Com um limitado podêr fazem guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar um imperio sem fôrças, sustentado na opinião ou fraqueza d'os que lhe são subjeitos. Apenas têem quinhentos homens n'aquella fortaleza, os mais d'elles soldados de presídio, que sempre costúmam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhes tem cercado o hinverno. Estão faltos de munições e mantimentos, assegurados na paz ou na soberba, com que desprezam tudo. Como são poucos, sempre n'aquelle muro hão de assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o logar de outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bateria, e por fôrça os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destrôço, que fizeram nas galés do gran'senhor, no cêrco d'ésta mesma fortaleza. A tão honrados Turcos e valentes Janizaros, como estais presentes, toca acudir pela honra de vossa gente, e de vosso imperio, como causa mais justa da guerra, que fazemos; que aindaque Cambaya tem exercitos e soldados, não convêm á reputação do gran'senhor de vingar suas injúrias com as armas alhêas. Com êste fim vos trouxe a ésta empreza, porque vos não fur-

lassem outros a glória de tão justa vingança. Esta mesma terra, que agora estais pisando, cobre os ossos de companheiros, parentes e amigos, que a cada um de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contando-nos as mortes e as feridas, que d'estes homicidas receberam, esperando por vosso esfôrço poderem descançar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á magestade de principe tão grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamam rèis, precisa a todos os que somos vassallos (9).

§ XCIV — Discurso de D. João de Castro, enviando seu filho D. Fernando com soccorro a Diu

Eu vos mando, filho, com êste soccorro a Diu, que, pelos avisos, que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos; pelo que toca á vossa pessôa, não fico com cuidado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho. Encommendo-vos, que tenhais lembrança d'aquelles, de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplares; fazei por merecer o appellido, que herdastes, acordando-vos, que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos, que, o que vier mais honrado esse será meu filho. Esta é a benção, que nos deixaram nossos maiores, morrer gloriosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhal-a (10).

(9) Jacintho Freire, liv. 2.º

(10) Idem Freire, *ibid.*

§ XCV — Discurso de D. João de Mascarenhas aos soldados em Diu

Esses Turcos e Janizaros, que d'êste logar estamos vendo, vêem a restaurar comnosco a honra, que no primeiro cêrco perderam; porêm nem elles valem mais que os que então foram vencidos, nem nós valêmos menos que os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre com a inveja do menor soldado, que defendeu ésta praça; pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus descendentes, que menos conhecêmos pelo appellido, patria ou solar, que por filhos ou netos d'aquellesque tão gloriosamente acabaram, ou triumpharam em Diu. Os mais illustres honraram sua familia; os mais humildes deram a ella principio. Trouxe-nos a fortuna ésta empresa, áquella nada dissimilhante; não sepultaram comsigo aquelles valorosos Portuguezes toda a glória das armas; ainda nos deixaram ésta, que nos fará illustres. Não nos assombre a desigualdade do podêr, porque a fama não se alcança com perigos vulgares. Navegámos cinco mil leguas só a buscar êste dia, para n'elle ganhar a honra, que nos não podem dar os rêis, nem as gentes, porque os rêis dão premios, não dão merecimentos. Não nos faltam munições, nem mantimentos para entreter o cêrco até chegar o soccorro; e aindaque andam os mares levantados, por serem os tempos verdes, temos um D. João de Castro, que por debaixo das ondas virá com a espada na bocca a soccorrer-nos, e tantos outros fidalgos e cavalleiros, que terão por injúria ganharmos nós sem elles a honra, que se nos offerece, com a qual não

temos que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no número d'aquellesque ao rei e á patria fizeram algum memoravel serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo occidente a tão remotas partes.

E o que mais é que tudo, pelejāmos com inimigos de nossa fé, e não nos póde faltar favor para tão justa causa, pois servīmos ao Deus das victórias (11).

§ XCVI — Discurso de Rumecão a seus cabos e soldados

Aquellas ruinas, que estais vendo, tinctas no sangue de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardam aquellas estragadas muralhas, aos quaes a feme e as feridas tēem tirado as fôrças, de sorte que só pelejāmos com as sombras d'os que já foram homens, ôfferecendo os miseraveis aos nossos alfanges vidas sem sangue. A honra, que n'êste cêrco tēem ganhado com valor infelice, ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomam nome as empresas; que o mundo julga sempre o valor da parte da ultima fortuna. Acabemos de ganhar aquella fortaleza, subamos a êste monte de triumphos: vingaremos infinitas injúrias com uma só victória. Livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com êste ultimo assalto poremos fim a tão illustre empresa, e se acordará o Oriente edades largas com alegre memoria de tão formoso dia (12).

(11) Jacintho Freire. *Ibid.*

(12) Idem Freire. *ibid.*

§ XCVII — Discurso deliberativo, ou parecer de D. Diogo d'Almeida sôbre o projecto, que o governador havia formado, de ir descercar Diu, e dar batalha a Rumecão

As pequenas fôrças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, emquanto as não conhecem, porque toda a Asia avalia nosso podêr pelas victórias, mais que pelos soldados, de sorte que só a fama das cousas passadas nos conserva as presentes. Tem V. S. junctо n'ésta armada todo o podêr da India, com que apenas podêmos contar com dous mil Portuguezes, e tentâmos estremecer o mundo com brado tão pequeno. Esta árvore do Estado, de cujas ramas pendem tantos trophéos ganhados no Oriente, têem as raizes apartadas do tronco por infinitas leguas; convêm que a sustentemos, arrimada na paz de uns, e no respeito de outros. Nunca podêmos responder ao que se espera de nossas fôrças junctas, porque uma victória pouco nos acredita, e um só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida; de que serve em uma chaga já curada esperdiçar o remedio das outras? Que nova prudencia nos ensina aventurar em uma só batalha o que se tem ganhado em tantas victórias? Temos podêr para nos conservar inteiros, não temos fôrças para nos reparar perdidos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão necessitado, porque o destrôço costuma ser igual, só fica com o victorioso o campo, e a fama inutil. De Diu não queremos, nem podêmos ter mais, que a fortaleza, pois com que furia cega tornâmos a comprar com nosso sangue o mesmo, de que somos senhores? Que novos povoadores temos para habitar a ilha? De que parte do mundo podêmos trazer outros, que deixem de

ser Mouros ou Gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes, que agora nos offendem? Vamos a pelejar com Turcos e com Mouros, superiores em número, iguaes em armas e disciplina; se tivermos um successo adverso, não temos salvação, porque a terra é sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fructo tirámos da victória. Com armas navaes conquistámos a India, com ellas a havemos de conservar, porque temos a vantagem dos vasos e da marinha. Se não queremos vencer, senão em batalhas, arrazemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me dizem, que é honra do Estado arruinar por offensa um reino, já estivera despovoado o Oriente, se todos os que nos fizeram guerra, recebessem o ultimo castigo. Por ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque, depois de soffrer tantas hostilidades e enganos dos rèis e governadores de Ormuz, o não deixou abrazar? Perderá aquella grande fama, que mereceu na terra, porque nas offensas e cavillações do Samorim não deixou o Malabar destruido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traições de Badur não fez guerra a Cambaia? Iremos destruir ao Turco pelo atrevimento, com que cercou o baxá a nossa fortaleza? Aprestaremos nossas armadas contra o Achèm, porque tantas vezes nos assaltou Malaca? Metteremos a fogo e sangue êste Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimentos, e inquiétar as terras de Bardés e Salsete? Que desesperação nos arrastra a offerecer a garganta do innocente Estado ao cutello do inimigo? Esta armada tão espantosa nas apparencias, e no podèr tão debil, é freio a Rumecão, aos nossos, muros; porèm, desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos

ao segredo de nossas fôrças, e todos estes principes trabalharão por romper a fraqueza das prisões, em que os temos atados. Glória foi do imperio romano vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação escusar uma. Os primeiros conquistadores nos fizeram a casa, a nós só toca o conserval-a. Se na oppugnação de Diu perdeu o inimigo um exército, que falta a ésta facção para victória? e que para castigo? A offensa intenta-se com fôrças iguaes; a vingança com muito superiores; porque não se ha de ir satisfazer um aggravo com risco de nova injúria. Mórmente, que em nada tem a fortuna maior imperio, que nas cousas de guerra; alcançam-se muitas vezes as victórias por leves accidentes, e por outros se perdem. Será pois justo deixar na contingencia de um successo o sceptro oriental, com espanto e inveja das gentes, fundado sôbre tantas victórias? Se perdêmos ésta armada, onde está junctо todo o podèr da India, que thesouros poupados tem Sua Alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar, ou a conquistar de novo os principes da India; tornaremos á sua infancia êste imperio já encanecido; viveremos na cortezia das corôas, que temos offendido, ficando creaturas miseraveis d'aquelles, de quem somos senhores (13).

§ XCVIII — Falla do grande Affonso de Albuquerque aos capitães e gente da armada, para outra vez accommetter a cidade de Malaca

Senhores, bem sereis lembrados, que, quando se assèntou de commettermos ésta cidade, foi com determina-

(13) Jacintho Freire, *Ibid.*

ção de se fazer fortaleza n'ella, porque assim pareceu a todos, que era necessario; e, depois de a ter tomada, eu a não quizera largar, e, porque todos m'o aconselhastes, a deixei, e me recolhi; e, estando prestes, como vêdes, para outra vez lhe tornar a pôr as mãos, soube, que estaveis já de outro parecer; e isto não deve ser pel'os Mouros terem levado a melhor de nós, senão por meus peccados, que merecem não se acabar êste feito como eu desejava. E porque minha vontade e determinação é, emquanto for governador da India, não pelejar, nem aventurar gente em terra, salvo n'aquelles logares, em que houver de fazer fortaleza para os suster, como vos já tenho dicto; peço-vos muito por mercê, que, ainda que já está assentado por todos que se faça, que de novo me deis livremente vossos pareceres, por escripto, d'o que devo fazer; porque, como d'éstas cousas hei de dar conta e razão de mim a' el-rei D. Manuel, nosso senhor, não quero eu só ser culpado n'ellas. E, pôsto que haja muitas razões, que vos eu podia dar, para tomarmos ésta cidade, e fazermos fortaleza n'ella para a suster, duas sós vos apresentarei aqui, por onde não devia de tornar atrás d'o que tendes assentado. A primeira, o grande serviço, que faremos a Nosso Senhor em lançarmos os Mouros fóra d'ésta terra, e atalharmos a êste fogo da seita de Mafamede, que não passe mais d'aqui por diante; e eu espero n'elle, que, acabando nós isto, seja caminho para os Mouros nos deixarem a India de todo, porque a maior parte d'elles, ou todos, vivem do tracto d'ésta terra, e são feitos grandes, ricos, e senhores de grande thesouro: e de crer é, que, pois o rei de Malaca, sendo já uma

vez desbaratado, e tendo experimentado nossas fôrças, sem esperança de lhe vir soccorro d'outra parte, havendo dezeseis dias, que isto é passado, não tenta ter negócio comnosco para segurar seu estado; que Nosso Senhor lhe cerra o entendimento, e endurece seu coração, e quer, que êste feito de Malaca se acabe; pois commettendo nós o caminho do estreito, a onde me el-rei por muitas vezes tinha mandado que fosse (porque alli parecia a Sua Alteza, que se podia atalhar o commercio, que os Mouros do Cairo, e de Meca, e de Judá, têem n'éstas partes), houve por seu serviço de nos trazer aqui, porque com se tomar Malaca ficam as portas do estreito cerradas, por onde elles nunca mais podem metter nenhumas especiarias.

E a outra razão é o mais serviço, que fazemos a el-rei D. Manuel em tomarmos ésta cidade, por ser fonte de todas as especiarias e drogarias, que os Mouros d'aqui levam cada anno para o estreito, sem lh'as podêrmos defender; e, cortando-lhes ésta escapula tão antiga, não lhes fica nenhum porto, nem logar tão commodo n'éstas partes, d'onde as possam haver; porque, depoisque estamos em posse da pimenta do Malabar, nunca mais o Cairo teve nenhuma, senão a que lhe os Mouros levavam d'éstas partes; e quarenta ou cincoenta náos, que cada anno d'aqui vão carregadas de todas as sortes de especiarias para Meca, não se podem tolher sem grandes despezas, e grandes armadas, que continuadamente é necessario andarem no golphão do cabo do Comorim; e a pimenta do Malabar, de que podem ter alguma esperança, por terem o rei de Calicut da sua parte, em nosso podêr está, nos olhos do governador da India, d'onde a os Mouros não podem levar tanto a seu

salvo, como elles cuidam; e eu tenho por muito certo, que, tirando-lhes este tracto de Malaca de suas mãos, que o Cairo e Meca se percam de todo, e a Veneza não vá nenhuma especiaria, senão aquellaque a Portugal forem comprar. E se vos parece, que, por Malaca ser grande cidade e de muita gente, será trabalhosa de suster, n'isto não deve de haver dúvida, porque, ganhada a cidade, tudo o demais do reino é tão pouca cousa, que não tem o rei d'onde se possa reformar; e se receais, que, tomando-se a cidade, faça grandes despezas, e pelo tempo não haja, onde se a nossa gente e armada possam prover, eu confio na misericordia de Deus, que, senhoreada Malaca com uma bôa fortaleza, se os rêis de Portugal tiverem n'ella quem a bem saiba governar e grangear, que os direitos da terra paguem todas as despezas, que se n'ellas fizerem; e, se os mercadores, que a ella soîam de vir, acostumados a viver debaixo da tyrannia dos Malaios, gostarem da nossa justiça e verdade, franqueza e brandura, e virem os regimentos d'el-rei D. Manuel, nosso senhor, em que manda, que todos os seus vassallos n'éstas partes sejam mũi bem tractados; eu me affirmo, que todos venham viver a ella, e façam as paredes das casas de ouro. E todas éstas cousas, que vos aqui apresento, se cerram com ésta chave de meia volta, que é fazermos fortaleza n'ésta cidade de Malaca, e sustel-a, e ésta terra ser senhoreada de Portuguezes, e el-rei D. Manuel chamar-se verdadeiro rei d'ella; e porisso peço-vos por mercê, que olheis bem a empreza, que tendes nas mãos, e não a deixeis perder (14).

(41) *Commentarios* de Affonso de Albuquerque, part. 3ª, cap. 26.

§ XXCI — Discurso de Camillo Porcio ao Papa Leão X em louvor da tomada de Malaca

Se em algum tempo, Beatissimo Padre, teve o povo christão razão de dar graças ao Senhor, e ter em muito o esfôrço e valentia sua, por cousa esforçadamente commettida, e felizmente acabada; êste anno é para isso o mais commodo ensejo, que até-agora houve, em o qual o Senhor Deus, pela muita misericordia, que de seu povo houve, lhe quiz accrescentar prazeres com novos prazeres, e prosperidades com novos contentamentos communs; porque, alêm de pôr Vossa Santidade êste anno na magestade do throno pontifical, mais por universal proveito da christandade, que por particular algum de sua pessôa; pois fez Vossa Sanctidade com isso unico refugio e remedio para cousas quasi perdidas, e, ardendo todo o mundo em guerras, paraque com mais alegria fosse festejada sua nova eleição: n'êste mesmo tempo deu ao muito poderoso, e muito felice e invictissimo rei D. Manuel de Portugal tantas e taes victórias e triumphos de seus inimigos, que facilmente se póde crer pelejar o Senhor por nós; e d'ésta insigne batalha, que em seu nome se deu, haver-nos dado signal, para d'aqui por diante termos confiança, que nos dará victórias assignaladas, se quizermos usar do esfôrço naturalmente nosso, tão nomeado e temido entre gentes barbaras.

Porventura haverá alguem, que possa cuidar serem obras de mãos de homens as novamente feitas pelos Portuguezes na India, tendo por capitão o esforçado Affonso d'Albuquerque? tantas, tão ricas e fortes cidades entradas por

fôrça de armas? tão várias nações vencidas? tantos povos subjeitos em batalha? e com desigual número de gente, sempre ficando vencedores em todas as cousas, a que pozeram peito; e com isso fizeram tributarios muitos rêis, subjeitos com armas portuguezas; e os a que não chegou o perigo da guerra, por de todo estarem seguros d'elle, vieram, ou mandaram por seus embaixadores com muita instancia pedir paz e alliança. E por ésta razão é a nobreza d'éstas victórias mais excellente, por não serem nomeadas pelo estrago e mortandade, que se em os inimigos fez sómente, mas pelo esfôrço notavel portuguez, com que foram ganhadas, a que assim Deus favoreceu, que victórias presentes pozessem em esquécimento as passadas, de maneira que sempre os despojos de uma alcançassem os da outra, e com ellas ficassem vencidos tantos rêis, e alliados todos os demais, que não quizerem experimentar a valentia portugueza.

Pelo-què, Beatissimo Padre (assim como tudo o mais), faz Vossa Sanctidade isto com muita prudencia e christão zêlo, que por uma victória como ésta (que não sei se se póde desejar maior), que em tão felices tempos Nosso Senhor quiz dar ao christianissimo rei D. Manuel, manda, que se façam solemnes procissões, e pessoalmente as acompanha, paraque sejam dadas graças ao Senhor, e a todos os Sanctos, por uma tamanha mercê como ésta.

Porque não é ésta victória havida de um povo bellicoso ou de uma cidade forte e bem defendida, mas d'aquella grande e nomeada India, em a qual, depois de subjeitos por armas portuguezas os riquissimos reinos de Gôa e Ormuz, e feitos seus tributarios, de maneira que da mão do

valoroso capitão Affonso d'Albuquerque, em nome d'el-rei de Portugal seu senhor, acceitassem os reinos aquellesque os houvessem de governar; agora emfim de tantas victórias, assim por mar como por terra, está vencido aquelle fertilissimo e riquissimo reino de Malaca, a quem os antigos por sua muita riqueza chamaram de ouro, querendo com êste nome (que a nenhuma outra terra se deu) mostrar a grandeza de suas muitas riquezas; e não sómente na victória, d'estes reinos havida, se interessa a grandeza d'elles, mas (que não é pouco proveito para nossos tempos) que barbaros, a quem d'antes a fama nossa não chegou, agora o perigo d'elles faz temor áquelles, para cujas terras se abriram caminhos, de que até-agora não tinhamos conhecimento algum. Abriu-se-nos pelo reino de Ormuz caminho para a casa sancta de Jerusalêm (terra, em que o Salvador nasceu) podêr ser tornada a ganhar, e tirada das mãos d'aquelles infiéis, que tyrannica e indevidamente a possuem, em cujos corações tem entrado temor, que lhes faz recear o perigo de seus semelhantes. Nas quaes cousas todas não sei a qual mais gabe, se o zêlo e felicidade do muito poderoso rei D. Manuel, o qual com tanto trabalho e despezas suas quiz extender o nome christão a tão apartadas provincias, e alhêas gentes de nosso commercio, paraque, d'onde a lei de Christo não era d'antes ouvida, ahi pozesse a bandeira de sua Sancta-Cruz; ou o esfôrço, saber, e valentia de animos portuguezes, que com ousadia nunca vista, e com desejo intimo de accrescentar a religião christã, hajam passado a tão diversos climas de sua natureza, onde lhes era necessario pelejar, não sómente com crueis e despiedados inimigos, mas com a mesma fome, sêde, frios e cal-

mas insoffriveis; e com ella mesma desprezassem todos os trabalhos, que sobrevir podessem, por cumprir com a obrigação, que de mandado de seu rei com ânimo constante acceitaram.

E em éstas cousas verá facilmente a grandeza das mercês do Senhor quem olhar com quão pouca gente toda a India se ganhou; pois, não havendo na armada toda tres mil homens portuguezes, sôbre tantos reinos d'ella tomados por fôrça de armas, tantos rêis espantados do nome portuguez virem humildes pedir paz, e os que a não quizeram tomar, acceitarem por fôrça leis da mão de seus vencedores, e alguns, a que o Senhor quiz alumiar, se baptizassem, e acceitassem a fé christã, de maneira que em tão remotas terras se achassem christãos com christãos; e por remate d'éstas victórias, com o mesmo número de gente, e menos ainda, por ser necessario sustentar com parte d'ella em guarnição os reinos ganhados: vemos Malaca tomada, seu rei vencido e afugentado com muito pequena parte de seu exército, que o seguir pôde, por a maior ser morta a ferro, e ficar uma tão nobre cidade, cabeça de um rico reino, em podêr de christãos. Esta, Beatissimo Padre, é aquella aurea Chersoneso, que está no cabo d'aquella grande enseada, em que o rio Ganges descarrega suas aguas no mar, tão nomeada pela sua muita riqueza, que assim pelas muitas e mũi ricas mercadorias, que se a ella de differentes partes trazem, como pelas não menos ricas, que d'ella se levam, é tida pela mais nobre escala de toda a India; e com razão, porque nenhuma cousa ha d'as que na vida se podem desejar, de que não haja grandissima abastança.

Tinha Malaca um rei mouro em seita, rico em the-

souros, poderoso em armada do mar, e grandissimo inimigo do nome christão, especialmente de Portuguezes; porque quasi dous annos antes quizera matar á traição um capitão nobre Portuguez, que a seu porto chegára; e havendo o excellente capitão Affonso d'Albuquerque (nome bem merecido por seus illustres feitos), que então em nome do muito poderoso rei D. Manuel governava a India, posto em paz e segurança os outros reinos, e fortaleza d'elles, que n'ella áquem do Ganges, a que os Portuguezes chamam do cabo do Comorim para dentro, tinha ganhado: determinou tomar vingança da traição, que o rei de Malaca a Portuguezes fizera, e em satisfacção d'isso tomar-lhe o reino; e chegado com bom tempo a Malaca, se poz em ordem para combater a cidade, assim por mar, como por terra. O rei d'ella, que nunca tal cousa receára, vendo-se menos apercebido, do que havia mister para sua defensa, quiz usar de manha; e mandando recado de paz ao animoso vingador da traição feita a Portuguezes, Affonso d'Albuquerque, começou com dilações a alargar a conclusão do negócio da paz, que tractava fingidamente, e entretel-o, continuando em fortalecer-se; e, sendo éstas cautelas sentidas pelos Portuguezes, se pozeram em ordem para combater a cidade, e embarcando-se em embarcações pequenas, com animoso peito pojaram em terra, e com a artilharia, que levavam, começaram a desviar os Mouros, paraque sem perigo podessem entrar a cidade. Vendo-se o rei n'êste trabalho, e que o chegavam a estado de lhe ser necessario defender-se por armas, e que já o não podia fazer com enganos, ordena a defensa com os seus por suas estancias, e elle sôbre

um elephante andando entre elles, esforçando-os, e dizendo-lhes, que não quizessem faltar áquelle ultimo estado. Já os Portuguezes com uma animosa alegria se chegavam ao muro, e a artilharia da banda do mar disparava, quando os da cidade começaram de enfraquecer, e, deixadas suas estancias (que pouco tempo sustentaram), começaram de fugir; seguindo-os os Portuguezes com esforçados corações, e entrando em seu alcance dentro na cidade, chegaram ao meio d'ella, onde em uma ponte, que sôbre um rio, por onde entram navios, que pelo meio da cidade corre, estava, tinha o rei feito sua defensa, e pôsto a fôrça de sua gente; e, fortalecendo mais ésta estancia, recolheu n'ella os que fugiam; e, por o rio se não podêr passar a váo pelos Portuguezes, se fez forte na ponte. Alli se azedou mais a peleja; todavia os Portuguezes, favorecidos da esperança, e os inimigos cortados do medo das armas portuguezas, tão rijamente apertaram com os infiéis, que, não estimando as armas d'elle, nem seus elephantes com castellos de frecheiros, nem a difficuldade do váo, com ferro abriram caminho por meio dos inimigos, dos quaes uns se mettiam com desesperação pelas armas portuguezas, outros se deitavam ao rio para se salvarem; finalmente em cabo de poucas horas fugiram todos, e o rei com elles, indo ferido. Foi entrada a cidade e saqueada, muitos inimigos mortos; foi n'ella achada muita quantidade de ouro e prata; acharam-se n'ella apparelhos e munições de guerra, entre as quaes foram duas mil peças de artilharia; foram tomados septe elephantes, costumados a guerra, com seus castellos, e encaixados d'elles tecidos de ouro, e muito ricamente guar-

necidos; de maneira que não sómente os homens, mas os brutos d'aquelle reino, ficaram obedecendo ao imperio portuguez. Oh! bom Deus, oh! Senhor poderoso, vosso é o podêr, vosso é o esfôrço; a vossa mão direita fez virtude, a vossa mão direita nos levantou: porque como pôde uma tão forte cidade ser entrada, e um tão poderoso rei ser lançado d'ella, se vós não déreis ajuda e favor? Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dai glória. Vós quebrantastes as fôrças dos inimigos, vós fizestes os povos subjeitos a nós, e os pozestes debaixo de nossos pés. Vós mandastes vossas settas, e os desbaratastes, com vossos relampagos os espantastes, vós fostes o capitão, vós o conselheiro, vós pozestes o medo em vossos inimigos, vós os fizestes fugir. Não para nós, Senhor, mas para glória do vosso nome.

Mas paraque me detenho tanto na tomada de Malaca? pois não é menos o que, depois d'ella tomada, se fez de suas ruinas. D'ella e de suas mesquitas se fez logo fortaleza assás forte, para freio d'aquella inquiéta gente, e lhe foram dados governadores cada anno, debaixo de cujo govêrno vivessem, e leis, com que fossem sustentados em justiça; e depois d'isto foram assentadas pazes com muitos rêis vizinhos seus, que foram os rêis de Pegú, Sumatra, Pedir, Pacé, Jaos, e finalmente até os ultimos orientaes Chinas, tão nomeados pela mercancia.

E, por não faltar aos Portuguezes occasião de empregar suas fôrças, e estender com ellas o imperio com ellas ganhado, partido o illustre capitão Affonso d'Albuquerque de Malaca, tornando a Gôa, que direi da victória, que houve? que não parece victória, mas uma disposição divina, que

assim o quiz; porque, tendo êste illustre capitão a ilha e reino de Gôa ganhado por fôrça de armas duas vezes, deixando-a á sua partida o mais fortalecida que pôde, fazendo a viagem, que fez a Malaca, e visitar as mais fortalezas da India; o Hidalcão, senhor que fôra d'ella, vendo Affonso d'Albuquerque fóra de a podêr defender, com muita gente de pé e de cavallo a veiu cercar, e fez perto de um estreito de agua salgada, que em tôrno cérca a ilha, uma fortaleza; e, fazendo passar gente á ilha, mandou, que com continuas escaramuças e rebates cançassem aos Portuguezes, que na fortaleza ficaram, os quaes, cercados de tão poderoso inimigo, se viram em grande apêrto e necessidade. E, querendo assim o Senhor Deus, estando elles n'êste trabalho, appareceu a armada, que com tão insigne victória vinha de Malaca; com cuja vinda foi tamanho o medo dos inimigos, que, sem esperar, que se desembarcassem os Portuguezes, se foram com a maior pressa, que poderam.

Lê-se d'aquelle grande Alexandre, principe da Macedonia, que, chegando ás partes da India, e combatendo um logar forte, e bem defendido de seus moradores, teve em tanto, e pareceu tamanha cousa haver tomado aquelle logar, que começaram os seus soldados a dizer, que era mais esforçado, que Hercules. Sendo isto assim, que triumphos, que honras soberanas se devem a el-rei D. Manuel, que tem vassallos, por cuja mão e esfôrço não sómente venceu por armas uma cidade da India, mas a mesma India (dos Romanos não vista, dos Godos não sabida, e dos famosos Sesostris rei de Egypto, Cyro, Semyramis, em vão por muitas vezes combatida) quasi andou rodeando com continuação de suas victórias.

Augusto Cesar, com ser monarcha, houve por grande felicidade sua entre as mais, ser visitado dos rêis da India com presentes, e mandar-lhe por seus embaixadores pedir amizade.

Quem poderá contar bem os grandes serviços, que pelos rêis da India foram mandados ao invictissimo rei D. Manuel? as pareas, que lhe pagaram? as amizades, que requereram? finalmente a vassallagem, que quasi todos acceitaram por mão e esfôrço d'êste illustre capitão? porque, alêm d'os que por fôrça de armas tinha feito tributarios, não ficou rei da India, de quem não fosse servido com serviços de infinito preço; do rei de Cambaia, do poderoso rei de Narsinga, que, sabida a victória de Malaca, mandou por seus embaixadores um copo de ouro, e uma espada de ouro com um rubim no punho, de grandissimo preço, e lhe mandou pedir, que d'elle e de seu reino se servisse. Mas paraque me detenho em contar de ouro e de pedraria, e cousas, que infiéis lhe mandaram? Passo-me a'o que mais val. Aquelle Preste João, senhor de toda a Ethiopia, que está debaixo do Egypto, por o ter por amigo, não lhe mandou ouro nem pedraria, mas mandou-lhe o que em muito mais estima elle tinha, e elle estimou muito mais, que foi uma bôa parte do lenho da Vera Cruz; e lhe mandou dizer, que com razão lhe mandava aquella parte da verdadeira Cruz, em que foramos remidos, pois elle levantára por fôrça de armas tão longe da sua patria a bandeira da Sancta-Cruz. Escrevem os historiadores, que Demetrio, filho de Antigono, successor que foi de Alexandre no senhorio de Macedonia, por ser muito industrioso no tomar cidades, lhe chamaram Poliorcetes, que em lingua grega significa *tomador de cidades*. Que nome daremos logo ao excellente

capitão Affonso d'Albuquerque, pois taes cidades tomou, taes reinos venceu, tantos exercitos desbaratou? que felicidade ha hi, que se possa comparar com a de um rei, senhor de tal vassallo? que por fôrça de armas destruiu Calicut, fortissimo reino? Fez o rei de Narsinga, tão poderoso, com todos seus vassallos e riqueza de reinos, e cópia de elephantes, vir pedir pazes a seu rei? Fez o rei de Cambaia acceitar paz? Restituiu em seus reinos, depois de por armas vencidos, aos rêis de Cochim e Cananor? Livrou de grande subjeição aos christãos, que viviam na India? Ganhou o reino de Gôa e ilha de Ceilão? Finalmente, que, não contente com tantas victórias, mandou-o o poderoso rei D. Manuel fazer guerra ao Gran'Sultão do Egypto, passando o mar rôxo? E porque não haja parte, a que suas victórias não cheguem, em Africa tomou a nobre cidade de Çafim? As quaes victórias, e felicissimos successos do invictissimo rei D. Manuel, quanto mais são dignos de louvor e honra, tanto nós somos mais merecedores do odio da gente, porque nenhuma outra cousa trabalha, senão accrescentar pelo mundo a fé de Christo; nós, deixada tão justa e commum causa, todos estamos embaraçados em vingar particulares injúrias; elle peleja com inimigos infiéis, nós uns com outros; elle ganha para si novos reinos e provincias, nós por negligencia nossa perdêmos o nosso, e havemos de perder cada vez mais, nem ouvimos ao Senhor, que cada dia nos chama e brada, que acordemos. Olhai, senhores, por vossa fé, quantas e quão graves perdas tem recebido a religião christã, de sessenta annos a ésta parte! São porventura cousas que possam esquécer? nem lembrar-nos sem muita dôr? Que é de Constantinopola? que

é de Negroponte? que é de Lepanto? que é de Modon? que é de Durazo? que é das outras cidades, que com grande deshonra nossa estão em podêr dos Turcos? que esperāmos? senão que nos tomem dormindo? e descuidados nos destruam? e desapercebidos nos mātem? Já entram por Ungria; já fazem guerra em Esclavonia; já navegam livremente todo o mar; já querem Italia! Ora pois, Beatissimo Padre, pois viestes a êste logar como estrêlla de salvação em tamanha tormenta, tomai êste cuidado, concertai éstas discordias dos principes christãos, apagai de todo ésta desaventurada guerra, que entre elles ha, que nenhum bom successo póde ter; apartai todas as inimizades, paraque, amigos todos, as armas, que uns contra outros apparelhavam, todas junctas vão buscar o commum inimigo; paraque, vencido elle, e cobrando nós a Casa Sancta, junctamente com el-rei D. Manuel, que manda doze mil homens em companhia do duque de Bragança, seu sobrinho, passar a Africa, ficando nós vencedores, levantemos ao Senhor um trophéo da victória, que das gentes barbaras nos deu, e sejam confundidos os que adoram idolos, e confiam em seus deuses vãos, e conheçam o nome do Senhor, e saibam que elle é só o poderoso em toda a terra (15).

§ C — Practica, em que D. Aleixo de Menezes dá os ultimos conselhos a el-rei D. Sebastião

Dez annos ha, Senhor, que por fallecimento d'el-rei D. João meu senhor, que Deus tem em glória, e por voto

(15) *Idem*, cap. 39.

e nomeação sua, me foi entregue a criação e guarda de V. Alteza, em edade de quatro annos, e com ella os animos e esperanças de todo êste reino, que como o unico successor dos rêis, que tantos annos o governaram, e o alcançaram por meios de orações e lagrimas, vos ama e venera com maior affecto, que a todos os mais. A vigilancia e cuidado, com que assisti a êste cargo, e procurei responder ao pêso d'elle, não encareço; porque, por grande que fosse, nunca podia igualar a grandeza do depósito e da confiança, que de mim se fez; e pareceria arguir a V. Alteza de pouco lembrado, referindo-lhe serviços, de que V. Alteza é a maior e mais intima testemunha; dos quaes, e do ānimo, com que os fiz, me mostrou Deus o fructo e satisfação, que desejava, vendo antes de minha morte a V. Alteza em edade de tomar o govêrno de seus reinos, e armado de entendimento, partes e inclinações dignas, não só d'êste imperio, mas de outros muitos maiores, a que Deus, a grandeza do ānimo de V. Alteza, e as occasiões abrirão cedo caminho: e, porque os muitos annos, que tenho, e a nova fórma de govêrno, não darão logar ao-diante a tão contínuas e particulares advertencias, como até agora soìa fazer a V. Alteza, me pareceu, que devia ao contentamento d'êste dia, e ao amor e lealdade, com que criei e servi a V. Alteza, fazer-lhe algumas lembranças, que, por serem feitas em tal tempo, com tal ānimo e em tal edade, merecem ser bem ouvidas e estimadas, em logar do ultimo e maior serviço, que em minha vida fiz a V. Alteza.

Entrais, Senhor, n'êste incomportavel trabalho de governar vossos reinos, em edade, que, com o nome de liber-

dade e supremo senhorio, temo que vos persuadam, que até não fugirdes da companhia e conselho da rainha vossa avó, e do cardeal vosso thio, não sois verdadeiro rei; que é a traça por onde os que se querem aproveitar de vossa liberdade, fiam abrir caminho nas suas privanças; e como estes attendam só á grandeza e proveito particular, procuram, approvando por justo qualquer delicto dos principes, não lhe contradizendo cousa lícita ou illicita, que intentem, mostrar-lhes, que o tempo, que viviam subjeitos aos bons conselhos de quem com elles procurava sua estimação e accrescentamento, foi uma subjeição e captiveiro indigno de sua dignidade: de donde se seguirá, que apartados de vós aquelles, que com verdadeiro amor vos podem desenganar das faltas, que ha no govêrno, e cercado de quem, por se sustentar na privança, approva por justos os erros do vosso gôsto, padeça o reino grandes trabalhos, e o ânimo de vossos vassallos não seja para com V. Alteza o que soìa ser para com os rêis, vossos antepassados.

E, como Deus dotou a V. Alteza de um ânimo generoso, inclinado a emprehender cousas grandes, temo que, usando d'êste bom fundamento, vos inclinem a emprezas (se bem menores que vosso coração) maiores do que permittem as fôrças de vossos reinos. E como os que seguem êste caminho, medem as cousas, não pelo que são, senão pelo que querem, que ellas pareçam aos rêis, encobrindo-vos a industria, trabalho, miudeza, com que vossos antepassados sustentavam com limitada fazenda a reputação do seu estado, vos engrandecerão as riquezas e fôrças de vossos reinos; d'onde se seguirá metterem-vos em emprezas, de que ou sahirêis com pouca honra, ou aventurarêis vos-

sos estados e vida, sem conhecerdes o engano, senão quando lhe falte o remedio.

E, porque nem a piedade e ânimo religioso dos rêis está seguro de inconvenientes, lembro a V. Alteza, como quem desde tão pouca edade conhece sua inclinação sancta, e zêlo da exaltação da fé catholica, que nunca temi faltas na pessôa de V. Alteza, por costumes e obras viciosas, senão por algum excesso ou demasia, que passasse os limites das virtudes. Porque muitas cousas ha, com que uma pessôa particular póde ganhar glória, que sirvam de condemnação a um principe. Tanto vai na differença dos estados! E porque em materias semelhantes se não podem dizer maiores particularidades, torno a lembrar a V. Alteza, que, n'o que se lhe persuadir com pretexto de religião e consciencia, tenha singular attenção; porque (o que Deus não permitta) a haver alguns trabalhos e alterações em sua pessôa e reinos, por êste caminho hão de ter entrada.

No tractamento de vossa real pessôa vos lembro, que não percais um ponto de magestade com os que mais intimamente vos servirem, e seja sempre o favor e privança dentro da veneração devida á vossa grandeza; porque os rêis vossos antepassados estenderam o seu imperio pelas mais remotas partes do Oriente, sendo pais ao povo, e, aos nobres, principes clementes; porque, como dos grandes a el-rei ha menos differença, que do rei ao povo, convêm dar-se-lhes o favor acompanhado da magestade necessaria para os manter em respeito; o que não milita na gente popular, onde o excesso da affabilidade não aventura a auctoridade do principe, captiva os animos d'aquelles que o consideram tão clemente; e evita com isto um êrro, com que cahiram muitos rêis,

que entregando suas pessôas e auctoridade nas mãos de seus validos, e guardando o fausto, grandeza, e tracto altivo para seu povo, vieram a ser aborrecidos de uns, e desestimados de outros; que n'estes extremos vêem a dar principes, que desacertam os meios de conservação e auctoridade.

Não vos direi eu, senhor, que n'ésta edade, em que estais, deixeis a companhia e communicação dos fidalgos de vossa criação, e de ter com elles os honestos passatempos, que requerem os vossos poucos annos, que isto fôra violentar as condições da natureza; só vos lembro, que estes sirvam para as horas da conversação, jogos, caças e passatempos: porêm que nas materias de estado, fazenda e govêrno deis em tudo a mão aos fidalgos antigos, criados nas escholas dos rêis D. Manuel e D. João, de gloriosa memoria, vossos avós, com cuja experiencia e conselho sustentarêis vossos reinos na paz e prosperidade, em que elles vol-os deixaram: porque, assim como será improprio intrometterem-se estes nos exercicios e mocidades, que hoje vê o mundo; assim sería perverter a ordem d'elles, e expôr vosso estado a uma ruina manifesta, mettendo cousas de tanta consideração em mãos de pessôas faltas de annos e experiencia.

E porque com a nova entrancia no reino pretenderão de V. Alteza mercês exorbitantes, medidas mais pela grandeza de seu ānimo e condição, que pel'o que pede o estylo, e a possibilidade d'êste reino, e por ventura o merecimento dos pretensores, remediará V. Alteza os inconvenientes de taes prentensões, remettendo tudo a seu conselho, e não despachando petições por via extraordinaria; porque a liberalidade excessiva feita em princípio de govêrno, como

se não póde estender a todos, contenta aos menos, e aggrava aos mais, a que não chega; e serve isto de um continuo arrependimento aos rêis, depois-que com o discurso do tempo cahem no êrro, que fizeram.

Nas cousas, em que V. Alteza se poder servir de ministros seculares, não dê a mão a ecclesiasticos, tirando-os de seu primeiro instituto, com o suppôsto de que servem mais, e se lhe paga com menos; porque, de mais de não se darem nunca bem cousas profanas tractadas por mãos sagradas, com qualquer das cousas, que o ecclesiastico pretende para sua religião, e com cada uma das mercês, que V. Alteza lhe faz para ella, se poderão pagar os serviços de muitos ministros seculares; porque é muito differente a pretensão de uma communidade em cujo respeito o muito parece pouco, do particular de uma pessôa, onde o pouco a satisfaz, e paga grandes serviços.

Se porventura aconselharem a V. Alteza, que convêm reformar em seu reino trajos e costumes, pesos e medidas, ou qualquer outra cousa usada e introduzida de tempo immemoriavel, aindaque o conselho seja justo, e a reformação necessaria, vos peço e aconselho, que o não façais nos primeiros annos do vosso govêrno; porque têem tal acceitação no povo os seus costumes antigos, que até para melhoria sua sentem qualquer alteração, que se faça; e mais em conjuncção de novo govêrno, a cuja pouca experiencia attribuem antes a novidade, que a virtude; que só a esse fim a ordenam; d'onde se segue suspirarem pelo tempo e memoria dos rêis passados e começarem a desamar o presente, e a tel-o por estranho.

Muito me alargo, e muito detenho a V. Alteza; mas, como

êste é o testamento de minha lealdade, e por ventura o último atrevimento de meu amor, conceda V. Alteza perdão á liberdade e extensão de meus conselhos; pois o merecem éstas lagrymas de contentamento, e zêlo d'éstas cans, que nasceram em serviço de vossos avôs, e vão do vosso á sepultura; deixando-vos em meu logar tres filhos herdeiros de minha lealdade, em que ficará o meu sangue continuando a servidão, que já não póde a pessôa; e n'elles poderêis mostrar ao mundo a opinião, em que tivestes os serviços de quem os gerou (16).

(16) Fr. Manuel dos Sanctos, *História Sebastica*, liv. 1º, cap. 16.

SEGUNDA CATEGORIA

Eloquencia sagrada

I — Preâmbulo

§ CI — Partes que se requerem n'um orador sagrado

Todas aquellas partes, que Cicero e Quintiliano requerem n'um orador, se hão de ver em um prégador: que são natural, arte, imitação, exercicio e memoria.

Deve ter natural, porque sem elle parecerá tudo violento; mas não perca o ânimo, aindaque lhe pareça o não tem; porque não ha cousa na apparencia tão difficil, a que não deixe de vencer o estudo e a continuação. E se a pèga e o papagaio e outros passaros, aprendem a fallar, porque não aprenderá o homem, tendo-o proprio por natureza, ajudando-o a divina graça, e o estudo com o seu continuo exercicio? Demosthenes nos serve de exemplo, que com exercicio emendou e reformou a sua lingua, que em pronunciar alguma cousa era tartamuda, grossa e repugnante. S. Basilio Magno, parecendo-lhe ser rude e incapaz para as letras, ao ver as pedras de um poço roçadas das cordas, discorreu, que se a continuação das cordas fazia moça nas pedras, a do estudo a fazia no juizo.

Requere-se a arte, porque aindaque Seneca diz, que não deleitem mas aproveitem as nossas palavras: aindaque Christo amaldiçoou a figueira, porque tinha folhas e não fructos; aindaque S. Paulo escreve, que a sua palavra e a sua prégação não têem postas as suas fôrças na

persuasão da humana sabedoria, mas sim na demonstração de espirito e virtude; aindaque tudo isto se oppõe em razão de que o prégador se não applique todo ás flores da eloquencia, e deixe por deleite do auditorio o proveito das almas, ninguem ha de negar, que se requer no sermão um singular artificio; pois se bem o considerarmos, tal foi o do mesmo Apostolo. Assim o affirma S. Jeronymo, escrevendo a Pamachio e Orano, sôbre a sua illustre e preclara arte de prégar, dizendo, que tractará do Apostolo, ao qual, todas as vezes que leu, lhe não parecia ouvir palavras mas trovões. Lêam-se as suas epistolas, e particularmente as que escreveu aos Romanos, aos Galatas, aos Ephesios; tudo está posto em contendas; em suas allegações se descobre, quanto se aproveita do Testamento-Velho; note-se, que artificioso, que prudente, e com que dissimulação procede. Parecem suas palavras simples, e quasi como de homem innocente e rude, que ignora fazer e evitar ciladas; mas em qualquer parte que se attenda são raios; insiste na causa, cumpre com tudo o que lhe toca, volta o rosto para esperar, e finge fuga para opprimir. E aindaque S. Paulo não quiz confessar de si éstas circumstancias, antes, como vaso de sabedoria e humildade, queria edificar aos Corinthios, e confirmal-os com a sua divina doutrina, mostrando-lhes, que ensinava mais com o espirito, que com a palavra, e mais com a palavra de Deus vivificadora, que com a sciencia do mundo persuasoria: que arte não mostra aquella defensa, que faz ácêrca de Festo e do rei Aggripa, quando os Judeus sollicitavam, que fosse condemnado! Por quantos caminhos procurava captar a benevolencia dos juizes! Com quanta

prudencia, agrado e modestia se defende de todos! Que côres, que artificio não usa! Que argumentos não traz para prova da sua innocencia! Que arte lhe falta nas suas descargas? O que pois não possuir um artificioso dizer, que espera conseguir de bom? Que cousa, sem elle, persuadirá ao auditorio, que não resulte em enfado de uns e desprèzo de outros? Que exordio, que narração, que confirmação, que confutação, que conclusão, que epilogo poderá fazer, que seja capaz? Quem poderá jámais applicar o ouvido a subjeito tão incapaz, que não começa bem, que prosegue mal, e peior desata e conclue?

É tambem a imitação necessaria no prégador, porque, imitando aos varões de engenho e accommodando-os ao seu modo, se faz tambem engenhoso e singular. Importa sôbretudo o exercicio para a pronunciação, com que poderá adquirir applauso, mover a tristeza, a lagrymas, a admiração, a benevolencia, a odio, a espanto, segundo o que se lhe offerecer. Esta é a que, perguntado tres vezes Demosthenes, que cousa mais essencial se requeria no orador, respondeu outras tres: que a pronunciação. Com ésta moveu Cicero tanto o ânimo de Cesar, que querendo condemnar a Ligario, ficou, pela fôrça do dizer, o ardor da sua ira tão moderado, que teve piedade de seu inimigo, concedendo a elle a vida e a Cicero a palma de ter vencido a sua raiva e ira. Com ésta persuadiu Egesio Ceredaico, orador insigne, e poz diante tão vivamente as miserias humanas, que provocou a vontade de muitos a desejar a morte. Com ésta foi tão unico Pisistrato em Athenas, que não obstante ter por contrário a Solon, varão singularmente douto, foi eleito á summa dignidade do imperio, mediante o impeto

do dizer, que com eminencia resplandeceu n'elle. Com ésta finalmente foi o severo Catão chamado em Roma o romano Demosthenes, podendo a sua eloquencia o que quiz com o povo.

Se emfim o que prega tiver tal memoria, que com facilidade discorra pelo espaçoso campo da Escriptura e das outras sciencias (sempre a proposito), não perdendo um de muitos logares, não faltando apenas em uma syllaba, não lhe esquécendo quasi um ponto, então se chamará com justa razão prégador famoso, porque a acção do movimento, a fôrça e energia das palavras, a gravidade dos periodos, a cópia das cousas, a abundancia dos conceitos, a facilidade dos discursos, a bondade da doutrina, o sonoro metal da voz, a suavidade da lingua, o espirito na acção, a alteza do subjeito, a ordem da materia, o adôrno gracioso, a fórma aprazivel, a invenção engenhosa, o exercicio da memoria, a facilidade de expôr, a reprehensão levantada, o admoestar brando, o ameaçar terrivel, o confutar severo, o instruir facil, o ensinar docil, o deleitar agradavel, o commover affectuoso, o fervor summariamente inflammado, fazem completo e perfeito a um prégador, paraque seja semelhante aos mais eminentes e celebrados, assim antigos como modernos, que foram a glória das suas religiões, e luzes de eloquencia e doutrina (1).

§ CII — Caracter do verdadeiro orador sagrado

È o ministerio da palavra uma das principaes obrigações dos ministros da Egreja: elle esteve nos primeiros seculos

(1) Fr. João Pacheco.

da christandade annexo ao episcopado, de quem sempre constitue parte do caracter; mas por um effeito da dignação dos bispos, participou-se a outras ordens do sacerdocio, principiando um Chrysostomo e um Augustinho, ainda antes de serem bispos, a mostrar as qualidades d'aquelles, a quem elle se podia confiar; até que por um effeito da corrupção do mundo se vê hoje communicado talvez áquellesque não servem para as cadeiras da aula, onde os seus erros ou seriam sem consequencia, ou teriam facil emenda. Prodigalizam alguns dos excellentissimos bispos, sem a menor demora, uma das primeiras honrosas obrigações do seu ministerio a quem não tem as qualidades necessarias para lh'as substituir: e que desordens se não seguem d'êste abuso? Nós as testemunhāmos continuamente; e os nossos vindouros as reconhecerão ainda melhor. Subtilezas vans, conceitos falsos, paradoxos aereos, circumstancias indifferentes aos interêsses da Religião, e á glória dos sanctos, equivocos pueris; fábulas do paganismo, milagres falsos, comparações improprias, e o que mais é, accommodação dos logares da sagrada Escriptura a tudo quanto a casualidade encontra, é o que ordinariamente se ouve desde os pulpitos.

Que escandalo não deve causar a um christão o vêr, que um orador sagrado, deixado tudo o que ha de admiravel em um mysterio, toda a instrucção de muitas acções heroicas em um sancto, todos os milagres da graça de Deus, o entretenha o espaço de uma hora com muitas das cousas, que acabo de referir? Que um embaixador de Jesus Christo falle de uma maneira, que desdiga do caracter, de que está revestido? Que um orador, que, qual profeta e apostolo, lhe devia dizer o que havia de buscar ou fugir, es-

perar ou temer, louvar ou reprehender; que como mestre lhe havia de ensinar o que deve obrar para com Deus, para com os rêis, para com os pais, para comsigo, para com o proximo, para com todos, nada menos lhe diga do que isto que devêra?

Soffreria talvez a nossa piedade, que o prégador nem sempre possuisse a eloquencia, que lhe é necessaria; o dom de linguas nem a todos é concedido: entre os profetas ha uns mais eloquentes que outros; mas de nenhuma sorte deve consentir, que diante de Deus, na face dos seus altares, no logar da verdade se falle sem decencia, sem verdade, sem edificação e sem instrucção. D'aqui vem o serem justamente reprehensiveis aquelles oradores, em quem se não acham executadas éstas indispensaveis obrigações: elles ou levados do gôsto do tempo, ou tendo a fortuna de conformarem o dos ouvintes á concepção do seu, deram n'aquelle methodo, em que as edades seguintes acharão ainda mais defeitos do que a nossa habituação lhe chega a descobrir. Nos sermões doutrinaes fizeram estereis com os seus chamados pensamentos as mais fecundas materias da moral catholica: a fertilidade do grão evangelico perdeu-se mais por culpa do semeador, do que pela dureza da terra, que o recebeu, e por falta do orvalho do Céo, que o regasse. Em logar de pinctarem as imagens das verdades eternas com aquellas côres, com que nol-as descrevem a Escriptura e os Padres, buscavam descripções de prados, de flores, de jardins, á semelhança de poetas e versificadores: o seu fim, se não era mais alguma cousa, consistia só em buscarem nos seus ouvintes louvores, incenso, fumo, mas não lagrymas, nem conversões; e porisso em logar de irem ao coração d'aquelles, a quem fallavam, de lh'o tocarem, ungirem,

e trazerem a Deus em affectos de verdadeira e constante devoção, lhe lisongeavam só os ouvidos, deixando-os dormentes em uma falsa paz, em o affectado socêgo de uma consciencia lisongeada e enganada: cuidavam em lhe agradar á vista com um ar proprio de um discipulo de Demosthenes, ou Cicero, ou talvez de um auctor de comedia ou tragedia, e não de o edificar com uma acção, que por todas as partes devia respirar modestia e humildade propria de um ministro de Jesus Christo.

Nos sermões panegyricos, ou nos louvores dos sanctos devendo regular-se só pel'os que Deus confere a cada um em o Céo; por aquellesque o Senhor deu a um Job, a um David; por aquellesque o Espirito Sancto publicou pela bocca de Jesu filho de Syrac, de tantos homens grandes da Synagoga; devendo só cuidar em fazer com que os sanctos vivam ainda entre nós pela relação fiel das suas acções; devendo mostrar o como é justo, que, se elles se gozam em o Céo, sabendo a conversão dos peccadores, se alegrem estes tambem cá na terra com a memoria das suas vidas, e correspondam em tributo de louvor os beneficios, que recebem pela sua mediação: finalmente, devendo louvar a Deus em os sanctos, e persuadir a piedade com o exemplo dos justos, a quem o Senhor coroou; elles bem pelo contrário, buscando parallelos entre a creatura e o Creador, que nunca são licitos, por mais que os dissimule um *parece;* constituindo-se juizes do merecimento dos sanctos de quem pregam, determinam-lhe o logar, que elles occuparam em o Céo, a precedencia, que têem em a bemaventurança, e talvez lhe elevam o throno sôbre a ruina de outros muitos sanctos. Quanto isto seja

indecente e reprehensivel, todos o conhecem: o louvor dos sanctos deve ser justo, e só regulado pela medida e pêso do sanctuario; deve ser decente e acompanhado de uma eloquencia, que pôsto se sirva das regras de um Aristoteles, de um Cicero, de um Longino, de um Quintiliano, é, á maneira dos Israelitas quando se serviram dos despojos do Egypto para sacrificar no deserto, christianizada já pelos Augustinhos, pelos Granadas, Valerios, Gibertos, e outros. E na verdade, em que cousa se póde empregar melhor a eloquencia, do que em conduzir o homem á sua felicidade e bemaventurança eterna? A quem póde ella servir com mais credito e successo, do que áquellesque, servindo a Jesus Christo n'êste destêrro, agora reinam com elle em a patria? Dizia um grande bispo, que não podia haver orador fóra do seio da Religião Catholica; porque só ésta era depositária da verdade e da virtude: dizia outro, que se conservâmos as reliquias dos sanctos, que são uma lembrança da sua humanidade, com a maior decencia e ornato; igualmente deviamos conservar os seus exemplos, que são as reliquias do seu espirito, ornados com as mais elegantes flores da eloquencia: estes fructos da redempção de Jesus Christo devem ser colhidos entre canticos de Sião (2).

§ CIII — Materia identica á do § antecedente

Um orador sagrado é um substituto dos primeiros pastores da Egreja. Os bispos no tempo da primitiva Egreja

(2) Dr. Fr. João Baptista, Benedictino.—*Cens. sôbre o verd. Meth. de prég.*

explicavam o Evangelho, ou qualquer outra parte da sagrada Escriptura ás suas ovelhas. Estas explicações eram homilias, ou discursos familiares, em que reinava uma caridade, e instrucção de zêlo, como de pais para os seus filhos. Estes pastores procuravam mover os seus ouvintes pela palavra da sagrada Escriptura, pela tradição e confirmação da fé (3). Nos primeiros seculos só os bispos exercitavam êste sancto ministerio tão essencial á sua apostolica dignidade (4).

No Oriente se principiou a confiar a prégação aos sacerdotes de um talento extraordinario, como foi a S. João Chrysostomo; e no Occidente a Sancto Augustinho: estes foram os primeiros prégadores, a quem se confiou ésta sagrada funcção dos bispos. Correram os seculos, e foi-se confiando êste sagrado ministerio aos sacerdotes da mais alta reputação, ficando estes fazendo as vezes dos bispos, e despendendo em logar d'aquelles pastores a refeição espiritual tão necessaria ao rebanho da Egreja. Tal é o caracter d'estes homens apostolicos; elles são os orgãos, que fallam pela lingua dos sanctos e doutos prelados da Egreja. Á funcção d'êste sagrado ministerio concorriam os ouvintes nos primeiros seculos com gravidade e devoção: os homens estavam separados das mulheres: não se consentia dormir, fallar ou rir n'aquelle ajunctamento, porque tudo respirava attenção e modestia. Tudo concorria á gravidade d'êste sancto ministerio, tanto da parte do orador, como dos ouvintes; e porisso se ouviam com docilidade éstas lições interessantes á salvação. Os tempos mudaram ésta eloquencia dos pri-

(3) *Les mœurs des Chrétiens.* — Fleury, pag. 133.

(4) Fleury. — Ibidem.

meiros pastores; mas o caracter dos oradores sagrados em todos os seculos deve ser sempre o mesmo. Elles são embaixadores, que representam as pessôas de tão alta dignidade, como são os apostolos e seus successores. São mandados a propôr aos póvos a palavra divina, como coadjutores da redempção do filho de Deus, reformadores do Christianismo, e instrumentos para a salvação das nações. São mandados como Moysés a livrar o povo de Deus de um captiveiro mais terrivel, do que o do Egypto. Em cada orador se me representa um David fazendo tiro á cabeça do gigante do peccado, e um Elias abrazado na observancia da lei de Deus. Elle vai a apparecer no alto logar das verdades, e d'êste logar eminente deve trazer o homem de côrte a uma política christã, o homem de guerra a uma moral militar; o ministro de justiça a uma proporção virtuosa; os barbaros e os sabios aos interêsses da sua salvação; emfim, deve trazer para Deus todos os corações rebeldes. Vai alli a ser senhor de todas as almas, porque vai a imprimir-lhes os mesmos sentimentos e paixões. É um triumphador do imperio de Jesus Christo, que leva presos ao carro da sua eloquencia todos os ouvintes, que se renderam aos golpes da palavra divina.

Fallo dos oradores, não como são, mas como devem ser. Para poderem sustentar as eminentes qualidades, não devem olhar para o preço de uma vil reputação, que êste só é o preço das almas pequenas: encham o seu caracter como devem, aindaque os espiritos de máo gôsto intentem desabonar o seu ministerio. O orador serio deve cuidar em satisfazer ao seu alto emprêgo, segundo as regras de uma eloquencia solida, e ter as suas vistas sempre em Jesus Christo, en-

carando contra as desordens do seculo corrompido. Os oradores têem para isto um grande exemplo no padre De la Rue, a quem um homem sabio e honesto deu êste conselho: *Prégai de Jesus Christo, e fallai de Deus vivamente e com fôrça, aindaque digam mal de vós* (5). O mundo corrompido fez ha um seculo uma eloquencia sagrada bem disforme; desfiguraram-se os oradores, e triumphava no pulpito a mentira; já é tempo que tome a verdade o seu assento, e triumphe Jesus Christo, aindaque a corrupção obstinada clame e grite, seja por palavra, ou por escripto.

§ CIV — Se os sermões devem levar passagens em latim

Alguns oradores appareceram em Portugal, que fizeram as suas orações sem trazerem os logares da sagrada escriptura na versão latina. Que horror não causou ésta novidade aos oradores acostumados ás frequentes citações latinas, tanto sagradas como profanas! Gritaram, e ainda não cessam de clamar, como se isto fosse alguma ferida, que offendesse um dogma da Religião Christã, ou injúria feita ao seu caracter, por não servirem de originaes para a imitação. Que brecha faz um orador no corpo da Religião Catholica em seguir o exemplo e doutrina do Apostolo das Nações! S. Paulo na primeira, que escreveu aos de Corintho, falla assim: *Se eu usar do dom de linguas, que tenho, e vos instruir em lingua que não entendeis, que fructo posso esperar* (6)?

(5) Ils se railleront de vous; mais parlez-leurs de Dieu vivement. — De la Rue, no Pref. de seus Sermões.

(6) Nunc autem, fratres, si venero ad vos linguis loquens, quid vobis prodero? — *Ad Corinth.* 1, cap. 14.

No verso 8 e 9 falla d'ésta sorte o apostolo: Assim como a trombeta dando uma voz incerta, faz que o soldado se não prepare para a guerra, tambem se vos não for manifesta qualquer práctica, como sabereis aquilloque se diz (7)? No verso 16 continúa o apostolo, e diz: *Aquelleque é ignorante, como póde dizer assim é, e approvar o que tu dizes, se elle não souber a tua lingua* (8)? O clarissimo Du-Hamel expondo éstas palavras, diz, que o apostolo em todo êste capitulo prohibe, que as instrucções se façam em lingua, que o povo não entende (9). S. Paulo vai a reprehender n'êste capitulo o abuso, que se tinha introduzido na Egreja de Corintho, onde alguns Fiéis nos ajunctamentos sagrados, não sem especie de vaidade e ostentação, fallavam em linguas peregrinas, que a maior parte dos Fiéis não entendiam (10). A Faculdade Parisiense na sua censura declara (11), que o verso 10 d'este capitulo de S. Paulo se entende dos sermões, que se fazem ao povo, nos quaes é inutil a collecção de palavras, que o povo não entende (12). Aqui

(7) Etenim si incertam vocem det tuba, quis parabit se ad bellum? Ita et vos per linguam nisi manifestum sermonem dederitis: quomodo scietis id quod dicitur? eritis in aera loquentes. — v. 9.

(8) Qui supplet locum idiotæ, quomodo dicet Amen super tuam benedictionem? Quoniam quid dicas, nescit. — v. 18.

(9) Toto hoc capite id quidem vetat Apostolus, ne instructiones aut exhortationes fiant in lingua peregrina. — Du-Hamel.

(10) Redarguit vero abusum quemdam, qui in Ecclesia Corinthi inoleverat, ubi non sine quadam ostentationis specie, fideles quidam linguis loquebantur in cœtu, licet nemo illos intelligeret. — Calmet, na exposição d'êste capitulo.

(11) O auctor allude á antiga Faculdade Theologica de Sorbonna. — Mello

(12) De concionibus, seu sermonibus qui habentur ad populum tractat, in quibus inutilis est copia verborum non intellectorum. — Faculdade Parisiense, tit. 19, propos. 6.

se vê claramente, que os sermões modernos, por não trazerem as escripturas sagradas na lingua latina, não ferem algum dogma; antes sim se conformam com a doutrina, que nos dictou o Espirito Sancto pela bocca do Prégador das Gentes. Que injúria fazem os oradores modernos aos outros? É injúria não receberem por exemplares aos outros oradores, e seguirem as regras da verdade, que o Espirito Sancto nos deixou revelada? Porventura n'éstas citações latinas consiste o bom gôsto da eloquencia? Antes é um abuso, que se introduziu em Portugal, Castella, França, Allemanha, e mais paizes da Christandade, semelhante áquelle abuso, que se ia introduzindo na Egreja de Corintho. O seculo das citações foi o seculo do máo gôsto (13). Todos aquellesque bebem hoje as aguas puras da eloquencia, dizem isto: os Francezes assim o confessam da sua eloquencia antes do estabelecimento da sua Academia (14). A maior parte de um auditorio portuguez não entende a lingua latina: como poderá pois o orador mover as paixões dos seus ouvintes com uma lingua, que elles não entendem? Nas disputas com os hereges doutos é justo, que se vão buscar os textos nas suas fontes para os convencer: mas os oradores, que fallam á face de um povo, que não duvída das verdades da nossa Religião, paraque lhe hão de trazer uma verdade

(13) Le mauvais goût régnait dans le siècle des citations. — Trublet; *Réflex. sur l'Éloq.* pag. mihi 123.

(14) Qu'appelait-on éloquence parmi nous, avant l'établissement de l'Académie Française? un amas de paroles pompeuses, de citations greques et latines souvent aussi mal appliquées que prodigués avec ostentation. — *Essai sur les bienséances orat.*, tom. 1, dans la Préface.

— On parlait latin et long-temps devant des femmes: on a parlé grec. — *De la Bruyère*, tom. 2, cap. 15 de la Chaire, pag. 177.

aos ouvidos, que pela falta da intelligencia da lingua não lhes podem metter no coração? A-respeito do officio divino, missas e orações públicas da Egreja, não ha dúvida, que justamente se prohibiu fazer versões nas linguas particulares de cada nação; porque se isto se permittisse, facilmente ficariam adulterados o dogma e a moral do Evangelho pelas traducções, que não fossem fiéis: mas êste inconveniente, e outros mais, que se podem ver nos auctores, não se encontram nos sermões e discursos particulares de um orador.

A palavra de Deus não está ligada á lingua hebraica, grega, latina, ou portugueza; porque ella tem a mesma verdade em qualquer lingua. Se me é licito explicar a palavra do Creador pelos luzimentos da creatura, direi que é como o diamante, que lança de si os mesmos resplendores entre os povos de diversas linguas. Mr. de la Bruyère não só investe os antigos, mas ainda muitos dos modernos oradores; reprova as citações latinas e gregas do tempo antigo; passa a descrever o caracter de alguns sermões modernos da França; e reparando que só o texto era em latim, e que ésta lingua não apparecia mais em todo o corpo do discurso, nem uma moral forte, mas sim uma simples história do heroe, diz, que para prégar d'êste modo é necessario saber bem pouco (15). Eu me accommodo a êste sentimento; pois para prégar bem se faz indispensavel a moral christã. Mr. Rollin diz, que, quando os ouvintes não podem subir á intelligencia do

(15) Il faut aujourd'hui savoir très peu de choses pour bien prêcher.— *De la Bruyère*, tom. 2, cap. 15 de la Chaire.

orador, deve o orador descer á intelligencia dos ouvintes (16): é certo, que o orador sagrado, que produz os textos em latim em um ajunctamento de Fiéis Portuguezes, não desce á intelligencia da maior parte dos seus ouvintes, nem estes sobem à intelligencia do orador. Eu não posso descobrir qual seja a utilidade de trazer um texto ou authoridade na lingua latina. Se eu quero dizer aos meus ouvintes alguma verdade mais occulta, elles melhor a percebem, se eu lh'a traduzir na lingua da nação. Se é paraque se conheça a fidelidade da traducção, isto não percebe a maior parte do meu auditorio, e os sabios na lingua latina podem ir ver no capitulo, que aponto, se a minha expressão concorda com o texto. Aqui me admiro eu da diversidade dos tempos. Este mesmo texto em latim, que foi uma versão de S. Jeronimo, que contrariedades não teve no tempo, em que êste grande doutor appareceu com ella (17)? Todos confessãmos as verdades, que alli se encerram; mas não é necessario, que appareçam no pulpito na mesma lingua latina; basta que haja outra lingua, que a explique, e que manifeste as verdades, que na lingua latina ficam occultas á maior parte do auditorio. A querermos conceder alguma pequena parte ás leis do costume, visto não ser materia de dogma, parece-me, que deve vir raras vezes alguma passagem mais occulta na lingua latina; mas com éstas cautellas: ha de ser breve,

(16) Il aura toujours soin de se proportionner à leur faiblesse et de descendre jusqu'à eux, parce qu'ils ne sont point en état de s'élever jusqu'à lui. — Rollin; *Manière d'étudier*, tom. 2, pag. 467.

(17) Huic novo translationi undique fere initio reclamatum est. — Du-Hamel: Prolog. Script. sacr. dissert. 3ª cap. 4.

e no fim do periodo, para não cortar o fio da oração; primeiro hei de traduzil-a na nossa lingua, paraque todos a percebam. Mas quando for declamação ou peroração, não deve vir o texto em latim, pelo perigo, que ha, de se apagar o fogo sancto, que ia tomando posse dos corações. Se n'outra parte disse, que algumas passagens em latim são pedras preciosas, que fazem brilhar a eloquencia, moveu-se a penna com temor de desagradar aos rigorosos observantes do costume. Tal ascendente tomou entre nós êste abuso da eloquencia sagrada, que metteu em susto os espiritos de rectidão; isto é, desinteressados pela verdade, temiam o tropel das paixões unidas, e aindaque desarmadas para a victória, comtudo amparavam, e ainda muitos amparam a fraqueza da razão com o broquel dos seus fortes clamores. Mas já a verdade principia a triumphar, amparada da reforma dos estudos, com a qual vão-se a formar oradores perfeitos (18).

§ CV — Os sermões antigos, sem instruir nem mover, agradavam aos ouvintes

Os oradores antigos nos seus sermões não cuidavam em instruir os seus ouvintes; nem no espirito, nem no semblante apparecia a lingua de uma paixão pathetica (19). Isto faz uma falta na sua obrigação. Estas orações são indispensavelmente consagradas ao proveito espiritual dos ouvintes; porque o louvor dos sanctos deve encaminhar-se ás suas virtudes, como principio e fonte do louvor,

(18) Fr. M. da Epiphania.

(19) O auctor falla aqui dos oradores seiscentistas, dos Gongoristas.

afim de sanctificar os ouvintes pela fôrça da palavra de Deus: o orador vai a pinctar no coração de seu auditorio uma cópia tirada d'aquellas virtudes. Mas ésta falta não impediu, que elles fossem as delicias do seu seculo; estabeleceram reputação, foram ouvidos com gôsto e applauso dos seus concursos. Não importava, que o assumpto fosse indigno á gravidade do pulpito, como é o fazer a Sancto Antonio feiticeiro e encantador; com tanto que o assumpto fosse novo, e quanto mais novo, e ainda desviado da moral christã, tanto maior era o applauso: cada bocca de um ouvinte era trombeta da fama. Segundo se me representa, eu vou a descobrir os principios d'ésta desordem. Os oradores applicavam flores aos ouvidos, deixando ficar em socêgo as paixões; como os ouvidos sentiam suavidades, sem que os corações ficassem feridos, tudo parava nos gostos da melodia, semelhantes aos ouvintes de theatro, os quaes só trazem para casa o gôsto da consonancia. A harmonia só lisongeava os ouvidos; mas a harmonia oratoria sagrada não é bôa, quando as palavras sonoras não inspiram sentimentos de virtude. Mettem-se em furor os soldados ás vozes dos instrumentos de guerra, e põem as suas vidas em risco por sustentarem um capricho, que se pleitêa na campanha; mas os ouvintes ás vozes dos oradores ficavam em gôsto e socêgo: almas pequenas, que punham o interêsse christão em um pouco de ar modificado. Mas não culpemos inteiramente os ouvintes, desterrem-se do pulpito estes instrumentos, que iam e ainda muitos vão só a lisongear os ouvidos; faça-se na républica christã o que fizeram Platão e os Lacedemonios, que não permittiam aquelles instrumentos, que não excitavam as

paixões dos seus cidadãos em utilidade e bem das suas republicas. Muitas vezes entravam (e não sei, se acabou já este contágio) a louvar os mordomos e juiz da festa, que se achavam presentes, querendo pagar com os louvores a quem lhe mettia em casa a conveniencia. Ora como a lisonja é o maior encanto dos homens, elles se deixavam ficar entre aquelles perfumes de vaidade; viam, que, estando ainda na terra já entravam a fazer figura nas orações sagradas junctamente com os sanctos, que estão no Céo.

Os oradores modernos de melhor gôsto, fazendo uma reflexão séria sôbre as obrigações do seu ministerio sagrado, propõem assumptos proprios ás virtudes dos sanctos, formam uma invectiva moral para mover os ouvintes ás obras de sanctificação; não usam do estylo florido e inchado, só vão ao grande, pathetico e natural; a sua voz se reune com a compaixão, as verdades são os instrumentos, com que põem sitio aos corações: e como as verdades ferem, fogem d'ellas os ouvintes á semelhança dos brutos, que se desgostam, e fogem com o corpo, quando se levanta o braço, que faz sôbre elles o tiro; sem advertirem que os golpes do orador são sarjas, que vão a curar as enfermidades do Christão. Hoje não lançam os oradores modernos as suavidades das flores sôbre os ouvidos, não lisongêam o amor proprio dos homens; e porisso falta nos ouvintes, que estavam acostumados a estes incensos, aquelle gôsto esteril e vasio, que os encantava. Metter em gôsto as paixões, que os oradores deveram combater, foi êrro dos oradores, que nos precederam. Mas é certo, que eu como Christão devo procurar no orador um homem sério, que

falle para mim, e não para elle; que quer a minha salvação, e não a sua glória vã (20). Ao menos um filho da Egreja, aindaque tenha uma vida desordenada, só deve gostar d'aquelles sermões, os quaes aindaque o não convertam conheça ao menos, que, se houvesse de mudar de vida, só elles seriam capazes de o converter. Assim o dizia certo homem de máos costumes, mas de bom espirito e talento, como refere o abbade Trublet (21). O fim principal do orador sagrado é mover; e com isto já póde contar pela parte de Jesus Christo a victória. Poderão não gostar d'elle, assim como alguns ouvintes não gostavam de certo orador, o qual tinha tocado a muitos do seu auditorio; mas outros, que gostavam de subtilezas e pensamentos lambicados, ficaram insensiveis: mas êste foi, diz o clarissimo Muratori, o maior panegyrico, que se podia fazer ao orador (22). O louvor mais solido, e que leva o orador á mais alta reputação, é tocar e trazer os corações a Deus, investindo as paixões dos homens, aindaque muitos não gostem do saudavel alimento da palavra divina (23).

(20) Je cherche un homme sérieux, qui me parle pour moi et non pour lui, qui veuille mon salut et non sa vaine gloire. — Fenél. *Let. sur l'Éloq.* pag. 290.

(21) Le prédicateur que je goute le plus, c'est celui par lequel je sens que je serais converti, si j'avais à l'être. — Trublet; *Réflex. sur l'Éloq.* § 50.

(22) Ciò à mio credere fu il maggior panegyrico, che di lui potesse farsi. Muratori; *De la perfetta Poesia,* tom. 1, lib. 2, cap. 17.

(23) Idem Epiphania.

II — Excerptos e partes de sermões do P. Antonio Vieira

§ CVI — Demonstração d'o que'é a alma

Quereis ver o que é a alma? Olhai (diz Sancto Augustinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos, que admirâmos, e excedem a admiração, tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fábrica dos muros, os engenhos e máchinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victória, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia... quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no próspero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, de quem eram governadas, e de quem eram? Da

alma. Se o corpo é de um sancto, a humanidade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zêlo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extasis, os raptos, subido o mesmo pêso do corpo, e suspendido no ar, que maravilha! Mas isto é alma. Finalmente, os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça, que nunca se farta, uma soberba, que sempre sobe, uma ambição, que sempre aspira, um desejo, que nunca quiéta, uma capacidade, que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos, que com ser Deus. Tudo isto, que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, *a alma*. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata e captiva os sentidos humanos; aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida, que é tudo senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella, insta Augustinho. Aquilloque amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, aindaque a alma se não via, era a alma. Viu S. Francisco de Borja o corpo defuncto e disforme da nossa imperatriz D. Izabel; e que lhe succedeu? pela differença do corpo morto viu n'aquelle espelho o que era a alma; e como viu o que era a alma, deixou o mundo. Não nos enganára o demonio com o mundo, se nós víramos e conheceramos bem o que é a alma. Mas já-que a não podêmos ver em si, vejamol-a em nós: n'o que o corpo ha de ser, vejamos o que ella é. . . . . .

Ah! idólatras do mundo! que tantas vezes dais a alma e dobrais o joelho ao demonio, não pelo mundo todo, senão por umas partes tão pequenas d'elle, que nem migalhas do mundo se podem chamar! Quantos principes dão a alma, e tantas almas ao demonio por uma cidade, por uma fortaleza? Quantos titulos por uma vida? Quantos nobres por uma quinta, por uma vinha, por uma casa? Que palmo de terra ha no mundo, que não tenha levado muitas almas ao inferno, pela demanda, pelo testemunho falso, pela escriptura supposta, pela sentença injusta, pelos odios, pelos homicidios, e por infinitas maldades? Se o mundo todo não pesa uma alma, como pesam tanto estes pedacinhos do mundo? barro alfim. Deitai ao mar um vaso de barro inteiro, nada por cima da agua; quebrai esse mesmo vaso, fazei-o em pedaços, e todos até ao mais pequeno se vão ao fundo. Se o mundo todo inteiro pesa tão pouco, como pesam tanto estes pedacinhos do mundo, que todos se vão ao fundo, e nos levam a alma após si?

§ CVII — Sôbre a vocação para o estado religioso

Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis?
MATTH. 19.

Estas duas clausulas de S. Pedro — deixar e seguir — são os dous pólos da virtude, são o corpo e alma da sanctidade, são as duas partes, de que se compõe toda a perfeição evangelica. A 1ª deixar tudo, a 2ª seguir a Christo.

Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo christão, acharemos n'elle quatro differenças de homens, em que êste deixar e seguir do Evangelho está váriamente com-

plicado. Ha uns, que nem deixam nem seguem; ha outros, que deixam, mas não seguem; outros, que seguem, mas não deixam; outros, que deixam e junctamente seguem. Não deixar nem seguir é miseria; deixar e não seguir é fraqueza; seguir e não deixar é desengano; deixar e seguir é perfeição.

Em nenhum d'êstes quatro predicamentos entram os homens do mundo, ainda que sejam christãos; porque nenhum d'elles professa deixar e seguir. A sua profissão é obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo.

Os que sómente professam deixar e seguir, somos todos os que temos nomes de religiosos.

E para que cada um conheça em que predicamento d'êstes está, e a qual pertence, se a'o da miseria, se a'o da fraqueza, se a'o do desengano, se a'o da perfeição, será bem, que declaremos estes nomes, e que definamos éstas differenças; e que saibamos, quem são estes miseraveis, quem são estes fracos, quem são estes desenganados, e quem são estes perfeitos sanctos.

Os miseraveis, que não deixam nem seguem, são os que se mettem a religiosos, como a qualquer outro officio, para viver. Fica no mundo um moço sem pai, mal-herdado da fortuna e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para cursar as letras, sem talento nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto: que faz? entra-se em uma religião das menos austeras, veste, come, canta, conversa, não o penhoram pela décima, nem o prendem para a fronteira, não tem cousa, que lhe dê cuidado, nem elle o toma: em-fim é um religioso de muito bôa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal

nem deixa nem segue. Não deixa, porque não tinha que deixar; não segue, porque não veiu seguir a Christo, veiu viver.

Os fracos, que deixam e não seguem, são os que trazem á religião o nojo, o desar, a desgraça, e não a vocação. Succede-lhe a um homem nobre e brioso sahir mal de um desafio, fazerem-lhe uma affronta, que não póde vingar, negar-lhe el-rei o despacho e o agrado, não levar a becca ou a cadeira ou o posto militar, a que se oppoz, ou levar-lhe o competidor o casamento, em que tinha empenhado o tempo, o credito e o amor: enfadado da vida, e indignado da fortuna, entrega sua casa a um irmão segundo, mette-se em uma religião de repente; mas leva comsigo o mundo á religião, porque olha para elle com dôr, e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa, porque deixou o patrimonio e a fazenda; não segue, porque mais o trouxe e tem na religião a affronta, que recebeu no mundo, que o zêlo ou o desejo de seguir e servir a Christo.

Os desenganados, que seguem, mas não deixam, são os mal-pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deus. Vistes o soldado veterano, que, feitas muitas proezas na guerra, se acha ao cabo de sua vida carregado de annos de serviços, e de feridas sem premio, e desenganado de quão ingrato e máo senhor é o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague, e metter algum tempo entre a vida e a morte, troca o collete pelo saial, o tali pelo cordão, e a gola pelo capello, entra em uma religião penitente, e não tendo outro inimigo mais que a si-mesmo, contra elle peleja, a elle vence, e d'elle triumpha. Este é o que não deixa, mas segue. Não deixa, porque não tinha que deixar mais

que os papéis, que queimou, que sempre foram cinza; e segue, porque já não conhece outra caixa, nem outra bandeira, senão a voz de Christo e sua cruz.

Finalmente, os perfeitos e sanctos, que deixam e junctamente seguem, são os que chamados e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição evangelica, imitam gloriosamente a S. Pedro e aos outros apostolos; os quaes tudo o que tinham, e tudo que podiam ter, deixaram e renunciaram por Christo; e em tudo o que obraram, ensinaram, fizeram e padeceram, seguiram e imitaram a Christo.

§ CVIII — Um trecho da confirmação do sermão, prégado na egreja de Nossa Senhora da Ajuda, pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda.

Exurge, quare obdormis,
Domine? etc.
PSALM. 43.

Bem vejo, que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa fé, e as obras de vossa glória não dependem de nós, nem de ninguem, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazerdes das pedras filhos de Abrahão. Mas tambem a vossa sabedoria, e a experiencia de todos os seculos nos tem ensinado, que depois de Adão não creastes homens de novo, que vos servis dos que tendes n'êste mundo, e que nunca admittis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parabola do banquete. Mandastes chamar os convidados, que tinheis escolhido, e, porque elles se escusaram, e não quizeram vir, então admittistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu logar: *Cæcos et claudos introduc huc.* E se ésta é, Deus meu, a regular disposição de vossa Providencia Divina, como a vemos agora

tão trocada em nós, e tão differente commosco? Quaes foram estes convidados, e quaes são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para éstas terras, e n'ellas nos pozestes a mêsa tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os Lutheranos e Calvinistas, cegos sem fé, e mancos sem obras, na reprovação das quaes consiste o principal êrro da sua heresia. Pois se nós, que fomos os convidados, não nos escusámos, nem duvidámos de vir, antes rompêmos por muitos inconvenientes, em que poderamos duvidar; se viemos e nos assentámos á mêsa; como nos excluis agora e lançais fóra d'ella, e introduzis violentamente os cegos e mancos, e dais os nossos logares aos hereges? Quando em tudo o mais foram elles tão bons, como nós, ou nós tão máos como elles? Porque nos não ha de valer, pelo menos, o privilégio e prerogativa da fé? Em tudo parece, Senhor, que trocais os estylos de vossa providencia, e mudais as leis de vossa justiça comnosco.

Aquellas dez virgens do vosso Evangelho todas se renderam ao somno, todas adormeceram, todas foram iguaes no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes et dormierunt.* E comtudo a cinco d'ellas passou-lhe o esposo por êste defeito, e, só porque conservaram as alampadas accesas, mereceram entrar ás vodas, de que as outras foram escluidas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então (que vós sois aquelle esposo divino), porque não nos val a nós tambem conservar as alampadas da fé accesas, que no herege estão tão apagadas e tão mortas? E' possivel, que haveis de abrir as portas a quem traz as alampadas apagadas, e que as haveis de fechar a quem as tem ac-

cesas? Reparai, Senhor, que não é auctoridade do vosso divino tribunal, que saiam d'elle no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se ás que deixaram apagar as alampadas se disse: *Nescio vos;* quem merece ouvir de vossa bocca um *Nescio vos* tremendo, senão o herege, que vos não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao herege, que os tem tão cegos? Mas eu vejo, que nem ésta cegueira, nem êste desconhecimento, tão merecedores de vosso rigor, lhe retarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vêem chegando a nós suas armas victoriosas, e cedo nos baterão ás portas d'ésta vossa cidade. D'ésta vossa cidade disse, mas não sei, se o nome do Salvador, com que a honrastes, a salvará e defenderá, como já outra vez não defendeu; nem sei, se éstas nossas deprecações, pôstoque tão repetidas e continuadas, acharão accesso a vosso conspecto divino; pois ha tantos annos, que está bradando ao céo a nossa justa dor, sem vossa clemencia dar ouvidos a nossos clamores.

Se acaso for assim (o que vós não permittais), e está determinado em vosso secreto juizo, que entrem os hereges na Bahia; o que só vos represento humildemente, e muito devéras, é, que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor, n'o que vos póde succeder, e que o consulteis com vosso coração, emquanto é tempo, porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remedio. Bem estais na intenção e allusão, com que digo isto, e na razão, fundada em vós-mesmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do diluvio estaveis vós mũi colerico e irado contra os homens, e, por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos, nunca houve reme-

dio paraque se applacasse vossa ira. Romperam-se em-fim as cataractas do céo, cresceu o mar até aos cumes dos montes, alagou-se o mundo todo; já estará satisfeita vossa justiça. Senão quando ao terceiro dia começaram a bóiar os corpos mortos, e a surgir e apparecer em multidão infinita aquellas figuras pallidas; e então se representou sôbre as ondas a mais triste e funesta tragedia, que nunca viram os anjos; que homens, que a vissem não os havia. Vistes vós tambem (como se o visseis de novo) aquelle lastimosissimo espectaculo; e, pôstoque não chorastes, porque ainda não tinheis olhos capazes de lagrymas, enterneceram-se porêm as entranhas de vossa divindade com tão intrinseca dor: *Tactus dolore cordis intrinsecus;* que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes d'o que tinheis feito ao mundo; e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes pezar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines.* Este sois, Senhor, êste sois; e, pois sois êste, não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra elle, se o seu sentimento e o vosso as ha de pagar depois? Já-que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos á vossa bondade, vêde o que fazeis antesque o façais; não vos aconteça outra. E paraque o vejais com côres humanas, que já vos não são estranhas, dai-me licença, que eu vos represente primeiro ao vivo as lástimas e miserias d'êste futuro diluvio; e se ésta representação vos não enternecer, e tiverdes entranhas para o ver sem grande dor executai-o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado faz horror), finjamos, que vem a Bahia e o resto do Brazil a mãos

dos Hollandezes; que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por ésta cidade com furia de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo, nem a edade; com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos. Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade; chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou) a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos innocentes dissestes vós algum'hora, que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei, que tempos, nem que desgraça é ésta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã) tambem a vós ha de chegar.

Entrarão os hereges n'ésta egreja e nas outras; arrebatarão essa custodia, em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes; derrubarão dos altares os vultos e estátuas dos sanctos, deformal-as-hão a cutiladas, e mettel-as-hão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes aggravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas n'as da Virgem Maria, n'as de vossa

Sanctissima Mãe, não sei como isto póde estar com a piedade e amor de filho. No monte Calvario esteve ésta Senhora sempre ao pé da Cruz; e, com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nenhum se atreveu a lhe tocar, nem a lhe perder o respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque assim o tinheis vós promettido pelo propheta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* Pois Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decoro de vossa Mãe, como consentis agora, que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digaes, Senhor, que lá era a pessôa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma Virgem era a Arca do Testamento; e só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois, se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás cousas sagradas, para uma severissima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Joroboão, porque levantou a mão para um propheta, se lhe seccou logo o braço milagrosamente; como aos hereges, depois de se atreverem a affrontar vossos sanctos, lhe ficam ainda braços para outros delictos? Se Balthasar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino; porque vivem os hereges, que convertem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos, que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

Em-fim, Senhor, despojados assim os templos, e derrubados os altares, acabar-se-ha no Brazil a christandade catholica; acabar-se-ha o culto divino; nascerá herva nas egrejas, como nos campos; não haverá quem entre n'ellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso

nascimento; passará a quaresma e a semana sancta, e não se celebrarão os mysterios de vossa paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalêm destruida: *Viæ Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem;* ver-se-hão ermas e solitarias, e que as não pisa a devoção dos Fiéis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes, que as digam; morrerão os catholicos sem confissão nem sacramentos; prégar-se-hão heresias n'estes mesmos pulpitos, e, em logar de S. Jeronymo e de S. Augustinho, ouvir-se-hão n'elles os infames nomes de Calvino e Luthero; beberão a falsa doutrina os innocentes, que ficarem, reliquias dos Portuguezes; e chegaremos a estado, que, se perguntarem aos filhos e netos d'os que aqui estão: Menino, de que seita sois? Um responderá; Eu sou Calvino; outro; Eu sou Lutherano. Pois isto se ha de soffrer, Deus meu? Quando quizestes entregar vossas ovelhas a S. Pedro, examinastel-o tres vezes, se vos amava: *Diligis me? diligis me? diligis me?* E agora as entregais d'ésta maneira, não a pastores, senão aos lobos? Sois o mesmo ou sois outro? Aos hereges o vosso rebanho? Aos hereges as almas? Como tenho dicto e nomeei *almas*, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver taes lástimas e taes estragos. E, se assim é (que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas), se é que ha de haver dor, se é que ha de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora; que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pezar em algum tempo.

Muito honrastes, Senhor, ao homem na creação do mundo, formando-o com vossas proprias mãos, enformando-o e animando-o com vosso proprio alento, e imprimindo n'elle o caracter de vossa imagem e semelhança. Mas parece, que logo desde aquelle mesmo dia vos não contentastes d'elle, porque de todas as outras cousas, que creastes, diz a escriptura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quod esset bonum;* e só do homem o não diz. Na admiração d'ésta mysteriosa reticencia andou desde então suspenso e vacillante o juizo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa, porque, agradando-vos com tão pública demonstração todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrasseis agrado. Finalmente, passados mais de mil e septecentos annos, a mesma escriptura, que tinha calado aquelle mysterio, nos declarou, que vós estaveis arrependido de ter creado o homem: *Pœnituit eum, quod hominem fecisset in terra;* e que vós-mesmo dissestes que vos pezava; *Pœnitet me fecisse eos;* e então ficou patente e manifesto a todos o segredo, que tantos tempos tinheis occultado. E vós, Senhor, dizeis que vos peza, e que estais arrependido de ter creado o homem; pois essa é a causa, porque logo desde o principio de sua creação vos não agradastes d'elle, nem quizestes que se dissesse, que vos parecêra bem; julgando, como era razão, por cousa muito alhêa de vossa sabedoria e providencia, que em nenhum tempo vos agradasse, nem parecesse bem aquillo, de que depois vos havieis de arrepender e ter pezar de ter feito: *Pœnitet me fecisse.* Sendo pois ésta a condição verdadeiramente divina, e a altissima razão de estado de vossa providencia, não haver

jámais agrado d'o que ha de haver arrependimento; e sendo tambem certo nas piedosissimas entranhas de vossa misericordia, que, se permittirdes agora as lástimas, as miserias, os estragos, que tenho representado, é fôrça que vos ha de pezar depois, e vos haveis de arrepender; arrependei-vos, misericordioso Deus, emquanto estamos em tempo; ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide á mão á vossa irritada justiça; quebre vosso amor as settas de vossa íra, e não permittais tantos damnos, e tão irreparaveis. Isto é o que vos pedem tantas vezes, prostradas diante de vosso divino acatamento, éstas almas tão fielmente catholicas, em nome seu, e de todas as d'èste Estado. E não vos fazem ésta humilde deprecação pelas perdas temporaes, de que cedem, e as podeis executar n'elles por outras vias; mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injúrias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrosancto sacrificio de vosso corpo e sangue, e pela ausencia insoffrivel, pela ausencia e saudades d'esse Sanctissimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

A peroração d'êste mesmo sermão

Chegado a êste poncto, de que não sei, nem se póde passar, parece-me, que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vos deixarieis persuadir e convencer d'éstas nossas razões; senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça; e como sois igualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brazil

tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessâmos, que somos grandissimos peccadores. Mas tão longe estou de me aquiétar com ésta resposta, que antes esses mesmos peccados, muitos e grandes são um novo e poderoso motivo dado por vós-mesmo, para mais convencer vossa bondade.

A maior fôrça dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento até-agora, que no credito, na honra, e na glória de vosso sanctissimo nome: *propter nomem tuum.* E que motivo posso eu offerecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os vossos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David), que me haveis de perdoar meus peccados, porque não são quaesquer peccados, senão muitos e grandes: *Multum est enim.* Oh motivo digno só do peito de Deus! Oh consequencia, que só na summa bondade póde ser forçosa! De maneira que, para lhe serem perdoados seus peccados, allegou um peccador a Deus, que são muitos e grandes. Sim; e não por amor do peccador, nem por amor dos peccados, senão por amor da honra e glória do mesmo Deus, a qual, quanto mais e maiores são os peccados, que perdôa, tanto maior é, e mais engrandece e exalta seu sanctissimo nome: *Propter nomem tuum, Domine, propitiaberis peccato meo.* O mesmo David distingue na misericordia de Deus grandeza e multidão; a grandeza: *Secundum magam misericordiam tuum;* a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericordia divina é immensa, e a multidão de suas misericordias infinita; e o immenso não se póde

medir, nem o infinito contar; paraque uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de glória, importa á mesma grandeza da misericordia, que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos: *Multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render á razão de serem muitos e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão, por que não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ?*

Esta mesma razão vos pediu Job, quando disse: *Cur non tollis peccatum meum, et quare non aufers iniquitatem meam?* E pôstoque não faltou um grande intérprete de vossas escripturas que o arguisse por vossa parte, em-fim se deu por vencido, e confessou, que tinha razão Job em vol-a pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deliquit, non miseretur?* diz S. Cyrillo Alexandrino. Basta, Job, que criminais, e accusais a Deus de que castiga vossos peccados? Nas mesmas palavras confessais, que commettestes peccados e maldades; e com as mesmas palavras pedís razão a Deus, por que os castiga? Isto é dar a razão, e mais pedil-a. Os peccados, que não occultais, são a razão do castigo; pois se dais a razão, porque a pedís? Porque, ainda que Deus, para castigar os peccados, tem a razão de sua justiça; para os perdoar e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é a da sua glória: *Qui enim misereri consuerit, et non vulgarem in eo gloriam habet, ob quam causam mei non miseretur?* Pede razão Job a Deus, e tem muita razão de a pedir (responde por elle o mesmo sancto, que o arguiu); porque, se é condição de Deus usar

de misericordia, e é grande e não vulgar a glória, que acquire em perdoar peccados, que razão tem ou póde dar bastante de os não perdoar? O mesmo Job tinha já declarado a fôrça d'êste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: *Peccavi; quid faciam tibi?* Como se dissera: Se eu fiz, Senhor, como homem em peccar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em perdoar? Ainda disse, e quiz dizer mais: *Peccavi; quid faciam tibi?* Pequei; que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Job, a Deus em peccar? Não lhe fiz pouco; porque lhe dei occasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça que me fizer; e elle dever-me-ha a mim, como a occasião, a glória que alcançar.

E se é assim, Senhor, sem licença, nem encarecimento; se é assim, misericordioso Deus, que em perdoar peccados se augmenta a vossa glória, que é o fim de todas vossas acções; não digais que nos não perdoais, porque são muitos e grandes os nossos peccados; que antes, porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande glória á grandeza e multidão de vossas misericordias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa Magestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso podêr, do que se acredita. Vêde-o n'êste ultimo castigo, em que, contra toda a esperança do mundo e de tempo, fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior, que nunca passou a equinoccial. Podestes, Senhor, derrotal-a; e que grande glória foi de vossa omnipotencia podêr o que póde o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam.* Des-

plantar uma nação, como nos ides desplantando, e plantar outra, tambem é podêr, que vós commettestes a um homemzinho de Anathoth: *Ecce constitui te super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et dissipes, et ædifices, et plantes.* O em que se manifesta a magestade, a grandeza e a glória da vossa infinita omnipotencia, é em perdoar e usar de misericordia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime et miserando, manifestas.* Em castigar venceis-nos a nós, que somos creaturas fracas; mas em perdoar, venceis-vos a vós-mesmo, que sois todo-poderoso e infinito. Só ésta victória é digna de vós, porque só vossa justiça póde pelejar com armas iguaes contra vossa misericordia; e, sendo infinito o vencido, infinita fica a glória do vencedor. Perdoai pois, benignissimo Senhor, por ésta grande glória vossa: *propter magnam gloriam tuam;* perdoai por ésta glória immensa de vosso sanctissimo nome: *propter nomen tuum.*

E se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo, não já misericordioso, senão justissimo Deus, que tambem a mesma justiça se podéra dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós, emquanto justo, aquelle justo juiz, de quem canta o vosso propheta: *Deus judex justus, fortis et patiens, numquid irascitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira ainda como de justo juiz, não é de todos os dias, nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos, e tantos annos? Sei eu, legislador supremo, que nos casos de ira, pôstoque justificada, nos manda vossa sanctissima lei, que não passe de um dia, e que, antes de se pôr o sol, tenhamos perdoado: *Sol non*

occidat super iracundiam vestram. Pois, se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdôe, e se aplaque em termo tão breve e tão preciso; vós que sois Deus infinito, e tendes um coração tão dilatado como vossa immensidade, e em materia de perdão vos propondes aos homens por exemplo; como é possivel, que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos, e que se ponha, e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada, e correndo sangue, a espada de vossa vingança? Sol de justiça cuidei eu que vos chamavam as escripturas, porque, ainda quando mais fogoso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim êste sol material, que nos alumêa e rodêa; pois ha tantos dias, e tantos annos, que, passando duas vezes sôbre nós de um trópico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céo e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da lingua hebraica, em que lhe fallou, foram, não que parasse, senão que se calasse: *Sol tace contra Gabaon.* Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplendores amortecidos, com que se ia sepultar no occaso, eram umas linguas mudas, com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altissimas, com que desde o céo lhe lembrava a lei de Deus, e lhe prégava, que não podia continuar a vingança; pois elle se ia metter no occidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* E se Deus como auctor da

mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior; foi paraque, concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o Gabaonita, pois é justo castigal-o; mas esteja o sol parado, atéque se acabe o castigo; paraque a ira, pôstoque justa, do vencedor não passe os limites de um dia. Pois se êste é, Senhor, o termo prescripto de vossa lei; se fazeis milagres, e taes milagres, paraque ella se conserve inteira; e se Josué manda calar e emmudecer o sol, porque se não queixe, e dê vozes contra a continuação de sua ira; que quereis que diga o mesmo sol, não parado, nem emmudecido? Que quereis que diga a lua e as estrêllas, já cançadas de ver nossas miserias? Que quereis que digam todos esses céos creados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glórias: *Cœli enarrant gloriam Dei?*

Finalmente, benignissimo Jesu, verdadeiro Josué, e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum.* Se o sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o sol, porque lh'os não estranhe; como póde estranhar vossa divina justiça, que useis comnosco de misericordia depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos, continuados, não por um dia, ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos, que cedo serão doze? Se sois Jesu, que quer dizer *salvador*, sêde Jesu, e sêde salvador nosso. Se sois sol, e sol de justiça, antes-que

se ponha o d'êste dia, deponde os rigores da vossa. Deixai já o signo rigoroso de leão, e dai um passo ao signo de virgem, signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas de quem recebestes a humanidade. Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Sanctissima. Perdoai-nos por seus rogos, ou perdoai-nos por seus imperios; que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como mãe vos póde mandar, e vos manda, que nos perdoeis. Perdoai-nos em-fim, paraque a vosso exemplo perdoemos, e perdoai-nos tambem a exemplo nosso; que todos desde ésta hora perdoāmos a todos por vosso amor: ***Demitte nobis debita nostra, sicut et nos demittimus debitoribus nostris. Amen.***

§ CIX — O exordio e a narração do sermão de Sancta Catharina, prégado á Universidade de Coimbra em 1633

Quinque autem ex eis, etc.
MATTH. 25.

A casa, que edificou para si a sabedoria — ***sapientia edificavit sibi domum*** — era aquella parte mais interior e mais sagrada do templo de Salomão, chamada por outro nome ***sancta sanctorum***. Levantavam-se no meio d'ella dous grandes cherubins, cujo nome quer dizer ***sabios***, e são entre todos os chóros dos anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as azas cobriam estes cherubins a Arca do Testamento, e com as mãos sustentavam o propiciatorio; que eram o thesouro e o assento da sabedoria divina. A arca era o thesouro da sabedoria divina em letras, porque n'ella estavam encerradas as taboas da lei, primeiro escriptas e depois dictadas por Deus; e o propiciatorio era o assento

da mesma sabedoria em voz, porque n'elle era consultado Deus, e respondia vocalmente, que porisso se chamava oraculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com septe palmas, cujos troncos formavam outras tantas columnas, e os ramos de umas para outras faziam naturalmente seis arcos, debaixo dos quaes se viam em pé seis estátuas tambem de cherubins. Esta era a fórma e o ornato da casa da sabedoria, edificada por Salomão, porêm traçada por Deus; e não se viam em toda ella mais que cherubins e palmas, em que a mesma sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus trophéos e triumphos.

Mas se Deus n'aquelle tempo se chamava *Dominus exercituum*, e se prezava de mandar sôbre os exercitos e batalhas, e dar ou tirar as victórias; parece que as estátuas collocadas debaixo dos arcos triumphaes de palmas, não haviam de ser de cherubins sabios, senão de capitães famosos. Não parecêra bem debaixo do primeiro arco a estátua de Abrahão com a espada sacrificadora de seu proprio filho, vencendo a quatro rêis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem debaixo do segundo arco a estátua de Moysés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no mar vermelho a Pharaó, e triumphando de todo o Egypto? Não sahiria bem debaixo do terceiro arco a estátua de Josué com o sol parado (a), desfazendo o podêr e geração dos Gabaonitas, sem deixar a homem a vida? Não avultaria bem debaixo do quarto arco a estátua de Gedeão com a tocha na mão esquerda, e a trombeta na direita, mettendo em confusão e ruina os exercitos

(a) No sentido translato.

innumeraveis de Madian e Amalech? Não campearia bem debaixo do quinto arco a estátua de Samsão com o leão aos pés, e a queixada do jumento na mão, matando a milhares de Philisteus? Finalmente não fecharia ésta famosa fileira a estátua de David com a funda e a pedra, derrubando o gigante, e cortando-lhe a cabeça com a sua propria espada? Pois se éstas seis estátuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exercitos; porque razão os arcos triumphaes das palmas cobrem antes estátuas de cherubins sabios, que de capitães valorosos? Porque é certo na estimação de Deus (ainda que alguns homens cuidem o contrário), que as victórias da sabedoria são muito mais gloriosas, que as das armas, quanto vai das mãos á cabeça. Porisso quiz o mesmo Deus, que lhe edificasse a casa, não o pai, senão o filho; não David o valente, senão Salomão o sabio.

Supposta ésta verdade, que em toda a parte é muito mais n'êste emporio das letras, se deve suppôr sem controversia; accommodando-me á profissão do auditorio, e á celebridade do dia, só fallarei de Sancta Catharina hoje emquanto doutora e sábia. Lá diz Ezechiel, que viu uma roda junto a um cherubim: *Rota una juxta cherub unum*. E que cherubim é aquelle que tem a roda ao lado, senão Sancta Catharina? Na casa da sabedoria a cada palma respondia um cherubim; n'ésta, que tambem é da sabedoria, veremos um cherubim com muitas palmas. O assumpto pois do sermão serão as victórias de Catharina, e o titulo, a sábia vencedora. *Ave Maria*.

O mais formoso theatro, que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa, que nunca ouviram as

academias, a mais rara e portentosa victória, que nunca alcançou da ignorancia douta e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um cherubim em hábito de mulher, ou um rosto de mulher com entendimento e azas de cherubim, Sancta Catharina. A aula ou theatro d'ésta famosa representação foi o palacio imperial; os ouvintes e assistentes o imperador Maximino, o senado de Alexandria, e toda a côrte e nobreza do Oriente; a questão, a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé e religião, que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte, uma mulher de poucos annos, e da outra cincoenta philosophos, escolhidos de todas as seitas e universidades; e a espectação da disputa e successo da controversia, igual nos animos de todos á grandeza de tão inaudicto certame. Em primeiro logar propozeram os philosophos inchados seus argumentos applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E depoisque todos disseram quanto sabiam em defensa e auctoridade dos deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então fallou Catharina por parte da divindade eterna e sem princípio do Creador do céo e da terra, e da humanidade do verbo tomada em tempo para remedio do mundo. Fallou Catharina e foi tal o pêso das suas razões, e subtileza do seu engenho, e a eloquencia mais que humana, com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados philosophos; mas, redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia, que, sem haver entre elles, quem se

atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infallivel da fé e religião christã. E que faria com êste successo Maximino, imperador, empenhado e cruel? Afrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defensa d'ella; e enfurecido e fóra de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses, a quem attribuia o seu imperio; em lugar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia mandou, que ou sacrificassem logo aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grande alegria e júbilo; e na mesma hora, e do mesmo theatro, onde tinham entrado philosophos, sahiram theologos; onde tinham entrado gentios, sahiram christãos; e onde tinham entrado idólatras, sahiram martyres. Oh victória da fé a mais illustre e ostentosa, que antes, nem depois celebraram os seculos da christandade! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e martyr, mas com cincoenta palmas aos pés, de subtil, de angelica e de invencivel doutora! Digna por ésta inaudicta façanha de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do supremo legislador, as mesmas mãos, que escreveram as primeiras letras divinas, levantassem eterno trophéo á memoria das suas.

Ésta foi, senhores, a famosa acção tão propria do dia, como do logar, sôbre que determino discorrer n'êste breve espaço; e, para ponderar os quilates d'ella nas circumstancias mais particulares e relevantes de tão admiravel victória, me offereceu o Evangelho as palavras, que propuz:

Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. Eram as virgens, que sahiram a receber o esposo, dez; e d'éstas dez cinco sábias, e cinco nescias. Sábias e nescias, quando sahiram: *Exierunt obviam sponso et sponsæ;* sábias e nescias, quando se detiveram: *Moram autem faciente sponso;* sábias e nescias, quando umas entraram ás vodas, outras ficaram de fóra: *Et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua.* O em que agora reparo, é, que, sendo éstas duas parelhas semelhantes no sexo, iguaes no número, e differentes no entendimento; semelhantes no sexo, porque todas eram mulheres; iguaes no número, porque eram cinco e cinco; differentes no entendimento, porque umas eram sábias, outras nescias; nem todas éstas nescias, nem parte, nem sequer uma d'ellas com a companhia, com o tracto, e com a conversação das sábias se emendasse, e deixasse de ser nescia. Se todas as nescias apprendessem, e todas as sábias as ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco, e de sábias a nescias; mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sábias a nescia; que nem ésta, uma e unica, se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o tracto, nem se convertesse com o exemplo? Assim foi, e assim costuma ser; sendo mais digno de admiração, que as nescias não pervertessem a todas as sábias, que todas as sábias não converterem uma nescia.

Passemos agora a Sancta Catharina, e vejamos éstas mesmas parelhas no sexo, no número, e no entendimento, quão diversas foram na sua batalha, e quanto mais admiraveis na sua victória. Lá o sexo era o mesmo, porque umas e outras

eram mulheres; o número igual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a fôrça maior, porque umas eram sábias, e outras nescias: porêm na batalha de Catharina com os philosophos, ella era uma e elles cincoenta; ella mulher e elles homens; ella sábia, e elles sabios; que é muito mais forte, e muito mais difficultosa opposição. E que uma mulher ou menos que mulher (porque apenas chegava a dezoito annos), posta em campo contra tantos e taes homens, não só vencesse a um, nem a muitos, senão a todos, e os subjeitasse a defender com a vida a mesma fé, que impugnavam; éstas digo que foram as circumstancias da sua victória, que a fazem sôbre toda a imaginação gloriosa. Vamos agora discorrendo, e ponderando cada uma por si, veremos quão singular foi em cada uma e em todas a nossa sábia vencedora.

CX — O exordio abrupto do sermão da primeira dominga do advento prégado na capella real em 1650

Tunc videbunt. etc.
Luc. 21.

Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquécimento d'êste dia edificou sôbre a terra (dou princípio a êste sermão sem princípio; porque já disse Quintiliano, que as grandes acções não hão mister exordio; ellas por si mesmas ou suppõem a attenção, ou a conciliam: tambem passo em silencio a narração portentosa dos signaes, que precederão ao juizo; porque ésta parte do evangelho pertence a'os que hão de ser vivos n'aquelle tempo, e não a nós; e o dia de hoje é muito de tractar cada um só d'o que lhe pertence). Abrazado pois o mundo, e consumido pela violencia do fogo tudo o que

a soberba dos homens, e o esquecimento d'êste dia levantou e edificou na terra; quando já se não verão n'êste formoso e dilatado mappa, senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza, e desengano de sua vaidade; soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphorica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de S. Paulo: *Canet enim tuba*). E obedecendo aos imperios d'aquella voz o céo, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra; abrir-se-hão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito, que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mortos? Ora reparai em outro milagre maior, e não vos parecerá grande êste. Entrai pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina, penetrai o mais interior e retirado d'aquellas soledades; que é o que vedes? N'aquella cova vereis mettido um Hilarião, n'aquella outra um Macario, na outra mais apartada um Pacomio, aqui um Paulo, alli um Jeronimo, acolá um Arsenio, da outra parte uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou n'esses cilicios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu n'essas sepulturas? Quem? Responderá por todos S. Jeronimo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: Surgite, mortui, venite ad judicium.* Sabeis quem nos vestiu d'éstas mortalhas? Sabeis quem nos fechou n'éstas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa, que ha de soar no ultimo dia: *Levantai-vos mortos, e vinde a juizo.* Pois se a voz d'ésta trombeta, só imaginada (pesai bem a consequencia), se a voz d'ésta trombeta, só imaginada, bastou para enterrar os vivos:

que muito, que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é êste. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é, que haja de bastar ésta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes. Crêdes, mortaes, que ha de haver juizo? Uma de duas é certa; ou o não crêdes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora podéra ser com proveito. Quanto melhor fôra chorar agora, e arrepender agora, como faziam aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrymas não ha de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão! Agora vivêmos, como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar, como não quizeramos.

§ CXI — Deus descendo á terra na sua ira

Inclinará Deus os céos, e avizinhar-se-ha mais á terra para castigar seus habitadores: debaixo dos pés trará um remoinho de nuvens negras, escuras e caliginosas: das ventas lhe sahirão fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da bocca, como de fornalha ardente, exhalará um volcão de fogo tragador, que tudo accenda em brazas, e convêrta em carvões: atroará os ouvidos attonitos com os brados medonhos de sua voz, que são os trovões: cegará a vista com o fuzilar dos relampagos, alternadamente accesos, abrindo-se e tornando-se a cerrar o céo temerosamente fendido: disparará finalmente as suas settas, que são os raios e coriscos: abalar-se-hão os montes; retumbarão os valles; afundar-se-hão até aos abysmos os mares; descobrir-se-ha o

centro da terra, e apparecerão revôltos os fundamentos dos mundos. E no meio d'ésta confusão, assombro, terror e desmaio, quaes estarão os corações dos homens, que será d'elles?

§ CXII — A peroração do sermão da quarta dominga da quaresma, prégado em Lisbôa na capella real em 1665

Fugit iterum in montem ipse solus, etc.
JOAN. 6.

Tenho dado fim ao meu discurso, largo para o tempo, mas muito breve e diminuto para o merecimento da causa. Vejo porêm, que não faltaria em todo elle quem estranhasse a materia como impropria do logar e do auditorio, e mais acommodada para os desertos do Bussaco, ou para as terras da Arrabida, que para a capella real e côrte de Lisbôa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do christianismo e das histórias; como se não fossem as côrtes catholicas em todas as edades as que mais illustremente povoaram os ermos, e porisso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo (ou no alto) d'êste pavimento, e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas livres ainda d'aquellas cadêas, que se não podem quebrar; as quaes, se trocassem a vaidade pela verdade, a côrte pelo deserto, o paço pela clausura, as galas pelo cilicio, e o captiveiro do mundo pelo jugo suave de Christo, triumphando do mesmo mundo com a fé, e de si-mesmos com o entendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida, mas tambem de que se não arrepender n'ésta. Mas vindo em particular a'os que por estado, profissão e officio têem para si, que se não podem retirar do povoado, e dêixar o tracto das gentes: saibam, que para satisfazer

ás obrigações do mesmo estado, da mesma profissão, e do officio, tambem elles devem alternar o exercicio com o retiro, e partir os dias e a vida com o deserto; não sempre (que isso é alternar), mas a seus tempos. Todas essas obrigações do estado e do officio ou são ecclesiasticas ou seculares; e nenhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como convêm, ou no espiritual ou no politico, se não for apprender na eschola do deserto o modo justo e acertado, com que as ha de exercitar.

Quanto aos ecclesiasticos, quem mais obrigado ás ovelhas, que o pastor? E que pastores mais obrigados á conta, que Deus lhe ha de pedir d'ellas, que os supremos? Mas estes, retirados ao deserto com Deus e comsigo, se não tomarem a mesma conta, nunca a darão bôa. Que pastores mais zelosos e vigilantes, que bispos e arcebispos mais doutos e sanctos, que um Chrysostomo em Constantinopola, um Basilio em Cesaréa, um Ambrosio em Milão, um Athanasio em Alexandria, um Augustinho em Hippona? E todos, se lerdes as suas vidas, já os verêis na cadeira, já no deserto, já anachoretas e sós, e já cercados de infinito povo, convertendo gentios, confutando hereges, aperfeiçoando christãos, e cultivando de tal modo as suas egrejas e dioceses, que as casas pareciam religiões, e as cidades paraisos. E d'onde nasciam estes effeitos tão maravilhosos, se não porque os mesmos prelados no deserto recebiam a luz e a graça, e na solidão o espirito e fervor, com que no povoado accendiam as almas, arrancavam os vicios e plantavam as virtudes? Quando Saul foi a Ramá e perguntou por Samuel, responderam-lhe, que chegára a bom tempo, porque n'aquelle dia havia de vir á cidade a offerecer sacrificio: *Hodie enim*

venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso. E porque diſseram, que n'aquelle dia havia de vir á cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo, em tal fórma tinha repartido os dias, que parte d'elles gastava com Deus no deserto, e parte com os homens na cidade. E nota S. Gregorio Papa, sôbre as mesmas palavras, que n'ésta repartição de tempo a melhor e maior parte era a de estar só com Deus; porque, tantoque tinha satisfeito a obrigação dos sacrificios, e govêrno espiritual das almas, logo sem se deter um momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto: *Quia raro videbatur in civitate, videlicet, tarde veniens, et cito recedens.* E se isto fazia Samuel antes da vinda, antes da doutrina, e antes do exemplo de Christo; vejam os successores do mesmo Christo o que devem fazer, e o que podem.

No estado secular e politico, parece que tem menos logar êste retiro, pela frequencia e multidão dos negocios, e pela maior necessidade de assistencia das pessôas públicas em materias tantas e de tanto pêso, como as que ordinariamente occorrem no govêrno de uma monarchia. Assim o suppõe a politica humana, ou mais verdadeiramente gentilica; como se o acêrto dos negocios, por muitos e grandes, necessitára menos da providencia de Deus, e a vista das cousas da terra, ou no claro, ou no escuro, não dependêra toda das luzes do céo? Rei era, e de populosissimo reino, David; gravissimos foram os ponctos de estado, que em quarenta annos do seu reinado, assim na paz, como na guerra, assim dentro, como fóra de casa, lhe pozeram em perigo e contingencia a corôa; e aonde ia elle buscar a luz, e consultar as resoluções, senão no deserto? Ouçamol-o

do sua mesma bocca: *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me: timor et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebræ.* Oh quantas vezes, diz David, se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e temores mórtaes, que o faziam palpitar e temer; e sôbretudo cercado e coberto de escuridade, sem o menor raio de luz, que me mostrasse o caminho, por onde escapar! E n'êste tempo e n'éstas angústias, qual era o meu refúgio? *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine; expectabam eum, qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus, et tempestate.* O meu refúgio e remedio, nos taes casos, não era outro senão fugir muito longe das cidades, e metter-me na solidão dos desertos, e alli, só por só com Deus, esperar d'elle, que me allumiasse, e me tirasse a salvamento d'aquellas tempestades, das quaes eu, como piloto areado, e com a náo quasi perdida, me não sabia, nem podia livrar. E se isto fazia um coração tão animoso e intrepido, e um juizo tão sabio, tão experimentado, e tão prudente, como o de David, porque cuidarão os outros principes (e mais sôbre a experiencia de muitos erros), que sem se retirar a seus tempos das côrtes, e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão elles por si e por seus ministros conseguir os acertos do bem público, que talvez não sabem desejar, quanto mais conseguir?

E se me disserem, que não ha tempo para esses tempos, e para esses retiros; ninguem me negará, que ha dias e semanas e mezes para outros retiros, para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das côrtes, senão muito longe d'ellas; sendo certo,

que o trabalho (chamado recreação), que se toma para cercar e ferir um javali, e morto o levar em triumpho, fôra mais bem empregado em montear outras feras, que se tornam a trazer da caça tão vivas, como se levam. Aos vicios coroados chama a Egreja *vitiorum monstra*, não vicios de qualquer modo, senão monstros; e a montaria d'estes monstros, e tambem a altenaria d'elles, é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Alli se quebram as azas á vaidade; alli se dá em terra com a soberba; alli se atalham os passos á cobiça; alli se cortam as mãos á vingança; alli cahe em si a injustiça e a semrazão; alli morre e se desfaz escumando a ira; e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio ou se matam, ou se afugentam, ou se domam. Do primeiro rei, que houve no mundo, diz a escriptura: *Erat robustus venator coram Domino;* que era valente caçador diante de Deus; e éstas caçadas, que se fazem diante de Deus, são as recreações, que devem tomar os principes, e as valentias, de que mais se devem prezar, pois são as verdadeiras valentias. E, se no tempo, que tomam para a caça, ausentando-se das côrtes, não temem perder a benção e o morgado, como o perdeu Esaú; muito menos devem temer ésta perda, ou outro detrimento da monarchia, no tempo, em que se retirarem a tractar com Deus, e receber d'elle a luz, com que só a podem conservar e reger. Muitos rêis na caça perderam desastradamente a vida; porêm aquelle, a que a escriptura, não sem mysterio, chamou caçador diante de Deus, não só reinou sessenta e septe annos, mas fundou uma nova monarchia, que durou mil e duzentos, e se conservou mais que todas as que floreceram no mundo.

Em-fim (para convencermos com o maior de todos os exemplos assim o estado ecclesiastico, como o politico) Christo Redemptor e Senhor Nosso, que junctamente era supremo rei e summo sacerdote, não só nos tres annos, em que exercitou no mundo uma e outra dignidade, repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto; mas n'êste mesmo dia, em que com as obras provou, que o era, e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu ás turbas e ao povo, e a outra parte ao deserto e ao monte: *Fugit in montem ipse solus.*

§ CXIII — Elogio funebre de Fr. Bartholomeu dos Martyres, composto em latim por Fr. Luiz de Sotto Maior, e traduzido por Fr. Luiz de Sousa

Eis-que é morto o grande Adão, quero dizer, aquelle homem verdadeiramente grande, que junctamente foi grande religioso e grande sacerdote, e grande servo e amigo de Deus, com assignalada e singular familiaridade; homem em-fim, de quem nunca se disseram tantos louvores, que não ficasse merecendo mais; por isso fôra melhor não dizermos d'elle nada, que dizer pouco. Êste é D. Bartholomeu, não o apostolo, mas apostolico em virtudes, e, se assim podêmos fallar, em espirito, valor, e merecimento quasi igual e emparelhado aos mesmos apostolos, e aos mais sanctos martyres de Deus; dos quaes tomou tambem o sobrenome, e d'elle usou toda a vida, como de titulo de honra e cousa sua propria, para effeito de trazer sempre comsigo quem a mais virtude o espertasse. Êste pois, estando ainda dentro dos claustros da religião, que desde menino solemnemente professou, e depois adiantou e honrou, viveu com tal observancia, e tão sancta

e inculpavelmente, que, só por suas partes, e merecimento de sua vida e costumes, de pobre frade de S. Domingos foi levantado á dignidade primacial da egreja de Braga e das Hespanhas, mais por graça e providencia divina, que por favor de principes, ou outro meio humano; e não só levantado, mas antes á viva fôrça obrigado, e como a rasto subido á cadeira, a uso d'aquelles sanctos bispos do tempo velho. Tão fóra estava de pretender ou grangear a honra do cargo ou carga: o que depois mostrou bem claro, largando a prelacia de sua vontade, cousa nunca esperada, nem cuidada de nenhum homem. Mas, posto n'ella, de tal maneira se portou no officio pastoral, que, como outro S. João Baptista, se mostrou ao mundo tocha ardente e radiante. Porque foi crescendo em sanctidade e maravilhas, de sorte que para com Deus e com os homens resplandeceu com luz de incomparavel claridade; e para comsigo sahiu varão perfeito e consummado, não só na vida, mas tambem na doutrina, quero dizer, não só em palavras, mas tambem em obras e exemplos, como quem joga de ambas as mãos. Que na verdade êste foi o homem, em quem vimos conformarem as palavras com a vida, e a vida com as palavras, como notou bem Eusebio Cesariense em Origenes, segundo aquillo do Evangelho: *Quem fizer e ensinar, êste tal será grande no reino de Deus.* Porque não houve Fr. Bartholomeu, que bastava fazer officio de excellente prelado, senão ajunctasse tambem guardar inteiramente e cumprir ao justo, e com perseverança e por toda a vida, o officio de perfeito monge, com todas as leis e decoro da observancia. Mas se é cousa, que se possa dizer, ainda excedeu e passou os limites da perfeição monastica; louvor em todas as edades

grande e raro, mas na presente rarissimo e grandissimo. Por onde com muita razão lhe damos, e merece, o titulo não só de grande sacerdote, senão tambem de Adão, e de homem verdadeiramente grande. E comtudo isto ainda é maior a honra e o testemunho, que da parte de Deus tem por si; e maiores seus merecimentos, que tudo o que d'elle podêmos encarecer e louvar. Porque, na verdade, para resumir em uma palavra o que entendo, se houvermos de fazer comparação d'êste varão com esses bispos communs e ordinarios, e que cada dia tractâmos, podêmos fazer conta, que elle é a banha e a grossura apartada da carne. Que é a mesma comparação, de que usa a sagrada escriptura nos louvores do sancto rei David, dizendo d'elle: *Qual é a differença e vantagem, que tem a banha e grossura apartada da carne, tão differente e avantajado foi êste de todos os mais filhos de Israel.* E tal poderemos dizer que foi, qual é a luz do sol, quando nasce entre as estrêllas: e qual é a fragrancia de uma composição de aguas cheirosas, ou misturas aromaticas de preço, quando se espalha ou derrama, que enche e faz recender tudo de suavissimo cheiro. Assim corre sua fama não só n'êste reino, patria sua, mas fóra d'elle vôa; e é conhecido e celebrado seu nome por toda parte, dando famoso testemunho de sua sanctidade, não só Portugal e todas as mais provincias de Hespanha, mas em Italia e França; e, o que é mais que tudo, êste mesmo testemunho deu d'elle o concilio universal de Trento, onde assistiu, e não resplandeceu menos, que qualquer dos luzeiros grandes, ou olhos do mundo. E não ha dúvida, que foi elle um d'aquellesque entre tantos e tão illustres prelados e doutores (paraque o digamos com

toda a modestia) pareciam ser alguma cousa, e por taes eram honrados e buscados. Pelo que é muito merecedor, que de todos seja amado, estimado, venerado e respeitado, e tambem imitado e seguido; ao que principalmente têem mais direito e razão os bons prelados de Braga. Mas com dobrada obrigação os frades dominicos, os quaes como a lume e honra singular da sua ordem, e como um raro traslado de toda virtude e sanctidade, o devem trazer sempre diante dos olhos, para em tudo seguirem suas pisadas. Sendo pois êste varão tão grande cousa, razão será crermos, que não é menos preciosa, nem de menos valia sua morte e sepultura, e sua memoria, do que foi sua vida, diante da divina magestade, da qual immortalmente já agora está gozando cheio de bemaventurança.

§ CXIV — Oração para fazer deliberar os eleitores de um capitulo a fazerem uma bôa eleição (24)

Seraphica e respeitavel assembléa, somos chegados a uma situação bem perigosa á nossa consciencia e reputação; hoje haveis de subir ao throno da honra e da virtude, ou descer do alto da vossa glória e do vosso nome: nas acções particulares do homem é Deus quem julga; mas nas acções públicas ficam os homens subjeitos ao juizo de Deus, e tambem expostos á sentença pública do mundo.

Na face de toda ésta côrte ha de apparecer a vossa eleição; Deus ha de julgar as vossas intenções, e tambem o mundo tem arrogado a si o direito de decidir sôbre as acções

24 Por Fr. M. da Epiphania.

públicas do homem. Que perigoso empenho, em que se ha de dar conta a Deus, e ficar responsavel a um juiz intruso, que póde escurecer a vossa glória e reputação! A eleição é vossa, e vós-mesmos deveis dar n'ella uns signaes da vossa religião, como remedio preservativo ao mal, que vos ameaça; uns signaes, digo, que sejam mostradores das vossas virtudes e do vosso nome.

Agora me eram necessarias as vossas luzes para fallar na vossa presença, afim de persuadir-vos o amor da religião sôbre os vossos sentimentos particulares; paraque os vossos votos unidos pelo laço commum do bem público façam uma eleição do agrado de Deus, que encha de solidas esperanças a nossa provincia, e deixe os vossos nomes respeitados em todos os seculos. Eu só venho a fallar por parte do interêsse sancto da religião; êste é o unico fim do meu discurso. Deus Todo Poderoso, conferi-me um raio da vossa luz, que da minha bocca passe aos corações dos presentes eleitores, e os faça deliberar a uma eleição do vosso agrado.

As qualidades proprias de um prelado Deus as confere, e não vêem por acaso aos homens; são dadivas, que vêem do alto. Deus é o architecto, que tem escolhido e preparado os homens com os talentos necessarios para serem columnas da sua Egreja, e pastores do seu rebanho. N'estes fundamentos é que se devem edificar os edificios magestosos das eleições. O divino architecto já vos tem dado as medidas; agora é necessario que acabeis de encher a sua idéa. Se vós desprezardes as pedras, que Deus tem escolhido para sustentar a fábrica do sanctuario, e lançardes mão d'aquellas pedras toscas, que elle deixou cahir das suas, ficará a vossa eleição

sem a benção e unção da graça; uma eleição, digo, reprovada por Deus e pelo mundo.

Que dirá Deus, se vir que vós elegestes o que elle não queria? Dirá o mesmo que disse aos filhos de Israel: Elegestes aquilloque eu reprovei; *Quæ nolui elegistis:* e poderá comminar-vos a mesma pena, mettendo na vossa consciencia uma confusão, e deixando o vosso nome abominavel para os seculos futuros. Deus não quer adornar as suas casas com os idolos profanos de Labão; só quer nos seus tabernaculos as imagens, que respiram virtude e sanctidade. Vós não podeis fazer, que dê flores e fructos de virtude qualquer vara, que elegerdes para o sanctuario; entre todas as varas ha de haver a vara de um Aarão, que Deus tenha escolhido para florecer, ficando as mais varas reprovadas e excluidas.

E que não dirá o mundo, se julgar que vós, n'ésta assembléa capitular, não fostes senhores do vosso coração, deixando-o senhorear de uma paixão desordenada?

Não julgueis, amados irmãos, que vos quero persuadir por um motivo puramente humano a conservação do bom nome e da fama; eu o proponho e Deus o aconselha repetidas vezes ao homem. Sim; as virtudes são o cofre, onde se deposita o bom nome e reputação.

Dirá, que deixastes captivar a vossa vontade por um usurpador tyranno; que mettestes debaixo dos pés as leis divinas e humanas; que a vossa eleição não parece nascer das vossas grandes almas; que não pezastes á face do sanctuario com coração innocente o bem e o mal d'êste seraphico rebanho. Sim, o mundo tomará a balança e o pincel; pinctará em um a virtude, e em outro o vício; em um a prudencia, e em outro a temeridade; de uma parte porá a justiça, e da outra a in-

justiça; de um lado o metal duro, sem fórma, e grosseiro; e do outro um coração docil, amavel, insinuante, e capaz de imprimir imagens de virtude; e se vir, que vós não elegestes para ministros e mais comjuizes aquelles que Deus tem preparado para os empregos, dirá com o propheta: Estes não são da eleição de Deus: *Non hos elegit Dominus* (25). No fundo do vosso interior estais vós sendo parciaes d'estes sentimentos: se vós visseis, que uma assembléa religiosa escolhia os indignos, deixando de fóra os benemeritos, não sentirieis vós o mesmo? Não dirieis, que êste procedimento era filho de umas almas sem honra? Sim; porque verieis, que tinham posto no throno, não uma imagem digna de culto, mas sim uma estátua digna de reprovação.

Só Deus pelos meios da sua providencia adoravel póde fazer das pedras filhos de Abrahão; só elle póde preparar um homem máo para prelado; porque só elle de um máo póde fazer um homem bom, de um peccador como Paulo, um vaso de eleição. Mas os homens não têem podèr para tanto: se elegem um homem máo para pastor, ahi dão á religião um relaxado, ou um tyranno; se elegem um homem sem capacidade, ahi dão á religião um homem sem conducta para reger o vasto corpo de uma provincia; se elegem um homem sem zêlo ahi deixam a religião sem broquel e defensor; se elegem um vingativo, ahi entregam seus irmãos a um imperio de violencia; se elegem um homem de vaidade, ou altivo, ahi põem no cume do sanctuario um idolo, que se abraza entre as chammas das suas fingidas luzes.

Mas com quem fallo eu? Não tem cada um de vós uma

(25) *Baruch.* 3.

alma capaz de encher os ministerios da religião com honra, zêlo, desinterêsse e piedade? Ainda que eu o quizesse negar, o brilhante dos vossos resplendores desmentiria as minhas vozes. Ha n'ésta illustre porção seraphica estrêllas brilhantes; isto é, espiritos adornados de excellentes qualidades: mas assim como uma estrêlla differe da outra no luzimento, tambem um espirito differe do outro nas qualidades: um bemaventurado differe do outro no prémio, porque tambem differiam nos merecimentos. Ora se Deus, como juiz recto, e incorruptivel, entre os bons faz eleição do melhor para lhe dar maior prémio, não deixa n'isto aos homens um exemplar para se conduzirem nas suas eleições? Poderão escolher seja o máo, seja o bom, e só Deus ficará ligado á eleição do melhor?

Tem havido bons e máos prelados, porque houve bons e máos eleitores; uns seguem o caminho da justiça, da honra, e das virtudes, quando só aspiram ao interêsse commum da religião: outros só seguem um interêsse particular; não lhes dá cuidado, que Rachel chore, por não ter nos logares os filhos, que ella nutria com as suas maximas; só tem nas suas vistas o abrir um novo caminho ás suas intenções mundanas.

Poderá ser, que alguns me digam lá no seu interior: E quem póde cabalmente conhecer ésta melhoria? Ás-vezes os que antes da eleição pareciam máos para prelados, sahiram pastores excellentes; e outros, que mostravam um caracter proprio, sahiram indignos: uns com o véo de um fanatismo encobrem a sua ambição e soberba; e, depois de chegarem ao throno, tiram a mascara á sua paixão violenta, são inuteis á salvação do rebanho, e não poucas vezes complices dos peccados dos subditos; e outros, e outros, sim, tiveram exterioridades, que pareciam contrárias ao espirito da religião,

mas elles regeram as ovelhas com doçura, religião e humanidade. As experiencias são contrárias; como se póde formar juizo certo para a melhoria de uma eleição?

Eu não quero persuadir-vos uma melhoria geometrica; porque ésta fica muito longe do nosso conhecimento: sim digo, que os eleitores devem fazer uma reflexão exacta das prendas religiosas dos subjeitos, que podem subir aos logares, e formar um calculo prudente das suas capacidades. A eleição não ha de ser temeraria, e sem conhecimento dos subjeitos: Jesus Christo, para eleger os primeiros pastores do christianismo, nos certifica, que formára um cabal conhecimento d'aquellesque elegeu, dizendo: Eu sei a quem elegi: *Ego scio quos elegerim* (26). O apostolo das nações recommendou a seu discipulo Timotheo, que se não precipitasse na escolha de ministros para o altar: *Manus cito nemini imposueris* (27).

Ora se no tempo da primitiva Egreja, em que os homens faziam uma vida mais pura, e tinham (deixai-me dizer assim) umas almas mais christãs, e uns costumes mais conformes ás leis do Evangelho, era necessario pesar os seus merecimentos, e conhecer os seus talentos para os ministerios da religião, quanto mais necessario fica sendo hoje, em que a Egreja conta mais filhos, mas menos fervorosos! Eu me explico mais propriamente: Se no tempo primitivo da religião seraphica, tempo, em que os filhos do grande Francisco enchiam a Egreja de acções edificantes, chorou a nossa religião as desordens do pastor Elias, que intentou destruir o maior

(26) *Joan.* 13.

(27) Ad Timotheum. 1. cap. 5.

dogma, em que se sustenta a sua fábrica, quanto mais em um tempo, que .... mas a decencia me impede as vozes.

Um principe não escolhe para os primeiros logares da república homens sem letras, sem reputação, sem virtudes civis; primeiro se informa, se é ou não dissipador, para saber, se ha de confiar-lhe os seus thesouros; se tem ou não conhecimento das leis e costumes da patria, para bem da justiça; se é ou não ambicioso, para não pôr em risco de ser venavel a justiça. Ha grande differença entre uma e outra escolha; uma é para o govêrno temporal da república, e outra para o govêrno espiritual. E não é mais amavel a salvação, do que os bens passageiros da vida? Merece pouco cuidado a eleição de um homem, que vai a dar conta de tantas almas confiadas á sua diligencia? Merece mais o estado, do que a religião? Custam menos a encher as dignidades da religião, do que as dignidades seculares? Vós bem sabeis, que as grandes virtudes não se ajunctam facilmente com as grandes luzes; mas ellas devem unir-se em um pastor; uma sciencia de muita fôrça para instruir, e um coração cheio de virtudes para edificar.

Meus amados irmãos, vós ides a fazer um acto, em que deveis satisfazer á lei de Deus, empenhar a vossa virtude, e interessar a vossa honra: fazei uma reflexão sôbre o pêso, que quereis pôr sôbre um dos vossos irmãos, sôbre a conta de que o encarregais, e sôbre o número das almas, que entregais á sua conducta: é necessario, que elle tenha hombros para sustentar tão grande máchina, e se não tiver as qualidades, ficarêis sendo crueis comvosco, tyrannos com ésta mãe, que vos nutriu, e deshumanos com esses mesmos a quem elegerdes; crueis comvosco, gravando a vossa consciencia: tyrannos

com a provincia, tirando-lhe o credito, e reputação; e deshumanos com esse a quem entregais o pêso, abrindo-lhe talvez uma estrada para a sua condemnação.

O vaso já está preparado para a eleição; elle é o calix, em que haveis de beber a honra e a virtude, ou o descredito e a infamia. D'aquella urna ha de sahir o edificio espiritual d'ésta provincia; e ha de ser o sanctuario, onde haveis de formar uma imagem, como a arca sancta de Israel, em que se depositem as leis sanctas para a observancia d'êste Israel. Vós ides a fazer uma eleição para vós mesmos, e olhai que depois de feita vos podem ficar os arrependimentos: vós ides a formar a vossa mesma cabeça, e é necessario que o vosso corpo, onde brilham tantas perfeições, não tenha uma cabeça disforme. Que escrupulo vos póde ainda ficar para a deliberação? Vós tendes justas as medidas pelas leis da vossa consciencia, do vosso proprio interêsse, e da vossa honra: eu não posso formar outro conceito olhando para as vossas grandes almas. Vós em-fim, estais já promettendo á religião ésta glória; aos seus filhos êste gôsto; e a vós-mesmos ésta reputação.

§ CXV — Sermão nas quarenta horas, pregado em Santarem por Fr. Manuel da Epiphania

A Egreja, senhores, vale-se de todas as industrias para trazer os seus filhos aos interêsses da vida christã. Esta mãe não cessa de estender os seus braços, e de abrir as suas mãos liberaes; procura todas as medicinas para curar os filhos enfermos; reparte o seu alimento com diversos sabores, para os attrahir aos pastos da salvação.

Que grande é a piedade, e desvélo d'ésta mãe? Tudo

n'ella são cuidados para o bem dos seus filhos: se cahimos, ella nos offerece logo a sua mão para nos levantar; se adormecêmos, ella vigia em nosso soccorro; se tapámos os ouvidos ás suas instrucções, ella fortifica as suas vozes, para despertar as nossas almas; finalmente, ella nos offerece todos os annos quarenta dias de mortificação e penitencia, para nos expiarmos das fezes da culpa, e offerecermos a Deus um solido sacrificio do nosso coração.

Porêm os homens antes de beberem o saudavel calix da penitencia, punham n'estes dias em práctica todos os excessos indignos da christandade e da razão. Aqui é, senhores, que eu hoje considero a ésta mãe empenhada para impedir o contágio, que se ia estendendo sôbre os seus filhos. Lançou os olhos sôbre as ovelhas n'estes dias desgarradas, e unicamente entregues ás demasias dos seus falsos gostos; e é tal o seu amor, que se accommoda ás nossas inclinações; offerece n'estes dias aos homens, o gôsto antes da penitencia, o regalo antes da mortificação, a doçura d'aquelle maná celeste antes do jejum amargoso.

Muito devemos a Deus pela mediação da Egreja sua esposa. Eu já vou a mostrar-vos a misericordia de Deus accommodada n'estes dias á nossa fraqueza; veremos conformar-se o Creador com a creatura, dando regalos aos homens n'estes dias, em que os homens mais appeteciam os gostos.

A religião, que professâmos, tem um caracter de mortificação, que a distingue: Jesus Christo estabeleceu a sua lei por meio da sua cruz, e fundou a sua Egreja sôbre os alicerces do seu proprio sangue. As outras religiões são edificios da invenção humana, a qual, não podendo conferir a salvação, quiz trazer os homens ao seu partido pelos regalos temporaes

da vida. Os membros devem imitar a cabeça; deve haver a mesma harmonia de sentimentos entre o pai mystico e seus filhos: não só o Redemptor, mas tambem os remidos devem ter a sua cruz; Jesus Christo a deixou a cada um de nós, quando disse: Se algum quizer vir em meu seguimento, ha-de tomar a sua cruz, e seguir-me. Esta foi a práctica logo desde o berço do christianismo; os apostolos, os primeiros christãos, os martyres, os confessores, e as virgens, foram cópias de Christo nas mortificações; os apostolos soffrendo trabalhos e perseguições em odio da lei, que prégavam; os primeiros fieis soffrendo os máos tractamentos dos principes pagãos; os martyres offerecendo a propria vida no altar da Fé; os confessores e as virgens mortificando as suas paixões.

Mas chegou tempo, em que os homens desattenderam ésta verdade do Evangelho; falo d'aquellas acções antecedentes ao sancto tempo da Quaresma. Que horror não causa ésta perspectiva ainda vista ao longe! Eu tenho pejo de debuxar n'êste sancto logar éstas imagens: uns homens em acção de brutos, uns filhos da Egreja sem lembrança n'estes dias de Deus, perdendo o fundo e a superficie christã, quero dizer, arruinando as suas almas pelo abuso dos seus corpos; uns professores da lei de Jesus Christo pondo em práctica as delicias, em que a gentilidade punha a sua glória; usando dos gostos profanos, como se estes fossem o seu Deus: êste era o seu caracter.

Eu não sei, se em vós ainda ha reliquias d'êste contágio: vós não sereis culpados, mas dai-me licença, que nas vossas pessôas accuse os excessos dos vossos maiores. Entendieis vós, meus amados ouvintes, que as vossas consciencias antes do sancto tempo da Quaresma eram innocentes, e que por

isso era necessario commetter peccados para fazer materia da confissão, fazer insultos para chegar aos pés de um ministro de Jesus Christo? Julgaveis porventura, que os regalos de tres ou quatro dias podiam fortalecer o vosso corpo para todos os quarenta dias da abstinencia? Que engano! Mas eu me deixo enganar só para vos convencer. Supponhamos, que as vossas almas estavam em graça; e para chegar á confissão da Quaresma é necessario, que o homem se faça primeiro inimigo de Deus? No sacramento da penitencia não se perdôam as culpas dos peccadores, e não se augmenta a graça dos justos? Não é melhor chegar alli já feito amigo de Deus, do que ir procurar uma reconciliação com elle?

Eu vos concedo, que os regalos de tres dias vos deixem mais fôrças: mas vós não sabeis á custa de tantas experiencias, que as fôrças do corpo enfraquecem as fôrças do espirito? que a alma padece mais trabalhos, e chega a maiores riscos, quando se dá todo o alimento ás nossas paixões?

Deus sim fundou a sua Egreja nas mortificantes maximas do Evangelho; mas a misericordia vai a reparar n'estes dias as brechas da Egreja com delicias e regalos. Os homens queriam os regalos antes de chegarem á mortificação, e Deus, senhores, se accommoda á inclinação dos homens, dando-lhes o regalo do seu corpo sacramentado: viu os homens n'êstes dias entregues á lembrança dos gostos, e é tal a sua bondade, que se accinge á nossa condição, e se conforma á nossa fraqueza; dá aos homens um manjar com todos os sabores; dá aos homens n'êstes dias aquelle soberano maná, assim como deu outro maná aos filhos de Israel no deserto, quando mais os viu occupados na memoria dos regalos do Egypto.

Os homens andavam n'êstes dias feridos sem sentirem os

golpes; Deus vem a curar éstas chagas com uma medicina, que toda é regalo e doçura; os regalos torpes, profanos e barbaros punham os homens muito longe de Deus; e a misericordia prepara n'estes dias outros regalos para chamar os homens para si. Aqui se me representam as delicias, com que Deus no cap. 26 do Levitico convida aos filhos de Israel, para os attrahir á observancia da sua lei; elle lhes promette abundancia de pão, e de pómos para o regalo; o gôsto de um somno com descanço, e a delicia de uma paz; finalmente, elle lhes promette, que poria o seu tabernaculo e habitação no meio d'elles. N'estes dias, meus amados ouvintes, não obra o Senhor maiores finezas á vossa vista? Elle vos offerece um regalo, em que o homem sôbre o seu mesmo gôsto interessa a sua salvação; um regalo, em que a substancia do Creador vai a ser pasto da creatura. Não offerece os pómos das árvores dos vossos campos; mas o pómo da salvação, que esteve pendente da árvore do Calvario; elle vos põe n'estes dias o seu tabernaculo no meio de vós, e vos está convidando para as delicias da sua mêsa.

Não quereis vós encher n'estes dias os vossos appetites? Agora tendes dous regalos; os regalos do mundo, e os regalos do corpo de Jesus Christo: um e outro vos convidam; o mundo vos lisongêa pela lingua dos seus encantos; promette uma satisfação ás vossas paixões, offerece a ternura dos seus braços nas dadivas dos seus deleites: Jesus Christo sacramentado, como pai amante, não vos dá n'estes dias só os seus braços, todo elle inteiro se offerece para pasto das vossas almas.

Christãos, vós quereis entrar á batalha das vossas paixões, que se ha de dar no sancto tempo da Quaresma, fortalecidos com as armas da graça, ou entrar no campo já atados e pre-

sos ao carro da culpa? Vós tendes um amigo e um inimigo á vista; o mundo, e Christo sacramentado; ambos vos offerecem doçuras e delicias antes do tempo da penitencia: se vós acceitais os regalos, que estes dias offerece o mundo, já ides captivos e presos ao grilhão do peccado antes de entrardes ao conflicto; já ides cheios de fraquezas, e não poderêis resistir ás grandes fôrças, que vós-mesmos destes aos vossos appetites: se acceitais o regalo do corpo do vosso Deus sacramentado, não fica á vossa alma uma fortaleza capaz de resistir a todos os combates? Tão pequeno é o podêr de Deus sacramentado, que fica dentro de vós? Não foi êste Deus, quem deu fôrças a Israel para combater e exterminar dos viventes um número infinito dos seus inimigos? Não teve podêr e fôrças para cegar aos Egypcios com trevas, para converter as aguas de um rio em sangue, e fazer passar pelo fundo do mar o seu povo a pé enxuto? Não foi quem deu vida ao seu amigo Lazaro, fazendo-o retroceder das entranhas da sepultura aos braços da vida? O tempo porventura dissipou a êste Deus as fôrças? Com o curso dos annos enfraqueceu o seu podêr? Não; Deus sempre em toda a parte, e em todas as edades, é Todo-Poderoso; dentro das nossas almas sacramentado, tem as mesmas fôrças, para nos livrar dos nossos inimigos; aqui está entre nós, como no meio de Israel, para nos servir de reparo e defensa contra esse tropel de gostos, com que o mundo nos leva estes dias ás maiores distracções e fraquezas.

Vós não sabeis quaes são os effeitos d'êste manjar celeste: do regalo do mundo n'estes dias poderá fallar a vossa experiencia, e oxalá que fosse pelo preço do vosso pezar e das vossas lagrymas: porêm do regalo, que Deus tem posto

diante dos vossos olhos, poderá ser que muitos só tenham ésta noticia pela lingua da fé: o regalo do mundo n'estes dias dos mesmos braços do gôsto vos trasladava para a perdição, como aquelle regalo de Sansão nos braços da fementida Dalila, que do seu mesmo regaço o trasladou ás mãos dos Filisteus para a morte. O regalo, que Deus, como pai amante, vos offerece estes dias n'ésta sua casa, são as verdadeiras delicias do filho pródigo, o qual, depois de experimentar os falsos gostos da corrupção humana, só veiu a achar os verdadeiros regalos em casa de seu pai.

Vós, Christãos, que me ouvis (fallo com aquellesque já têem gostado as delicias d'aquelle manjar com um coração puro), vós, que gostastes já o quanto Jesus Christo é doce, não sentieis no corpo de Jesus Christo uma suavidade incomparavel? Sim; vós o estais confessando. Não sentieis que as vossas almas tomavam grandes fôrças e alentos com aquelle manjar? Sim; a lingua do vosso interior o está publicando. Não sentieis uma paz, e conformidade sancta? Sim; vós o estais lendo no livro do vosso coração.

E que direi eu d'aquellas almas ingratas, que se atrevem n'estes dias a receber o regalo do corpo de Jesus Christo, sem purificarem o interior do seu peito, que vai a ser morada do seu Deus? Que fazem os raios d'esse sol? Porque não reduzem em cinzas estes corações sacrilegos? Mas que digo, Senhor! Atrevido parece o meu ministerio comvosco, e vingativo para os meus irmãos na natureza: eu vos vejo ahi feito Deus de misericordia; e hei de empenhar-me para vos mudar em Deus de vinganças? Vós estais ahi como Deus de paz; e eu hei de commetter o attentado de metter-vos na mão a espada para castigar a minha natureza? Vós estais

ahi, como cordeiro; e poderei-eu esforçar a minha lingua para vos transformar em leão? Mudo em súpplicas a minha imprecação: esse regalo é para dar vida; vós o dissestes n'éstas palavras: « Aquelleque comer este pão, vivirá eternamente ». Sejam pois estes raios para destruir as culpas, e não os peccadores.

Meus ouvintes, se vós não acceitais as doçuras d'êste manjar celeste, que desculpa poderêis dar a Deus sôbre o poncto da vossa salvação? Deus tem buscado tantos caminhos para vos salvar, que até vendo-vos n'estes dias inclinados aos gostos, fez da sua propria carne o regalo para vos trazer a uma conducta christã. Vós tendes o caminho da mortificação, que é o mais proprio dos filhos de Deus, e tendes tambem a nova estrada do regalo, que Jesus Christo abriu estes dias, conformando-se ás vossas fraquezas: se vós rejeitais a mortificação, e tambem êste regalo, eu não vejo outra estrada da vossa felicidade. Quem foge de todos os caminhos da salvação, não tem desejo serio de salvar-se. Vêde que affronta farieis ao nome christão, e que injúria á carne e sangue de Jesus Christo: um christão não querer salvar-se, quando ainda um gentio tem um paraíso de delicias fingido, a que aspira depois da morte! O regalo da carne e sangue de Jesus Christo desprezado! Não; eu estou lendo nos vossos corações sentimentos nobres; nas vossas almas estão imagens, que conservam ainda muita parte das tinctas, que lhes deixou o pincel da religião: fazei quanto vos fôr possivel, que aquelle sol sacramentado debuxe com os seus raios no logar, em que até-agora havia algumas sombras, as luzes da sua graça, paraque em vós se veja escripta uma imagem da vossa salvação. Amen.

§ CXVI — Exordio do segundo sermão da cinza, prégado por Vieira em Roma, no anno de 1673

Pulvis es, et in pulverem reverteris, etc.
GENES. 319.

Duas cousas prega hoje a Egreja a todos os mortaes; ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Assim comecei eu o anno passado, quando todos estavamos mais longe da morte; mas hoje, que tambem estamos todos mais perto d'ella, importa mais tractar do remedio, que encarecer o perigo. Adiantando pois o mesmo pensamento, e sôbre as mesmas palavras, digo, senhores, que duas cousas prega hoje a Egreja a todos os vivos; uma grande, outra maior; uma triste, outra alegre; uma temerosa, outra segura; uma certa e necessaria, outra contingente e livre. E que duas cousas são éstas? Pó e pó. O pó, que somos: *Pulvis es;* e o pó, que havemos de ser: *In pulverem reverteris.* O pó, que havemos de ser, é triste, é temeroso, é certo e necessario; porque ninguem póde escapar da morte: o pó, que somos, é alegre, é seguro, é voluntario e livre; porque, se nós o quizermos entender e applicar, como convêm, o pó, que somos, será o remedio, será o correctivo do pó, que havemos de ser.

Notavel foi o caso succedido em tempo do imperador Valente, do qual disse então com elegante juizo o poeta Ausonio aquella tão celebrada sentença: *Et cum fata volunt, bina venena juvant.* Quiz uma inimiga doméstica tirar a vida com veneno ao senhor da casa; e depois de ter medicado a bebida com certos pós venenosos, duvidando ainda, se teriam bastante efficacia, para segurar melhor o effeito,

mandou buscar outros. Vieram os segundos pós, lança-os na mesma taça a traidora; bebe o innocente marido; mas, quando ella esperava, que cahisse subitamente morto, elle ficou tão vivo e sem lesão, como d'antes. Admiravel acontecimento! Se os primeiros pós bastavam para matar, e os segundos tambem, ambos junctos porque não mataram? Este homem não era Mithridates, que se alimentasse de veneno. Se bebia só os primeiros pós, morria; se bebia só os segundos, tambem morria; pois porque não morreu, bebendo uns e mais os outros? Porque os segundos pós foram correctivos dos primeiros. A guerra, que haviam de fazer ao coração, fizeram entre si, e em vez de matar, mataram-se. Taes são os dous pós, com que hoje nos ameaça a sentença universal de Adão: *Pulvis es*, um pó: *In pulverum reverteris*, outro pó; ambos mortos, ambos venenosos; mas, se nós quizermos, não está na mão dos fados, senão na nossa, que um seja a theriaga, e o correctivo do outro. Isto é o que determino prégar hoje. A Egreja põe-nos sôbre a cabeça uma cinza feita de palmas; eu hei-vos de metter na mão uma palma feita de cinzas. Havemos de vencer um pó com outro pó; havemos de curar um veneno com outro veneno; havemos de matar uma morte com outra morte; a morte do pó, que havemos de ser, com a morte do pó, que somos: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* Paraque eu saiba preparar estes pós, de modo que venham a ter tão grande virtude, e paraque vós e eu os saibamos applicar, como convêm, não por ceremonia (que não é o dia d'isso), senão muito de coração, peçamos a assistencia da divina graça. *Ave Maria.*

Trechos da narração d'êste sermão

1° Tres cousas fazem duvidosa, perigosa e terrivel a morte: ser uma; ser certa; ser momentanea. Estas são as tres cabeças horrendas d'êste Cerbero; éstas são as tres gargantas, por onde o inferno engole o mundo. E de todas éstas difficuldades e perigos se livra só, quem? Quem não guarda a morte para a morte; quem acaba a vida antes de morrer; quem se resolve a ser pó antes de ser pó: *Pulvis es.*

2° A ultima difficuldade, e o maior perigo e apêrto da morte é ser momentanea. Que cousa é morte? Um momento, d'onde pende a eternidade, ou por melhor dizer, as eternidades: *Momentum, unde pendet aeternitas.* O momento é um, e as eternidades, que d'elle pendem, são duas; ou de ver a Deus para sempre, ou de carecer de Deus para sempre. É uma linha indivisivel, que divide êste mundo do outro mundo; é um horizonte extremo, d'onde para cima se vê o hemispherio do céo, e para baixo o do inferno; é um poncto preciso e resumido, em que se ajuncta o fim de tudo o que acaba, e o principio d'o que não ha de acabar. Oh que terrivel poncto êste, e mais terrivel para os que n'ésta vida se chamam felices! *Ducunt in bonis dies suos, et in puncto ad inferna descendunt.* Se êste poncto tivera partes, fôra menos temeroso, porque entre uma e outra poderá caber alguma esperança, alguma consolação, algum recurso, algum remedio; mas êste poncto não tem partes, nem ata, ou se ata com partes; porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida, ainda que não têem partes, unem-se com partes; porque unem a parte do tempo pas-

sado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante, que se desata do tempo, que foi, e não se ata com o tempo, que ha de ser, porque já não ha de haver tempo: *Et tempus non erit amplius*. Não vos parece, que é terrivel cousa ser a morte momentanea? Não vos parece, que é terrivel momento êste? Pois eu vos digo, que nem é terrivel, nem é momento para quem souber fazer pé atraz, e acabar a vida antes de morrer; porque, aindaque a morte é momento, e não é tempo, quem acaba a vida antes de morrer, mette tempo entre a vida e a morte.

Não vos quero allegar para isto com auctoridades de Jeronimo ou Augustinho, nem com exemplos dos Hilariões e Pacomios, senão com o exemplo, e com a auctoridade de um homem de capa e espada, ou de espada sem capa, que é ainda mais. Entrou um soldado veterano a Carlos V, e pediu-lhe licença com um memorial, para deixar seu serviço, e se retirar das armas. Admirou-se o imperador, e, parecendo-lhe que sería descontentamento e pouca satisfacção do tempo, que havia servido, respondeu-lhe, chamando-o por seu nome: Que elle conhecia muito bem o seu valor, e o seu merecimento; que tinha muito na lembrança as batalhas, em que se achára, e as victórias, que lhe ajudára a ganhar; e que as mercês, que lhe determinava fazer, lh'as faria logo effectivas com grandes vantagens de posto, de honra, de fazenda. Oh venturoso soldado com tal palavra, e de um principe, que a sabía guardar! Mas era muito melhor, e muito maior a sua ventura. Sacra e real magestade (disse), não são essas as mercês, que quero, nem essas as vantagens, que pretendo; o que só peço e desejo da grandeza de vossa magestade, é licença para me

retirar; porque quero metter tempo entre a morte e a vida: *Inter vitae negotia et mortis diem oportere spatium intercedere:* diz o vosso e nosso Livio na história *De Bello Belgico*. E que vos parece, que faria o Cesar n'este caso? Concedeu internecido a licença, retirou-se ao gabinete, tornou a ler o memorial do soldado: e despachou-se a si-mesmo. Oh soldado mais valente, mais guerreiro, mais generoso, mais prudente, e mais soldado, que eu? Tu até'gora foste meu soldado, eu teu capitão; desde êste ponto tu serás meu capitão, e eu teu soldado; quero seguir tua bandeira. Assim discorreu comsigo Carlos, e assim o fez. Arrima o bastão, renuncia o imperio, despe a purpura, e, tirando a corôa imperial da cabeça, poz a corôa a todas suas victórias; porque saber morrer é a maior façanha. Resolveu-se animosamente Carlos a acabar elle primeiro a vida, antesque a morte o acabasse a elle. Recolheu-se ou acolheu-se ao convento de *Juste*, metteu tempo entre a vida e a morte; e, porque a primeira vez soube morrer imperador, a segunda morreu sancto. Oh generoso principe e prudente general, que soubeste seguir e aprender do teu soldado! Oh valente e sabio soldado, que soubeste ensinar e vencer o maior general! Ambos tocaram a recolher a tempo, e porisso seguraram a maior victória; porque fizeram a seu tempo a retirada.

Este é o unico antidoto contra o veneno da morte; acabar a vida antesque a vida se acabe.

Fim do 2º e ultimo tomo.

Typ. de C. A. de Mello, rua do Sabão n. 130.

J:400

LIBRARY OF CONGRESS
0 003 186 539 6